DE LEIRIA À GABELA. MEMÓRIAS DE UM SOLDADO DA GUERRA COLONIAL (1971-1974)

JOÃO TORRES LIMA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Edições Afrontamento

DE LEIRIA À GABELA.
MEMÓRIAS DE UM SOLDADO DA GUERRA COLONIAL (1971-1974)

JOÃO TORRES LIMA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Todas as imagens da presente publicação são da colecção particular do autor.

Título: De Leiria à Gabela. Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)

Autor: João Torres Lima
Fotografia da capa: Da esquerda para a direita: Santos, o autor, Afonso e Carêto (Porta de Armas – Gago Coutinho)
Design gráfico: Helena Lobo Design | www.hldesign.pt
Co-edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»
Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt
Edições Afrontamento, Lda. | Rua Costa Cabral, 859 | 4200-225 Porto
www.edicoesafrontamento.pt | geral@edicoesafrontamento.pt
N.º edição: 1849
ISBN: 978-972-36-1631-6 (Edições Afrontamento)
ISBN: 978-989-8351-89-0 (CITCEM)
Depósito legal: 436573/18
Impressão e acabamento: Rainho & Neves Lda. | Santa Maria da Feira
geral@rainhoeneves.pt
Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.
comercial@companhiadasartes.pt

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

SUMÁRIO

SIGLÁRIO 9

PREFÁCIO 11

AGRADECIMENTOS 17

PALAVRAS PRÉVIAS 23

1. Percurso militar 31
1.1. Inspecção militar 31
1.2. Naquele tempo 31
2. A Recruta 33
2.1. A preparação militar 35
2.2. A carreira de tiro 37
2.3. A marcha 38
2.4. As vacinas 41
2.5. O juramento de bandeira 42
3. A Especialidade 43
3.1. EMEL – Escola Militar de Electromecânica 44
3.2. A carreira de tiro 45
3.3. As idas a casa 47
3.4. O fim da especialidade 48
4. Santa Margarida – RC4 50
4.1. A disciplina 52
5. O dia do Embarque 54
5.1. A viagem até Luanda 55
6. A chegada a Luanda 57
6.1. O Grafanil 59
6.2. A cidade de Luanda 60
7. De Luanda a Gago Coutinho 62
7.1. Luanda – Silva Porto 63
7.2. Silva Porto – Luso 64
7.3. Luso – Gago Coutinho 64
8. Gago Coutinho 66
8.1. Os nossos aposentos 67
8.2. O primeiro serviço 72
8.3. Os primeiros três meses 73
8.4. As diversas actividades 74
9. As Madrinhas de Guerra 75
10. Os convívios 79
10.1. As patuscadas 82

11. O restaurante da vila 85
12. Tempos livres 85
13. Os efeitos colaterais 87
14. As Transmissões 90
14.1. Os radiotelegrafistas 91
14.2. Os radiomontadores 94
14.3. As chefias 96
15. Os Catangas 100
16. Acção psicológica 100
17. A cadela Ninda 102
18. A visita de Amália Rodrigues 103
19. As deslocações 105
20. Distribuição de comida 109
21. As ofertas externas 109
22. Material de Guerra 110
22.1. Os ataques com mísseis 110
22.2. Confronto entre a UNITA e o MPLA 111
23. As batucadas 111
24. A evacuação 112
25. O Nord Atlas 114
26. Noites de Natal 115
27. A Maria Turra 117
28. Material capturado 117
29. As guerras internas 118
30. A rotação do Batalhão 119
30.1. Gago Coutinho – Gabela 119
31. Greve na Gabela 123
32. O meu Louvor 125
33. O regresso a casa 126
34. Novamente em Luanda 126

CONCLUSÃO 127

POSFÁCIO 131

MAPAS 137

FONTES E BIBLIOGRAFIA 145

ANEXOS 149
Anexo 1: Pequeno Glossário 151
Anexo 2: Organograma dos militares de Transmissões 152
Anexo 3: Síntese geral do percurso militar: Avaliação retrospectiva 153
Anexo 4: Objectos do quotidiano e documentos pessoais 156
Anexo 5: Livro do Batalhão de Cavalaria 3862 174
Anexo 6: Jornais de caserna do Batalhão de Cavalaria 3862 257

HOMENAGEM

Soldado - ANTÓNIO DE JESUS SOUSA - 11JAN72
Soldado - JOSÉ SOUSA CLARO - 11JAN72
Soldado - JOAQUIM FERNANDO MARQUES BATISTA - 15FEV72
1º Cabo - ALBINO LOPES MARQUES - 12ABR72
Alferes - JOSÉ JOÃO RUIVO FERREIRA RODRIGUES - 21ABR72
Soldado - JOÃO DE PINA - 13JAN73
Soldado - JAIME FONSECA DA SILVA - 10MAR73
1º Cabo - JOSÉ FRANCISCO DA SILVA RODRIGUES - 24MAI73
Soldado - EDUARDO TEIXEIRA BENTO SOARES - 30NOV73
FUrriel - JOSÉ EDUARDO FERREIRA GONÇALVES - 24DEZ73

A QUELES QUE POR OBRAS VALOROSAS SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO.

Em memória dos que perderam a vida (composição do autor, a partir de fontes diversas)

Planta do aquartelamento de Gago Coutinho entre 1971 e 1973 e na actualidade

SIGLÁRIO

AHM – Arquivo Histórico Militar
BArt – Batalhão de Artilharia
Bat – Batalhão
BCav – Batalhão de Cavalaria
CArt – Companhia de Artilharia
CCaç – Companhia de Caçadores
CCav – Companhia de Cavalaria
CCS – Companhia de Comando e Serviços
CMG – Campo Militar do Grafanil
DO – Pequena aeronave
EMEL – Escola Militar de Electromecânica
EN – Emissora Nacional
FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola.
G-3 – Arma de Guerra
GC – Gago Coutinho
GE – Grupos especiais (exclusivamente indígena)
IN – Inimigo
JAEA – Junta Autónoma de Estradas de Angola
MNF – Movimento Nacional Feminino
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola
MVL – Movimento de Viaturas Logísticas (Coluna de Viaturas)
ONU – Organização das Nações Unidas
PAD – Pelotão de Apoio Directo
PelMort – Pelotão de Morteiros
RC-4 – Regimento de Cavalaria 4
RDM – Regulamento de Disciplina Militar
RI-7 – Regimento de Infantaria 7
RMA – Região Militar de Angola
RTP – Radio Televisão Portuguesa
SOBA – Chefe de Aldeia
SPM – Serviço Postal Militar
UNITA – União Nacional para Independência Total de Angola
UPA – União das Populações de Angola
ZMC – Zona Militar Centro
ZML – Zona Militar Leste

PREFÁCIO

LUÍS CARLOS AMARAL*

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CITCEM – FLUP; CEHR – UCP

A segunda metade do século XX português ficou marcada por um conjunto de eventos e de processos históricos de grande envergadura, que marcaram e marcam até hoje de forma profunda a sociedade nacional. Entre todos avultam a Guerra Colonial e a Revolução de 25 de Abril de 1974, acontecimentos estreitamente relacionados entre si. De alguma forma constituem, em simultâneo, uma espécie de epílogo do longo ciclo da expansão ultramarina encetada nos alvores de Quatrocentos, e o despontar, invariavelmente hesitante e socialmente atribulado, de um ciclo novo da vida do país.

O longo conflito que opôs o Estado português a vários movimentos políticos e militares de libertação em Angola, na Guiné e em Moçambique, entre 1961 e 1974, representava o corolário de um duradouro processo de enfrentamento e de resistência das populações africanas que, com episódios de maior ou menor intensidade, se arrastava desde o último quartel do século XIX, pelo menos. Grande projecto do Liberalismo constitucional, a efectiva ocupação e exploração do território africano transformou-se em desígnio da nação. Como seria expectável, qualquer avanço nas acções de domínio militar e policial, de imposição de estruturas políticas e administrativas e de fixação de colonos oriundos do espaço europeu despertou e alimentou, junto das comunidades indígenas, tensões várias que, bem vistas as coisas, não só nunca desapareceram como se foram avolumando com a passagem do tempo.

O breve esboço que acabámos de desenhar replicou-se no decurso da Primeira República, que não deixou de abraçar e promover a construção de um «Império» africano. Tal empenho ficou bem plasmado nos múltiplos esforços colocados na defesa das fronteiras do sul de Angola e do norte de Moçambique face aos interesses alemães, logo a partir dos finais de 1914, ou seja, numa fase do conflito mundial em que Portugal se apresentava ainda, pelo menos formalmente, como um estado neutral. E nem o quase desastre em que se transformaram as campanhas militares portuguesas nas duas regiões fez esmorecer a vontade do governo de Lisboa, no sentido de fortalecer a presença nacional em África. Na realidade, após o armistício de 1918, verificou-se um apagamento quase geral da memória – acompanhado de uma evidente «desvalorização» historiográfica – relativamente a estes conflitos, que foram, consciente e inconscientemente, votados ao esquecimento, e mais ainda mercê da exaltação do heroísmo e da assinalável resiliência demonstrados pelas tropas portuguesas na Flandres.

Seja como for, os episódios africanos tornaram evidentes os frágeis alicerces em que assentavam a presença e o domínio portugueses. Seria de esperar que os elevados custos humanos e o violento choque com a realidade que a muitos emocionara, tivessem conduzido ao desenvolvimento de políticas capazes de colmatar as múltiplas deficiências, nomeadamente no plano militar. Ora, como é bem conhecido, nada de substancial foi realizado quase até 1961 e nem toda a retórica nacionalista do Estado Novo, muito devedora da mitificação dos feitos bélicos do passado, teve a força e a motivação necessárias para desencadear reformas e acções realmente eficazes.

Neste contexto, e salvaguardando antecipadamente as conjunturas específicas dos diferentes períodos, torna-se impossível não estabelecer relações estreitas entre a conflitualidade gerada a partir dos finais do século XIX e a prolongada guerra que determinou o fim da dominação portuguesa em África. A este cenário acresce ainda a elevada exposição e permeabilidade que as colónias apresen-

taram desde sempre a factores diversificados de ordem externa, tanto no âmbito político e militar, quanto em matéria social e económica. Conjugando estes elementos compreendemos melhor que o conflito iniciado em Angola, em 1961, era tudo menos um problema local e exclusivamente português. De facto, a derradeira fase do Estado Novo não agravara apenas o isolamento do país em termos europeus e mundiais, acelerara também o enorme desfasamento – e a absoluta incompreensão – relativamente à profunda transformação do continente africano, polarizada, antes de mais, no fortíssimo movimento independentista desencadeado no rescaldo da Segunda Guerra Mundial.

Tudo o que escrevemos até aqui serve apenas para enquadrar, em traços muito gerais, o texto que sucede a este prefácio. O percurso que João Lima nos descreve é semelhante ao de milhares de jovens portugueses que, mercê de circunstâncias às quais eram largamente alheios, acabaram envolvidos num duro e penoso enfrentamento militar, repleto de privações e de sofrimento e sem grande glória. Mas o seu testemunho afigura-se também único, pois constitui, em simultâneo, a sua versão de uma parte da História e a forma que encontrou para nos contar um pedaço da sua Estória particular. Como narrativa memorialística está, naturalmente, condicionado por diferentes circunstâncias e constrangimentos, desde a difícil gestão das recordações até à névoa que vai descendo sobre os episódios mais significativos, aqueles que julgamos dominar e reconstituir sempre com absoluta nitidez e riqueza de pormenores. Por isso mesmo este tipo de textos, se bem que desafiante para os investigadores, apresenta-se, por norma, muito cativador para um elevado número de leitores, entre os quais me incluo. Aliás, foi a pensar naqueles, mas também nestes, que o João entendeu enriquecer o trabalho com inúmeras fotografias, com uma excelente cartografia e com um precioso e útil conjunto de anexos, onde avulta a publicação de diversos documentos inéditos relacionados com o seu batalhão.

Ler as palavras do João significa aceder a um tempo e a factos nos quais ele foi actor, mas dos quais quis ser igualmente narrador. Esta é, pois, a sua visão/interpretação, o seu acerto de contas com um passado pessoal, que se assume também como época decisiva na História recente de Portugal. Queria concluir dizendo ao João que foi para mim um grande prazer, e não menor honra, que ele me tivesse convidado para o acompanhar nesta jornada. É sempre gratificante poder desfrutar da confiança de um Bom Amigo. E gostaria, por último, de propor aos leitores o desafio de descobrirem nestas páginas, para lá dos pequenos e grandes acontecimentos que marcam o quotidiano da vida militar, a estatura humana que tantas vezes nasce da fraternidade cultivada entre camaradas de armas.

«O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso, existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis».

Fernando Pessoa

O meu testemunho é referente à comissão de serviço militar obrigatório, cumprido no território de Angola, de Dezembro de 1971 a Abril de 1974, integrado no Batalhão de Cavalaria 3862.

Dedico estas páginas aos meus camaradas

Américo Guerreiro Branco
António Anselmo Pinto Loureiro
António José Vieira Carêto
Ercílio da Conceição Pereira
Ernesto Fernando M. Gil
José Albino Dias Afonso
Manuel Américo Carvalhido
Orlando José de Sousa Santos
Raul Manuel Inácio do Nascimento

AGRADECIMENTOS

Foram, sem dúvida, as *memórias* que me motivaram a aceitar o desafio do Professor Doutor Luís Carlos Amaral para que colocasse no papel a história da minha passagem pelo *Serviço Militar Obrigatório*. Agradeço o encorajamento, a confiança e a preciosíssima ajuda na elaboração deste livro, sem os quais não seria possível chegar a bom porto. O incentivo constituiu para mim uma grande honra e um enorme orgulho.

Chegou o momento de poder desabafar, libertar-me de alguns *fantasmas* que estes quarenta e três anos, por teimosia, não conseguiram apagar. É minha vontade reviver, a meu modo, esse passado, acerca do qual tenho um sentimento misto de revolta e saudade, mas também repúdio por nunca ter conseguido compreender os verdadeiros motivos daquele conflito e, fundamentalmente, por me terem obrigado a participar numa guerra que parecia não ter fim. Tenho saudade de África, das suas gentes e principalmente dos amigos com quem partilhei o meu percurso militar.

Assalta-me uma vontade enorme de poder *visitar* os locais pelos quais passei e onde deixei alguns dos melhores anos da minha juventude e, se possível, conseguir, a partir daqui, ter um pouco de tranquilidade.

De igual modo faço-o pelos militares que tombaram ao serviço da Pátria, e também pelos inúmeros feridos, mutilados e doentes, como forma de tributo, esperando contribuir para que não caiam no esquecimento. É sobretudo por eles e para eles que escrevo estas páginas, solidarizando-me com as suas famílias e amigos. Talvez um dia, porventura, apareça alguém que os coloque no lugar certo da História, sem ódios e ressentimentos e, sobretudo, sem constrangimentos ou vergonha.

Aos meus camaradas do Batalhão de Cavalaria 3862 e, em particular, da especialidade de Transmissões, não podendo enumerar todos e cada um com receio de me esquecer de alguém, coloco-os num lugar de grande destaque, um *pódio de honra.* Todos foram óptimos companheiros, com eles partilhei momentos inesquecíveis. Horas de grande angústia e sofrimento, mas também belíssimas recordações, recheadas de muitas alegrias. Tudo recordo com muitas saudades. Não posso deixar de lembrar também os que, infelizmente, já partiram, com um voto de pesar, solidarizando-me com os seus entes queridos.

Saúdo os camaradas do Pelotão de Morteiros e Mecânicos Auto, inseridos no PAD, com quem também partilhei momentos únicos, na esperança de que se encontrem bem.

Nesta modesta e sincera homenagem, relembro os camaradas com quem vivi o dia-a-dia e os convívios. Com eles estou em dívida, pela amizade, pela camaradagem e, sobretudo, pela solidariedade. Sem a união e o espírito de sacrifício constantes, todos os obstáculos com que nos deparáramos seriam intransponíveis.

Agradeço aos *sete magníficos*[1], Américo Branco, António Carêto, António Loureiro, Ercílio Pereira[2], Ernesto Gil, José Afonso, Orlando Santos, Manuel Carvalhido e Raul do Nascimento, com quem convivi muito particularmente, numa grande cumplicidade, e que me apoiaram nos momentos mais difíceis, num ambiente de vivência fraterna e solidária, ajudando-me a ultrapassar aquele

[1] Foi o nome com que resolvemos baptizar o grupo, com o acordo de todos. Mais tarde juntaram-se mais elementos, mantendo-se a denominação.

[2] Infelizmente o Ercílio já partiu. Descansa em paz, meu amigo.

que foi um dos períodos mais difíceis porque passei. A todos, a minha profunda gratidão, e votos de uma vida longa e muito feliz. *Bem-hajam.*

Do mesmo modo não poderia deixar de mencionar o Dr. Lincoln, médico do Batalhão, amigo que nunca nos abandonou, e que com o profissionalismo que o caracterizava, apoiado pela sua equipa, cuidou sempre de nos manter vivos. Nos momentos mais difíceis, a qualquer hora do dia ou da noite, e foram muitos, esteve sempre presente, disposto a dar-nos todo o apoio, nunca se escusando dispensar uma palavra amiga, mantendo-se disponível e, sobretudo, do nosso lado. A minha gratidão é profunda, e por isso merece este lugar de destaque. Bem-haja.

Agradeço à minha família, que amo muito. À minha mulher, aos meus filhos, Pedro Lima e Rui Lima, à minha mãe e à minha neta, Maria Portugal, pela paciência, ajuda e por todo o amor e carinho que me têm dedicado.

E a todos que fazem o favor de continuarem a ser meus amigos, os meus agradecimentos, convicto de nunca os defraudar.

Muito se tem dito e escrito sobre a Guerra no Ultramar. Porém, parece que ainda não foi feito o suficiente para despertar consciências, sobretudo dos responsáveis políticos que se envergonham e procuram esquecer aqueles a quem um dia chamaram à pressa e enviaram, mal preparados, para defender a Pátria. Por isso, cabe-nos a nós *ex-combatentes*, procurar fazer chegar a nossa mensagem, antes que seja tarde demais. Este livro foi escrito, sobretudo, a pensar em todos nós.

Este é uma espécie de grito de revolta, numa voz rouca e fraca é certo, mas talvez tenha a força suficiente para poder chegar mais além e acordar ou despertar os que se envergonham e tentam calar e apagar da nossa História as páginas que foram escritas com suor e muitas lágrimas por milhares de jovens. Um grito de raiva por nos terem roubado parte da juventude e a muitos a própria vida.

Eu também quero contar a *Minha História*, e preciso fazê-lo, para que não se esfume no tempo e na memória, agora mais do que nunca. Faço-o a pensar nos que sofrem em silêncio, nos esquecidos e nos que já partiram e, talvez, quem sabe, possa contribuir para que nós *Veteranos de Guerra* não sejamos mais considerados um estorvo nem lembrados só quando dá um certo *jeito.*

Para elaborar este trabalho procurei documentar-me. Para o efeito recorri ao AHM, a fontes que consegui conservar, nomeadamente o *Livro do Batalhão*[3], os *Jornais de Caserna*[4], fotografias[5], postais ilustrados e algumas gravações em fita magnética, registadas na época[6]. Este *abanão* por parte

[3] A elaboração do *Livro* teve a minha colaboração, a participação do escriturário e a preciosa ajuda do nosso fotógrafo, o camarada Jorge Oliveira.

[4] O *Jornal de Caserna* contou também com a colaboração de diversos militares. Foram elaborados e impressos quatro números (usavam as máquinas a Stencil). As folhas eram gravadas, utilizando os caracteres da máquina de escrever (sem fita) e os desenhos eram feitos com canetas específicas para o efeito. A tiragem era executada em série com o auxílio de álcool, tudo feito manualmente não atingiu totalmente o pretendido. Todavia, e dadas as limitações existentes em Gago Coutinho procurou-se fazer o melhor possível, não deixando, como se compreenderá, de ser um excelente e informativo documento histórico.

[5] As fotografias eram tiradas para serem enviadas para os familiares, namoradas e amigos, e constituem também, um precioso acervo documental.

[6] Na altura já existiam os pequenos gravadores de cassete com fita magnética. Foi uma forma alternativa de comunicarmos com os nossos entes queridos.

do Professor Luís Carlos Amaral foi de facto necessário para que, após ter assumido este compromisso, possa, finalmente, conseguir libertar-me de alguns *pesadelos* que me têm atormentado ao longo destes anos.

Um agradecimento muito especial ao Nuno Bessa Moreira, que acedeu ao meu pedido, prontificando-se a fazer a revisão e correcção do texto. O entusiasmo manifestado e o empenho com que o fez são merecedores de reconhecimento.

Agradecimento é devido também ao Dr. Miguel Nogueira, responsável pelo serviço de Infografia da FLUP, por ter aceitado colaborar neste trabalho, colocando em cartografia todo o percurso militar, assim como o estado psíquico e emocional do autor, *projectando* esses sentimentos numa escala de valores, uma mais-valia para o leitor.

Por fim, não posso deixar de expressar a minha profunda gratidão à preciosa colaboração do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA»), na pessoa da então coordenadora, Professora Doutora Maria Cristina Cunha, que, no início de 2016, aprovou o arranque deste projecto. Do mesmo modo, agradeço à Professora Doutora Amélia Polónia, actual Coordenadora Científica recentemente eleita, que generosamente deu continuidade à decisão da sua antecessora. Quero deixar ainda uma palavra de gratidão ao Professor Doutor Luís Alberto Marques Alves pela forma como apoiou este projecto, e também aos Drs. Marlene Cruz, Vasco Sistelo e Vanessa Sousa, pela excelente colaboração.

PALAVRAS PRÉVIAS

Quando aceitei *o desafio* de fazer este trabalho não foi com o propósito de elaborar um estudo histórico; apenas pretendi descrever o meu percurso militar, que culminou com a comissão de serviço em terras de África, integrado no Batalhão de Cavalaria 3862. Um tempo em que estive, como milhares de militares portugueses, envolvido numa guerra que, julgo que a todos, nos marcou profundamente. Este é o meu testemunho, esta é a *Minha História.*

Estou certo que, com esta iniciativa poderei, de alguma forma, contribuir para que o tempo não apague da memória uma época que afectou milhares de jovens, oriundos dos mais diversos lugares, forçados a abandonar tudo, para cumprirem o serviço militar obrigatório. Para trás ficaram a terra natal, a família, as esposas e filhos (entregues à sua sorte, sem contemplações), levando com eles a incerteza quanto ao seu regresso.

Poderei também, eventualmente, contribuir para que muitos se sintam incentivados, e façam ouvir os seus desabafos, para que mais *páginas* sejam preenchidas.

Ao narrar a minha história, passadas todas estas décadas, fico com a ideia de que estarão criadas as condições necessárias de modo a poder contribuir para que se despertem consciências adormecidas.

É aí que irei procurar concentrar-me, recuando, para o efeito, à década de sessenta, período em que se dá o início do conflito armado que irá mobilizar milhares de jovens portugueses. Eu também sou um desses jovens que um dia partiu para o desconhecido, carregando na *bagagem* muitas dúvidas.

É de Angola que irei falar, território para onde me enviaram para combater os *turras*, dizia-se, e defender a Pátria. Foi com esse propósito que embarquei, movido por esse sentimento. Sobre o porquê da guerra e acerca da sua origem, sabe-se que o despoletar da luta por parte dos trabalhadores angolanos iniciou-se antes de 1961. Tratou-se de uma sublevação que teve o seu começo com a contestação acerca da exploração extensiva da cultura do algodão, em detrimento da plantação de produtos fundamentais para a sua alimentação. Douglas Wheeler e René Pélissier fazem referência à dificuldade de estabelecimento das datas referentes ao princípio e ao local onde se iniciou a revolta, radicando esta na censura apertadíssima que se fazia sentir.

Em relação ao conflito, estes historiadores dizem-nos o seguinte:

> *Apesar de ser a rebelião menos conhecida de 1960-1961, a revolta da Baixa de Cassange é a mais fácil de compreender. Tratou-se de uma acção de desafio contra o sistema obrigatório de cultivo de algodão, de que a Cotonang, uma empresa monopolista, possuía a concessão na região oriental de Malange*[7].

Orlando Castro e Paulo Silva, num trabalho conjunto de investigação sobre a Guerra Colonial, em a *História na Primeira Pessoa*, oferecem-nos o seguinte enquadramento:

> *(…) a 4 de Fevereiro, em Luanda, com um ataque a duas cadeias e ao quartel da Polícia Móvel, e mais tarde, em Março, com a vaga de terror de que resultou a morte de centenas de colo-*

[7] WHEELER & PÉLISSIER, 2016: 250.

nos e de milhares dos seus trabalhadores negros. Era o início do fim do Império. Desse longínquo ano de 1961 até 1975, Portugal vê-se mergulhado numa guerra em três frentes de combate, três palcos de acção violenta que deixa marcas em sucessivas gerações[8].

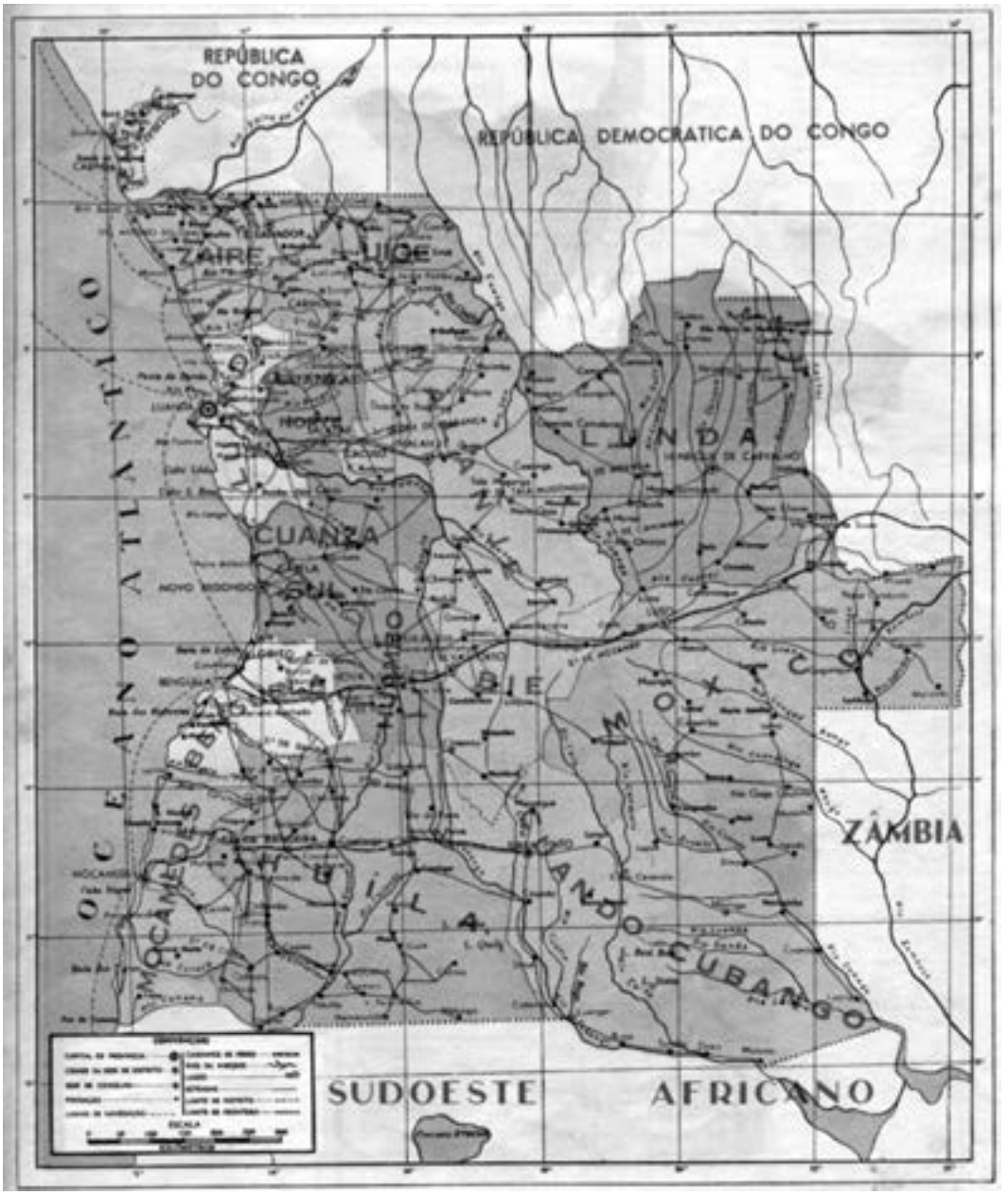
Num outro texto acerca desta temática, Ferreira Fernandes e João Ferreira, descrevem o seguinte:

Em Fevereiro de 1961, nacionalistas angolanos de várias organizações políticas, que iriam dar depois o MPLA, assaltam quarteis da polícia e uma prisão, em Luanda. Portugal acaba de saber que não está livre dos ventos da História e também as suas colónias vão partir como as demais. O Ministro da Defesa, general Botelho Moniz, adverte Salazar que tem de se encontrar uma solução política. Portugal não apontaria uma guerra que previsivelmente não se ficaria por Angola e iria alastrar por mais frentes africanas[9].

Começava a guerra em Angola.

[8] SILVA & CASTRO, 2011: 15.

[9] FERNANDES & FERREIRA, 2007: 226-227.



Mapa 1. Angola no período colonial.

DE LEIRIA À GABELA. MEMÓRIAS DE UM SOLDADO DA GUERRA COLONIAL (1971-1974)

1. PERCURSO MILITAR

1.1. Inspecção militar

Ao abrigo do Recrutamento de 1970 fui apurado para todo o serviço militar na inspecção (obrigatória) que teve lugar em 30 de Julho do mesmo ano. O recenseamento foi efectuado pela freguesia de Valbom, concelho de Gondomar, de onde sou natural[10].

Na altura estava distante do local por motivos profissionais, e tive que me deslocar ao Concelho de Gondomar, uma vez que era assim que a logística funcionava e, por incrível que possa parecer, não havia falhas. Em 1969 já tinha recebido essa confirmação quando tive que me apresentar para dar aquilo a que chamavam os sinais e fornecer todas as informações que me foram solicitadas, esperando pela chamada da Inspecção Militar. *Obrigatória*, sem qualquer hipótese de desculpa a não ser que pretendesse optar pela fuga.

Em Janeiro de 1971, deu-se a maior viragem no rumo em todo o meu percurso até então. Recebi ordem para me apresentar no dia 12 desse mês no RI-7, Unidade Militar onde me havia sido destinada a incorporação como Recruta[11], de forma a iniciar o longo serviço militar.

Faltavam ainda cerca de dois meses e meio para completar 21 anos de idade. Deixava para trás alguma experiência na mudança de cidade[12], de amigos, do posto de trabalho, enfim, tinha já a oportunidade de enfrentar o imprevisto, e estava mais uma vez a caminho de uma nova e difícil aventura.

Contudo, este era um momento único, ímpar pelas suas características, uma autêntica novidade, a que teria que me adaptar obrigatoriamente e o mais depressa possível.

Abandonei tudo o que foi construído, entreguei o quarto em Lisboa, onde vivi durante cerca de dois anos, deixei os colegas, o emprego e, sobretudo, os amigos. Mais uma vez tive que aprender e apreender uma vida completamente nova e diferente. Fiz as malas, rapei[13] o cabelo e rumei à cidade do Liz.

1.2. Naquele tempo

Estávamos em pleno Estado Novo, tudo nos parecia demasiadamente obscuro, era muito difícil saber-se ao certo o que na realidade se passava. As notícias escasseavam e quando chegavam até nós eram *peneiradas* pela censura. O regime temia, pelo menos assim se pensava, o conhecimento da realidade acerca da guerra em África e daí a manipulação da informação.

---

[10] De acordo com a Cédula de Recenseamento (ver Anexos).

[11] Na tropa, os novos militares eram apelidados de *Maçaricos*.

[12] Aos 18 anos fui convidado para preencher uma vaga existente na Secção de Desenho em Lisboa, uma sucursal da empresa com sede na cidade do Porto onde eu trabalhava desde os 14 anos.

[13] Usava-se na altura cortar o cabelo, segundo a tradição, o mais rente possível. Não sendo obrigatório, era um hábito dos militares que se apresentavam pela primeira vez.

Quase sempre, quando estávamos em grupo, colocavam-se questões pertinentes, nomeadamente em relação à *vida militar*. Procurávamos tirar dúvidas acerca do que seria a tropa. Eram as perguntas mais frequentes, a par da curiosidade de se saber como era lá longe, no *teatro de guerra*, onde quase todos iriamos parar.

No decorrer da segunda metade da década de sessenta e à medida que o tempo ia avançando, e se aproximava a idade da *Tropa,* nós, os jovens dessa altura, estávamos curiosos e preocupados quanto ao nosso futuro. O tema de conversa levava-nos obrigatoriamente a falar sobre a guerra.

Era junto dos mais velhos, principalmente daqueles que já haviam cumprido o serviço militar, que tentávamos obter respostas para as nossas questões. Tínhamos uma ideia genérica, uma vez que a guerra a partir de certa altura era quase sempre tema de conversa, dentro das limitações próprias de um regime atento. As notícias não ajudavam, segredava-se e opinava-se, mas a vontade de saber era muita e a ansiedade também, tudo era ouvido com atenção e curiosidade.

Na escassez de correspondência, por motivos óbvios, chegavam ao nosso conhecimento notícias arrepiantes dos horrores de África. Esses rumores escondidos alertavam-nos e simultaneamente amedrontavam-nos. A censura só deixava transparecer aquilo que lhe interessava e a propaganda trazia confusão. Concretamente, nunca cheguei a perceber qual seria o seu verdadeiro significado, talvez por ser muito jovem ou devido à falta de formação. A ignorância da grande maioria da população portuguesa era um facto, nomeadamente a dos jovens em idade do serviço militar, como era o meu caso. A manipulação da informação nada nos esclarecia, pelo contrário; aumentava a angústia e o medo da guerra era uma realidade.

Dos mais velhos e dos supostamente mais experientes e esclarecidos também se ouvia dizer que *era na tropa que se aprendia a ser homem.* Ficava confuso quando ouvia isso, e só compreendi a dimensão da frase muito mais tarde. Talvez tivessem razão, mas certamente não seria necessária a guerra.

Os assuntos de conversa entre os jovens englobavam sempre a guerra colonial, não sendo um tema de fácil discussão, uma vez que a grande maioria da população praticamente só ouvia a *verdade* vinda de um dos lados. A censura não dava muitas hipóteses á divulgação dos acontecimentos e encobria com violência qualquer manifestação de contestação e oposição. Mas havia sempre uma hipótese de comunicação, que nos poderia trazer algumas notícias sobre o que se passava em África, nomeadamente através dos militares que regressavam da guerra, e dos portugueses que estavam exilados e tinham acesso a muitas informações sobre os acontecimentos ocorridos no terreno onde se encontravam as forças portuguesas.

Todo o cuidado era pouco e as *reuniões* sempre em pequenos grupos de amigos eram vigiadas, mesmo que não tivessem nada que ver com a política. Por vezes, sem nos darmos conta, lá chegavam as conversas que nos levavam a esse tema, dado que se tratava de um assunto de elevado interesse comum, e eu, como muitos outros, era um dos directamente interessados em saber o que se passava na realidade.

Daí que aproveitássemos todas as informações que nos poderiam ajudar a tirar dúvidas, mas sempre com cuidado, porque qualquer indício de atitude que desagradasse aos defensores do regime

poderia acarretar ter que que responder numa das repartições da PIDE/DGS e esses senhores não eram nada *meigos*, segundo se ouvia dizer, nas inquirições que faziam quando se apercebiam ou temiam que alguma coisa pudesse pôr em causa os *ideais* do regime. O melhor era procurar não exceder os limites, mantermo-nos o mais discretos possível e assim evitar complicações.

O tema da guerra era considerado um *tabu*, mas a curiosidade era muita e a vontade em sermos esclarecidos excedia o nosso sentimento de angústia. Ouvia-se falar dos *turras*, dos *massacres*, das *emboscadas* e das *perseguições* de ambas as partes, dos *troféus* que eram exibidos por militares, que traziam dentro de frascos orelhas embebidas em álcool, das *façanhas* resultantes das operações. Enfim ouvia-se de tudo um pouco, relatos arrepiantes sobre todo o tipo de incursões, nomeadamente o lançamento de fogo, destruindo aldeamentos.

Mas ficavam muitas dúvidas por esclarecer, tudo era muito difícil de compreender e, à medida que a idade da tropa se aproximava, aumentava os sentimentos de ansiedade e de medo, tanto para nós como para os nosso familiares e amigos. A acção psicológica exercida pelo regime procurava combater todas estas preocupações, mas não evitou que milhares de jovens abandonassem o país para fugirem à guerra, os vulgarmente nomeados como *desertores.*

2. A RECRUTA

A recruta era a incorporação obrigatória dos jovens, a partir dos 20 anos de idade, apurados em inspecção médica, e consistia na preparação militar para, através de mobilização, serem integrados em companhias, batalhões ou mesmo até em rendição individual nas diferentes frentes de conflito, que decorria nas denominadas Províncias Ultramarinas (antigas Colónias Portuguesas).

Em Leiria, no RI-7, tudo era desconhecido e muito confuso. Recordo que ao entrar no Quartel senti o chão a fugir e as pernas a tremer; algo me dizia que acabava ali, na Porta de Armas, a minha liberdade. Por momentos senti-me paralisado, um estranho completamente à deriva, estupefacto perante tamanha azáfama.

Daí para a frente tudo seria diferente, não se tratava de uma brincadeira nem de uma ficção, aquilo era mesmo a sério, o mundo real. Muitas normas, imensas obrigações e pouquíssimos direitos. Era o fim de um sonho, começava o pesadelo com predomínio da cor verde. O movimento no interior do Quartel era muito e bastante complexo para quem chega pela primeira vez. Militares em exercício de um lado para o outro, em marcha e ou em corrida, acompanhados pelas vozes de comando, um vai e vem constante de jovens atarefados com funções diferentes, e outros *maçaricos*, como eu, à procura da melhor forma de se adaptarem ao novo modo de vida.

Após a recepção, e feita a apresentação, recebemos ordem para trocarmos a roupa civil pelo fardamento que nos foi distribuído e procurarmos numa das casernas a cama e o armário onde iria ser o *alojamento* durante o período de Recruta[14].

[14] O período de recruta tinha a duração de aproximadamente três meses. Após este período, eram distribuídas as especialidades de acordo com a classificação, habilitações literárias e profissão de cada *mancebo.*

Nesses primeiros meses do ano de 1971, para complicar ainda mais, o inverno foi particularmente agreste; o frio era intenso, agravando-se durante a noite, como se compreenderá, com maior incidência nas instalações (casernas) amplas, repletas de beliches e armários dispostos por toda a parte.

O despertar da manhã soava muito cedo e por volta das 07:00 horas já tínhamos que estar na formatura do içar da bandeira, devidamente fardados[15], prontos para o pequeno-almoço e aptos a enfrentar um dia de preparação militar.

Tudo se fazia ao som de música, o famoso *toque de clarim*. Eram vários os tons, de acordo com o serviço a que se destinavam; o toque de alvorada, o das formaturas, o do pequeno-almoço, o do almoço, o do jantar e, sobretudo, o toque de silêncio, muitíssimo bem executado, e que se destacava por ser emocionante e muito comovente.

Mas os *toques* não ficavam por aqui, existiam muitos mais, como por exemplo o usado nas marchas, o de apresentar arma, pôr em sentido, etc. etc., enfim, uma infinidade que tínhamos forçosamente que decorar. Praticamente todos os passos eram precedidos pelo toque de clarim e, para o efeito, existiam soldados especialistas com essa formação, executando diferentes melodias, de acordo com as circunstâncias.

Alguns dos manuseadores eram autênticos profissionais. Numa inesquecível noite cheguei a pedir para tocarem a música do silêncio, lindíssima e arrepiante, dava gosto ouvir. Ninguém ficava indiferente perante tão fascinante interpretação.

Aqui não existiam contemplações, ao soar o último *alarme* todos tínhamos que estar deitados, às escuras e em silêncio, esta era uma regra considerada sagrada, o não cumprimento era encarado como falta de disciplina. Por vezes uma voz vinha lá do fundo, direccionada para o plantão[16] da caserna:

«– Ó plantão apaga a luz, seu filho da puta».

Só não existia o toque do salário porque não tínhamos direito a qualquer tipo de remuneração (o conhecido *pré*[17]*)* digno de se ver. E se porventura isso aconteceu, não tenho memória. Eram assim os dias, independentemente do clima, fizesse chuva ou sol, e mal seria de quem tentasse furar a disciplina, ou seja *baldar-se*, como se dizia na gíria entre militares. No mínimo não se livrava de lhe ser vetada a ida a casa no fim-de-semana, sendo colocado de *faxina*[18] à cozinha.

No início senti-me muito confuso, desorientado, num ambiente estranho e muito adverso. Ignorava por completo os *cantos* e as normas da *casa,* não conhecia ninguém, estava longe de obter qualquer tipo de ajudas para poder tomar o rumo certo.

Habituar-me àquele clima de disciplina, muito exigente, a meu ver exageradamente austera, implacável na maioria das vezes, não se enquadrava na minha forma de viver. Todavia não restavam alternativas. Tinha que ser assim, é certo. Contudo, no meu íntimo, nunca me senti resignado.

---

[15] A preparação militar era feita com a farda de trabalho. O camuflado só foi distribuído no Ultramar.

[16] *Plantão* era o nome dado ao militar que tinha, entre outros serviços, a responsabilidade de zelar pela caserna.

[17] Vencimento militar na metrópole.

[18] *Faxina* nome atribuído ao militar a quem eram incumbidas várias tarefas no aquartelamento, nomeadamente: descascar batatas, limpeza da cozinha e lavagem da louça.

Estava ali para seguir em frente e, a qualquer custo, respeitar as regras impostas para não complicar e, sobretudo, manter a folha militar[19] limpa, se necessário com todos os sacrifícios, para que o rumo do meu percurso não fosse alterado. Dizia-se que perante qualquer atitude ou comportamento considerados indisciplinados o mais provável era ter como castigo o *passaporte* directo para a pior zona do conflito, e a Guiné seria o destino mais provável, para onde seríamos enviados como *atiradores*[20]. O medo era também um inimigo muito forte. Tentar cumprir sem conflitos as ordens transmitidas pelos superiores era a única forma de nos podermos resguardar.

Estava rodeado de jovens oriundos dos mais diversos pontos do País, com diferentes formas de viver e de variadas origens, e culturas, com os quais tive de aprender a conviver e, sobretudo, a compreender, sem entrar em situações de disputa, mas numa troca harmoniosa de experiências, e, fundamentalmente, na conquista de novos amigos. A solidão não pode estar presente, viver isolado num sítio destes é um erro crasso, que só traria problemas.

Imediatamente a seguir ao toque de clarim, tínhamos que estar levantados, não havia hipótese para os mais preguiçosos de voltarem a adormecer. Mas quando isso acontecia, à segunda entrada na caserna do *sargento de dia*, normalmente feita por um cabo miliciano, num ápice as camas ficavam vazias, e o tempo para nos apresentarmos na formatura era muito reduzido. Por outro lado, existia o exagero. Havia os madrugadores que colocavam o som dos seus rádios portáteis no máximo. Não tínhamos qualquer hipótese de ficar nem mais um minuto na cama.

Inicialmente foi muito custoso, principalmente para quem se levantava quase em cima da hora para ir trabalhar, mas, à medida que o tempo ia decorrendo, fui-me habituando, não tinha outra alternativa, para sobreviver era necessário cuidar-me e resguardar-me e ao mesmo tempo perceber que não me podia descuidar nem perder de vista os meus pertences, correndo o risco de ficar de mãos vazias à mais pequena distracção. Tinha que seguir a velha máxima, o *desenrascar*. Curiosamente, no final da recruta não existiam faltas de material, tudo estava conferido e coincidia com a listagem inicial.

2.1. A preparação militar

Durante o período de recruta fizemos alguns exercícios sujeitos a classificação, com implicação directa na atribuição da especialidade. Para o efeito tínhamos que cumprir uma prova na pista de obstáculos[21]com o máximo rigor. Para além de ser obrigatório realizar todo o percurso, os responsáveis cronometravam o tempo despendido atribuindo-lhe uma pontuação.

[19] Registo do cadastro de cada militar.

[20] Eram frequentes as ameaças com o reencaminhamento para as zonas de maior conflito no Ultramar, uma forma de acalmar os que eram vistos como os mais indisciplinados.

[21] A pista de obstáculos não era muito longa, fazia-se o percurso a correr em poucos minutos. Era composta por diferentes obstáculos, nomeadamente: rastejar sob arame farpado, paliçada (transposição de muros), atravessar zonas só com o esforço braçal, através de suspensão em cordas e traves com cabos para trepar, etc. A finalidade era cumprir o trajecto o melhor possível e no mais curto espaço de tempo.

A *Semana de Campo*[22], obrigatoriamente incluída no programa da recruta, da qual ninguém podia ficar isento, era extremamente rigorosa e agravada pela geada que caía, principalmente durante a noite. Os pés ficavam de fora da tenda[23] e gelavam ao ponto de não os sentirmos. A nossa capacidade de resistência física era posta à prova. A idade e o corpo saudável contribuíam, em grande percentagem, para o equilíbrio exigido, dadas as circunstâncias, mas simultaneamente era necessária muita perícia, nada fácil porque para o efeito faltaram os treinos de preparação.

Inseridos nas provas de destreza, estavam também o *Pórtico* e o *Galho*[24]. Estes dois exercícios tinham a finalidade não só de medir as capacidades físicas mas também as psicológicas, ou seja, porem-nos à prova mediante o tão famoso obstáculo para saltar. Não era fácil, e nem todos o conseguiam, era necessário acrescentar alguma coragem e, como factor principal, a vontade de o fazer. Se o salto fosse mal executado poderia eventualmente causar lesões graves ou, pior ainda, provocar a queda.

Figura 1. Exercício de salto ao Galho (Leiria).

Figura 2. Exercício do Pórtico (Leiria).

O *Pórtico*[25] era, como todos os outros obstáculos, obrigatório. Dotado de considerável grau de dificuldade, sobretudo devido à sua composição, (esqueleto) equivalente à altura de um edifício com dois pisos, o exercício exigia grande destreza e colocava à prova a capacidade de nos mantermos equilibrados sobre uma base de apoio extremamente estreita durante o tempo suficiente para que, no mínimo, se desse uma volta completa em cima da estrutura. Não existia qualquer tipo de protecção, a queda causaria, na melhor das hipóteses, lesões físicas consideráveis.

[22] A *Semana de campo* teve, como o nome indica, a duração aproximada de sete dias, consistia em acampamentos montados para preparação militar com base em diversos exercícios, mormente simulações de combate em emboscadas, exercício físico com lutas de combate corpo a corpo, manuseamento de armas e de explosivos.

[23] As tendas de campanha eram de pequena dimensão, os militares com mais altura tinham grande dificuldade em se protegerem do frio.

[24] *Galho*. Tronco de árvore com uma espécie de braço para onde tínhamos que saltar.

[25] *Pórtico*. Formado por vigas assentes em pilares com a altura mais ou menos de dois pisos.

Um dos exercícios apontado por todos como o mais difícil aconteceu durante uma noite, a *operação nocturna*. Para nosso espanto mantiveram-no em segredo absoluto até ao último segundo, sem que nos tivéssemos apercebido da sua existência, uma incómoda surpresa para todos nós.

A totalidade do percurso foi realizada através do leito de um rio e a *caminhada* era executada praticamente às escuras. A prova tinha como objectivo principal, para além da obrigatoriedade de se chegar ao final, enfrentar diversos obstáculos, alguns dos quais muito difíceis.

De ambas as margens ouviam-se gritos, insultos, ameaças, tiros de *G-3*, acompanhados de vergastadas à medida que íamos avançando, num ambiente de enorme algazarra, muito confuso, que nos amedrontava. A única hipótese de fuga que tínhamos à nossa mercê era correr, mas sempre com o maior cuidado para não tropeçarmos, procurando manter um ritmo certo e se possível com a preocupação de não pararmos. Chegámos ao fim completamente exaustos. Um dos camaradas, o Henrique, caiu e acabou por sair profundamente encharcado e muito debilitado. Outros não conseguiram finalizar o percurso.

Os objectivos propostos para esta prova foram muito difíceis de cumprir porque para além de todas as barreiras com que nos deparámos, a escuridão amedrontava-nos e também enfrentávamos o desconhecimento total do percurso. A maioria acabou com a farda molhada e num estado muito fragilizado, chegando mesmo a manifestar um sentimento de revolta pela tamanha desumanidade do evento. Será que esta preparação era adequada para uma guerra de subversão, ou puro entretenimento?

Trepar as cordas braçalmente e rastejar sob arame farpado também constavam da *ementa*, uma série de obstáculos em cadeia para pôr à prova a capacidade atlética e de resistência demonstrada em cada um deles. Para quem passou a juventude agarrado a um estirador, e sem ter praticado qualquer tipo de desporto, não foi tarefa fácil. Com grande esforço, um pouco de perícia e alguns arranhões à mistura lá acabei por transpor os desafios propostos.

2.2. A carreira de tiro

Foi numa das primeiras semanas da Recruta que tivemos, pela primeira vez, contacto directo com a arma que seria a nossa *companheira* durante toda a comissão em África. Após nos ter sido distribuída a G-3 foram-nos dadas as instruções adequadas à sua utilização e manutenção (incluindo montagem peça a peça), relevantes para o seu eficaz manuseamento. Para o efeito tivemos aulas práticas, com explicações destinadas a cada fase de instrução. Esta era uma etapa da recruta de grande responsabilidade, uma vez que a nossa sobrevivência dependia da capacidade que cada militar tinha de autodefesa, ou de ataque, daí a elevada importância de todo este processo de assimilação.

Se conhecer a arma e cuidar bem dela como se fizesse parte de nós era muito importante, do mesmo modo o seu manuseamento não deixava de ser também significativo e de enorme relevância, porque da eficácia em responder sempre que necessário dependeria a própria vida e possivelmente também a dos outros. Para o efeito deslocámo-nos à carreira de tiro, local de aprendizagem

por excelência, com alvos à distância, onde teríamos que fazer mira e disparar após as instruções necessárias.

Tendo sobretudo em conta todos os perigos resultantes do exercício da sua utilização era necessária máxima concentração com a preocupação de manter a arma apontada para a zona dos alvos e, quando em descanso, virada para o ar. Mas nem sempre assim acontecia e quando, por algum motivo, a arma encravava, os avisos de perigo eram esquecidos e ao tirarem dúvidas os recrutas por vezes apontavam-na ao instrutor. Felizmente, connosco não aconteceram acidentes dignos de registo. Por sorte, quando passámos por uma situação semelhante a arma efectivamente não funcionou, contudo não deixou de provocar um tremendo susto.

Os acidentes ocorridos em exercícios militares eram frequentes, e os mais graves aconteciam quando estavam envolvidos materiais de guerra. A prematura utilização por parte de militares inexperientes, mal preparados, com um tempo curto de aprendizagem, poderia eventualmente ser uma das causas a apontar, como facilmente se compreende. Mas, apesar de todos estes contratempos, a recruta cumpriu-se sem *azares* dignos de registo. Todavia, o mesmo não aconteceu já em terras de Angola, como se verá mais adiante.

2.3. A marcha

Também tivemos uma espécie de caminhada, uma marcha em formação de coluna do RI-7 até ao litoral, (cerca de 30 quilómetros) com o fato de trabalho, de botas calçadas e a arma às costas. No final, a maioria queixou-se das bolhas nos pés, e da dureza do percurso. Aqui também esteve à prova a nossa capacidade de resistência. Foi um dia para esquecer ou, quem sabe, recordar.

Tudo era feito com base na preparação militar, que nos levaria até à guerra no Ultramar. Excluindo alguns pormenores com interesse, não vi qual seria a ligação dos exercícios ao conflito. Faltavam, a meu ver, outros tipos de acções, nomeadamente uma preparação física adequada à guerrilha e ao clima africano.

Talvez devido à ausência desse treino específico, ao executar um dos exercícios, em que era obrigatório transpor um muro, fiz uma contractura que me afectou a coluna. Estávamos quase no final da recruta, e nessa altura era muito complicado ter que baixar à enfermaria. Constava que se o fizéssemos e ficassemos de baixa ou internados por ordem médica, poderíamos perder a recruta. Não se tratando de uma lesão grave, suportei a dor durante uns dias, de forma a não ter que fazer tudo de novo.

Do mesmo modo não estavam comtempladas aulas de acompanhamento psicológico, e sobretudo, não menos importantes, reuniões de esclarecimento e de aconselhamento, que pudessem quebrar a ansiedade e a angústia que já se começavam a sentir.

Fiz amigos, um pequeno grupo de excelentes camaradas. O pelotão a que pertencia era formado por militares oriundos de todas as partes do país, mas, como em tudo, no meio desses jovens existem sempre aqueles que por alguma razão se evidenciam, merecendo a nossa confiança. E isso,

pouco a pouco, foi acontecendo muito naturalmente. Destaco dois grandes companheiros, que se tornaram bons amigos e mantivemo-nos unidos até ao final da recruta. Um deles, o Henrique, seguiu comigo para a especialidade. Quanto ao outro, o Álvaro, não voltei a vê-lo. Apenas mantenho as memórias dos excelentes momentos que partilhámos.

Tive aqui a oportunidade de poder pertencer à classe dos sargentos[26]. Dizia-se que para o conseguir era obrigatório responder correctamente aos testes, incluindo o que tinha como base principal um exercício auditivo de interpretação de Morse[27]. Num salão de dimensões consideráveis havia altifalantes espalhados a *vomitar* sons (diziam que eram pontos e traços, separados por micro espaços de silêncio, correspondentes a letras) que teríamos de identificar. No recinto estavam militares graduados a fiscalizar, proibindo qualquer tipo de ajudas. Não fui capaz de ordenar tal confusão. Perante tamanha dificuldade na identificação dos ruídos a que apelidavam *Morse,* ainda dei um berro, manifestando a minha revolta, sujeitando-me a ser apanhado e severamente castigado. Não fui identificado, dadas a solidariedade e camaradagem, que já nessa altura se fizeram sentir. Sendo assim, e após esse primeiro fracasso, continuei normalmente a recruta.

Nunca deixei de conviver com os restantes companheiros do meu pelotão, porém destacaram-se esses dois amigos, excelentes seres humanos, bons companheiros, de quem guardarei sempre boa recordação. Essa união era a única forma de nos protegermos. Sabíamos que estávamos ali naquilo a que chamavam *preparação* para uma guerra que decorria lá longe, em África, nas Províncias Ultramarinas.

Não posso deixar de recordar um outro camarada que com a sua excelente voz nos deliciava com canções italianas[28], nomeadamente a mais solicitada *Chitarra romana.* Infelizmente a memória traiu-me, não recordo o seu nome, fica aqui esta humilde referência, como prova de que não foi esquecido.

Se antes me sentia mais ou menos informado acerca do que seria o serviço militar, tudo se desvaneceu aqui em Leiria, uma vez que a adaptação, se é que existiu, foi muito difícil. As expectativas não ficaram muito aquém dos relatos que ia ouvindo por toda a parte, embora me sentisse desiludido e compreendesse porque é que muitos jovens fugiram à tropa, abandonando o país com medo da guerra.

Dei por mim muitas vezes numa espécie de reflexão e a colocar a questão da preparação militar. Aquilo que nos obrigavam a fazer ia servir para alguma coisa? Seria aquela a forma adequada para uma guerra de guerrilha e de permanente surpresa?

---

[26] Constava, na altura, que existia dificuldade em formar quadros superiores para incorporarem os Batalhões, nomeadamente sargentos. Daí o recurso ao recrutamento de militares com capacidade para ocuparem esses lugares, mesmo sem as habilitações exigidas.

[27] *MORSE* – Aparelho telegráfico, inventado por Samuel Morse, e que serviu de base à maioria dos aparelhos telegráficos. Muito usado no Exercito português nas comunicações durante a guerra colonial. As transmissões eram enviadas em código, o *CÓDIGO MORSE* – código telegráfico que utiliza um alfabeto convencional feito de pontos e traços (LAROUSSE, 1998: vol. 16, p. 4887).

[28] Adriano Celentano, Gianni Morandi, entre outros, eram os mais ouvidos na década de sessenta.

Nunca me senti esclarecido, as minhas dúvidas mantiveram-se durante todo o tempo até chegar a Angola, e aí, no terreno, outras se levantaram. Não se podia adiantar mais, eram assuntos interditos. Acresce que nunca tivemos sessões de esclarecimento sobre o que quer que fosse, nomeadamente o que nos esperava, que tipo de obstáculos, quais as soluções, e, devido a isso, foram inúmeras as contrariedades que tivemos de enfrentar.

Mas, apesar de todos os contratempos, talvez devido ao esforço despendido na preparação física, ou, quem sabe, pela qualidade do *Rancho*[29], cheguei a aumentar o meu peso. Todavia, não fiquei surpreendido uma vez que, além de ter apetite, passei a comer refeições a horas certas.

O período estipulado para a duração da Recruta aproximava-se do seu termo, e uns dias antes já se começava a especular qual seria a classificação final, a especialidade que nos estava eventualmente atribuída e o local para onde teríamos que rumar. Conjecturas que, quanto mais não fosse, ajudavam a manter as conversas de caserna, muito embora resultasse complexo antever as decisões que iriam ser tomadas em relação a cada um de nós.

O maior receio, ao fim de todo o esforço nestes três meses, era colocarem-nos como atiradores ou sapadores de minas e armadilhas e, como se compreende, a ansiedade era enorme. Tínhamos consciência de que se tratava de duas especialidades temidas por todos, que nos obrigavam a estar permanentemente em contacto com o inimigo, e isso era, sem dúvida, um pesadelo.

Todos temíamos o pior e o futuro de cada um era, quase sempre, o principal tema de discussão na caserna. Esse *segredo* teria que ser desvendado e numa célebre e quase derradeira formatura, com a chamada dos recrutas um a um, os responsáveis iam deslindando esse mistério.

Foi-me atribuída a especialidade de *Radiomontador*[30] curso que seria ministrado na Escola Militar de Electromecânica em Paço de Arcos[31]. Mesmo não conhecendo o paradeiro que me estava destinado fiquei tranquilo, não ia para atirador.

Finalmente a recruta chegava ao fim, aproximando-se as merecidas férias. As minhas idas a casa neste período foram escassas. Não me lembro de ter tido qualquer tipo de vencimento, além disso creio que o *pré*, se existiu, não dava sequer para um café.

Era tempo de visitar a família, ver os amigos, recuperar forças e procurar angariar alguns *fundos* para percorrer a etapa seguinte, contar um pouco da nossa aventura, esclarecer algumas curiosidades e, sobretudo, procurar distracção para esquecer o que já ficara para trás e começar a pensar no que se aproximava. Não me recordo de ter tido algum momento de resignação, porém sabia que não nos restava alternativa. Por outro lado, nunca coloquei a hipótese de fugir. Estar com a família, principalmente junto da Mãe, era uma espécie de conforto para lhe fazer esquecer, por momentos, que lá longe, em Luanda, estava um outro irmão, casado e com uma filha recém-nascida,

[29] As refeições, pela novidade, ou pelo esforço a que estávamos sujeitos, comiam-se sempre com apetite, com maior destaque para o pequeno-almoço.

[30] Esta especialidade abrangia fundamentalmente as áreas de electrónica e electricidade, duas disciplinas, distintas na aprendizagem, mas que dependiam uma da outra.

[31] O curso para furriel ficou para trás, assumo *mea-culpa*. Em contrapartida foi-me atribuída a especialidade de Radiomontador. Talvez por ter frequentado o curso de Electricidade, ou por influência da classificação final conseguida.

a cumprir serviço militar. Desertar nunca esteve nos meus planos, mas sabe-se que foram milhares os jovens, em idade militar, que abandonaram o país, fugindo à mobilização. Toda a década de sessenta foi de grande emigração, o país vivia um período muito difícil, elevada percentagem da população portuguesa era pobre, e talvez por isso o espírito de aventura tivesse um efeito contagioso e motivasse também os jovens.

Na altura ouvia-se falar que muitos decepavam o dedo indicador para se livrarem do apuramento militar. A *cunha,* uma prática corrente por tradição, era muitíssimo difícil de conseguir. Só os mancebos doentes ou com deficiência física eram dados como isentos para o serviço militar, após rigoroso exame médico.

Com o decorrer da guerra, a captação de voluntários era uma necessidade que começou a ser uma prática corrente. Um dos motivos dessa opção foi a carência de militares para formar Batalhões, que na altura já se fazia sentir. Os recrutamentos incluíam a Marinha e o Exército e recebiam os que se ofereciam como voluntários a partir dos 18 anos de idade.

2.4. As vacinas

Pouco tempo após o ingresso no serviço militar iniciou-se um longo processo de vacinação. Devido à sua importância preventiva, esta acção sanitária começou na recruta com as primeiras vacinas contra a Varíola e a Cólera, esta última repetida pelos três anos seguintes. A primeira foi administrada pela segunda e última vez em Novembro de 1971, altura em que nos aproximávamos do embarque para África. Nas vésperas da viagem foi-nos administrada uma outra, e não menos importante, contra a Febre-Amarela.

Todo este ritual se processou, embora sem nos transmitirem a sua utilidade, ou qualquer esclarecimento. Todavia, dava para entender que a vacinação era preciosa, a única forma de nos proteger contra as possíveis doenças tropicais.

À chegada a Luanda, e já no Grafanil, foi-nos injectada a vacina contra a Mosca TSÉ-TSÉ, uma espécie de insecto que, através da picada, propaga a doença do sono.

Dada a violência da reacção à vacina, após a sua administração tínhamos que, obrigatoriamente, permanecer deitados durante o tempo necessário para que o efeito acalmasse. Sem esta prevenção corríamos o risco grave de contrair a doença.

Não existia qualquer tipo de tratamento contra o paludismo, apenas nos eram distribuídos comprimidos para ingerirmos ao almoço, como prevenção da doença, que também contribuiu para algumas baixas. Mas nem sempre os medicamentos resultaram. Eu, por exemplo, acabei, como tantos outros camaradas, por ser uma vítima dessa terrível enfermidade. Por cinco vezes fui atingido e senti os efeitos de febre elevada, acompanhada por arrepios de frio e uma fraqueza aterrorizante que me dominava todo o corpo. Felizmente a medicação e os excelentes cuidados do pessoal clínico foram eficazes, ou talvez tivesse a sorte do meu lado.

Figura 3. Certificados de vacinas.

Certificado de Vacinação ou de Revacinação contra a Variola
Certificate of Vaccination or Revaccination against Smallpox
Certificat de Vaccination ou de Revaccination contre la Variole

Bat. Cav.º 3162 P.C.S.
Certificado Internacional de Vacinação ou de Revacinação contra a Cólera
International Certificate of Vaccination or Revaccination against Cholera
Certificat International de Vaccination ou de Revaccination contre le Choléra

2.5. O juramento de bandeira

O dia do juramento de bandeira[32] levou a Leiria muitos familiares que assistiram ao evento, uma cerimónia que reuniu todos os recrutas, assinalando o final da preparação militar. Um momento de festa para a unidade, que queria mostrar com todo o orgulho o resultado do trabalho investido nos seus *pupilos*.

Foi um dia diferente, com direito ao rancho melhorado, culminando com o fim da recruta. Assim terminou uma etapa, fechou-se a primeira porta, abria-se o caminho para uma nova e importante aprendizagem, a especialidade, que se iniciou logo que terminaram as minifférias.

Ficavam para trás os novos amigos, cada um para seu lado, dizia-se adeus à cidade, quebrava-se uma rotina, virava-se uma página e abria-se um novo capítulo. Nasciam expectativas, e partia-se novamente para o desconhecido.

[32] O Juramento de Bandeira era feito em formatura, com a chamada farda de saída, devidamente cuidada, em sentido e com o braço direito estendido (fazendo lembrar a saudação usada na Mocidade Portuguesa) e, em uníssono, era pronunciado o respectivo juramento.

3. A Especialidade

Terminado o tempo ao qual foi dado o nome de recruta, com a duração de cerca de três meses, na cidade de Leiria, e após nos terem comunicado a especialidade que nos foi atribuída[33], houve que fazer novamente as malas, arrumar os nossos pertences, e partir, após umas minifférias com a família, em direcção à EMEL, em Paço de Arcos, acompanhado da respectiva guia de marcha. Normalmente as viagens eram feitas de autocarro, no entanto existiam guias de marcha que eram obrigatórias em situações de deslocações, devido à mudança de quartel, sendo fornecidas pelo exército. Neste caso, todo o percurso era gratuito, e tinha que ser feito de comboio e geralmente de noite.

Viajar nos autocarros, com lotação controlada, dava-nos outra estabilidade e maior conforto na viagem, mas não impedia que em caso de adormecimento encostássemos, sem querer, a cabeça ao ombro do companheiro do lado. Também tínhamos a possibilidade de parar, mais ou menos a meio do percurso, junto à estrada nacional N.º 1, para saborearmos as famosas bifanas, acompanhadas por uma cerveja fresca. Mesmo de madrugada estas paragens eram obrigatórias e a maioria saía para desfrutar de tal petisco e aproveitar para *esticar* as pernas[34].

Geralmente eram viagens sem comodidade, os comboios circulavam sempre superlotados, os passageiros eram na sua maioria militares, a dificuldade de descansarmos era muita. O fumo dos cigarros, o cheiro do suor e o amontoar das bagagens tornavam as viagens extremamente incómodas. As prateleiras por cima dos bancos destinadas às bagagens eram utilizadas também como lugar para viajar e, se possível, dormir.

Figura 4. Recruta – da esq. para a dir.: Álvaro, Henrique e o autor (Leiria).

[33] Nunca cheguei a saber quais os critérios de selecção que foram utilizados.

[34] Nesta época não existiam auto-estradas, as viagens eram longas e muito cansativas. Normalmente, Porto-Lisboa durava a noite toda, com uma paragem sensivelmente a meio do percurso.

3.1. EMEL – Escola Militar de Electromecânica

Será que estas constantes mudanças, que nos eram impostas, estavam antecipadamente programadas? Será que este vai e vem era uma forma de nos endurecerem e tornarem insensíveis, quebrando desta forma todos os elos de amizade conquistada? Na verdade nunca obtive resposta para questões como estas, mas fiquei sempre com a impressão de que nada era feita ao acaso.

Mas se, eventualmente, a finalidade era esse desprendimento de sentimentos e um corte de relações entre os militares e amigos, mantendo-os longe da terra natal e da família, da minha parte posso garantir que não resultou. De cada vez que me obrigavam à mudança, uma parte de mim ficava para trás. Por outro lado, existia a vantagem de adquirirmos experiências únicas, e também a de fazermos muitos e bons amigos[35]. Fica a memória de um pelotão coeso e muito unido, ao qual tive muito orgulho em pertencer, e que por ordens superiores tinha de ser forçosamente dispersado.

Todavia era obrigatório olhar em frente, virar a página, e Leiria já contava só para o passado. Agora o rumo traçado ia dar a Paço de Arcos, na linha de Lisboa-Cascais, a uma Escola Militar.

Dizia-se que essa entidade pertencia à Força Aérea, e até constatava que, ao contrário dos quarteis do exército, tudo era muito diferente. Se estava expectante, vim a confirmar isso. O quartel destacava-se pela forma como era exercida a disciplina, existindo bom ambiente entre todos, incluindo as diversas patentes, sendo de sublinhar a qualidade da alimentação.

As refeições eram confeccionadas e distribuídas igualmente por todos, não existia cozinha separada, os oficiais sentavam-se à mesa dos restantes militares, sem excepção, e não se notavam aqui as diferenças hierárquicas. Tudo decorria com normalidade, num ambiente de relacionamento saudável, onde se respirava respeito e se convivia num clima harmonioso e, sobretudo, sem atropelos.

A especialidade[36] de *Radiomontador* que me foi atribuída tinha como finalidade o apoio técnico e a manutenção do material de telecomunicações, nomeadamente os rádios e as fontes de alimentação dos aparelhos, conservando os equipamentos em bom estado, garantindo, se possível, a sua reparação em caso de avaria[37]. Do mesmo modo, cuidávamos da manutenção dos geradores, única fonte de energia eléctrica fornecida em todos os destacamentos.

Para o efeito eram-nos ministradas aulas teóricas e práticas[38] de *Electricidade* e *Electrónica* – com o apoio das disciplinas de Matemática e Português. Foi uma especialidade longa e de bastante exigência na aprendizagem, com testes de avaliação à medida que se iam adquirindo conhecimentos com implicação na atribuição da classificação para nota final de curso. Reprovar era voltar atrás e o destino mais provável seria uma das piores especialidades.

---

[35] Do pelotão apenas ficou o Henrique com a mesma especialidade. Quanto aos outros, perdi-lhes o rasto. Cada um foi para seu lado, nunca mais soube do seu paradeiro.

[36] Denominava-se especialidade a função que nos era atribuída, categoria essa que era dotada de uma formação específica adequada a cada actividade, e com a qual iriamos exercer funções durante toda a comissão de serviço no Ultramar.

[37] Em caso de avaria grave e de difícil solução, devido à escassez de meios, os equipamentos eram enviados para a manutenção central.

[38] As aulas práticas eram executadas em oficinas de electrónica, os denominados laboratórios.

Ao ser colocado aqui tive inúmeras vantagens, nomeadamente a que se refere à parte económica. O primeiro *ordenado,* o famoso *pré*, foi pago, após longa espera numa fila, com uma moeda de cinquenta centavos. A ausência de recursos financeiros privava-me de sair do quartel, ir a casa ou passear nas redondezas, ir a um cinema, a um restaurante ou mesmo até à capital. Era uma dificuldade que tinha de ultrapassar, porque permanecer todo o tempo sem passar a *Porta de Armas*[39] não era situação que me agradasse particularmente.

E para isso resolvi fazer os serviços escalados a outros colegas, com uma contrapartida em dinheiro[40] combinada antecipadamente. Existiam militares casados, que queriam ir visitar a família, e outros com possibilidades financeiras que preferiam pagar o serviço e ficarem livres no fim-de--semana. No meu caso foi uma grande ajuda, uma das formas que encontrei para poder também sair e usufruir dessa liberdade. Por vezes era convidado por um camarada para irmos jantar fora com o dinheiro que, segundo dizia, *ganhava na marginal*[41].

Figura 5. Emblema da Escola Militar de Electromecânica.

3.2. A carreira de tiro

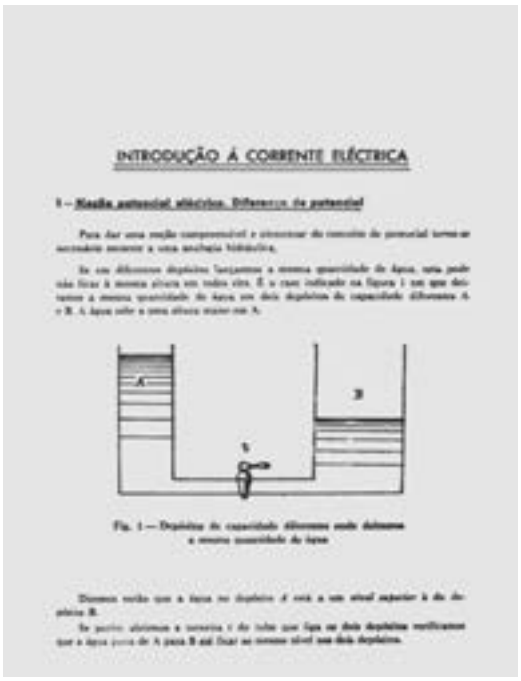
Para além do curso com as respectivas aulas práticas e teóricas, pouco mais fizemos, se exceptuarmos as formaturas de saída e de inspecção. Não tivemos qualquer contacto com normas de defesa militar, nem tácticas de guerra ou reuniões de esclarecimento que se prendessem com assuntos bélicos. Nada disto constou neste percurso. Fomos uma vez à carreira de tiro e levámos connosco uma *MAUSER*, dotada apenas de um pente com cinco balas. Esta arma não tinha nada a ver com a G-3, considerada uma verdadeira e eficaz *máquina* de guerra, usada no Ultramar. A Mauser apenas servira para se praticar tiro ao alvo nas carreiras de tiro.

[39] Entrada principal do quartel.

[40] Era usual substituir-se os colegas que tinham possibilidades económicas de se deslocarem a casa. Isso fazia-se a troco de uma certa quantia acordada entre as partes.

[41] Nunca consegui saber ao certo como é que angariava o dinheiro.

Figura 6. Manuais da EMEL.



INTRODUÇÃO À CORRENTE ELÉCTRICA

1 — Noção potencial eléctrico. Diferença de potencial

Fig. 1 — Depósitos de capacidade diferentes onde debatem a mesma quantidade de água

ESCOLA MILITAR DE ELECTROMECÂNICA

ELECTRICIDADE

ELECTROSTÁTICA

Descargas atmosféricas

EL/E 04

Fig. 2 — Tríodo e circuitos associados

ESCOLA MILITAR DE ELECTROMECÂNICA

Fundamentos de Rádio

VÁLVULAS ELECTRÓNICAS

(2.ª PARTE)

Tríodo, multi-grelhas e especiais

RO/E — 02

Figura 7. MAUSER.

Figura 8. G-3.

3.3. As idas a casa

Durante a permanência em Paço de Arcos fui duas ou três vezes a casa, situação que se repetiu quando terminei a especialidade. Por razões económicas, preferi permanecer no quartel e sair até Lisboa numa ou noutra ocasião.

Utilizávamos a cabine telefónica, inicialmente a que se encontrava dentro do quartel, quando queríamos comunicar com a família, não eram necessárias moedas, a ligação era feita com um método muito eficaz, que os mais velhos nos ensinaram. Quando foi descoberta tão habilidosa *manobra* selaram a cabine, obrigando-nos a recorrer ao exterior, mas nunca colocámos de parte a utilização do tão precioso processo.

Um dia, ao passear nas instalações do quartel, dei de caras com uma arrecadação com diversos tipos de fardamentos. Entrei, dada a curiosidade que senti perante tão fabuloso e curioso recheio. Resolvi experimentar um uniforme de general, completo, e passear pela parada como se nada fosse. Um oficial assistiu de uma das janelas e imediatamente veio à minha procura. Com alguma agilidade consegui fugir à perseguição. Caso contrário, iria sofrer complicadas consequências por ter ousado fazer tal proeza. Enfim, uma brincadeira de mau (bom) gosto, que poderia ter tido um péssimo resultado.

Já em pleno verão e talvez esquecido da primeira irresponsável *travessura*, resolvi atravessar a parada e sair em calções de praia, com a toalha enrolada debaixo do braço. A Escola tinha um túnel sob a estrada que ligava Lisboa-Cascais e comunicava com a praia de Paço de Arcos, que ficava mesmo em frente. Fui visto em tal postura por um superior que queria apanhar-me em flagrante e, mais uma vez, consegui livrar-me dessa loucura. Tratou-se, como se compreenderá, de um procedimento com alguma irresponsabilidade, uma brincadeira fora de contexto, que poderia ter saído muito caro. Um comportamento grave, visto não ter respeitado a disciplina militar, que podia ter tido consequências imprevisíveis, de acordo com as leis impostas pelo RDM[42].

E mesmo assim, não tendo ficado satisfeito com tamanha rebeldia, resolvi pedir ao camarada Melo para entregar os meus *toques de ordem*[43], previamente preenchidos, para poder ir a casa visitar a família. Já não o fazia há muito tempo, e chegara a hora de pôr pés a caminho. Inicialmente tudo decorreu normalmente; o Melo entregava à noite as autorizações de saída ao oficial de dia e assim se procedia de acordo com os regulamentos. Só que numa ocasião o oficial de serviço, desconfiado, perguntou por mim, queria falar comigo, obrigando o meu camarada a ir à minha procura. Como não conseguiu justificar a ausência, o Melo entrou em pânico, telefonou para a cidade do Porto avisando-me do problema criado pela inesperada descoberta, pediu-me que regressasse o mais rapidamente possível, mas, novamente por leviandade, só voltei no fim de uma semana.

Ao chegar ao quartel, dirigi-me de imediato ao gabinete do capelão com o propósito de lhe solicitar ajuda. Aleguei como desculpa ter ido visitar o meu pai, que se encontrava doente, argumentei que se tratava de uma emergência. Procurei defender-me o melhor que sabia e podia. O Melo foi castigado com quinze dias sem poder ausentar-se, eu saí ileso da contenda. Reconheço que o meu procedimento em nada foi exemplar, pelo contrário, o castigado deveria ter sido eu. Esta minha impensável e leviana atitude não colocou a nossa amizade em causa, continuámos amigos até ao final da especialidade. A separação obrigatória aconteceu quando fui mobilizado para Angola e o meu companheiro de aventuras rumou até Moçambique.

3.4. O fim da especialidade

As despedidas foram um acto muito desgastante com que tive de me confrontar. Desde sempre experimentei enorme dificuldade em enfrentar esses momentos, quantas vezes muito complicado, na sua maioria de impossível solução.

Mas, infelizmente, passei por essas situações diversas vezes ao longo de todo este percurso, numa espécie de *sina* que quer perdurar e põe à prova a capacidade de enfrentar os momentos de separação, que envolvem sentimentos.

[42] Este *Regulamento de Disciplina Militar* nunca nos foi dado a conhecer, apenas nos exigiam deveres que tinham que ser cumpridos obrigatoriamente, quase sempre acompanhados de ameaças, sendo os nossos direitos inexistentes.

[43] Nome dado ao documento, assinado pelo Oficial de Dia, com a autorização de saída nocturna.

Desta feita e, mais uma vez, fui forçado a abandonar os amigos, o lugar e o quartel. A especialidade tinha terminado[44], obrigando-me a fazer as malas para rumar a Santa Margarida (a minha nova *casa*). Ainda tive tempo de ir visitar os pais, despedir-me dos amigos e da restante família, passar umas minifférias e com a guia de marcha apresentar-me no RC-4 para integrar o BCav.3862, apelidado de *Cavalo Branco*, a formar-se na altura, para de seguida rumarmos em direcção a Lisboa, ao cais de Alcântara, onde nos esperava o paquete Vera Cruz, com destino a Luanda.

Ao ter que abandonar Paço de Arcos ficam as memórias de um período que, por obrigação, tive de atravessar. Transição essa que apesar de tudo não deixou de ter o seu lado bom. Gostei da escola, da utilidade da aprendizagem, que serviu como complemento ao curso de electricidade e, sobretudo, ficam as recordações dos tempos bem passados, de excelente convívio e óptima camaradagem. Apenas se mantém a dúvida: o que aconteceu aos meus camaradas de curso? Para onde foram? O que é feito deles?

A EMEL era efectivamente um lugar muito especial, todos o diziam antes de lá chegarmos e, quando tive a ocasião de o constatar, não fiquei nada desapontado, de facto excedeu todas as expectativas.

Para trás ficava um curso de excelente nível e com óptimos professores[45], dotado de magníficas instalações, e sobretudo sinais dignos de um óptimo relacionamento, no qual se respeitava a privacidade e a dignidade de cada um.

Impôs-se novamente a separação dos companheiros de curso e daqueles que já considerávamos amigos. Para trás ficavam as guitarradas do Henrique, do Melo e as nossas aventuras. Ambos foram os amigos que todos gostávamos de ter, dotados de excelentes qualidades, das quais a solidariedade se destaca como *bandeira* obrigatória. Recordo as facetas arriscadas porque tive de passar, as cenas inventadas para me ausentar do quartel sem autorização, a música matinal logo após o toque de alvorada, a praia e, sobretudo, o excelente convívio.

Ficam para a história as noites passadas de serviço nocturno[46] junto à marginal Lisboa-Cascais, do outro lado do muro onde estava a liberdade, e eu ali perto do arame farpado cumprindo uma ordem, convicto de que a minha juventude também ficava para trás.

Por detrás das redes vejo o mar
Calmo, sereno, espelhando a luz do sol.
Mais além um braço de areia
Parece como que indicar
O mundo que daqui não vejo
Mas que desejo encontrar!
Aqui tão perto oiço o vai e vem dos carros,
Aquele barulho infernal

[44] A estada em Paço de Arcos durou desde 15 de Abril até 31 de Julho de 1971.

[45] A EMEL era uma escola de referência, reconhecida por várias entidades, civis e militares, pelo elevado nível académico.

[46] O abrigo onde tínhamos que permanecer por turno durante, pelo menos, quatro horas, até à rendição, ficava virado para a marginal. Era o meu posto favorito, um cenário fascinante, dado que estava voltado para o mar.

Que muitas vezes incomoda
Parece agora como que ajudar
A passar o tempo.
Não estou preso, mas quase considero isso
Lá fora tudo é livre! Tudo é belo!
Eu, aqui, cumpro uma ordem.
Sinto não poder nunca mais
Encontrar aqueles momentos
Em que eu via
Do outro lado das redes
Aqui um outro.
E nessas passagens eu era
Somente eu…[47]

Do curso seguiram comigo para completar o trio de radiomontadores pertencentes ao mesmo Batalhão, o Ercílio e o Carêto. Quanto aos restantes camaradas, nunca mais soube do seu paradeiro.

Cada vez mais me convencia que os valores como os da nossa sensibilidade não constavam nos livros de formação do exército, e estes vai e vem constantes, a par de um fazer e desfazer malas de nada valiam. Qual o verdadeiro sentido disto? Deram-nos um número e esse é que contava como prova da nossa identificação militar; com ele tínhamos que nos fazer representar. Eram esses algarismos que valiam nas listas, nos relatórios e fundamentalmente na logística, que admiravelmente dava provas de ser infalível e implacável.

Tive que fazer as malas novamente, arrumar tudo para um canto, limpar as ideias, e, partir mais uma vez, em direcção ao desconhecido. Tudo isto se tornou um hábito, já o fazíamos mecanicamente, e agíamos como fosse muito natural. Todavia isso não impedia que colocássemos várias questões, debruçando-nos sobre elas, materializando a liberdade de reflectir. Será que tinha de ser mesmo assim? Tudo era premeditado? Queriam-nos endurecer, física e psicologicamente, ao ponto de ficarmos insensíveis e frios? Mas para que raio de sítio nos queriam enviar?

4. SANTA MARGARIDA – RC4

Estávamos em agosto de 1971, recruta feita, especialidade terminada e férias gozadas. Faltava apenas a concentração em Santa Margarida para a partir daí sermos integrados na CCS, pertencente ao BCav 3862, que iria cumprir a sua comissão de serviço em Angola.

Lá estava eu, mais uma vez, *com a casa às costas*, transportando toda a *tralha* que me acompanhara. E novamente perante o desconhecido, enfrentando as caras novas, quase todas, com a excepção de uma ou outra vinda da recruta, com as quais me cruzara. Os camaradas da especialidade

[47] Poema escrito no posto de vigia, junto à marginal, em Maio de 1971.

foram distribuídos pelos diversos Batalhões que, como o nosso, se estavam a formar de modo a embarcarem para o Ultramar.

Aí tudo se complicou. Forçosamente fui encaminhado para uma nova, rápida e difícil adaptação. Apesar de ter adquirido alguma experiência, não me sentia minimamente preparado para aguentar por muito tempo a minha estada neste confuso aglomerado de pavilhões a que chamavam quartel.

À mais pequenina distracção ficávamos sem as nossas coisas. Recordo o dia em que o Henrique veio ter comigo, muito preocupado. Da cama só lhe deixaram o esqueleto de ferro. Colchão, lençóis, fronhas e manta tinham desaparecido num ápice.

– Não te preocupes, disse-lhe.

Fui dar uma volta e, ao fim de algum tempo, já tinha tudo o que ele precisava. Era assim que se resolviam as coisas e, mesmo no final, depois de conferido, o equipamento estava completo.

Afastado da *civilização* e num isolamento quase total, uma vez que em cada canto cheirava a tropa, senti que estava no início de toda esta *epopeia*, ou talvez de coisa nenhuma. Dada a confusão que se fazia sentir, cheguei a desejar embarcar rapidamente, só para me ver livre daquele ambiente austero e que me era completamente adverso.

A dimensão do campo militar só por si era assustadora, distante do centro urbano. Colocavam-nos numa situação de isolamento em relação ao mundo exterior. Ao entrar na porta de armas deparei-me com uma autêntica *cidade*, dotada de uma larga avenida e no topo uma Igreja. Lateralmente havia vários pavilhões com diversos arruamentos e vários jardins. Ao longo da avenida estavam estacionados tanques de guerra[48].

Eram às centenas os militares com que me cruzava. Sentia-me um estranho, à procura de alinhar as ideias. Perante aquele ambiente, não me reconhecia em nada e percebi, diante de tal cenário, que estava num meio que me era adverso, onde tudo me parecia demasiadamente confuso. Aos poucos fui caindo na realidade, procurei concentrar-me no que estava a fazer, e naquele momento precisava de assentar, procurar os aposentos, a caserna, para que, e mais uma vez, me pudesse instalar e encontrar o Superior a quem tinha, por norma, que entregar a guia de marcha e me apresentar ao serviço daquela unidade militar.

Aqui eram formados os Batalhões que seguiriam para o Ultramar. A Companhia a que eu ia pertencer, denominada CCS, estava nessa fase. Eu, o Ercílio e o Carêto formámos o trio de técnicos radiomontadores. De todos os companheiros do percurso até aqui só ficaram esses dois; quanto aos outros desconheço-lhes o percurso, como já disse, nunca mais os vi.

Não foram nada bons os dias que passei em Santa Margarida. A comida era quase sempre intragável, lidavam connosco como se fôssemos reclusos. Num célebre dia colocaram-me de serviço na cozinha, para descascar batatas e lavar a loiça. O cheiro a gordura era agoniante, dava vómitos; era impossível aguentar todo aquele ambiente nauseabundo. O meu estômago não estava preparado. No entanto, e ao contrário da velha máxima, mesmo sem comer há que calar, como única opção.

[48] Para ocuparmos melhor o tempo de permanência em Santa Margarida foi-nos distribuída a função de montarmos os Rádios de comunicações nos Carros de Combate.

Tudo isto contrastava com o asseio e o aprumo que se via ao redor do aquartelamento, muito limpo, nem um fósforo se avistava no chão. Recordo aquela passagem, um pouco caricata, em que um militar depois de acender o cigarro atirou o fósforo e, logo de seguida, ouviu-se uma voz de um superior ordenando-lhe para que apanhasse aquela árvore que estava caída.

As ruas, muito bem cuidadas, transbordavam limpeza e os jardins eram muitíssimo bem cuidados. Ao longo da avenida principal, os tanques de guerra estavam estacionados e cuidadosamente alinhados, com excelente aspecto (constava-se que a maioria não funcionava), conferiam um ar imponente a toda aquela envolvência militar, exigindo o máximo respeito. Todavia, eram só aparências…

4.1. A disciplina

A disciplina militar era extremamente rigorosa, e muito ameaçadora, *ou fazes ou és castigado*, uma espécie de: *eu quero, posso e mando, não sais do quartel aos fins-de-semana, vais para o serviço de faxina* (normalmente na cozinha), ou mesmo para a cadeia. Por vezes sentia que nos tratavam como um bando de anormais ou de marginais. O facto de muitos terem divisas nos ombros não dava, aos oficiais, o direito de exigir subserviência, nem de se valerem desse estatuto para se sentirem *seres superiores*[49]. Não generalizo, seria injusto da minha parte fazê-lo, todavia nunca compreendi por que razão, em pleno tempo de guerra, se continuava a assistir a esse comportamento.

Tínhamos que respeitar escrupulosamente todas as ordens recebidas sem fazermos qualquer tipo de observação e, se possível, passarmos despercebidos, mantendo a velha máxima que defende a teoria de que não devemos dar muito nas vistas, sem nos deixarmos contagiar pela passividade excessiva, ou seja, mantendo o meio-termo como sendo o ideal. A melhor forma de sairmos dali ilesos passava sobretudo por sabermos dar a volta sub-repticiamente, caso contrário, as consequências teriam um custo elevado.

Constou, para meu espanto, e tenho enorme dificuldade em acreditar nisso, que um oficial matou um soldado à pancada. Todavia, desconheço os pormenores de tal violência, mas é certo que me intimidou bastante. Eram as notícias que circulavam, assim como também se ouviam rumores de que dois militares, na carreira de tiro, morreram num estúpido acidente, quando estavam a praticar o lançamento de granadas reais.

Sempre que recordo Santa Margarida revejo esses momentos inesquecíveis, a forma como os nossos superiores exerciam a autoridade e os excessos que eram aplicados sem qualquer tipo de escrúpulos, com clara evidência de abuso de poder[50]. Creio até que muitos militares aproveitaram essa mesma autoridade para extravasarem os seus complexos de inferioridade, numa espécie de vingança contra a sua própria natureza. Felizmente, a maioria estava ali a cumprir uma função a que fora também obrigada, com intenção de fazê-lo o mais pacatamente possível.

Tive a ajuda preciosa de um amigo de infância com quem me cruzei por acaso e que se encon-

[49] O mais caricato disto tudo, para minha surpresa, residia no facto de os milicianos serem os mais rígidos nas exigências.

[50] E a que de certa forma assisti também algumas vezes no Ultramar.

trava a cumprir o serviço militar. Era primeiro-cabo, já *velhinho*[51], estava fora da mobilização para o Ultramar, e prestou-se, dentro do possível, para me dar algum apoio e orientação no meio daquele ambiente completamente desumanizado, em que muitas vezes me senti perdido, reforçando a ideia que tinha de preferir o Ultramar a ficar ali. Por difícil que seja compreender tal sentimento, e após ponderar, concluí que ali naquele marasmo, sem dinheiro (o pré era miserável), nem sequer me recordo de ter recebido qualquer quantia, preferia rumar para outros destinos. Nunca me arrependi disso. Tudo aquilo que nos fizeram passar não era de todo previsível. Reconheço que, mesmo com a experiência já adquirida, fui totalmente apanhado de surpresa. Não estava preparado, não era o que tinha imaginado.

Talvez tudo tivesse a ver com o regime. Eventualmente por falta de formação, nunca entendi o porquê de tamanhos excessos.

O RDM era a *cartilha* pela qual todos, sem excepção, se deveriam reger, mas lamentavelmente não atingia a hierarquia militar na sua plenitude.

A rigidez com que a lei era aplicada não dava hipóteses a qualquer tentativa de defesa, uma vez que só atingia praticamente uma das facções. Os códigos de conduta exigidos na grande maioria das situações estravam do lado dos mais fortes, que exerciam ameaças de represálias frequentes, se por qualquer motivo fossem necessárias.

Esse manual de comportamento impunha normas que tinham que ser cumpridas rigorosamente, o que *a priori* era normalíssimo; compreende-se que, com a ausência de regras claras, o funcionamento descambava e tornar-se-ia num caos. Contudo, a forma como era exercida a disciplina excedia todos os limites do razoável, deixando de ser considerada autoridade para passar a uma *ditadura.*

As ameaças sob a capa dos *artigos* do código militar eram uma constante e, em vez de moderarem e equilibrarem os comportamentos, incentivavam o medo, como reacção dominante nessas situações.

Daí que todos estes factores provocavam um mal-estar geral que, ao ser levado ao limite do razoável, causava revolta. E, para não variar, havia o receio de imposição dos castigos, quase sempre com ameaça de prisão, que se juntava a outras apreensões, nomeadamente o medo das doenças, e, sobretudo, o temor da guerra.

Eu estava ali aparentemente de livre vontade, acima de tudo com a convicção de que cumpria um dever pátrio, que prometi cumprir no juramento de bandeira, e não me sentia tratado com dignidade; era mais um no rol, apenas e tão só um número. E repugnava-me a ausência de diálogo, a falta de esclarecimentos básicos. Tudo era muito formal e extremamente militarizado, vazio de conteúdo, transparecendo a ideia de que alguns militares eram servidores de grandes interesses pessoais e *lóbis*. Prevaleciam a *Voz grossa e os gestos largos*, completamente desumanizados, e desajustados, dadas as circunstâncias. Curiosamente, estávamos na década de setenta, em pleno século XX.

Para muitos esta era mais uma comissão de serviço, que significava uns milhares na conta bancária, uma viagem de passeio até África. Contudo, para mim e outros camaradas era o cumprimento de um dever patriótico, nada mais.

E lá estávamos nós a arrumar a *trouxa,* rumo ao desconhecido.

[51] Eram assim apelidados os militares com muito tempo de serviço militar.

Em 13 dez 71 teve lugar, junto à igreja do CAMPO MILITAR de SANTA MARGARIDA, um cerimonial de despedida em conjunto com o BART 3861, o qual constou de Formatura Geral, bênção e entrega de guiões aos Batalhões e flâmulas às Companhias. Presidiu o Comandante do Campo, Exmo. Coronel ARMANDO DA SILVA MAÇANITA e estiveram presentes o Comandante do R.C.4, Exmo. Coronel ALEXANDRE BAHIA DOS SANTOS e o Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Constância. Comandou a Formatura Geral o 2.º Comandante do BART 5551, Exmo. major Carvalho Pereira[52].

5. O DIA DO EMBARQUE

À chegada ao cais de Alcântara em Lisboa deparámo-nos com elementos do Movimento Nacional Feminino, que nos esperavam e muito gentilmente nos ofereceram um isqueiro, um terço e um pequeno livro do Novo Testamento, como que em jeito de despedida.

Foi a única vez que estive em contacto directo com as senhoras representantes desse movimento. Em todo o tempo de comissão não voltei a ver esses elementos, a não ser indirectamente, através dos aerogramas que, por gentileza, nos eram oferecidos tendo como principal função facilitar a correspondência, gratuita, com os nossos familiares e amigos. Se existia outro tipo de ajuda por parte daquela entidade, desconheço completamente. Além do mais, sempre achei estranha a sua ausência, durante a minha permanência em Angola, uma vez que a propaganda em relação à sua actuação junto dos militares era diariamente referida nos noticiários da Comunicação Social, RTP e EN. A ideia com que fiquei é muito difusa, se bem que a longa distância que nos separava da capital angolana fosse, de facto, um obstáculo, limitando as possíveis deslocações.

Finalmente chegou o *dia D*, o dia do embarque que nos conduziu até às terras africanas.

O ambiente que envolvia toda a zona junto ao Tejo era muito movimentado e extremamente confuso, devido ao barulho ensurdecedor e arrepiante que se fazia sentir, que se compreende dada a presença da multidão, que se dirigiu ali para se despedir dos seus.

Encostado ao cais lá estava ele, o paquete Vera Cruz, um barco de enormes dimensões, à nossa espera para nos transportar até Luanda. À medida que a lotação ia aumentando, os militares colocavam-se do lado virado para o cais. Sentia-se a inclinação do barco a aumentar. Os militares faziam-no na esperança de se despedirem mais uma vez.

Amigos e familiares enchiam as galerias do cais, uma multidão, gesticulando e acenando para os que iam embarcando e aos que já se encontravam a bordo, tornando o ambiente pesado e muito comovente.

Os gritos aflitos das mães e, possivelmente, de esposas, que assistiam à partida dos seus entes queridos, ouviam-se à distância. Eram momentos dramáticos, carregados de imensa tristeza e, infelizmente, para muitos, aquele era o seu último adeus.

[52] Arquivo Histórico Militar. Pasta do BCav 3862 – Col. Doc. 2/2/142/2. Caixa n.º 142-2.ª Div/2.ª Sec. Consultado em 21 de Dezembro de 2015.

Eu, não tendo ninguém no meio de todo daquele povo, também *quebrei* quando resolvi, por curiosidade, apreciar os acontecimentos. Senti uma enorme comoção perante o que se estava a passar e, não aguentando mais, talvez por falta de coragem, resolvi entrar para a sala de jantar, na tentativa de procurar um refúgio que me ajudasse a esquecer aquele cenário que muito me transtornou. Ainda não o consegui apagar da memória.

Mesmo os mais gélidos e insensíveis não ficavam indiferentes, a pressão exercida excedia todos os limites. Hoje, à distância, sinto muita dificuldade em descrever aqueles momentos únicos.

Ao fim de todo este tempo, um sentimento estranho ainda se mantém quando são relembrados aqueles inesquecíveis episódios. Será que tinha que ser mesmo assim?

O barco levantou a âncora e zarpou por volta das 20:00 horas, já de noite, do dia 14 de Dezembro de 1971, em direcção a Luanda.

Para trás ficaram os familiares, os amigos, os colegas de trabalho e sobretudo a minha juventude e a terra natal. Tinha 21 anos de idade. Viajavam comigo muitas dúvidas, angústias, demasiadas incertezas, imensos receios e, porque não dizê-lo, muita ignorância, estando no entanto convencido que me encontrava ali por dever, como cidadão, para defender o território português ao qual se dava então o nome de Províncias Ultramarinas.

Figura 9. Paquete Vera Cruz.

5.1. A viagem até Luanda

A viagem até Luanda durou nove dias, e nove noites, nela tiveram lugar as mais variadas situações e alguns acontecimentos de difícil compreensão. O barco era dotado de excelentes condições, só que não estava preparado para ter uma lotação tão excedentária.

Grande parte da minha Companhia foi alojada no porão, num espaço exíguo, mal cheiroso e escuro. Os aposentos assemelhavam-se a um favo de abelhas. Para dormir era preciso rastejar. Como companhia tínhamos o aroma do suor dos corpos. Perante tal cenário, recordo-me de perguntar a mim mesmo se me consideravam um militar, um prisioneiro de guerra ou, quem sabe, talvez um criminoso.

No decorrer da viagem tudo se foi degradando. Nas chamadas casas de banho, as fezes boiavam na água choca que cobria o chão, balançando de um lado para outro, provocando imenso fedor, indutor de vómitos. O ambiente era arrepiante e muito nojento.

Para os responsáveis, o fundamental era *deportarem-nos* para Angola, não importava a forma e como se transportava a *mercadoria.*

Quando o barco entrou na zona de clima mais quente (já se começava a sentir o calor do continente africano), abriram-se as comportas do convés. Finalmente, a luz solar já chegava ao porão e o ar ficara diferente. Para fugir a tão penoso *castigo* muitos de nós subimos ao convés à procura de ar puro e aí permanecemos quase até ao final da viagem. Pela primeira vez, apercebi-me da paisagem oferecida pelo mar imenso que nos rodeava, mar e somente mar. Era estranho, mas muito bonito, aquela massa de água metia muito respeito, mas não deixava de ser deslumbrante.

A paisagem, totalmente azul, exageradamente calma, duma beleza estonteante e simultaneamente rara, apenas era quebrada pelo rasto da passagem do barco, que ia deixando um manto branco de espuma a desfazer-se à medida que ia avançando.

Como companhia tínhamos os peixes-voadores[53] que pairavam sobre a água junto ao barco num vai e vem constante, (um *bailado* lindo de se ver) como que tivessem vontade de comunicar connosco. Nunca tinha assistido a tal espectáculo, sem dúvida uma maravilha da natureza.

Ao largo, de quando em vez, cruzávamo-nos com barcos de mercadorias de grande porte. Não me recordo de ter visto aves, nem barcos de pesca mesmo à distância.

No convés, assistimos ao lançar, para o oceano, de garrafas de cerveja por outros camaradas. Por curiosidade, fomos ver a razão por que o faziam. As garrafas que iam ficando vazias eram transformadas em invólucros onde colocavam mensagens, e de seguida atiradas ao mar. Não resistimos e resolvemos também fazer o mesmo. Nunca recebi qualquer *feedback*, nem tenho conhecimento que alguém o conseguisse. Apenas nos lembrámos da tradição, achamos piada e lá foram elas a boiar, *navegando* pelo imenso oceano. Estas *brincadeiras* ajudavam-nos a passar melhor o tempo de viagem.

Por uma questão de bem-estar, só descíamos do convés para o que sentíamos ser necessário, comer e dormir.

A bordo do navio seguiam também militares sob prisão[54]. Um deles, a certa altura da viagem,

[53] «Esses curiosos animais compreendem cerca de 40 espécies de peixes carnívoros e herbívoros da família *Exocoetidae,* encontrados apenas em mares de águas mornas. Todos eles têm o corpo fino e crescem pouco, atingindo no máximo 45 centímetros. Ao contrário do que se possa imaginar, esses bichos não voam como as aves, batendo asas para cima e para baixo. O que eles fazem, na verdade, é ganhar impulso para dar grandes saltos. Depois, abrem suas barbatanas para planar, ficando no ar por até 15 segundos. No vôo, o mais comum é que as espécies cubram uma distância de, no máximo, 180 metros». Disponível em: *Mundo animal.* In «http://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/o-que-sao-peixes-voadores-como--eles-voam/» consultado em 23 de Fevereiro de 2017.

[54] Entraram a bordo do paquete Vera Cruz sob escolta e algemados.

tentou o suicídio. Tiveram que o agarrar para não se atirar. Um outro *detido* entrou em conflito com um militar e a situação foi bastante tensa. Tratava-se de pessoas violentas e não foi fácil neutralizá-los. Não me recordo para onde foram enviados, nem sei se desembarcaram em Luanda. Também não cheguei a saber os motivos pelos quais viajavam connosco.

Já em pleno convés, a certa altura da viagem, creio que ao fim de cinco dias, tive que entrar no hospital do barco. Comecei a sentir arrepios de frio, febre alta e a ficar sem forças, e sobretudo com imensas dificuldades de me manter em pé. Foram os camaradas Carêto e o Santos que me aconselharam a deitar no chão, única forma para eu poder ser assistido clinicamente. Pegaram em mim e levaram-me para o interior, para a enfermaria do barco.

Tinha contraído o Paludismo, doença tropical provocada pela espetadela do mosquito, a famosa fêmea a quem deram o nome de *Anopheles* e que me obrigou a permanecer internado sob vigilância médica quase até ao final da viagem.

Em todo o percurso estivemos entregues a nós mesmos, o que reflectia o desinteresse total por parte dos nossos superiores. Durante o período em que permaneci a bordo e, mesmo quando estive doente, não tive a visita de nenhum oficial. Por se tratar de uma viagem longa e passível de situações merecedoras de algum acompanhamento por parte dos responsáveis, deveríamos ter outro tipo de atenção. No entanto a sua presença nunca se fez sentir.

Foi inútil esperar que, perante o que nos estava destinado, o ambiente entre todos se tornasse mais familiar e humanizasse o nosso relacionamento. Infelizmente, concluí rapidamente que continuávamos a ser mais um número no *lote* dos mobilizados, entregues à nossa sorte.

Senti-me muito revoltado naqueles atribulados dias, e as razões foram muitas. A alimentação a bordo, que inicialmente parecia ser de qualidade, aos poucos tornou-se também um tormento. Acresce que o enjoo aumentava à medida que os dias iam passando. O paquete de luxo passou a ser um transportador de *carne para canhão.* A lotação ultrapassou o limite de segurança exigido para uma viagem tão longa. O mais importante era colocarem-nos no Ultramar, independentemente da forma como se transportava a *mercadoria.*

Mas, como diz o povo, *há males que vêem por bem*, e no hospital do barco estive livre dos mosquitos, numa cama decente, beneficiando de algum cuidado na alimentação.

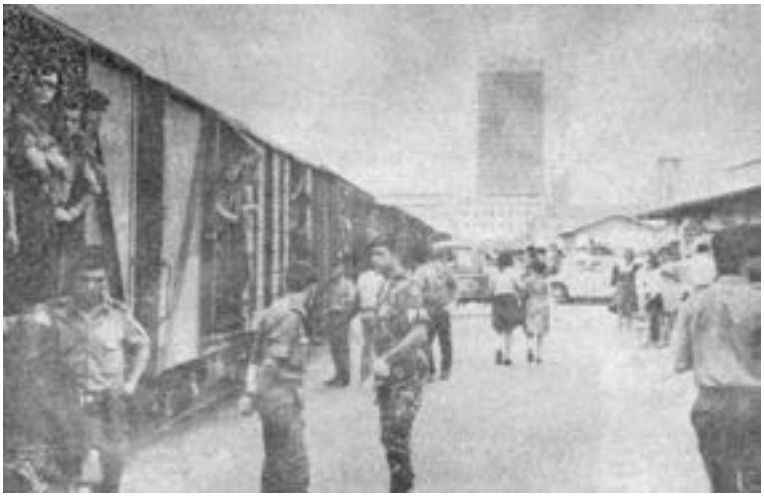
6. A CHEGADA A LUANDA

Finalmente, a 23 de Dezembro de 1971, e logo após o nascer do sol avistámos a cidade de Luanda, e por volta das 08:00 horas o barco ancorou. Pouco tempo depois de tomarmos o pequeno-almoço e arrumarmos a nossa bagagem, começámos a abandonar o navio.

Estávamos muito próximo do primeiro Natal passado em terras africanas. Após o desembarque partimos em direcção ao Grafanil, o Campo Militar onde iríamos permanecer até o final do ano. A deslocação decorreu num comboio de mercadorias, transporte de luxo, como se deve imaginar, um pouco a monte para não variar e não contrastar com a comodidade de primeiríssima classe ofe-

recida na viagem de barco. Não posso, nem devo, deixar de fazer referência à forma como nos trataram em todo este processo. Agiram connosco como se fôssemos prisioneiros, ou mesmo deportados, a caminho dos *campos de concentração*. E fizeram-no com a maior desfaçatez.

Figura 10. Transporte do cais marítimo de Luanda ao Grafanil.



Durante o curto percurso ferroviário fomos surpreendidos pela aproximação de centenas de crianças que se abeiravam do comboio, acenando-nos numa gritaria estonteante, à espera que lhes atirássemos umas latas da ração de combate, ou qualquer outro tipo de alimento. Eram, na sua maioria, muito jovens, rapazes e raparigas, com aspecto de extrema e impressionante pobreza, descalços e mal vestidos, com a barriga enorme, sinal de malnutrição. Contrastando com toda essa miséria estava patente, na forma como reagiam (muito alegres e barulhentas), a inocência de crianças famintas a darem-nos a saudação de boas-vindas.

De seguida, o Batalhão reuniu em *parada militar* (formatura de apresentação) para que recebêssemos as boas-vindas do Comandante da RMA e marchássemos, em parada, num ritual especialmente usado neste tipo de cerimónias.

Recordo-me de ter *abandonado* a marcha para abraçar o meu irmão, a cumprir aí serviço militar, e que já se encontrava à minha espera. O meu procedimento não foi considerado uma atitude muito louvável, pelo contrário. Pouco me importou se foi encarado como leviandade e falta de disciplina. Ainda ouvi um *não faças isso,* mas foi em vão, tomei a decisão e fui até ao fim. Reconheço que o fiz sem ponderar as consequências que dali pudessem advir. Embora os superiores tivessem reprovado a acção, o assunto não passou dali e tudo ficou sanado.

A *cegueira* com que fiquei no momento em que avistei o meu irmão não me deixou ver mais longe, também não tinha muito a perder, estava em África e já ninguém me livrava disso.

6.1. O Grafanil

O meu Batalhão ficou acampado no CMG (Luanda), em condições muito complicadas. Não foi fácil para os meus camaradas aguentar *o ataque* dos mosquitos que, mesmo com alguma protecção, não os abandonaram nesses dias que antecederam a partida para o Leste. Pelo que me contaram, chegaram a utilizar tudo o que estava ao seu alcance para se livrarem das *dentadas*, mas em vão. O Branco e o Gil ficaram com as mãos e a cara completamente marcadas, metia dó vê-los. A capa da viola que o Branco enfiou na cabeça não lhe valeu, nem mesmo as meias a servirem de luvas foram suficientemente eficazes para os meus companheiros se protegerem. Foram momentos assustadores, e muito difíceis de ultrapassar, durante o período em que estiveram acampados.

Aqui, e mais uma vez, se comprovou a enorme fragilidade em que nos encontrávamos. Nunca nos tinham falado deste *inimigo voador* e da sua eficácia, nem em tempo algum nos referiram a necessidade de prevenção, nem procederam ao tratamento da *ferroada*. Tudo isto foi para nós uma enorme surpresa. Aquelas marcas e o susto ainda demoraram algum tempo a cicatrizar.

Eu tive o privilégio de ter um irmão a cumprir serviço militar em Luanda. Não acampei; pelo contrário, tive direito a uma cama com mosquiteiro (rede). Um *luxo* que não voltaria a ser repetido. Passei também a noite de Natal na companhia dele, num quartel e num ambiente muito agradável, no seio militar, é certo, mas que me ajudou muito na adaptação a mais uma nova, mas muito difícil, experiência.

Para além de confuso, sentia-me um estranho, tudo à minha volta era diferente, as pessoas, os cheiros, o clima, enfim, complicado para quem chega pela primeira vez e ainda está numa fase de adaptação.

Aquele abraço à chegada a Luanda, que causou a saída abrupta da formatura em plena marcha, sujeito a ser castigado, uniu, por um lapso de tempo, tudo aquilo que a guerra separara. O gesto impensável da minha parte foi como que um *grito de revolta*. Éramos filhos de uma Pátria doente, que fez o favor de separar famílias e, sobretudo, de as votar ao abandono.

O encontro que tive com o meu irmão marcou muito a minha chegada. Éramos jovens militares separados dos seus entes queridos, como tantos outros que por ali passaram, na esperança de um dia poderem voltar a casa. Ele já era casado. Tinha uma filha, que nascera pouco tempo antes de embarcar.

Quando teve conhecimento da zona à qual estavámos destinados, ficou muitíssimo preocupado. Eu apenas sabia que era para os lados do Leste, próximo da Zâmbia, desconhecendo todos os pormenores acerca do que passava por lá. Só soubemos que íamos para Gago Coutinho[55] depois de nos instalarmos no Grafanil. A zona Leste era considerada a pior naquela altura, e era muito distante da capital.

[55] A Gago Coutinho depois da independência foi dado o nome de Lumbala N´guimbo.

Para o Estado Português, o Leste de Angola eram a Diamang, a Companhia Mineira do Lobito (minas de Cassinga) e o Caminho-de-Ferro de Benguela, fontes de receitas e de relações com a alta finança mundial e instrumento de pressão com a Zâmbia[56].

6.2. A cidade de Luanda

Não foram muitas as oportunidades de saída para poder conhecer melhor a capital de Angola. O tempo foi muito escasso, mais ou menos uma semana, mas pelo que vi fiquei com uma ideia geral de que se tratava de uma cidade muito mais avançada do que Lisboa. Notava-se isso pela forma como as pessoas se comportavam. Fui, numa das saídas, para a zona dos restaurantes, com as esplanadas e cervejarias abarrotadas de clientes, numa azáfama constante, onde quase todo o movimento era gerado por militares, como seria de prever. Nunca imaginei testemunhar semelhante cenário, com milhares de jovens fardados ou à civil num vai e vem constante. Aquele ambiente superava tudo o que até então tinha visto ou imaginado.

Nesse mesmo lugar de *lazer* testemunhámos uma situação chocante, a ponto de eu ter ficado indignado com o que estava a ver.

O episódio ocorreu numa das esplanadas da zona mais concorrida de Luanda onde eu e o meu irmão fomos saborear um *bitoque*[57], há muito tempo desejado. Para meu espanto, assistia a um espectáculo assaz revoltante.

Um jovem angolano, bastante novo, estava a engraxar os sapatos de um cliente civil e, pela forma como o fazia, batucava harmoniosamente ao puxar o lustro com a escova, chamando a nossa atenção. O rapaz tinha oito ou nove anos, no máximo. Era muito alegre, estava ali para ganhar uns tostões. Tinha imensa habilidade e dava muito prazer vê-lo. No final do *espectáculo* estendeu a mão ao cliente para receber o pagamento. Este, em vez de lhe pagar, desferiu-lhe um pontapé. Não ficámos indiferentes e criou-se uma enorme confusão.

Não posso afirmar que aquilo a que assistimos configurou uma atitude racista premeditada, um exercício gratuito do poder do colonizador ou mesmo falta de pudor. Mas um acto irreflectido foi com certeza. Todavia, fiquei com dúvidas acerca daquele procedimento, recheado de tamanha brutalidade, exercido por um adulto branco sobre uma criança negra, completamente indefesa, apenas movida pela intenção de angariar algum dinheiro.

Ainda consegui um tempo livre, que me deu a oportunidade de fazer uma visita ao Reinaldo, ex-colega da empresa onde eu trabalhava até ingressar no serviço militar. Um bom amigo, e excelente mestre na área da publicidade luminosa, especializado nos famosos e quase extintos Reclamos em Néon. Resolvera ir até Luanda numa altura em que as condições dos contratos de trabalho

[56]ANTUNES, 2015: 117.

[57] Bitoque ou Prego em prato – Nome dado ao tradicional prato que consiste num bife de bovino acompanhado com um ovo a cavalo e batatas fritas. Pode também ser servido com uma salada.

valiam os sacrifícios dessa opção. Fez-me uma recepção excelente, à sua imagem, que incluiu um convite para o almoço, no qual não faltaram as sardinhas assadas na brasa, acompanhadas por um bom vinho, que serviu também para brindarmos ao nosso reencontro.

Tive a possibilidade de assistir ao contraste entre a lindíssima cidade e os musseques muito pobres, instalados na periferia, onde, a par da simpatia das gentes, predominavam sinais de grande miséria e degradação. Um choque de que não estava à espera, um quadro muito triste e com grande impacto, à mercê de quem chega pela primeira vez, que nos deixa estupefactos e, simultaneamente, desiludidos. Compreende-se porque me senti desapontado mediante tal constatação. Aquele cenário não estava previsto nos meus horizontes, a ideia geral que me tinham dado não comtemplava a miséria nem a desumanização a que assisti:

> *A miséria colorida dos bairros que cercavam Luanda, as coxas lentas das mulheres, as gordas barrigas de fome das crianças imóveis nos taludes a olharem-nos, arrastando por uma guita brinquedos irrisórios…*[58]

Fiquei confuso perante o que estava a presenciar e, ao mesmo tempo, impressionado. De um lado, a beleza e a riqueza da cidade, com todo o seu casario moderno, típico do poder colonial. Do outro, a miséria daquelas pobres gentes, à procura de sobreviverem a qualquer preço, na maior das resignações. Estes contrastes entre pobreza e riqueza coexistiam numa dicotomia que, paradoxalmente, redundava numa espécie de cumplicidade.

Não foi agradável assistir a tamanho *espectáculo*. Aquela Luanda não era a cidade de que ouvia falar, estou certo que ninguém podia ficar indiferente perante tão violento impacto e foi sobretudo para mim muito chocante a forma de conhecer a outra face da capital angolana.

Esse contraste estava patente á noite, junto ao oceano. Deslumbrante paisagem, sendo muito difícil descrever tamanha beleza. As águas do mar da baía eram pintadas com o reflexo das cores do néon e da iluminação da avenida, que contornava a praia.

A baía com todo o seu esplendor não se opunha à não menos bela Ilha de Luanda, que nos convidava quase obrigatoriamente a uma visita. Tive esse privilégio, mesmo que o tenha feito um pouco à pressa, devido ao tempo escasso de que dispunha. Pude constatar o que muito antes ouvira acerca desses lugares, belos e carismáticos.

Tive vontade de poder retomar a visita, mas só voltou a acontecer quando terminei a comissão, em Abril de 1974, data na qual regressei a casa.

Após ter recebido a diversa roupa do fardamento e a arma, uma G-3, que me estavam atribuídas, e que me acompanharam durante toda a comissão, voltei a fazer as malas, despedi-me do meu irmão, e, nos primeiros dias do novo ano, iniciei a grande caminhada até às *terras do fim do mundo*[59].

---

[58] ANTUNES, 1979: 25.

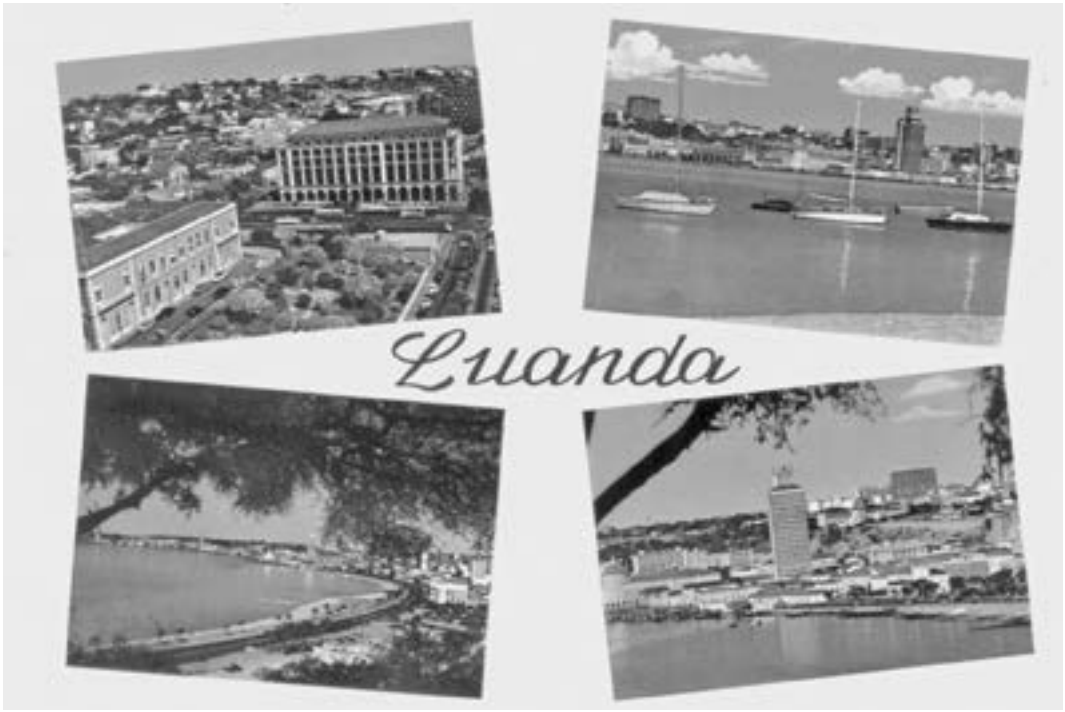
[59] A expressão *Terras do fim do mundo* foi criada por Henrique Galvão para designar a imensa extensão entre os rios Cuando e Cuíto Cubango e inclui, portanto, território do extremo sul do Moxico e a Província de Cuando Cubango (ANTUNES, 2015: 122).

Ficava para trás um pouco da minha história, virava-se mais uma página recheada de acontecimentos. Começava aqui mais uma *nova aventura.*

Só voltei a Luanda dois anos e meio mais tarde e, dessa vez, senti o verdadeiro efeito do imenso calor que se fazia sentir. Recordo que tive de me meter debaixo de água numa pia e só aí é que estava bem. Como se não bastasse tive mais uma dose de paludismo, a quinta e última.

Era mais velho e já estava desabituado da confusão e do trânsito, próprios de uma grande cidade. Por pouco sofria um atropelamento, não fora a atenção e perícia do condutor.

Figura 11. Postal de Luanda.



7. DE LUANDA A GAGO COUTINHO

No dia 1 de Janeiro de 1972 deu-se a partida até à Província do Moxico, zona leste de Angola, a cerca de 2000 quilómetros de distância. Iniciou-se então um verdadeiro pesadelo. Atente-se na seguinte descrição do nosso Batalhão:

> *O Bcav foi destinado ao subsector de Gago Coutinho ficaram: o Comando, a CCS e a CCav 3456; a CCav 3457 ocupou Ninda e a CCav 3458 o Chiume. Numa área de cerca de 32. 000 Km2*

havia destacamentos das subunidades em Sessa e Mussuma. Além dos órgãos de apoio, em Gago Coutinho o BCav era reforçado pelos GE 343, 338, 322, 352, pela CCaç 3370 em Luanguinga, pelo PelMoort 3058 em Gago Coutinho, pela CArt 3514 ao longo do itinerário em abertura Gago Coutinho-Chiume, e ainda 6 Grupos de Flechas. O BCav assumiu a responsabilidade do subsector em 12 Jan 72, após ter rendido o Bart 3835.

O In, muito activo no subsector, e dispondo de abundante e variado armamento, incluindo misseis 122 mm, a partir de Mar 72, sofreu, no entanto, sérios revezes que se traduziram em pesadas baixas e perdas de material de todo os tipos – 68 espingardas automáticas e 20 pistolas-metralhadoras, entre outros – grande número de granadas e minas de todos os géneros e milhares de munições de armas ligeiras. Das operações realizadas destacam-se, pelo êxito, as seguintes: Barbela, Babaré, Baga, Baforada, Bugalho e Bufão.

Em 17 Mai 73, foi rendido no subsector de Gago Coutinho pelo Bart 6320/72 e foi transferido para a nova ZA, no sector do Cuanza Sul, na ZMC, onde rendeu o BCaç 3841, tendo assumido a responsabilidade da área em 28 Mai 73. O Comando e a CCS instalaram-se na Gabela, a CCv 3457em Novo Redondo e a CCav 3456 na Quibala; cada subunidade tinha dois a três destacamentos. A CCav 3458 foi cedida ao sector do Huambo e ficou no Lobito.

Na ZA, de grande sensibilidade, mas onde o In nunca se revelou activamente, foi mantida persistente acção de patrulhamento e contacto com as populações, às quais o BCaç dispensou apoios de toda a natureza. Em 24 Mar 74, o BCav foi rendido no sector CS pela 2.ª Comp/BCav 8321/72[60].

7.1. Luanda – Silva Porto

A difícil e longa *caminhada*, devido à distância a percorrer e à dureza do percurso, foi dividida em várias fases. A primeira viagem foi feita em transportes de carga, aos quais deram o nome de *coluna auto,* até à cidade de Silva Porto, com paragem em Nova Lisboa, uma etapa que se fez ainda no mesmo dia.

Fomos distribuídos por camiões, como mercadoria, sentados em caixotes de madeira, misturados com a nossa bagagem.

Em 0105JAN72, em coluna auto, iniciou-se a marcha até SILVA PORTO onde se chegou no mesmo dia. Aqui o BCAV tomou o comboio para o LUSO, onde chegou em 02JAN72, retomando a marcha, novamente em coluna auto, em 03JAN72, chegando a G. COUTINHO na tarde de 04JAN72[61].

[60] Arquivo Histórico Militar. Pasta do BCav 3862 –Col. Doc. 2/2/142/2. Caixa n.º 142-2.ª Div/2.ª Sec. Consultado em 21 de Dezembro de 2015.

[61] *Idem, ibidem.*

7.2. Silva Porto – Luso

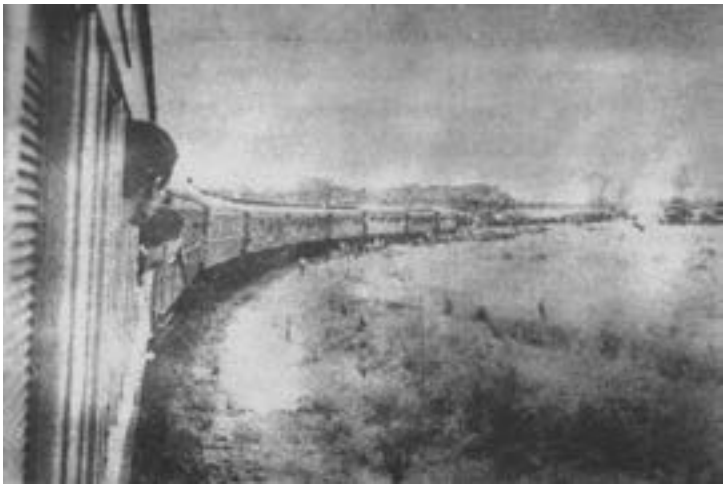
De Silva Porto rumámos até à cidade do Luso, metidos num comboio com pouquíssimas condições de acomodação. Não foi fácil viajar numa carruagem, dado que, para além de excesso de lotação, tínhamos que contar com as bagagens de cada um. Sofremos num desconforto total. Os compartimentos, de lotação reduzida, não comportavam o excesso de passageiros que procuravam acomodar-se o melhor possível.

Num trajecto longo, como se não bastasse o incómodo, tivemos que descansar a bordo, encostados uns aos outros, ou fazendo das malas travesseiros. Foi muito complicado lograr o repouso com o desconforto que se fazia sentir. Foi mau demais para ser verdade.

Naquele *empilhado* de militares, acantonado com as *tralhas,* procurávamos o mínimo de comodidade para atenuar os efeitos de tão grande *aventura.*

Cada um *estudava* a melhor posição para se manter em forma, mas o cansaço, ao fim de algum tempo, já se fazia sentir. Mesmo assim, não foi um *percurso* com muita história. Continuávamos numa zona considerada pacífica, pelo menos o suficiente para nos sentirmos mais tranquilos.

Figura 12. Transporte de Silva Porto – Luso.



7.3. Luso – Gago Coutinho

Esta foi a derradeira e mais difícil fase da viagem, novamente feita em coluna auto, em camiões de mercadorias. Aqui foram-nos ordenadas máxima concentração e posição de defesa ou de ataque, num alerta permanente, caso fosse necessário reagir a quaisquer investidas por parte dos *terroristas.* Estávamos em zona de intervenção e todo o cuidado era pouco, de um momento para o outro poderíamos ficar debaixo de fogo.

Recebemos ordem para puxar a culatra da G-3, que assim ficava com uma bala na câmara, pronta a entrar em acção, se necessário fosse[62]. Todo o percurso foi *palmilhado* em posição de alerta total, com a arma apontada para a mata. Numa viagem lenta e muito cuidadosa, fomos avançando na picada[63], um *caminho* muito difícil que, para além de ser constantemente fustigado com emboscadas, era propício à colocação de minas anticarro.

Aqui senti, pela primeira vez, que a guerra era mesmo a sério. Não se tratava de nenhuma ilusão ou pesadelo. Era a realidade, pura e dura, com toda a envolvência assustadora, aumentando à medida que íamos avançando. O pavor dominava-me completamente, paralisando-me os movimentos e os pensamentos, cada vez mais baralhados. Pela primeira vez tive medo, muito medo.

Olhava à minha volta e via os meus camaradas a fitarem a mata fixamente, num silêncio absoluto e contagiante, provavelmente tão tensos e expectantes quanto eu. Ali estava distante de tudo, numa zona de intervenção, entregue a mim mesmo. Tive a sensação, pela primeira vez, que se acontecesse algum ataque do inimigo não me sentia preparado para reagir. É muito difícil descrever todo aquele turbilhão de emoções, com imensas dúvidas à mistura. Mesmo à distância, é complicado encontrar os termos que melhor poderiam explicar um *amontoado* de sensações tão estranhas.

O medo apoderava-se de nós.

Recordo ter assistido a uma desavença entre dois oficiais, a ponto de um jovem capitão ter sido ameaçado, talvez devido ao *stresse* acumulado na viagem. À distância destes mais de quarenta anos**,** apenas guardei na memória uma situação de muito mau ambiente, entre altas patentes, na qual não foi salvaguardada a devida distância entre os restantes militares que permitisse manter uma aparente calma para o bem de todos, de acordo com as regras do *bom exemplo*. Não me recordo das razões, como é óbvio, de tal *espectáculo***.** Sei que durou escassos minutos, é certo, e que ficou sanado**.** Pelo menos ali nunca mais se comentou o assunto. Desconheço as consequências do ocorrido. Todavia**,** esse triste acontecimento deixou as suas marcas**.** Foi muito desagradável para quem estava a chegar, totalmente desprotegido, e essa falta de responsabilidade de quem pretendeu impor a ordem causou muito má impressão, constituindo uma espécie de aviso para o que se avizinhava em termos disciplinares.

Por fim chegámos a Gago Coutinho[64], no *Cu de Judas*[65]. Parecia que a *picada* não tinha fim, estávamos ansiosos por ter um pouco de descanso, tomar banho, recuperar forças e começar a ambientar-nos ao sítio onde iríamos permanecer pelo menos um ano. Infelizmente, isso não aconteceu, aí ficámos dezoito penosos meses.

---

[62] Parte móvel do mecanismo de carregamento das armas de fogo de retrocarga, destinada a introduzir a munição na câmara, travá-la, obturá-la e a extrair o invólucro após a explosão da carga propulsora.
Disponível em: «http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/culatra». Consultado em 2 de Março de 2017.

[63] Na mesma altura, a Junta Autónoma de Estradas de Angola (JAEA) andava a construir uma estrada em alcatrão que iria ligar o Luso a Gago Coutinho.

[64] Segundo Maria José Lobo Antunes, a população existente em Março de 1971 era de cerca de 7.900 habitantes. De acordo com a sua investigação, em apenas quatro anos 80% da população tinha desaparecido daquela área (ANTUNES, 2015: 128).

[65] *Cu de Judas* foi o nome atribuído por António Lobo Antunes àquela zona de Angola (ANTUNES, 2008: 42)

(…)em 02JAN72, retomando a marcha, novamente em coluna auto, em 03JAN72, chegando a GCOUTINHO na tarde de 04JAN72[66].

8. GAGO COUTINHO

À chegada a Gago Coutinho[67] praticamente nem tempo tivemos de pousar as nossas coisas e desfazer as malas. Sem ninguém contar, ouvimos um tiro saído do nosso meio. Tratou-se de um descuido, que poderia ter tido consequências graves. Felizmente apenas houve um ferido, o primeiro do Batalhão. O enfermeiro Fernandes, a quem apelidávamos de *seringas*, esqueceu-se, por distracção ou talvez por falta de experiência, de retirar o carregador da G-3 quando puxou a culatra atrás para tirar a bala da câmara[68]. Numa posição de descanso, colocou o braço sobre a saída do cano da arma e, de seguida, resolveu carregar no gatilho. Desferiu em si mesmo um tiro que lhe perfurou o braço[69]. O «*seringas*» foi imediatamente assistido na enfermaria do destacamento. Felizmente, a sorte esteve do seu lado.

O camarada Fernandes[70]recuperou bem e rapidamente. Entretanto, fomos procurar os nossos novos aposentos para nos acomodarmos. Era aí que iriamos permanecer durante grande parte da comissão. Estávamos no início de uma grande e complicada caminhada. Daí até à recta final, ou pelo menos até à rotação do Batalhão, tivemos muito caminho a percorrer (eu ainda não tinha completado 22 anos de idade).

O *pequeno* incidente não serviu de aviso. Infelizmente, novos infortúnios aconteceram, mas desta vez com graves consequências. O primeiro a tombar ao serviço da Pátria foi o camarada António Sousa. Uma queda na fossa dos mecânicos, acidente estúpido, roubou-lhe a vida.

Um outro momento dramático aconteceu no destacamento de Ninda, quando um camarada, pertencente ao Pelotão de Morteiros, atingiu, por acidente, mortalmente o Soldado José Sousa. Estava a manusear a arma numa operação de limpeza, que habitualmente era necessário fazer e, numa distracção que nunca deveria ter acontecido, disparou um tiro de G-3 que feriu de morte o nosso camarada, numa altura em que este se encontrava tranquilamente sentado na sua cama. Acabou por não resistir, vindo a falecer, dada a gravidade do ferimento.

A partir daí o comandante emanou uma ordem de disciplina que castigaria exemplarmente quem disparasse dentro do aquartelamento. Todas as armas teriam obrigatoriamente que ser descar-

[66] Arquivo Histórico Militar. Pasta do BCav 3862 –Col. Doc. 2/2/142/2. Caixa n.º 142-2.ª Div/2.ª Sec. Consultado em 21 de Dezembro de 2015.

[67] «Gago Coutinho, a trezentos quilómetros ao sul do Luso e junto à fronteira com a Zâmbia, era um mamilo de terra vermelha poeirenta entre duas chanas podres, um quartel, quimbos chefiados por sobas que o Governo Português obrigava a fantasias carnavalescas de estrelas e de fitas ridículas, o posto da Pide, a administração, o café do Mete Lenha e a aldeia dos leprosos» (ANTUNES, 2008: 39).

[68] Esta operação era importantíssima, a sua não execução colocava em causa a segurança de todos.

[69] A bala entrou e saiu sem perfurar o osso.

[70] Um excelente camarada, sempre pronto a ajudar, se necessário fosse.

regadas antes da entrada, sempre que chegasse uma coluna ou uma patrulha. Proibição total, com consequências graves para quem desrespeitasse essa ordem.

Perderam-se estupidamente duas vidas, cobrindo-nos de luto. Infelizmente, as mortes não se ficaram por aqui. Repetiram-se situações dramáticas semelhantes, a par da chegada contínua dos feridos a Gago Coutinho.

Tivemos que nos habituar a este cenário. Lamentavelmente, tornou-se muito recorrente. De início custou muito, depois a repetição e o tempo encarregaram-se de contribuir para o encararmos como se fizesse parte de nós. Embora fosse habitual, nunca consegui resignar-me, nem livrar-me desse macabro quadro.

Figura 13. Vista parcial do aquartelamento de Gago Coutinho.

8.1. Os nossos aposentos

Nós, radiomontadores, fomos colocados junto à porta de armas, paredes meias com a oficina de rádio[71]. As instalações que nos foram distribuídas, e que passaram a ser, a partir daí, *a nossa nova casa,* eram extremamente frágeis, assim como todas as restantes, sem qualquer protecção em caso de ataque, estando à mercê da poluição sonora a que éramos sujeitos diariamente. Todavia, o comando estava instalado à parte, como era de prever.

[71] A oficina de rádio, para além da manutenção e reparação dos equipamentos de transmissões, teve uma outra função, a de fazer de sala de convívio.

Os nossos aposentos constituídos por frágeis e velhas paredes de madeira empobrecidas, gastas pelo tempo, estavam forrados, no seu interior, com recortes de revistas que, para além de lhes darem um ar mais acolhedor, tapavam as frinchas por onde entravam o frio e, possivelmente, os nossos muito *amigos* mosquitos.

Tivemos períodos em que durante a noite, para suportarmos o arrefecimento, por vezes tínhamos necessidade de acender fogueiras. Nos postos de vigia era habitual a lata com braseiro para tornar o ambiente menos insuportável. Nesta altura do ano, cheguei a dormir vestido, única forma de suportar o ar gélido que se fazia sentir em Gago Coutinho. Estas oscilações, com grandes amplitudes térmicas, estavam ligadas não só à época de clima seco, mas também à altitude em que nos encontrávamos[72].

Figura 14. Junto às nossas instalações. Gago Coutinho.

Nas traseiras do nosso *quarto* estava a arrecadação do gerador. De dia pouco se utilizava, só quando necessário. À noite encontrava-se sempre ligado, o circundante arame farpado tinha obrigatoriamente que estar iluminado, o mesmo acontecendo, como se compreenderá, às restantes instalações.

Tínhamos que dormir com todo o barulho produzido pelo motor mecânico, para nós um autêntico pesadelo, principalmente nos primeiros tempos em que era quase impossível o descanso. Foi muito difícil a adaptação à nova morada, devido à violência da poluição sonora que se fazia sentir, muitíssimo aborrecida, quebrando todo o silêncio. Mas, por incrível que possa parecer, e depois de passado algum tempo e de nos adaptarmos, de cada vez que o motor parava durante a

[72] «Na zona entre o equador e o trópico de Câncer, a configuração do relevo, a continuidade e a passagem da corrente fria de Benguela ao longo do litoral constituem factores determinantes dos principais tipos climáticos do território angolano. Os regimes térmicos e pluviométricos são semelhantes, com chuvas de Outono a Abril ou Maio (meses mais quentes) e período seco nos outros meses (os menos quentes, ou relativamente frios, ditos de *cacimbo)*. Naturalmente a localização geográfica, a altitude, a aproximação do mar promovem diferenças notáveis» (LAROUSSE, 1997: vol. 2, 455).

noite nós, radiomontadores, acordávamos imediatamente. Aquele barulho ensurdecedor ajudava-nos a dormir e já não podíamos passar sem ele.

As casernas, na sua maioria *barracos,* construídos em madeira com telhados de chapa de zinco, extremamente frágeis e bastante deteriorados, comidos pelo tempo e pela deficiente manutenção, não ajudaram em nada na travagem do trajecto duma bala, consumando-se uma tragédia que, por várias vezes, colocou todos os Militares em estado de choque. Os disparos, por negligência, continuaram levando um dos prevaricadores a ser punido com pena de prisão, e um outro com um *chapadão*. Um disparo dentro do quartel colocava-nos em estado de alerta. O comandante foi forçado a pôr cobro a essas situações, para bem da segurança de todos.

Parte do problema das velhinhas e improvisadas casernas foi resolvido, lá mais para diante, com a construção de novas instalações nas condições mínimas exigidas. Nós, os radiomontadores, também fomos chamados a contribuir com a nossa quota-parte de trabalho de *construção civil*, no fabrico de tijolos em cimento para o levantamento das paredes e na instalação eléctrica. Pouco tempo antes de abandonarmos a zona Leste ainda gozámos o *conforto,* fruto da nossa preciosa colaboração e de muito empenhamento.

Para além da *construção civil*, foi posta à prova a nossa capacidade técnica na especialidade de electricistas. O trabalho fez-se, sem problemas de maior, e após a conclusão da obra a companhia ficou um pouco melhor acomodada[73]. Nós tivemos oportunidade, finalmente, de nos afastarmos do barulho do gerador e do odor libertado pelas urnas.

Figura 15. Fabrico de tijolos para a construção de casernas. Gago Coutinho.

[73] Na execução das várias tarefas beneficiamos do apoio do Pelotão de Apoio Directo (PAD), e do Pelotão de Morteiros (PM).

A periferia do aquartelamento, junto ao arame farpado, para segurança de todos não podia ficar às escuras durante a noite, era uma preocupação constante e estava à nossa responsabilidade. Para além das vigias, a iluminação era muitíssimo importante para termos a percepção do que se passava à nossa volta. Felizmente, ao contrário de outros que por aqui passaram, o nosso Batalhão nunca conheceu os efeitos de um ataque inimigo durante a permanência em Gago Coutinho.

Por detrás do nosso *barraco* eram colocadas urnas de chumbo à espera de serem transportadas para Luanda. O facto de se encontrarem logo ali, paredes-meias connosco, já se tornava muito deprimente e desencorajador. Inicialmente, sempre que eram depositadas ficávamos psicologicamente abatidos. Com o passar do tempo fomo-nos habituando, sempre revoltados com a decisão do comando de colocar os cadáveres junto ao nosso quarto. Por vezes exalavam um cheiro difícil de se aguentar.

Na época das chuvas, as tempestades eram muito violentas, impeditivas da circulação nas picadas do MVL. Nesse período nem sempre era utilizada a pista, devido às condições do piso, em terra planada.

Figura 16. Acidente na aterragem. Gago Coutinho.

Al Venter, que acompanhou de perto os conflitos africanos numa perspectiva jornalística, em relação a esta zona do Moxico descreve o seguinte:

> *Esta região é extremamente dura. O sol incide brutalmente quase todo o ano, embora, quando chegam as chuvas, elas se abatam com uma fúria quase como as das monções e as planícies africanas transformaram-se, por vezes, em mares interiores que só se podem atravessar de piroga. À noite, durante a estação fresca, o mercúrio desce abruptamente depois do pôr-do-sol.*

Mais adiante e ainda sobre as condições geográficas do terreno, Al Venter continua:

O que separa o Leste de Angola do resto do país é a sua aridez na estação seca e a areia, que, tal como no Saara, parece não ter fim. Mal se vê uma rocha ou uma pedra em toda a região. Como alguém comentou com humor depois de ter passado sem munições, não havia nem sequer uma pedra para atirar.

Camada após camada, este pó macio tem uma profundidade de 50 metros, por vezes até o dobro, antes de alcançar o substrato rochoso. Se existe um lugar que merece o nome de «África Agreste», é este, e ele pouco mudou. Neste terreno rigoroso, os contrastes são brutais e, mesmo hoje, só os animais mais resistentes e o homem sobrevivem[74].

Era frequente o *varrer* assustador do vento quando passava pelo aquartelamento. Recordo que por várias vezes fomos apanhados de surpresa. Numa ocasião estávamos a almoçar, o improvisado refeitório não tinha protecções laterais, tivemos que abandonar rapidamente o lugar. O vento, numa espécie de *mini tufão,* aproximou-se velozmente e varreu a cantina, deixando para trás um rasto destruidor, coberto de um pó muito fino, e não era a primeira vez isso que acontecia. Na época das chuvas, os temporais eram muito violentos. Por vezes assistíamos não só aos vendavais como ao descarregar torrencial das nuvens negras, acompanhado pela violência assustadora dos relâmpagos e pelo barulho ensurdecedor dos trovões. Parecia que o céu se abatia sobre nós.

No início achava estranha a forma como chovia, não estava habituado a tal violência, mas conforme ocorria a precipitação depressa cessava, era como que o fechar brusco de uma comporta.

Num dia de temporal, normal naquela zona, e devido ao seu grau de elevada violência, a maior parte dos telhados das casernas não resistiu, acabando por ser arrancados e voar, pousando comodamente no chão, como folhas de papel, felizmente sem acidentes pessoais.

Figura 17. Estragos provocados por um temporal. Da esq. para a dir.: O autor, Carêto, Branco e Santos. Gago Coutinho.

[74] VENTER, 2015: 391.

Figura 18. Estragos provocados por um temporal. Gago Coutinho.

Paralelamente, aos poucos este tipo de fenómenos começou a fazer parte do nosso dia-a-dia, sempre que entrávamos na estação das chuvas.

Assistia-se também à saída das *tocas* de milhares de formigas de asa. O seu repentino aparecimento atraía os macacos, que ficavam em autêntico alvoroço perante tamanho festim. Alguns militares aproveitavam para saborear tal petisco, acompanhado por cerveja. *Confesso* que nunca ousei prová-lo.

A água era um dos problemas para a nossa saúde. Não tínhamos filtros, o que nos obrigava a correr riscos. O recurso à cerveja ajudava a matar a sede, mas nem sempre era possível, para além de faltar frequentemente, por atraso do MVL, na maioria das situações o frigorífico não dava vazão. Por vezes encontrávamos garrafas de cerveja cheias de urina. Desconfiávamos dos militares que faziam a segurança no transporte, mas nunca conseguimos provar essa conjectura.

8.2. O primeiro serviço

O meu primeiro serviço nocturno em Gago Coutinho foi de vigilância à pista de aterragem[75]. Colocados num abrigo numa espécie de *bunker,* eu e o camarada Santos[76] fomos escalados para

[75] A pista era em terra batida. Devido à sua configuração, contribuía para a insegurança das aeronaves, chegando a provocar situações de acidente na aterragem. Na época das chuvas a impossibilidade de aterragem conduzia à falta de correio e também do abastecimento de comestíveis.

[76] O camarada Santos era, pela sua natureza, extremamente extrovertido. A sua presença transmitia segurança. Mas ali, naquele posto, todos os ruídos, por mais curtos e baixos que fossem, alteravam o meu sistema nervoso.

cumprir essa penosa tarefa durante toda a noite. O Posto avançado ficava junto à pista e um pouco distante do aquartelamento. Era a minha estreia, não possuía experiência alguma naquilo que ia fazer, não se tratava da rotina de Paço de Arcos. Aqui era mesmo a sério. A angústia era enorme e o medo apoderava-se de nós, acompanhando o cair da noite. Quase ao nível da pista ficavam umas vigias por onde teríamos que garantir a segurança da pista de aterragem e do local onde estavam estacionados o helicóptero, a DO e os T6, conjuntamente com o armazenamento de combustível.

Daquela pista levantavam os helicópteros e os aviões destinados às mais variadas funções: transporte de passageiros, de militares para diversas operações, ataques ao inimigo, apoio das patrulhas na mata, nas evacuações e no transporte de feridos para os hospitais centrais, sempre que necessário. A pista em terra batida tinha que estar sempre operacional, pronta para qualquer eventualidade. O apoio aéreo era muito importante.

O cair da noite de estreia foi um enorme obstáculo para que nos pudéssemos manter tranquilos e em segurança. E aquela noite não foi excepção. Quase não se via nada, e ao fixarmos o olhar no escuro da mata ameaçadora todas as sombras me pareciam o inimigo. Essa imaginação colocava-me num stresse constante, à medida que as horas iam passando, vagarosamente, parecendo nunca ter fim. O Santos, sempre bastante falador, (talvez como auto defesa) agravava ainda mais esse sentimento, parecia que o mundo ia acabar ali, e eu não conseguia acalmar. Era de suster a respiração, um ambiente assustador, temia o pior, o medo apoderava-se de mim mais uma vez. Estávamos ali os dois à mercê da sorte. Eu não estava preparado para uma situação de ataque. Era completamente inexperiente, e impotente caso acontecesse o pior.

8.3. Os primeiros três meses

Os primeiros três meses foram terríveis. Reconheço que não estava a ser fácil a adaptação, o medo não me deixava em paz, agravado pelas notícias que íamos recebendo. Logo no início começámos a ter baixas, víamos os nossos camaradas a morrer estupidamente. Sempre que ouvia o héli a aproximar-se, procurava refugiar-me no quarto, não tinha coragem de assistir à chegada de feridos ou mortos.

Era tudo muito rápido, as desgraças não davam tréguas e tudo que via parecia turvo, confuso. O tempo foi avançando muito lentamente. Aos poucos, fui-me aproximando da enfermaria e ganhando coragem para auxiliar se preciso fosse.

Embora Gago Coutinho nunca tivesse assistido a nenhum ataque, a CCS dispunha de condições necessárias para o tratamento de feridos com gravidade, antes da evacuação para o hospital do Luso e, se necessário fosse, para Luanda ou Lisboa. O cenário da guerra esteve sempre presente, com este vai e vem de militares que faziam parte directa do teatro de operações. Nós assistíamos á chegada das vítimas impotentes, sem podermos ajudar.

Os primeiros tempos foram pesadelo. Aos poucos, habituei-me à ideia. Tinha que ser assim.

Talvez como preocupação de me defender psicologicamente, de modo a ocupar os tempos livres, ou na procura de um refúgio propiciador de distracção, de forma a que o tempo não custasse

tanto a passar, comecei a fazer aquilo que, para além de gostar, me tranquilizava mais. A partir do momento em que o capitão Calapez teve conhecimento das minhas *capacidades artísticas,* nunca mais parou de me dar tarefas, por vezes até com algum exagero, dado que não era essa a minha função. Acabei por fazer um pouco de tudo: emblemas, placas de informação, inscrições várias, mapas topográficos (levantamento de um cemitério) e até colaborei nas quatro edições do *Jornal da Caserna* e na elaboração do *Livro do Batalhão.*

8.4. As diversas actividades

A par dos desenhos, sempre que possível também gostava de apoiar o furriel foto-cine, *o Alfacinha*, responsável pelas sessões de cinema, com as quais de vez em quando presenteava o Batalhão. E, como se não bastasse, também passei pelo balcão do bar dos soldados (na Gabela), a pedido do capitão Augusto, responsável por essa área.

Mas a alimentação não ajudava em nada a minha progressão e no dia-a-dia sentia-me fisicamente muito fraco e cada vez mais magro. O paludismo também não me largou e voltei a sofrer desse mal mais vezes. Contraí ainda uma doença que me afectou os rins, obrigando-me a estar a soro durante oito dias[77].

Os meus camaradas tinham uma lista dos chamados *cacimbados. C*olocavam-me quase sempre no primeiro lugar. Também reconheço que comecei a fazer asneiras inconscientemente e a ter atitudes que, embora não pudéssemos considerar de um louco, não eram efectivamente muito normais. Todavia, tive sempre presente que aquela era a única forma que tinha para regressar a casa.

À medida que o tempo ia passando, tudo se tornava um hábito; era como um ritual, quase não dávamos por isso.

As diversas actividades, mesmo a custo, iam-se fazendo, contrariamente àquilo para que fôramos mobilizados, a par dos constantes pedidos do capitão Calapez, e das escalas que frequentemente nos indicavam os postos de vigia nos quais estaríamos de serviço durante a noite.

O helicóptero continuava a azáfama num vai e vem constante, transportando feridos, ou levando apoio aos diversos destacamentos. O ruído do seu trabalhar ainda hoje se mantém na minha memória; confundo-o com o barulho do que transporta turistas, sobrevoando a cidade. Quando isso acontece, viajo imediatamente até Gago Coutinho e, por estranho que pareça, esse recuar no tempo traz-me à memória aqueles dezoito meses recheados de acontecimentos que eu queria esquecer. Transpô-los para este testemunho é quase impossível.

Todavia, não posso esconder que nem tudo foi mau. Por exemplo, a recordação dos camaradas com quem convivi, e aprendi a suportar um clima hostil, completamente desumano, em que se con-

[77] Faço questão de aqui deixar a minha homenagem ao enfermeiro Pinto. No meu internamento, em que estive a soro, era ele que me dava a comida à boca. Sei que infelizmente já não estás entre nós, mas serás sempre lembrado. Obrigado meu amigo, descansa em paz.

fundia o cumprimento do serviço militar com um campo de prisioneiros quando, por vezes, certos responsáveis se esqueciam que também tínhamos direitos e merecíamos ser tratados com dignidade.

Gago Coutinho foi também uma escola, que nos ensinou a arte do *desenrascanço,* uma disciplina obrigatória para quem queria chegar ao fim da comissão. Um exemplo, aprender a angariar comida às escondidas, longe dos olhares daqueles que açambarcavam e desviavam para a Messe a caça que, por direito, também nos pertencia.

O *cu de Judas* foi o limite, a fronteira entre o péssimo e o mau, o lugar entre duas guerras, dois conflitos distintos. Havia aqueles que defendiam a sua terra e os outros que somente defendiam os interesses pessoais, não olhando a meios para atingirem os objectivos. As principais vítimas foram os milhares de jovens que, contra a sua vontade, foram obrigados a participar numa guerra sem fim à vista.

Figura 19. Destacamento do Batalhão. Mussuma.

9. AS MADRINHAS DE GUERRA

A percentagem de militares que procuravam ter a sua Madrinha de Guerra, segundo o que constatei, era significativa.

Este era quase sempre tema de conversa quando nos reuníamos numa amena cavaqueira de caserna, principalmente para aqueles que não tinham namorada ou alguma amiga com quem trocar correspondência. O recurso a uma *Madrinha* era muito frequente entre os militares. Compreende-se tal atitude, motivada pelo tempo de comissão muito longo, por vezes com alguma solidão e muita tristeza, daí a necessidade de procurar alguém com quem desabafar e até confidenciar um pouco da nossa vida, numa espécie de cumplicidade.

Do outro lado, esperava-se uma pessoa com capacidade de nos compreender, com algum tempo disponível para nos dar um pouco da sua atenção e, sobretudo, carinho que, apesar da constante tensão existente, ajudasse a aliviar essa pressão, contribuindo para abreviar o tempo que muito custava a passar[78].

Por vezes, uma curta e simples carta com palavras amigas era suficiente para nos trazer um pouco de ar fresco, que nos ajudava a aliviar o peso do isolamento a que estávamos sujeitos.

Para quem nunca viveu esta experiência, a de estar muito longe da família, dos amigos e da namorada, será difícil de entender. Os que estiveram lá, nas terras do fim do mundo, sabem o quanto significava ter uma carta para ler.

Figura 20. Com notícias frescas. Gago Coutinho.

A nossa grande base de apoio para que pudéssemos trocar correspondência com o outro lado do mundo eram os aerogramas. De cor amarela, cedidos gentilmente pelo Movimento Nacional Feminino, sem qualquer custo, eram enviados através do Serviço Postal Militar. Quase todos os dias os utilizávamos para levarem notícias frescas e um pouco de nós aos nossos entes queridos.

A correspondência era a nossa tábua de salvação, o refúgio para os desabafos, um ritual que fazíamos quase diariamente, não por obrigação mas como desejo de estar perto dos nossos, de quem

[78] Todos os dias eram contados e descarregados no calendário.

amamos. Receber notícias da metrópole era uma sensação de alegria única, inexplicável, talvez comparável ao ar que respirávamos, um renovar constante de emoções que nos alimentavam o ego e a alma, e nos davam um pouco de felicidade e, ao mesmo tempo, nos ajudavam a sonhar.

Figura 21. O autor à volta da correspondência.

Da outra parte utilizavam aerogramas de cor azul para se corresponderem com os seus militares. Pelo menos tínhamos esta pequena benesse, único meio de encurtar a enorme distância que nos separava de casa.

Se, por um lado, o serviço militar nos *amarrava* durante mais de três anos e nos afastava do *Puto,* isolando-nos do mundo, acarretando inúmeras privações, recheadas de receios e muita angústia, por outro, dava-nos hipótese de nos correspondermos e conhecermos alguém e a oportunidade de fomentarmos novos e bons laços de amizade.

Daí terem surgido também lindas histórias de amor, muito românticas, que resultaram dessas amizades e se prolongaram para além do tempo do serviço militar, culminando no casamento.

Todavia, e como se compreenderá, nem todo o interesse na obtenção de uma madrinha era obrigatoriamente para fins amorosos. Pelo contrário, muitos estavam longe desse objectivo, e apenas se mantiveram fiéis a essa amizade. Eu também procurei ter a minha madrinha de guerra. Para o efeito, enviei uma carta com meu pedido à Simone de Oliveira. Compreendi a impossibilidade e apreciei a forma muito gentil como se justificou, numa carta que me escreveu, enviando-me uma foto sua[79].

[79] Janeiro de 1971, estávamos no quartel em Leiria, em plena recruta. Na altura senti necessidade de ter alguém com quem partilhar um pouco da minha vida militar e que me ajudasse a passar melhor o tempo.

Figura 22. Simone de Oliveira.

Outros camaradas já tinham namoradas e alguns eram casados e pais. Havia ainda aqueles que, na condição de solteiros, deixaram a namorada grávida e acabaram por se casar no Ultramar, em pleno mato, por correspondência, com a ajuda do Capelão, numa cerimónia católica, com Missa Campal, onde não faltavam os mais pequenos, mas importantes, pormenores. Era uma cerimónia realizada com o nosso testemunho, como se estivéssemos a presenciar o ritual numa Igreja, onde os noivos, juntos perante o altar, fizessem o juramento tradicional de fidelidade e de amor na saúde e na doença, perante o padre, e recebessem a bênção de Deus.

E assim, muito naturalmente e de comum acordo, os *nubentes* resolviam consumar um desejo que ambos ambicionavam. A distância de 9000 quilómetros não impedia a realização de tamanho feito. Lembro-me particularmente de um casal que se uniu pelo matrimónio numa cerimónia apaixonante, como se estivessem um ao pé do outro. Foi muito bonito, não me recordo de todos os pormenores, provavelmente, importantes. Contudo, este momento único, testemunhado e vivido por todos, não deve deixar de ser assinalado na história do Batalhão.

O noivo viu-se rodeado dos seus camaradas e amigos, que sempre o apoiaram, partilhando, à nossa maneira e de acordo com todas as limitações, esse inesquecível momento. Não foi um conto imaginado, existiu mesmo (e a prova disso é que essa família é hoje mais numerosa. Nasceram mais dois gémeos e o nosso camarada é avô de oito netos).

Outro camarada teve a felicidade de encontrar a sua companheira, que conhecera num baile de magusto em 14 de Novembro de 1971, muito próximo do embarque para Angola. Não houve possibilidades de namoro, como se compreenderá. Trocaram correspondência durante toda a ausência dele. Pouco tempo depois de ter chegado, casaram. Passados já cerca de 43 anos, têm dois filhos maravilhosos e uma linda neta de quem se orgulham muito. Esta é a minha história. Um outro soldado ainda se correspondeu com uma prima. A amizade deles acabou por conduzi-los ao altar passado pouco tempo. Continua a ser um casal feliz e tem dois netos.

Figura 23. Namorada.

10. OS CONVÍVIOS

Nas conversas de caserna falava-se de tudo um pouco. Todos se faziam ouvir, expondo dúvidas e explanando ideias, procurando pôr de parte angústias. As nossas namoradas, amigas, esposas e madrinhas de guerra eram por vezes o tema principal. Sem ser necessário entrar-se no foro privado de cada um, nós contávamos um pouco da nossa *aventura*. Perspectivava-se o futuro que desejávamos, falávamos das nossas profissões e ambições, numa espécie de conforto *mútuo*, mesmo em jeito de desabafo, para que os tempos difíceis, e foram muitos, custassem menos.

A única, mais segura e eficaz forma de nos mantermos vivos era conservarmos a coesão e solidariedade. Todavia, à medida que o tempo ia avançando, todos os cuidados eram poucos. Havia outras formas de nos reunirmos, nomeadamente os jogos de futebol. Para o efeito organizavam-se mini-torneios entre as diversas companhias e o pelotão de apoio, e também, mas em ambientes mais recatados, ocorriam os tradicionais jogos de cartas. Desta forma, ocupávamos os tempos livres e assim os dias iam passando, mas sempre muito vagarosamente. Em cada caserna se sentia o cheiro da amizade e de grande camaradagem. Ainda hoje esses laços permanecem em muitos de nós. O tempo não foi capaz de os destruir.

Mantivemos este ambiente de convívio durante o longo período em que nos colocaram no *Cu de Judas.* Num desses encontros, muito especial, festejava-se o aniversário do nosso amigo Ercílio Pereira (a quem mais uma vez presto a minha homenagem, relembro-o com muita saudade). O Raul, que tinha preparado a sua intervenção, fez questão de discursar[80].

Mais uma vez estamos reunidos, desta feita é mais um aniversário que se festeja, o do Pereira, que é um dos mais novos do grupo. Quanto a mim alcunho-o O Benjamim.

Eu propus a mim próprio tornar o mais solene possível este convívio. E como tal cá estou com este improviso. Quanto a mim já falei muito e sinto que nada disse. E agora me ocorre uma frase célebre pela verdade que encerra. Essa frase é de Camões.

Aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte libertando…

Eu aproveito esta frase e direi, melhor dizendo, a nossa amizade é uma obra valiosa que se foi construindo criando alicerces validos ao longo deste ano de convívio. E é sincera e, por isso mesmo, eu sei que se irá da lei da morte libertando. Este é o motivo pelo qual eu quis adaptar essa frase de Camões ao momento presente. E considero-a imortal, porque sei firmemente, tenho a certeza, que um dia, após concluída a comissão, nos abraçarmos e cada um seguir o seu caminho, esta amizade perdurará. Não será uma amizade de dois anos mas será uma amizade eterna. Por conseguinte Imortal.

Não vos maço mais camaradas e somente faço três votos e dirijo-me especialmente ao festejado, o nosso comum amigo Pereira. Que este dia se repita por longos anos felizes. Que esta data seja sempre lembrada com recordação, com saudade. Porque desta vida que hoje levamos são estes momentos que ficam e que jamais se apagarão.

Nada mais, somente felicidades Pereira. Parabéns. Em meu nome e de todos nós volto a formular votos sinceros, muito sinceros, que este dia se prolongue por muitos anos.

Se, por um lado, o serviço militar nos amarrava aproximadamente durante três anos, com todas as privações, por outro dava-nos a possibilidade de nos conhecermos melhor, testarmos as nossas faculdades de autodefesa e, principalmente, a solidariedade e interajuda, levadas muito próximo do limite humano.

[80] Este discurso foi gravado e a sua transcrição é integral. 15 de Março de 1973 (colecção do autor).

Numa das de festas organizadas pelo grupo tivemos a presença do Primeiro-sargento do Serviço Postal Militar (SPM), e a dada altura do convívio tivemos a seguinte declaração:

Os soldados pá! Os soldadinhos! São uns gajos porreiros. É do fundo do peito que digo isto. Estão longe da terra, sofrem, pá. Sentem a saudade dos seus, pá.[81]

Figura 24. Convivendo e petiscando, da esq. para a dir.: O autor, Raul e Carêto.

No mesmo dia e ainda em plena confraternização o Raul, sempre ele, fez a seguinte apresentação:

«Devido à grande popularidade granjeada pelos Sete Magníficos, cada um de nós adoptou um nome artístico. Seguidamente irei apresentar cada um deles da seguinte maneira. Eu profiro o nome próprio e cada um dirá o nome adoptado.

Em primeiro lugar, o cabeça de grupo:

Lima..... Jones, o cigano
Santos..... Landy
Carêto ..... Tozé
Pereira..... Cilinho
Carvalhido..... Manolito
Gil ..... Necas
Afonso ..... Zézinho
Branco..... Mequinho

E por fim,
Raul..... Nanu

E o nosso convidado de honra,
Loureiro..... Toninho»[82].

[81] Transcrição integral da gravação. 15 de Março de 1973 (colecção do autor).
[82] *Idem, ibidem.*

Tratava-se de um grupo muito coeso que procurou, ao longo de toda a comissão de serviço, passar o tempo o melhor possível e escolher as mais variadas formas de o fazer. Entre elas estavam os convívios. Claro que depois vinham os excessos, o álcool era o pior inimigo, mas também afagava as mágoas por algum tempo. Era preciso esquecer, não era fácil consegui-lo no estado sóbrio, sendo exagero compensado pela alegria de sonhar livremente, numa espécie de escape para ofuscarmos os maus momentos.

O Raul, que não estava habituado, exagerou na quantidade da bebida. A mistura alcoolizou-o de tal maneira que, depois de se despir, chorar pela mãe e fazer os maiores disparates, ficou em muito mau estado físico, esteve muito próximo de entrar em coma alcoólico. Tivemos, já de madrugada, que acordar o Dr. Lincoln (médico do Batalhão) para que viesse socorrer o nosso camarada. Mas não era o único; de uma forma ou de outra, todos nós éramos protagonistas das maiores *façanhas.*

Ressacados no dia seguinte, possivelmente já esquecidos dos disparates que tínhamos feito, ficávamos à espera da repetição de uma idêntica proeza.

Sob o efeito da bebida assistia-se a um pouco de tudo. Os camaradas choravam, cantavam, despiam-se, rebolavam na relva, choravam pelos familiares e alguns até, com a cegueira provocada pela bebida, foram parar à fossa céptica. Enfim, os acontecimentos eram variados e férteis em emoções fortes.

No dia seguinte tudo voltava ao normal, a realidade estava lá mais uma vez, mais um dia e mais um dia ainda e mais…parecia não ter fim.

Não era vergonha nem nunca será quando um homem chora porque tem saudades ou medo.

10.1. As patuscadas

Era extremamente difícil a marcação das patuscadas. Estávamos *nas mãos* do responsável do depósito de géneros, o camarada Loureiro, que por seu turno dependia da chegada do MVL (que tudo condicionava). Além do mais, a aquisição dos restantes alimentos, nomeadamente, batatas, ovos e vinho, tinha que ser conseguida à socapa, no mesmo *fornecedor.* Quando o conseguíamos era um dia de festa, alimentávamos o corpo e a alma de contentamento.

Ainda hoje recordo o barulho da máquina a petróleo, (igual à que as nossas mães usavam na época) deixada pelo Batalhão que fomos render, com que entusiasticamente preparávamos, à nossa maneira, os tão famosos e deliciosos petiscos.

Tudo tinha que ser feito muito discretamente, apenas com o conhecimento do camarada Loureiro que, através de uma das divisórias (de madeira) do armazém do vagomestre, paredes-meias com o nosso quarto, e por uma pequena frincha que existia (feita por nós), nos fazia chegar a carne e todos os alimentos necessários para a confecção das tão saborosas refeições. Roubávamos para comer, única forma que encontrámos para sobreviver e, ao mesmo tempo, mergulharmos num mundo ilusório, de onde emergiam as fantasias, e esquecíamos aqueles que lá longe esperavam por nós desesperadamente. Ao mesmo tempo, usávamos a única forma possível, neste posto de abrigo, para sobrevivermos à miséria com que nos presenteavam[83].

[83] Para conseguir comer a sopa tinha que usar o gindungo, uma forma de esconder o sabor repetitivo.

Figura 25. Na preparação de um petisco, da esq. para a dir.: Branco, Raul, Gil e Afonso.

Figura 26. Transportando uma peça de caça.

A união do grupo ajudou, em grande medida, a superarmos todos os obstáculos. Vários convívios ocorreram ao longo da comissão, contribuindo para que as saudades e a vontade de regressar não fossem tão dolorosas, sendo essa coesão fundamental para chegarmos a bom porto sãos e salvos.

A forma como lidavam connosco obrigava a que nos protegêssemos com estes momentos de lazer. A comida que nos proporcionavam era, na maioria das vezes, imprópria e exageradamente repetitiva. A ementa daquilo a que chamavam refeições, era quase sempre composta por salsichas

ao almoço, substituídas por *estilhaços* de frango ao jantar. Quando nos davam feijão, recheado de bicho, geralmente era acompanhado por conservas. A sopa estava quase sempre ao mesmo nível, para a podermos digerir tínhamos que colocar um favo de gindungo, de modo a que o picante se sobrepusesse ao paladar, para não sentirmos o verdadeiro sabor dos alimentos. O pequeno-almoço era a única refeição digna desse nome; pão fresco com manteiga e café com leite[84]. Tinha o condão de nos aconchegar o estômago e alimentar a alma.

Este *quadro*, muito triste, traz à memória a célebre cantiga de Zeca Afonso, denominada *Os Vampiros*, que se adequa totalmente aos momentos por que passámos.

«(…) eles comem tudo, eles comem tudo e não deixam nada (…)».

Se *eles* comiam tudo, não podemos afirmar, porque não dava para ver. Certo é que não deixavam nada.

Era este o nosso dia-a-dia nas horas das refeições. As *excelentes iguarias*, antes de serem servidas, passavam obrigatoriamente pelo oficial de dia, que tinha como função aprovar ou rejeitar a sua confecção. Não tenho conhecimento se alguém alguma vez recusou uma refeição, considerando-a imprópria para consumo.

O problema da má qualidade da alimentação foi colocado ao comando; queixámo-nos várias vezes da péssima qualidade da comida que nos era servida, mas nunca fomos ouvidos. Pelo contrário, até constou que o segundo comandante, muito irritado com o protesto, nos aconselhou a irmos às fossas. Segundo ele *havia lá muito que comer*.

O meu peso, quando entrei em Leiria em finais do ano de 1971, era de 72 quilos. Quando regressei de Angola, em Abril de 1974, tinha emagrecido cerca de 20 quilos.

Figura 27. Convivendo e petiscando, da esq. para a dir.: Gil, Raul, Melo, o autor e Carêto.

[84] Leite em pó.

Figura 28. Convivendo e petiscando, da esq. para a dir.: Carêto, Afonso, Gil e Pereira, em primeiro plano o autor.

11. O RESTAURANTE DA VILA

Como se verifica, sempre que nos era possível, recorríamos aos petiscos. Mas por muita que fosse a vontade de os fazer, a escassez de carne e dos demais comestíveis, motivada pelas más condições climatéricas, pela falta do MVL e dos meios aéreos, impedia-nos de utilizar essa alternativa. O único recurso era uma *loja/restaurante*, de comércio muito variado, conhecida por *Mete Lenha*, situada no centro da vila, muito próxima do aquartelamento, onde a maioria se deslocava para passar alguns momentos de lazer e saciar o estômago. Porém, nem sempre tal era possível, sendo a realidade bem negra. Os abastecimentos falhavam frequentemente, e a *loja* sofria da mesma fatalidade.

Por várias vezes aí acorri para saborear o *bitoque*, mas infelizmente o dinheiro[85] de nada servia. Esgotavam-se as reservas e, por muita boa vontade que o dono tivesse de nos servir, voltávamos para o quartel com o estômago vazio.

12. TEMPOS LIVRES

A par dos petiscos, realizávamos jogos de futebol, normalmente disputados aos fins-de-semana. Existiam outras ocupações que contribuíam para nos ajudar a colmatar o tempo de espera pelo fim da comissão.

[85] Por estar a cumprir uma comissão de serviço no Ultramar e numa zona considerada de «intervenção», o vencimento (pré) auferido era de 1500$00, moeda angolana, como se poderá confirmar em documento colocado em anexo.

Para além de se pôr a correspondência em dia, disputavam-se vários tipos de jogos de cartas, e também nos apoiávamos nos nossos serões de sessões de canto. Para tal contávamos com o camarada Branco, um Mestre na arte de tocar guitarra clássica, e simultaneamente um excelente cantor. Dele ouvíamos músicas de Zeca Afonso, José Mário Branco[86], Paco Bandeira, José Cid, entre outros. De vez em quando, o Santos também fazia parte do elenco e actuava como fadista. Enfim, eram sessões de variedades para todos os gostos. As dimensões das instalações (o nosso quarto e a oficina) eram muito reduzidas e limitavam forçosamente a lotação.

Estávamos a par das novidades musicais, dos *tops* internacionais. Ouvíamos frequentemente os cantores mais famosos naquela época, a par dos conjuntos de renome, nomeadamente os Creedence Clearwater Revival, Bee Gees, The Doors, Rolling Stones, Beach Boys, os Beatles, e os cantores como o Elvis, Bob Dylan, Chico Buarque, Gal Costa, Rita Pavoni, Caetano Veloso, etc. etc. Uma Rádio em Luanda dedicava-se a satisfazer os inúmeros pedidos musicais de muitos militares[87], e isso também combatia, de certa forma, a solidão.

Figura 29. Equipa de futebol da CCS. De pé, da esq. para a dir.: Campos, Branco, Loureiro, Guimarães, Cruz, Nunes e o autor. 1.º plano, da esq. para a dir.: Zé Augusto, Carêto, (…), Fernandes, Pinto e Jair. G.C. 10/01/1973.

[86] Chegámos a ser questionados pelas músicas que ouvíamos.

[87] Com as mais diversas dedicatórias.

13. OS EFEITOS COLATERAIS

Relembro o que se passou com um camarada que *já era casado e pai de uma filha,* uma excelente pessoa. A sua principal companheira em toda a comissão foi a garrafa de cerveja (*Nocal* ou *Cuca*). Nunca cheguei a entender como era possível jogar tão bem futebol.

De repente deixámos de o ver, não aparecia como era costume. Ficámos apreensivos e resolvemos ir ao seu encontro. Fui procurá-lo à camarata, estava deitado na cama, doente e com febre. Foi forçado a recorrer à enfermaria para ser observado clinicamente. Após o exame, o enfermeiro retirou-lhe um lagarto que tinha criado nas costas. Não dava para acreditar!

Mas nem tudo era assim tão fácil de ultrapassar. Testemunhámos também casos de difícil solução, nomeadamente o de um camarada a quem foi dada a notícia de que a mulher estava grávida do seu irmão, ou o de outro soldado que recebeu a informação do falecimento de um familiar muito próximo (creio que foi a perda do pai) num acidente. Noutra ocasião, um furriel cortou os pulsos para se suicidar. Nunca soubemos quais as suas verdadeiras razões. Acabou por ser evacuado para a Metrópole, não voltámos a ter notícias dele.

Um outro militar resolveu ir cantar serenatas junto à porta do quarto do comandante. Teve o mesmo destino. Desconheço o desfecho da sua situação. Apenas sei que regressou antes de nós.

Situações dramáticas, muito difíceis de lidar e também de aceitar, embora pudéssemos entender os motivos que provocaram as mais variadas atitudes. Momentos destes não nos levantavam a moral. Pelo contrário, desgastavam-nos e, como se não bastasse, as missas pelas vítimas da guerra afundavam-nos ainda mais. Não era fácil assistir a tudo isto, e todos sofríamos.

O furriel Nunes, uma excelente pessoa, sempre bem-disposto e muito nosso amigo, teve também um momento de *fraqueza* (ou não), mas desta vez sobrepôs-se o lado *cómico*, do acontecimento, felizmente sem consequências graves. Construiu um *carrinho* de madeira e resolvera, após lhe ter atado um cordel, passeá-lo pela parada, como uma criança.

Todos comentámos esse atribulado comportamento:

«– O furriel Nunes ficou cacimbado! O furriel passou-se completamente!».

Pouco adiantaram as críticas, porque aquele era o Nunes que conhecíamos, que admirávamos, e de quem gostávamos. Desprovido de preconceitos, continuou fiel aos seus princípios e essas características tornavam-no único.

A sua atitude mais parecera a de um *puto* na posse do um brinquedo. Continuou connosco até ao final, sempre igual a si mesmo, o eterno brincalhão. Ainda bem, porque todos gostávamos muito dele[88].

[88] O furriel Nunes colocou de parte a sua patente e sempre que podia juntava-se à *plebe*. Ainda hoje não se desligou do grupo, continuamos a manter contacto. Foi e será sempre um grande amigo.

Mas nem todas as situações eram toleráveis, e enfrentámos várias, talvez pela saturação ou quebra anímica e psicológica. Comentava-se que um militar, por ter sido apanhado em flagrante com uma mulher casada do aldeamento, levou tamanha tareia que ficou num estado lastimável, metia dó. Também se ouviu dizer que, por um motivo semelhante, foi lançada uma granada para dentro dum *Quimbo,* como sinal de retaliação. Todos estes casos poderão ser classificados como resultados da guerra, mas o que mais impressionava era a forma como se passavam as coisas. Estas atitudes reprováveis não foram as únicas, outras formas de violência repetiram-se, consciente ou inconscientemente.

As vítimas da guerra chegavam quase todos os dias a Gago Coutinho. Os feridos provocados pelas minas foram muitos. Para aumentar a desgraça, os caixões continuavam a ficar encostados ao nosso quarto.

No Leste de Angola, as picadas que efectuavam as ligações com os diversos destacamentos normalmente eram um alvo fácil para a colocação de minas antipessoais e anticarro, a par das emboscadas às colunas, que tinham que percorrer os diversos caminhos com as mais variadas funções. Fazer esses trajectos era um susto constante, com receio de que pudesse acontecer inesperadamente um ataque do inimigo.

À medida que o tempo ia avançando, tudo se tornava cada vez mais difícil. Nós estávamos psicologicamente abatidos e com absoluta necessidade de descanso, era urgente sairmos dali. O tempo de tolerância esgotara-se e as atitudes já não eram as mais adequadas a mentes equilibradas. Uma vez protagonizei um estranho episódio numa ida para o refeitório, à hora do almoço. Normalmente o grupo seguia sempre junto, a certa altura do percurso resolvi tirar a lata de conservas da mão do Santos, e comecei a pontapeá-la, numa simulação do jogo da malha. O camarada, irritadíssimo, atirou um garfo que me ficou cravado nas costas. Quatro furos, doeram mas não tiveram gravidade. Não reagi, compreendi a minha atitude, assumi a culpa e continuamos amigos.

Numa outra ocasião, estávamos a jogar as cartas e, a dada altura, não me recordo dos motivos, peguei na G-3 e coloquei-a em cima da mesa. Os meus amigos acusaram-me de estar *cacimbado.*

No decorrer de um jogo de futebol, a certa altura e sem ninguém contar, depois de um suposto erro do árbitro, (elemento da PIDE) um dos espectadores (militar) pegou na G-3 e disparou dois tiros para o ar, como forma de manifestar o seu desacordo. Nada mais se passou além disso, apenas um pequeno susto, fruto de uma atitude reprovável.

Quando já se notam excessos de comportamentos, alguns a roçar o *anormal*, é sinal claro de que alguma coisa está menos bem. E, de facto, isso também aconteceu comigo algumas vezes. O tempo a mais em território ultramarino e o cansaço, cujas origens estiveram ligadas às condições desumanas que nos impuseram, foram os principais responsáveis. A certa altura da comissão em Gago Coutinho, eu sentia que necessitava de ajuda. Fisicamente bastante debilitado e magro, adoecia com frequência. O paludismo foi em grande parte um dos culpados, acompanhado pela fraca alimentação.

Isso foi visível quando, numa das colunas a um dos destacamentos das quais fiz parte, de repente e sem pensar nas consequências, comecei a disparar para umas aves que se encontravam

numa das bermas do caminho. Foi uma atitude irresponsável que colocou toda a coluna em alvoroço, convencida que estávamos a sofrer uma emboscada. O *Comandante*[89], após tomar conhecimento do sucedido, tranquilizou todos os militares, não deixando de me repreender, com toda a razão. Tive muita sorte, o caso ficou por ali, sem mais consequências.

O isolamento ultrapassava todos os limites aceitáveis, e o tempo de espera para sairmos daquele *inferno* era demasiadamente penoso. Tinha sobre nós um enorme efeito psicológico, como se estivéssemos numa tortura, a pagar uma pena referente a um qualquer crime e, talvez por isso, muitas das minhas atitudes não se enquadravam numa pessoa emocionalmente equilibrada. Reconheço a falta de paciência, o nervosismo daí resultante. Agora, à distância de quatro décadas, compreendo a razão do meu comportamento, por vezes exagerado que, nessa altura, numa análise errada, considerava normalíssimo. Perante tão difícil situação, que nos afectava profundamente, concluo que teve que ser assim, caso contrário não aguentaria por muito mais tempo a pressão a que estávamos sujeitos. Só o Dr. Lincoln se apercebeu e achou por bem a minha ida para o hospital do Luso.

Todavia, em pior situação estiveram aqueles camaradas que foram obrigados a regressar mais cedo por não terem tido a resistência psicológica suficiente para aguentarem por mais tempo a pressão da guerra, do isolamento e da desumanização a que estávamos condenados. Pessoalmente tinha que me proteger e encontrei no alheamento a melhor forma de chegar a casa. Daí a autodefesa a que obrigatoriamente tive que recorrer, confundindo os meus camaradas que me colocaram por diversas vezes no primeiro lugar da lista dos *cacimbados.*

O álcool foi, para muitos de nós, uma espécie de refúgio. À distância do tempo passado desde então, compreende-se a razão por que o fazíamos. Mas não era só o recurso à bebida que nos *afagava* a nostalgia, ajudando a encurtar a distância dos nossos entes queridos. O jogo era uma ocupação obrigatória para muitos, nem sempre de sorte ou de azar, apenas como distracção, a par do futebol ou de outros entretenimentos, como o dos convívios já referidos.

As *fugas* periódicas ao aldeamento serviam também como um meio eficaz na ajuda a quebrar a ansiedade e esfriar o sentimento de angústia que nos atormentava, fazendo encurtar o tempo de permanência e a distância que nos separavam da civilização.

Os exageros provocados pelas bebedeiras e a perda de alguns fundos deixados na caserna da ferrugem foram as marcas da factura cobrada por essas leviandades, mas não deixavam de contribuir positivamente para o esfriar de pensamentos pouco aconselháveis e acalmar os espíritos mais débeis, o que como se comprovou nem sempre foi possível.

Outras situações surgiram com mais gravidade, como por exemplo as contaminações, nomeadamente a sífilis[90], resultantes das doenças venéreas contraídas nas relações sexuais sem qualquer tipo de precaução.

---

[89] O responsável das colunas (normalmente era um alferes).

[90] Sífilis – Uma doença venérea causada por uma espiroqueta (microrganismo em forma de espiral) chamada *Treponema pallidum*. Geralmente, o germe é transmitido através de relações sexuais. A sífilis, que é a mais perigosa de todas as doenças sexualmente transmissíveis, pode ser curada com a ajuda da penicilina. In *O Grande Livro da Saúde, Enciclopédia Médica do Lar*. Lisboa: Selecções do Readers Digest, 1972. p. 779.

Em Gago Coutinho não foram registados números exagerados, talvez devido ao isolamento do aquartelamento, mas de quando em vez ouvia-se notícias que nos colocavam em alerta e nos obrigavam a utilizar uma pomada que se colocava na uretra após o acto sexual como única forma (não eram distribuídos preservativos) de combater qualquer eventualidade menos desejável.

A reduzida população masculina no aldeamento assim como a escassez da permanência de mais militares naquela zona faziam com que os números de doenças venéreas não fossem alarmantes. A maior parte dos meus camaradas tinham a sua lavadeira e, de certo modo, existia uma espécie de barreira (ou mesmo respeito) para com a companheira de cada um, caso existisse.

Apesar de todas as precauções, a sífilis marcou a sua presença. Um caso, devido à gravidade de que se revestiu, obrigou à evacuação de um camarada para o hospital. Um outro conseguiu que o corpo clínico lograsse sarar-lhe a ferida assustadora contraída no pénis sem problemas de maior. Quanto à primeira situação, o militar não voltou ao Batalhão, desconheço-lhe o desfecho.

Embora este tema fizesse parte da conversa entre jovens, (mesmo na vida civil) existiam, misturados com muita ignorância, reduzidos esclarecimentos, subsistindo uma ausência generalizada de prevenção, que contribuía para o surgimento de casos de alguma gravidade.

Mas se em Gago Coutinho, uma zona isolada, a existência da doença era controlada com alguma facilidade, já na Gabela tudo seria diferente. A população aumentara e os contágios já eram conversa diária de caserna. A frequência com que surgiam em nada tinha a ver com o que se passou no Leste. O receio era mais visível, mas mesmo assim não obstava a que os *aventureiros* arriscassem e os problemas causados pelos *esquentamentos* surgiram com maior intensidade.

14. AS TRANSMISSÕES

Figura 30. Grupo pertencente às transmissões. De pé, da esq. para a dir.: furriel Sacramento, Gil, Branco, Cruz, Carneiro, Afonso, Venido, Rodrigues, Lima, Pereira, furriel Nunes. 1.º plano, da esq. para a dir.: furriel Neto, Pedro, Viana, Contenças, Carêto, Ribeiro, Raul, Jorge, Mesquita. Set.9.1972.

14.1. Os radiotelegrafistas

Se existiam especialidades insubstituíveis pela sua elevada importância, as *Transmissões* eram uma delas. As comunicações estavam sempre na linha da frente, prontas para qualquer eventualidade. A sua importância exigia dos operadores máxima concentração, daí a necessidade de grande aplicação e, sobretudo, de gosto pelo trabalho a executar[91]. O curso era extremamente difícil, dada a sua complexidade, com patamares de aprendizagem a exigirem elevado rigor, e níveis de tolerância muito reduzidos. Só os bons eram seleccionados.

A ausência ou uma má preparação dos elementos colocava em causa as operações militares e, essencialmente, a segurança de todos, em plena acção na mata, mas também, e com a mesma importância, no interior dos aquartelamentos.

Sem comunicações rápidas e fiáveis as hipóteses de obtenção de êxito no apoio aos militares em patrulha ou operações no mato, no auxílio da força aérea ou outro sector das forças armadas, (Comandos, Pára-quedistas e Fuzileiros), na evacuação de feridos em combate e no transporte de doentes, eram muito reduzidas.

Foi ao trabalho dos especialistas anteriormente referidos que muitos de nós ficámos a dever o regresso a casa. Paralelamente, cabia aos radiomontadores, como prioridade, manter todos os equipamentos em condições perfeitas e operacionais sempre que solicitados. Uma preocupação constante, que não podia ser subestimada. A sua manutenção requeria um cuidado acrescido, que exigia de nós grande responsabilidade e permanente disponibilidade.

A operacionalidade das várias acções de defesa e de combate estava sob dependência do comando[92], que se mantinha em contacto directo e permanente com as diversas frentes no terreno (mato) e destacamentos (arame farpado), apoiando-se na eficácia da equipa que assegurava as comunicações.

A comunicação era um factor prioritário na máquina de guerra, dela dependiam os fracassos ou êxitos. Sem a possibilidade de comunicação directa ou através de mensagens codificadas tudo se tornaria muito difícil.

Com os aparelhos de rádio sempre ligados e num alerta constante, com turnos permanentes, incluindo trabalho dos *Criptos* (na descodificação) e dos radiotelegrafistas (operadores de recepção e emissão), os militares que faziam parte desse departamento permaneciam sempre atentos (e em contacto directo com o comando) a qualquer mensagem que pudesse chegar dos operadores de transmissões de infantaria[93], nas diversas acções no terreno, ou noutros destacamentos[94].

Durante a noite eram muito mais difíceis as comunicações, sofrendo interferências constantes, agravadas pela má condição dos rádios, já muito *gastos* pelo uso, considerados *obsoletos* e ultrapassa-

[91] A grande maioria dos militares, mesmo em situações que poderiam eventualmente desmotivar, nunca perdiam a noção da sua importância. Daí o seu enorme sentido de responsabilidade.

[92] Daqui eram emanadas todas as ordens.

[93] Os telegrafistas.

[94] O tratamento de cada mensagem era dado de acordo com o grau de urgência.

dos *(desactualizados)* para a altura. Nessas condições, colocavam em causa a eficácia dos operadores, que sentiam imensa dificuldade em captar as diversas mensagens. Era exigida máxima concentração e, mesmo assim, não se afigurava fácil o trabalho dos radiotelegrafistas[95].

Eram frequentes as mensagens que chegavam com a *marca* de muito urgente, com a classificação de *zulu,* consideradas prioridades absolutas, colocando toda a *máquina* ao serviço da sua recepção, empenhada na descodificação e resolução de problemas.

Para além da emissão das coordenadas de localização dos militares em operações no mato, havia necessidade de transmitir a existência de confrontos em emboscadas, rebentamentos de minas, comunicando o local das ocorrências, passíveis de incluir feridos graves e mortos, exigindo rápida evacuação. Tudo tinha que ser feito em pleno dia[96].

Por outro lado, os especialistas nas transmissões acompanhavam o percurso das colunas MVL, que se deslocavam para abastecimento dos pelotões em saídas de acções de patrulhamento, ou das companhias dispersas pela área reservada ao Batalhão, garantindo o apoio a operações de vigilância ou combate, nomeadamente da força aérea. Era o pessoal de comunicações que se encontrava destacado, por turnos. Estas funções revestiam-se de um elevado grau de responsabilidade, zelando pela segurança de todos, e merecendo enorme confiança, sendo tributárias de grande apreço.

Foi, sem dúvida, pela capacidade e espírito de sacrifício e, sobretudo, pelo elevado *profissionalismo* que o grupo de radiotelegrafistas e telegrafistas colocou o seu trabalho em primeiro lugar.

Figura 31. Radiotelegrafista Afonso em actividade.

É com muito orgulho que faço questão de sublinhar a relevância desta especialidade, não pelo facto de ter feito parte dela e ter exercido funções muito próximas, mas porque tive o privilégio de tes-

[95] Quase no fim da comissão os rádios são substituídos pelos novos *Racal 5*. Dizia-se na altura que tinham sido oferecidos pelo governo da África do Sul.

[96] Durante o período nocturno os meios aéreos, por uma questão de segurança, mantinham-se na base.

temunhar a sua elevada capacidade operacional, mantendo-se em alerta constante, *vigiando e apoiando* na emissão e recepção de mensagens, na maioria das vezes em condições de trabalho muito complexas (algumas mensagens eram complicadas e muito difíceis de captar pela distância e, como se não bastasse, pelo mau estado de conservação dos equipamentos, maioritariamente obsoletos, como já referi).

Aconteceu também, em muitas ocasiões, que os *nossos* apoiavam radiotelegrafistas de outras companhias, sempre que estes manifestavam dificuldade na operacionalidade, solicitando ajuda.

Não vou mencionar na íntegra os nomes dos camaradas de comunicações. Poderei ser injusto ao omitir, por lapso, algum. Todos são merecedores de uma menção de *destaque*. Apenas refiro o Afonso, pela posição que ocupava[97], concretizando uma espécie de representação dos especialistas das transmissões, na qualidade de responsável desse sector tão importante, como facilmente se compreenderá, e que lhe valeu merecidamente um louvor do Comandante do Batalhão[98].

Figura 32. Teste de um equipamento de transmissões.

[97] Cargo de chefia, responsável pelos serviços de transmissões.

[98] «1.º Cabo Radiotelegrafista n.º 07148071 – JOSÉ ALBINO DIAS AFONSO – Louvado pelo Exmo. CMDT do BAT, porque durante o período da sua comissão, no desempenho das funções de operador e, cumulativamente, nas de chefe dos telegrafistas, desempenhou com eficiência e zelo os serviços que lhe foram solicitados. Militar aprumado e competente, tornou-se um excelente instrutor dos seus camaradas mais novos, orientando-os sempre que tal era necessário. No desempenho das suas funções específicas, demonstrou ser um militar consciente das suas responsabilidades, sempre pronto a atender qualquer apelo que viesse dos seus camaradas em serviço operacional, conseguindo, com a sua calma sempre peculiar, que estes não se desorientassem e se sentissem bem apoiados» (AHM – *História da Unidade.* Caixa n.º 142-2.ª Div/2.ª Sec. Do AHM, p. 55).

Figura 33. Junto à oficina de rádio.

14.2. Os radiomontadores

Aos técnicos com a especialidade de radiomontadores, um dos ramos incluídos nas transmissões, cabia *socorrer* tecnicamente os rádios de comunicação, caso se justificasse, auxiliando as companhias pertencentes ao Batalhão, e as companhias em patrulha, dispersas por diversas áreas, e ainda as adidas, nomeadamente de Morteiros, e as forças auxiliares GE, Flechas[99] e Catangas. Ao mesmo tempo, e sempre que necessário, reparavam avarias nos geradores, assegurando a manutenção de todos os equipamentos. Quando existiam grandes operações no terreno, englobando diversas forças militares, o nosso suporte era solicitado na preparação do material de transmissões, como aconteceu na largada de pára-quedistas.

Os geradores eram activados com o auxílio de motores mecânicos, os quais precisavam de permanente manutenção, ao cuidado dos mecânicos-auto. Infelizmente, os materiais eram velhos e necessitavam de substituição, que nunca aconteceu.

[99] «Em 1967, Óscar Cardoso introduzia um novo conceito no paradigma da guerra insurgente em África, com a criação de um grupo paramilitar autóctone que conduzia operações encobertas sob direcção da PIDE/DGS.» (ÂNGELO, 2016: 13).

Foram precisamente os geradores o único meio, a única *arma* ao nosso dispor, que eu e o Carêto utilizámos para reivindicar material novo e manifestar o nosso descontentamento e revolta de cada vez que éramos visitados pelas altas patentes, como aconteceu aquando da chegada da comitiva do General Comandante da ZML. Desligámos os geradores, ficando às escuras, uma espécie de chamada de atenção, quando os oficiais se encontravam em franca confraternização na messe, e nós continuávamos a *apertar o cinto* e a comer os *estilhaços de frango ao almoço e as salsichas ao jantar* para não variar[100].

Nunca fomos ouvidos nem recebemos geradores novos.

Dei comigo muitas vezes a reflectir sobre tudo isto, sem saber ao certo se estava a cumprir serviço militar ou num campo de prisioneiros.

Numa das inúmeras mensagens que recebíamos via rádio acerca do que se passava nos outros destacamentos (nomeadamente sempre que existiam ataques do *inimigo,)* recordo que o comando, ao ser informado de que o aquartelamento do Chiume estava a ser atacado, comentou: *porreiro, pá, porreiro.* A indignação foi geral.

A rádio, único meio de comunicação, tinha um papel muito importante e nós, radiomontadores, estávamos conscientes da responsabilidade que nos era confiada. Por ser assim, ao Ercílio, pela sua experiência e, sobretudo, competência (era um *génio da electrónica),* foi confiada como função principal a reparação dos equipamentos e, mais tarde, numa restruturação de serviços, as baterias dos aparelhos fixos e móveis ficaram a seu cargo, assim como todos os aparelhos (emissores/receptores) que não necessitavam de ser enviados para manutenção nas oficinas gerais, na cidade do Luso. O Ercílio destacava-se pelas excelentes qualidades técnicas, lamentavelmente pouco valorizadas pelos superiores.

Para nós era uma figura do tipo *Professor Pardal* a quem recorríamos sempre que necessário, um *pronto-socorro* disponível para nos ajudar e ensinar.

Eu e o Carêto, até então, tínhamos responsabilidades na verificação das baterias e da manutenção dos rádios, mas fundamentalmente a prioridade era cuidar dos geradores, fazer serviços de ronda[101] e vigilância nocturna. Graças à *generosidade* do nosso chefe directo, por ironia do destino esta última tarefa era realizada dia sim, dia não, alternadamente, sobrando muito pouco tempo para recuperação de forças.

Para além das comunicações, coube-nos a instalação de um pára-raios que, pela sua urgência, não pudemos adiar. Foi um dos primeiros trabalhos que executámos em Gago Coutinho.

As trovoadas, talvez devido à altitude em que nos encontrávamos, cerca de 1200 metros, eram muito fortes. A falta de protecção e a fragilidade das instalações poderiam pôr em causa a segurança de todos.

---

[100] Por vezes alternando com rações de combate, nas ocasiões em que não havia mais nada para comer.

[101] Gago Coutinho era um pequeno povoado, muito próximo do quartel. Os seus habitantes, gente pacata, animavam as noites com azáfama em redor das lareiras.

Figura 34. Efeitos de uma tempestade.

A nossa função foi complexa, não por desleixo ou incompetência, mas pelas dificuldades que normalmente eramos forçados a enfrentar. A distância a que nos encontrávamos foi sem dúvida um enorme obstáculo. Sentíamos a obrigação de ter que improvisar na maior parte das vezes. *Desenrascar* era a palavra de ordem no nosso dia-a-dia. Chegámos ao ridículo de fazer uma ligação eléctrica do gerador a um barracão com arame de ferro, por carência de fio de cobre. Transgredimos todas as normas (leis da electricidade), coisa rara! Mas funcionou!

14.3. As chefias

Durante quase toda a comissão em Gago Coutinho o contacto com as nossas chefias directas[102] foi muitíssimo escasso, a não ser quando eramos chamados para nos atribuírem funções, nomeadamente nos postos de vigilância nocturna. Creio que estivemos sempre entregues a nós mesmos, exceptuando a aplicação de castigos, como foi o caso do Santos que, segundo nos constou, por se ter distraído e não ter desfeito a barba, contrariando as regras impostas, atraiu a atenção do Comandante quando se encontrava numa formatura e foi castigado pelo alferes das Transmissões. O camarada foi enviado para Luanguinga[103], de modo a cumprir pena durante cerca de um mês, numa Companhia que protegia a JAEA na construção da via que ligava o Luso a Gago Coutinho. Regres-

[102] Não tenho no meu rol de recordações qualquer indicação que me leve a afirmar que os nossos chefes directos tenham alguma vez solicitado a nossa presença para debatermos as dificuldades que afectavam o nosso sector, bem como problemas pessoais, que eventualmente poderiam ser minimizados. Desprezo é a palavra mais adequada para definir o comportamento daqueles que, devido à sua posição hierárquica, poderiam ter feito alguma coisa para minorar o nosso sofrimento.

[103] Localização na Direcção Gago Coutinho – Luso a cerca de 31 km de distância.

sou ao fim de sessenta dias, a pedido do Comando local, e com um louvor concedido pelo capitão Santos, como prova dos bons serviços prestados nesse destacamento.

Nos diversos locais (aquartelamentos) onde se encontravam instaladas as companhias pertencentes ao Batalhão, os militares andavam à-vontade, não havia preocupação de manter a cara bem barbeada, a farda aprumada e o cabelo curto. Pelo que me apercebi os responsáveis não davam a entender que existia esse rigor, nem qualquer tipo de pressão por parte dos seus superiores. Não se via o ambiente de anarquia que, porventura, o comando temia. Esse comportamento contrastava com a austeridade imposta em Gago Coutinho, onde o exagero superava todos os limites do aceitável. Nas regras ditadas pela disciplina militar, um simples erro, mesmo a este nível, tinha consequências que poderiam levar à cadeia, o que dava para concluir que, numa zona de guerra considerada a todos os níveis uma das piores, o mais importante era manter a preocupação com a barba sempre bem-feita e o cabelo impecável, de forma a não quebrar as regras de conduta estabelecidas. Tudo o resto, nomeadamente a péssima alimentação e o *stresse,* não causavam qualquer tipo de preocupação a quem tinha a responsabilidade de nos conduzir.

O camarada Santos foi vítima desse rigor, um exagero que lhe poderia, eventualmente, pôr em risco a própria vida, mas como excelente militar e óptimo radiotelefonista acabou por ver esses atributos premiados por superiores alheios ao nosso Batalhão.

Estar na companhia do Santos dava-nos alguma liberdade de acção e, sobretudo, muita segurança e coragem. A sua postura extrovertida era contagiante, ninguém conseguia manter-se triste junto dele. Sempre brincalhão e nada individualista, pelo contrário, manifestava disponibilidade incessante para nos dar apoio, como aconteceu na viagem de barco, quando contraí o paludismo. Em Gago Coutinho eu estava com uma infecção provocada por um ferimento num olho e ele levou-me[104] à enfermaria. Principalmente nas alturas em que a solidão e as saudades apertavam, o Santos nunca nos deixou sozinhos. Era um excelente líder, um amigo de quem gostávamos muito, sem nunca exigir qualquer tipo de retorno. A prova disso verificou-se quando se ausentou, por castigo, provocando no grupo uma enorme tristeza.

Se me deixava envolver pelo meu imaginário, isso poderá ter acontecido, era na tentativa de me poder refugiar e não cair na dura realidade, por vezes muito cruel. Talvez fosse uma das poucas formas de conseguir aguentar, sem quebrar psicologicamente. Alguns procedimentos pouco adequados da minha parte, com críticas constantes, denotavam alguma infantilidade provocada por esse mundo irreal onde encontrava o referido refúgio, mas sempre consciente daquilo que fazia.

Um dos obstáculos com que deparávamos no nosso dia-a-dia era a ausência de comunicação com as chefias. A falta de diálogo foi, ao longo de todo o percurso, uma prática constante. Não recordo reuniões para esclarecimento de serviços ou de outros assuntos relevantes. Em algumas ocasiões, sentíamos necessidade de conversar, desabafar com alguém responsável, expor as nossas angústias e colocar dúvidas que surgiam frequentemente, mas tudo acabava num enorme vazio. O

[104] Conjuntamente com o Carêto.

relacionamento entre nós e as hierarquias, com raras excepções, assemelhava-se a uma política de *apartheid* constante, o que me levava a concluir que pouco ou nada contávamos.

Eram muitas, talvez exageradas, as vezes que nos chamavam para nos darem que fazer, nomeadamente fabricar tijolos, colar cartazes de acção psicológica, desenhar para os mais variados fins, efectivar serviços de ronda, vigilância nocturna, deslocações aos vários destacamentos. Enfim, éramos uma espécie de militares sem especialidade específica, talvez do tipo polivalente, ou *pau para toda a colher* (serviço), miseravelmente pagos e muitíssimo mal alimentados, constantemente subjugados por um clima austero, onde a ameaça de prisão era palavra de ordem, como por exemplo quando o cabelo não cumpria regras previamente estipuladas ou apresentávamos a barba por desfazer, algo de errado na farda, etc.[105] Creio que nunca chegaram a dar conta que estávamos em plena guerra, no mato, numa zona de intervenção no Leste de Angola, no *Cu de Judas*, lá para as terras do *fim do mundo!*[106]

As dificuldades extravasaram o limite do aceitável. A falta de qualidade da comida, as doenças, os feridos e, sobretudo, os camaradas mortos desequilibravam-nos emocionalmente. Não era fácil assistir á chegada dos helicópteros. Geralmente não traziam boas notícias. O barulho do motor na aproximação a Gago Coutinho provocava uma sensação arrepiante, imaginávamos sempre o pior, infelizmente era uma (indesejável) rotina.

Recordo o momento em que o alferes Rodrigues chegou gravemente ferido, e a luta que médicos e enfermeiros travaram para o salvar.

Num desespero para que o tempo de viagem aérea não traísse a sua chegada, estava tudo a postos para o socorrer, a ele e ao seu guia, também gravemente ferido. Todos já sabíamos que o alferes vinha muito mal tratado. Temíamos o pior, mas a esperança era a última coisa a desaparecer. As ajudas surgiram de imediato, incluindo dadores de sangue. À espera já se encontrava toda a equipa, chefiada pelo Dr. Lincoln. Apressei-me também a ajudar à evacuação e ali estava, junto ao alferes, a segurar no soro quando o colocaram no *heli* que o levaria até ao Luso.

Foi dramático ver que o ferido[107]tinha consciência de que estava perante uma situação muito grave, chorava e chamava pela mãe. Foi muito comovente. A rajada apanhou-o na cintura, e nós, pelas reacções dos médicos, sentíamos que o íamos perder. De facto, passados alguns minutos, já o *heli* estava a caminho do hospital, recebemos a notícia do seu falecimento. A consternação foi geral. Todos ficámos sem palavras. Esta foi, sem dúvida, mais uma situação muito dramática, difícil de entender, mais uma vida se perdia estupidamente, *caindo por terra* toda a moral ganha até então.

O alferes era muito jovem, como todos nós, natural de Coimbra, filho único. Por que tinha de ser assim?

---

[105] A frequência com que nos eram exigidas as formaturas, com todo o rigor, ultrapassava em muito o razoável. Tudo tem o seu limite, ou deveria ter.

[106] Alguns oficiais chegaram a ter junto deles as esposas.

[107] Quando me aproximei da enfermaria, deparei-me com um cenário arrepiante. À entrada, prostrado no chão, baleado na cabeça, estava o guia, creio que nessa altura já estava em coma. O alferes Rodrigues, consciente, foi assistido numa luta contra o tempo, entre a vida e a morte. Infelizmente não se salvaram.

Talvez, quem sabe, poderia acontecer a um de nós uma situação idêntica provocada por uma emboscada numa coluna ou por uma mina.

Mas existe o outro lado, há sempre uma *outra face*. O alferes arriscara demais, como das outras vezes em que a sorte o deixara sair ileso. Não media o perigo, diziam, mas nesse dia a desventura esteve presente, deixando-o entregue à sua má fortuna. Alguns camaradas comentavam a forma como se expusera. Acabou por pagar caro essa ousadia. É difícil compreender quais as verdadeiras razões do seu comportamento e também apreender os motivos pelos quais não conseguia reconhecer o perigo em que se colocava a si e aos seus homens.

Outras situações análogas se viriam a verificar, gerando a mesma consternação e enorme tristeza. Durante a reconstrução de uma ponte, sobre o rio Luate, que tinha sido minada pelo *inimigo* e ficara completamente destruída, o camarada Marques, cozinheiro da CCS, viajava todos os dias de *unimog* para fazer chegar o almoço aos militares que patrulhavam as respectivas obras de recuperação. Naquele fatídico dia, a viatura em que seguia virou-se numa picada ligeiramente inclinada, por razões que desconheço, colhendo mortalmente o nosso colega, e ferindo gravemente o condutor, que acabou por ser evacuado de urgência. O radiotelefonista Santos, que entretanto tinha sido chamado para se deslocar ao local, relatou-nos a ocorrência, deixando-nos em estado de choque.

Numa situação dramática muito idêntica à anterior, três camaradas resolveram rumar, numa carrinha, a caminho de Luanguinga. A certa altura do percurso ocorreu um grave acidente, um despiste que terminou tragicamente, dois militares perderam a vida e um outro ficou gravemente ferido, acabando por ser evacuado de helicóptero para o hospital do Luso.

Não sou capaz de explicar o cenário descrito pelo Santos, que acompanhou a equipa de salvamento que se deslocou ao local para proceder à evacuação, apenas posso dizer que, com muito custo, o único sobrevivente, gravemente ferido e numa situação de enorme sofrimento, rastejou até à margem da estrada à espera que passasse alguém que os pudesse socorrer.

Os três militares, dois deles já cadáveres, passaram a noite na mata sem que alguém tivesse dado conta de tamanha desgraça. Só na manhã seguinte, e com muita sorte, um funcionário da JAEA que por ali circulava em trabalho os encontrou e comunicou de imediato com o quartel em Gago Coutinho, dando a conhecer o sucedido, fornecendo a localização do acidente e pedindo auxilio o mais célere possível.

As tragédias repetiam-se, eram uma constante, decorriam frequentemente, trazendo o luto, que continuava a cobrir o nosso Batalhão de muita tristeza e imensa angústia.

Estas situações eram impossíveis de passar despercebidas. Pelo contrário, os mortos e os feridos iam aumentando as listas das desgraças, dos efeitos de uma guerra que nunca deveria ter existido, e eram ocultados por uma censura que controlava todas as notícias que chegavam à metrópole.

15. OS CATANGAS

Os Catangas[108] eram militares oriundos da Província do sul da República Democrática do Congo. (entre 1971 e 1997 o seu nome foi Província de Shaba)[109].Várias vezes estiveram em Gago Coutinho integrados no nosso Batalhão como reforço em grandes operações.

Tratava-se de uma *tropa* muito especial. Não falavam português, as patentes eram idênticas ao nosso exército), eram extremamente sisudos, não davam confiança nem se aproximavam de nós e, se alguma vez o fizeram, não tenho conhecimento. A guerra deles não era a nossa, com toda a certeza. Tinham uma postura militarista e faziam transparecer muita vaidade. Quanto à presença deles em Gago Coutinho, não foi possível sabermos quase nada, para além de se dizer que estavam ali para nos auxiliar.

Mas, apesar de tudo, tinham fama de serem óptimos guerrilheiros, e o factor *casa* de certeza que os ajudava a enfrentar melhor qualquer obstáculo.

16. ACÇÃO PSICOLÓGICA

À distância apercebemo-nos quanto era importante para o regime a forma como exercia a propaganda e acção psicológica. Mesmo longe, eramos *bombardeados* com esse tipo de acções.

Na *Metrópole*, ouvíamos o hino criado para o efeito «Angola é Nossa», quase diariamente. A propaganda estava em todo o lado. Era necessário defender as Províncias Ultramarinas, consideradas partes integrantes do território português[110], a todo o custo.

Convenci-me (ou convenceram-me) que iria cumprir um *dever Pátrio*. Foi com esse espírito que fui recrutado para o serviço militar. Angola precisava do nosso sacrifício. Aí nos encontrámos ao serviço da Pátria e do nosso país, de modo a combater o inimigo, lutar contra o terrorismo. Era assim que pensava, era assim que tudo me parecia correcto.

Mas muito cedo me fui apercebendo de que estava enganado, que a guerra era extremamente confusa, pouco esclarecedora, não coincidia em nada com o que nos impingiram. Na verdade nunca cheguei a perceber o porquê dali estar, talvez a participar numa injustiça, a lutar contra aquele povo. Porquê? Por que razão e com que direito?

---

[108] Eram assim conhecidos esses militares, vindos no Norte, e que se prestavam para combater ao lado das tropas portuguesas.

[109] «SHABA, Zaire. Região administrativa que cobre 496 965 km2 do Sueste, antigamente chamada Catanga. Situa-se num planalto cuja altitude varia entre 900 e 1900 m. A região é rica em minérios, incluindo o cobre, cobalto, manganês, platina, prata, urânio e zinco, e possui dois parques nacionais (…) Quando, em 1960, o Zaire (então Congo-Kinshasa) se tornou independente, o Catanga separou-se e manteve-se assim até 1962, ano em que a sua rebelião foi esmagada com o apoio de tropas das Nações Unidas. A indústria de exploração mineira, que antes da independência era controlada por companhias europeias, está actualmente em grande parte nacionalizada.» (*ENCICLOPÉDIA GEOGRÁFICA*, 1988: 631).

[110] Os chamados documentários, antes de se iniciarem as sessões nas salas de cinema, quase sempre falavam da guerra colonial, das atrocidades dos *terroristas*.

As tácticas que nos impuseram na recruta nada tinham a ver com o conflito existente em Gago Coutinho. Essas carências reflectiram-se na forma como reagi às simulações de ataques que o Comandante se lembrava de fazer. Mesmo num *faz de conta* a tarefa não foi fácil. Recordo também aquele dia em que o Santos nos pregou um susto, dizendo que íamos ser atacados (inicialmente eu não queria acreditar). A insistência com que o fez era tão forte, que me convenci de que estava a falar verdade. Tive medo, foi uma situação complicada, pelo que me disseram não parava de tremer. É certo que ainda estávamos no início da comissão, era um *maçarico,* não estava preparado. Daí o susto considerável.

Se ao fim de poucos meses de permanência naquele *Campo de Concentração* perguntassem se quereríamos partir para o *Puto*[111], eu era o primeiro a levantar o braço. Largava tudo, estava saturado, cansado, desiludido e, sobretudo, sentia-me enganado.

Em pouco tempo já tínhamos cinco mortos e, quanto a feridos, perdi-lhes a conta. A fome era muita, a doença impiedosa. Tudo isto provocou em nós uma sensação de revolta constante. Estávamos fartos, cansados e desiludidos, na sequência de um desgaste muito violento. Nessas alturas em que necessitámos de algum apoio, nenhum dos superiores com responsabilidade se aproximou de nós com uma palavra amiga, que nos ajudasse a enfrentar e ultrapassar esses difíceis obstáculos.

Nunca assisti a actos de revoltosos em Gago Coutinho. Existiram momentos difíceis, alguns dramáticos, mas foram provocados pelo isolamento a que estávamos sujeitos, obrigando a que alguns camaradas fossem evacuados por motivos de saúde. A revolta aconteceu muito mais tarde, na Gabela, com a adesão de todos. Essa solidariedade provou a união que sempre existiu entre os soldados e decorreu da saturação e do repúdio relativo à ultrapassagem de todos os limites por parte das autoridades.

Figura 35. Celebração de uma Missa.

Para além da Eucaristia de Domingo, em pleno campo aberto dentro do quartel, também era celebrada Missa em memória dos que morriam em combate, ao serviço da Pátria. O capelão só

[111] Era o nome que os militares davam à metrópole.

aparecia nestas alturas, não tinha connosco qualquer tipo de contacto. Não me recordo de o ver aproximar-se de nós, nunca tive a possibilidade e a oportunidade de conversar com ele em particular. Foi um padre ausente, em vez de um amigo e conselheiro. Ou será que não era essa a sua verdadeira função, como pastor da Igreja integrado no Batalhão?

Para não se quebrar a *regra*, os oficiais a quem competia, por dever, defender-nos e ajudar-nos *enfiavam-se* na messe e só apareciam, salvo raras excepções, por qualquer tipo de conveniência, ou quando estavam de serviço. Éramos considerados seres inferiores, *prisioneiros em campo de concentração*, miseravelmente tratados, mal alimentados, debaixo de um militarismo ridículo e exageradamente autoritário, ao contrário do que se passava nos outros destacamentos pertencentes ao mesmo Batalhão, onde tudo funcionava normalmente, sem que fosse necessário usar este tipo de rigor, a meu ver completamente desajustado da realidade.

17. A CADELA NINDA

Não era difícil encontrar em plena zona de guerra um animal de estimação, em qualquer caserna via-se de tudo: macacos, aves e principalmente cães.

Tive uma cadela bebé, que me foi dada pouco tempo após ter chegado e foi a minha companheira inseparável durante a maior parte do tempo em que permaneci em Gago Coutinho.

Figuras 36 e 37. O autor com a cadela Ninda.

O meu bolso lateral das calças do camuflado foi, enquanto pequena, o seu *berço* e fazia questão de a levar comigo para todo o lado. Já crescida, começou a dormir por debaixo da minha cama, e de dia acompanhava-me sempre que era possível.

Quando estava de serviço, de ronda ou de vigia, lá estava ela a meu lado, a dar uma ajuda preciosa, graças ao seu instinto apuradíssimo. Mantinha-se sempre muito atenta e fundamentalmente com a capacidade de permanecer num alerta constante, que me deixava tranquilo.

Um dos episódios que merece destaque aconteceu num dia em que eu estava de serviço num dos postos junto à porta de armas. A certa altura da noite, a *Ninda* começou a rosnar, uma forma que utilizava frequentemente para comunicar comigo em situações semelhantes. Eu olhava e não me apercebia de nada anormal. Junto ao arame farpado não parecia estar ninguém, mas a cadela não se calava e até o fazia mais incessantemente. De repente, e por sorte, vi por detrás dos combustíveis um vulto a aproximar-se muito sorrateiramente, difícil de identificar. Não consegui reconhecê-lo, nem tão pouco ele se manifestava, situação que me suscitou enorme preocupação.

Fiquei em alerta máximo, com a G-3 apontada à cabeça, a parte do corpo à vista, e que dava para mirar com alguma certeza, sempre com a cadela em alvoroço. Até que, finalmente, o Oficial de Dia resolveu expor-se. A intensão era verificar se eu estava atento e desperto, talvez à espera de me apanhar a dormir, situação que já tinha acontecido com um outro camarada. Só que o alferes não contava com a destreza da minha *companheira* e o seu esforço foi em vão. Se eu tivesse adormecido teria sido grave. No entanto, não me admiraria, devido ao esforço a que estávamos sujeitos. Quanto ao meu colega, constou que o Oficial de Dia fez a participação.

A forma como agiu comigo não foi a mais correcta. Podia ter acontecido um desfecho trágico. Felizmente, tudo acabou bem. O alferes teve sorte, graças à cadela que também foi amiga dele, e eu fiquei liberto de um problema com enormes proporções.

Ainda faltavam alguns meses para que o Batalhão *rodasse* para a Gabela[112] e, numa chegada de uma coluna de *berliets*, um dos condutores não se apercebeu que a Ninda estava junto à porta de armas, enroscada a dormir. Sem querer, apenas por puro acidente, atropelou-a mortalmente. Não cheguei a vê-la morta. O furriel Nunes, sempre disponível, fez o favor de a enterrar e veio ter comigo para me comunicar o sucedido. Este foi para nós, principalmente para mim, um dia muito triste e difícil de ultrapassar.

Fica este testemunho e, simultaneamente, a homenagem a um animal que me foi *sempre fiel*, de quem eu tenho excelentes recordações e muitas saudades.

18. A VISITA DE AMÁLIA RODRIGUES

Tivemos a Amália Rodrigues em Gago Coutinho numa das digressões por Angola. Aconteceu em 9 de Maio de 1972, num período em que já estávamos muito saturados e ansiosos por abando-

[112] A permanência no mato, por razões que estavam ligadas aos direitos humanos, não podia nem deveria ultrapassar um ano. No nosso caso, mantivemo-nos dezoito meses, situação que contrariou todas as convenções internacionais.

nar aquela zona. O tempo apagou imensas coisas da memória, mas ainda me lembro de ter ouvido, a certa altura do seu espectáculo, este comentário:

– *Está tudo tão triste!…*

Creio que ela se apercebeu do nosso comportamento, da forma como espelhávamos o nosso estado de espírito. Talvez aquelas palavras tenham sido uma espécie de alerta aos responsáveis. Nunca tive a oportunidade de o confirmar.

Acabado o espectáculo alguns militares aproveitaram a ocasião única para tirar fotos ao lado da fadista, ficando com a recordação do momento. De seguida, a Amália foi confraternizar para a messe dos oficiais, aí passou a noite e abandonou Gago Coutinho após o nascer do dia.

Figura 38. Visita da Amália Rodrigues.

19. AS DESLOCAÇÕES

As deslocações entre companhias que se encontravam nos vários destacamentos faziam-se frequentemente com os mais diversos fins, sendo o principal ligado ao abastecimento dos aquartelamentos pertencentes ao Batalhão.

A primeira vez que saí do arame farpado foi para me deslocar a Mussuma[113], com a função de reparar o gerador que se encontrava avariado, única fonte de energia eléctrica. Existia uma escala de serviço entre os radiomontadores e, dessa vez, coube-me a deslocação.

As colunas militares eram feitas em *berliets* e nessa primeira *viagem* fui na última viatura, na companhia de um camarada da cidade do Porto que, sendo um militar operacional, já com experiência nestas andanças, me transmitia alguma confiança. À medida que íamos avançando na picada, a ansiedade aumentava. Tive medo, era a primeira vez que saía para uma deslocação desta dimensão, não tinha experiência nenhuma e não tirava os olhos da mata, sempre com a máxima atenção, a arma virada para o lado de fora da viatura e o dedo no gatilho, *expectante*, temendo uma emboscada a qualquer momento, debaixo de uma enorme pressão, num percurso que parecia nunca mais acabar. Paralelamente, havia o perigo do rebentamento de minas anticarro, e o resultado dessa explosão já o tinha testemunhado.

Figura 39. Coluna Militar.

[113] Os aquartelamentos dispersos das companhias do Batalhão, talvez por serem militarmente reduzidos, e muito próximos da fronteira, eram fustigados frequentemente com ataques por parte dos *terroristas*.

Numa dessas colunas, (estávamos muito perto de rodar para o Cuanza Sul) um rebentamento de uma mina no rodado de uma *berliet*[114] projectou um estilhaço do pneu que se foi alojar numa das pernas do enfermeiro[115] que viajava ao lado do condutor. Eu nem queria acreditar no que estava a ver, a violência com que o pedaço de borracha o penetrou parecia a de um projéctil.

Figura 40. Danos provocados por uma mina anti-carro (numa berliet).

Um dos *heli* foi abatido numa das operações, e o piloto atingido mortalmente. O papel da força aérea como apoio ao Batalhão foi muito importante, e esta perda de uma vida também nos provocou imensa consternação.

Figura 41. *Heli* abatido pelo inimigo numa operação.

[114] A manutenção e reparação das viaturas avariadas ou danificadas pelas minas estavam a cargo do PAD, que se encontrava adido ao Batalhão.

[115] Devido à violência da explosão, o pedaço de pneu alojou-se numa das coxas.

Por fim, chegámos ao destacamento sem qualquer problema, reparei a avaria e aproveitei a boleia numa pequena aeronave, a DO, na companhia do médico, o Dr. Lincoln, para regressar a Gago Coutinho. A viagem também não chegou para o susto, tudo abanava, parecia que a aeronave estava presa por arames. Olhava pela janela e só via mata. Quando por fim aterrámos recordo o desabafo de alívio do nosso Médico:

– *Já chegámos Lima, já cá estamos.*

Nesta primeira coluna deu para perceber quão árduo era para aqueles militares permanecer em condições complicadas, muito isolados num pequeníssimo aquartelamento, entregues à sua sorte. Compreendi que nos destacamentos fora da CCS quase não se percebia a diferença entre soldados e graduados, a vivência decorria num ambiente saudável, de grande camaradagem e fraternidade. Ao contrário de Gago Coutinho, onde as coisas não funcionavam assim. Perante isso, colocávamos a seguinte questão: por que razão tinha que ser deste modo? As situações ridículas repetiam-se todos os dias. Estávamos em plena zona de guerra. Porquê tantas exigências, se nos faltava o fundamental? Tudo isto nos causava enorme perplexidade, para a qual nunca obtivemos verdadeiras respostas.

Figura 42. No refeitório.

Devido ao tempo exagerado da nossa permanência em Gago Coutinho, e às consequências originadas por essa situação, constou que o médico chegou a dizer directamente ao Comando que não se responsabilizava pela nossa saúde, dado que já tínhamos excedido o tempo da comissão. Pouco ou nada adiantou esse alerta, outros valores se ergueram. A manutenção na zona de intervenção aumentava o pecúlio dos oficiais, e as diversas colunas recebiam rendimentos acrescidos. A guerra alimentava outro tipo de *patriotismo*. Por outro lado, também convinha, dada a dificuldade que se fazia sentir, por vários motivos, na formação de novos batalhões.

Numa outra coluna, de regresso do destacamento de Cessa, e na companhia do Comandante, dei conta de que só trazia comigo a arma. Faltavam o cinturão, onde normalmente eram fixados os carregadores com munições de reserva, e as granadas, que por distracção deixei no posto das

transmissões. Numa situação de ataque só tinha um carregador. O Comandante não se apercebeu da minha falha, o que a meu ver foi uma sorte para os dois.

Figura 43. Internamento na enfermaria.

A conduta desumanizante adoptada pelo comando era exercida sem pudor. Por diversas vezes sentimos isso. Foram muitos os episódios em que se confirmou a regra, com raríssimas excepções.

Relembro o que constou em Gago Coutinho acerca de uma Companhia do nosso Batalhão. Recém-chegada de uma operação, em formatura e posição de sentido, sob o comando do seu oficial, foi alvo de ataque do inimigo[116], causando vários estragos aos soldados. Felizmente não houve mortos, apenas feridos sem gravidade, não tendo sido necessário proceder à sua evacuação.

O comentário do comandante, em tom autoritário, dirigido ao Oficial da Companhia, suscitou grande surpresa: não considerava o acontecimento um ataque inimigo porque não causou mortos!

Nessa mesma ocasião, ainda com a Companhia em formatura, foi solicitada, pela voz do Oficial, autorização para uma deslocação ao rio, utilizando para o efeito as *berliets*, de forma a que os militares se pudessem banhar e libertar da poeira da picada[117]. A resposta foi, para espanto de todos, negativa, com a desculpa:

– *Em tempo de guerra não se toma banho.*

[116] Como habitualmente, o relatório obrigatório dos acontecimentos tinha que ser enviado ao comando de operações, descrevendo, em pormenor, os factos ocorridos. Aí é dito que o ataque sofrido não provocou baixas na companhia. Neste caso, a referência foi realizada pessoalmente, perante o pelotão em formatura, mal tinham chegado a Gago Coutinho.

[117] O aspecto com que saíamos depois de passarmos por uma picada, principalmente se viajássemos nas últimas viaturas, não era nada agradável, ficávamos cobertos de poeira, e só com um banho nos libertávamos desse incómodo.

O oficial revoltado mandou o Comandante à merda. De seguida, o mesmo militar recebeu ordem de prisão e foi de imediato transferido para o destacamento de Mussuma. Aí permaneceu e, praticamente nos primeiros dias, capturou uma manada de bois ao inimigo, feito que lhe valeu um louvor.

Estas atitudes quebravam a monotonia do ambiente, geralmente de grande camaradagem, quase familiar, com constantes ameaças pelo meio, como se estivessem ali as verdades únicas de quem manda e a incompetência e indisciplina de quem tem como dever único obedecer.

20. DISTRIBUIÇÃO DE COMIDA

Uma das acções praticadas no aquartelamento de Gago Coutinho, tanto pela forma como pela finalidade a que se destinava, tinha a ver com a distribuição das sobras da comida pela população infantil que procurava, eventualmente, a única fonte de alimentação.

Ao aproximar-se a hora das refeições, eram numerosas as crianças que se abeiravam da porta do quartel, esperançadas em obter alguma coisa para comer.

Era autorizada a entrada de dezenas de meninos e meninas, cada um(a) portador(a) dos respectivos vasilhames (na sua maioria provenientes das conservas), e postos(as) em fila indiana para que pudessem aceder ordeiramente à sua ração.

A comida a ser distribuída (sobras das panelas da cozinha) era colocada em bidões e por vezes misturada com as sobras das mesas.

Constava que os putos vendiam as latas aos mais velhos, nunca cheguei a confirmar a veracidade desta afirmação. Eles saíam com elas e desapareciam da zona.

A população, extremamente pobre, também era vítima da distância, do isolamento e da guerra. Excessivamente carente, mas de uma humildade e educação que os caracterizava pela positiva, e que era merecedora de admiração, vivia de uma rudimentar agricultura de subsistência e, sempre que possível, apoiava-se nos militares que generosamente a ajudavam, de acordo com as possibilidades de cada um. As mulheres, na sua maioria com filhos pequenos, ocupavam-se da lavagem da roupa, uma das formas de angariar alguns *escudos*[118].

21. AS OFERTAS EXTERNAS

As conservas de frutas, nomeadamente as de ananás e de pêssego, constituíam uma das poucas alternativas que tínhamos para complementar a fraca alimentação. Normalmente eram acompanhadas de bolachas[119], mas rapidamente foi posto de parte esse tipo de ementa. As embalagens de

[118] A moeda circulava, em escudos, mas só podia circular em Angola (ver anexos).

[119] O recurso a este tipo de alimento, como alternativa, destinava-se a complementar e muitas vezes a substituir o *rancho*. Era frequente, e sem dúvida que inicialmente foi uma excelente solução, que aos poucos deixou de ter interesse, devido à saturação que se fez sentir chegando ao ponto do simples cheiro provocar enjoo.

conserva eram também vendidas na cantina dos soldados e dizia-se que foram oferecidas pela África do Sul. Recordo-me de ter recebido ordens superiores para ajudar a recolher (e esconder) todas as embalagens expostas, para que não fossem vistas por uma *delegação* de jornalistas estrangeiros que nos visitou. A questão que se poderá colocar é: quais seriam as razões pelas quais era cobrado um valor pela venda das conservas na cantina, uma vez que, supostamente, deveriam ser oferecidas.

22. MATERIAL DE GUERRA

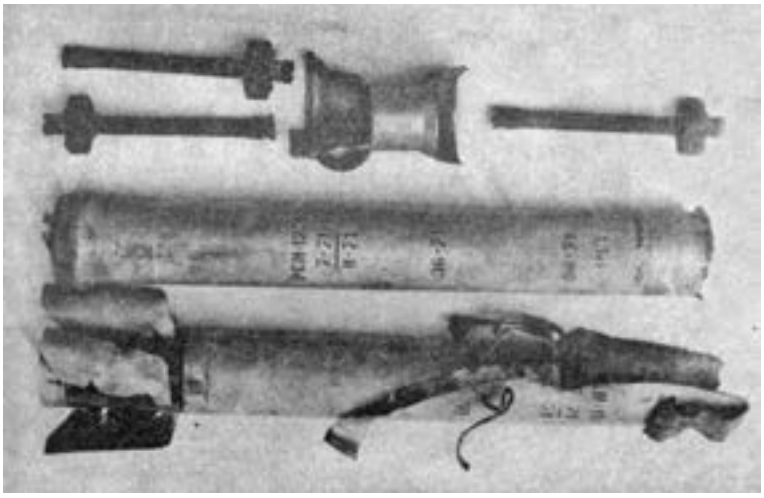
Recordo-me de ter visto numa das minhas visitas ao paiol, quando estava de serviço, as tão famosas bombas NAPALM. No tempo em que permaneci em Gago Coutinho não tive conhecimento do seu lançamento. Mas estavam lá, juntamente com os restantes materiais de guerra[120].

22.1. Os ataques com mísseis

Já quase no final da nossa estadia na zona leste sofremos ataques direccionados a um dos aquartelamentos, com mísseis lançados através de rampas. Pelo que me recordo, não houve qualquer prejuízo nem, felizmente, feridos ou baixas a registar. O material de guerra utilizado pelo *inimigo* nunca chegou a atingir os objectivos a que era destinado.

A falta de eficácia dos utilizadores desse tipo de dispositivo de guerra foi, a nosso ver, a causa principal do fracasso verificado; caso contrário, os estragos teriam sido devastadores.

Figura 44. Misseis utilizados no ataque ao destacamento de Mussuma.



[120] O paiol situava-se fora do quartel, numa arrecadação no subsolo, por uma questão de segurança.

22.2. Confronto entre a UNITA e o MPLA

O encontro entre estes dois movimentos quase sempre acabava mal. Os confrontos muito violentos eram o testemunho da incompatibilidade entre estes dois *partidos.* Cada um defendia os seus ideais de uma forma diferente, e os combates eram muito equilibrados na mata. Ambas as partes queriam dominar a área, mas o MPLA quase sempre saía vencedor, mantendo o controlo absoluto de toda a zona Leste. Estes combates entre os dois movimentos eram para nós, como se compreenderá, um alívio. Se assim não fosse, tudo seria pior, uma vez que estávamos muito isolados, sendo um alvo fácil de um eventual ataque conjunto destas duas forças contra as nossas tropas. Mesmo assim, a colocação de minas e as emboscadas às nossas colunas continuavam. Os mísseis acabaram também por nos fazer uma *visita.*

23. As batucadas

Ao fazer a ronda de *Unimog* pela sanzala durante a noite, uma rotina diária, para ver se estava tudo normal e confirmar a segurança, ouvia o meu nome a ser prenunciado várias vezes pelos habitantes junto aos quimbos. Uma saudação que me dirigiam sempre que por ali passava, e muito sinceramente me intrigava, porque não convivia muito com eles, se o fazia era esporadicamente. Para ser franco não tinha fixado os nomes de cada um. Porém tinha sempre o cuidado de responder às saudações que muito amigavelmente me dirigiam, utilizando o mesmo dialecto (apesar das minhas limitações no seu domínio):

– *Moiô Lima, Moiô.* (Boa noite Lima, Boa noite.)

A escuridão da noite não me ajudava a identificar as vozes. Não conseguia perceber a quem pertenciam, mas quem emitia os sons conhecia-me bem. E, por isso, ficava intrigado, não que tivesse qualquer tipo de receio, nunca tive problemas, mas assaltou-me sempre uma dúvida. No entanto, creio que essas vozes vinham dos homens que durante o dia não se viam por ali. Aliás, convém salientar o trabalho diário das mulheres. Constava até que os maridos dormiam e elas, para além do trabalho caseiro, ainda tinham o do campo, cuidavam dos filhos, quase sempre presos às costas das mães, acompanhando-as para todo o lado.

Sempre que possível, eu aproveitava para conversar com o *Soba*[121], contador de histórias, sábio nas palavras, homem experiente, dava prazer ouvi-lo. E, quando podia, ia assistir aos trabalhos de escultura e pintura, baseados em motivos africanos, elaborados com pouquíssimos recursos e escassez de matérias-primas, o que valorizava ainda mais o resultado, assente no improviso dos mestres, génios na arte indígena, autodidactas que, com toda a certeza, não eram menos artistas do que muitos pintores saídos de uma escola de artes.

[121] Autoridade máxima do aldeamento.

Recordo as noites em que se ouviam os batuques, por vezes duravam semanas. Faziam parte de rituais que perduram no tempo, e que uniam as comunidades nesta forma de comemorar e destacar ocasiões especiais, nomeadamente os nascimentos, a entrada na puberdade, casamentos e mortes. Os rituais misturavam-se com a imensidão das chanas[122]. O som das batucadas não nos perturbava, pelo contrário, era um ritmo agradável, que nos levava às origens da África profunda e ajudava a quebrar a monotonia que na maioria dos dias *descia* sobre nós. O som da música quase se esbatia na distância. Fazia parte do cenário nocturno, que nos impelia a sonhar com outros momentos que passámos bem longe dali.

24. A EVACUAÇÃO

À medida que o tempo ia avançando, e nos mantínhamos nas *terras do fim do mundo*, a fragilidade física e psicológica aumentava, ocasionando os mais diversos efeitos, devido à saturação.

A péssima alimentação e as doenças que nos iam atormentando, nomeadamente o paludismo, contribuíram em grande parte para essa decadência que, como já se viu, nos afectava.

Após ter estado internado na enfermaria durante oito dias, a soro, o Dr. Lincoln deu ordem para que eu fosse evacuado para o Hospital do Luso, de modo a fazer uma série de exames e descansar.

Fiz a viagem a bordo do Nord-Atlas, o nosso conhecido *NORA,* um avião que inspirava muita segurança, mas impossível de aguentar pelo barulho que fazia[123]. Após o desembarque, e durante algumas horas, ainda me sentia completamente surdo.

Ao Hospital do Luso chegavam os feridos evacuados dos mais diversos pontos. Na enfermaria, onde estava internado com outros militares, fui confrontado com uma das piores cenas jamais imaginadas.

O doente que se encontrava numa das camas ao meu lado pediu-me lume, estendi a mão com o isqueiro, já com a chama acesa, e apontei-o em direcção ao cigarro que ele segurava na boca. Do outro lado oiço o seguinte comentário: – ele está cego. Olhei então com maior atenção e vi um quadro terrível. Para além de estar cego não tinha braços e, como se não bastasse, deceparam-lhe as pernas. Uma cena horrível, *cruel* demais para ser verdadeira, um quadro negro que me tem perseguido todo este tempo. A mina não teve contemplações. Ali, naquela cama, estava apenas um *tronco,* o que sobrava de um corpo jovem. Uma situação tenebrosa. Fiquei aterrorizado, já tinha assistido à chegada de inúmeros feridos e, mesmo no hospital, encontravam-se feridos de guerra, vítimas das mais variadas situações, mas aquele episódio marcou-me profundamente. Não sei o que aconteceu a esse camarada. Depois de ter alta do hospital regressei a Gago Coutinho.

No período em que estive no Luso ainda se ouviram bombardeamentos, muito próximos do local em que me encontrava, nunca cheguei a saber o que aconteceu.

[122] Chana – Designação que se utilizava para identificar a savana na zona leste de Angola.

[123] O barulho do trabalhar dos motores era ensurdecedor.

No regresso a Gago Coutinho, e por excesso do peso dos sacos de correio, não pude viajar na DO[124]. Como alternativa, fui obrigado a fazer o trajecto numa viatura do MVL, mais uma viagem pela picada, com todas as implicações conhecidas. Felizmente, não fomos incomodados.

E assim voltei ao ritual anterior, comer pessimamente, regressar ao trabalho[125] e aos esgotantes e deprimentes serviços de vigia nocturna. Numa dessas noites em que estava de serviço escrevi o desabafo seguinte[126]. Reconheço as falhas, mas não quis deixar de colocar aqui o meu testemunho num período muito difícil de ultrapassar.

Mesmo com todas as limitações faço questão de partilhar mais um dos meus estados de espírito. Perdoem-me e, por favor, compreendam e aceitem esta forma de fazer ouvir a minha voz.

Quase mal te vejo papel,
A fraca luz da noite sem luar
Escuro torna ainda mais meu olhar,
Sinto-me como um pintor sem pincel.
Sem saber por onde escrevo
Escoo a dor que me vai na alma,
Quisera eu voltar a ter o trevo
Que outrora sentia dar-me calma.
Meus olhos cansados mas atentos
Fitam a mata quase sem nada verem,
Sentem a saudade e fraqueza
Por não verem tão belos momentos,
Que outrora mesmo que a sonharem,
Jamais sentiram tal tristeza…

O nosso dia-a-dia, à medida que o tempo avançava, tornava-se crescentemente penoso e, se custaram muito os primeiros meses, mais tormentoso ficou quando *dobrámos* o primeiro ano.

Os meses, demasiadamente longos, nunca mais terminavam, já tínhamos perdido cinco camaradas, jovens que não regressaram com vida. Quantos feridos já passaram por estas páginas? Perdi-lhes a conta. Foram muitos.

O tempo de permanecermos ali terminara[127], continuávamos desesperadamente com os olhos nas transmissões, na esperança de recebermos a tão desejada mensagem que nos trouxesse a notícia da rotação do Batalhão. Falava-se em Malange, uma das hipóteses, ao contrário da Gabela, que nunca nos soou como provável destino. Mas o tempo passava e nunca chegava a boa nova. Continuávamos ali, à espera que alguém se lembrasse de nós e tivesse um pouco de piedade.

---

[124] Aeronave ligeira (avioneta).

[125] Continuar com os projectos do Jornal de Caserna, e pensar na elaboração do Livro do Batalhão.

[126] Escrito quando me encontrava de serviço no posto A, em 12 de Fevereiro de 1973.

[127] Dizia-se que, ao abrigo de uma lei internacional, não poderíamos permanecer em zona de guerra mais de um ano.

Eu estava colocado no primeiro lugar da lista dos *cacimbados*, como quase sempre aconteceu. Recordo que numa das minhas saídas encontrei uma palanca (do tamanho de um boi) solitária em pleno mato. Resolvi perseguir o animal, levava a G-3 comigo e ali muito perto (pensava eu) estava um banquete para saborear com todos os meus amigos. Mas, à medida que eu avançava mais ela se afastava, provavelmente o vento levava-lhe o cheiro da minha presença. Já bastante afastado, apercebi-me da distância exagerada a que me encontrava do aquartelamento e, mais grave ainda, ninguém tinha conhecimento desta minha aventura. Dei comigo a reflectir e a ver a impossibilidade de levar o animal para o quartel. Uma loucura que podia ter tido um resultado menos favorável. E compreendi que alguma coisa não estava bem comigo, aquele comportamento não era muito *normal*. Inconscientemente estive perante um enorme risco, valeu a sorte de não ter sido confrontado com um final que nem eu nem ninguém desejava.

25. O NORD ATLAS

Figura 45. «Nord-Atlas».

Este avião era um *anjo* salvador, o *oxigénio* de que muito necessitávamos, o *soro* que nos alimentava a alma. A sua chegada paralisava quase tudo. Com ele vinham as *novas*, nele viajavam notícias da família, dos amigos, da namorada, o queijo e o presunto, com todo o sabor do *Puto*.

O camarada Miguel[128], sempre que recebia uma encomenda, fazia questão de partilhar connosco todos esses sabores, que *matavam* as saudades da nossa terra.

É muito difícil transcrever os sentimentos de quem, lá longe, recebe uma carta. São momentos únicos, indescritíveis, a ansiedade é imensa. Absorvem-se as boas novas com sofreguidão. Depois, com mais calma, lê-se e relê-se cada missiva, até nos sentirmos saciados, aguardando o regresso do *Nora*.

[128] O Miguel não pertencia à CCS, mas sempre que nos visitava fazia questão de conviver connosco e partilhar as encomendas que recebia.

Por vezes, goravam-se as expectativas, quando o mau tempo não consentia ou, por motivos prioritários, não podia transportar correio, e a tristeza invadia os nossos corações, famintos de notícias do *Continente.*

Ao ver o Nora lá no ar
Meu coração pulsou velozmente
Havia em mim um sentir diferente
Uma sensação de alegria, de cantar.
O Nora desceu e o correio lhe tiraram.
Na entrega estava exausto, inquieto,
Ouvia nomes e mais nomes, e num gesto
Após gesto as cartas se esgotaram.
Para mim não há nada?
Tenham piedade! Só uma quero!
Que mal-estar, que mal sentir.
Tu também minha adorada!
Nada teu! Que desespero,
Estou triste, a chorar,
Porque não sorrir?[129]

26. NOITES DE NATAL

Foram três as noites da Ceia de Natal em que estive ausente da família. Na primeira, e devido à companhia do meu irmão, quase nem senti que me encontrava a milhares de quilómetros de casa, talvez por não me ter apercebido bem da mudança, ou mesmo até pela própria envolvência de um ambiente de festa. Mas não deixei de me dar conta que se quebrava uma tradição. Na vida civil, mesmo a trabalhar em Lisboa, nunca permiti que essa noite pudesse cortar o elo familiar, fiz sempre questão de estar presente.

Em Gago Coutinho tudo se passou de modo diferente. Fui confrontado com uma experiência única, a minha estreia a passar a noite da Ceia de Natal em zona de guerra. Estávamos em 1972, passara já quase um ano de permanência em África, longe da família, dos amigos e da namorada.

Os camaradas pertencentes ao Pelotão de Morteiros gravaram mensagens, através da RTP, para os seus entes queridos. Não me recordo se aconteceu o mesmo no nosso Batalhão. Verdade seja dita, nunca encarei favoravelmente a hipótese de utilizar esse meio de comunicação para me dirigir aos meus familiares.

Normalmente estas datas eram escolhidas para que o inimigo ou os *terroristas* (assim chamados) aproveitassem para atacar os destacamentos, com a intenção de os desestabilizar e desmoralizar

[129] Poema escrito em Janeiro de 1973.

as tropas portuguesas e, se possível, provocar estragos[130]. O receio existia em todos as companhias. A hipótese de qualquer eventualidade obrigou-nos a passar estes dias em alerta máximo, numa situação de prevenção.

Foi uma ceia de Natal rodeada de muita tristeza, estávamos em pleno mato, longe de tudo, e entregues a nós próprios. O medo de sermos atacados pairava nas nossas mentes. Felizmente, isso não aconteceu. O grupo manteve-se coeso e solidário e, mais uma vez, consegui ultrapassar aquele que, para muitos, eu incluído, foi um dos piores momentos por que passámos.

O Batalhão já tinha cinco baixas e um número considerável de feridos, era difícil disfarçar os nossos sentimentos, pairava uma onda de angústia e, em todo o lado, começava-se a sentir exaustão e saturação. O tempo traiu a minha memória, varreram-se-me alguns pormenores, mas recordo quão difícil foi aquele dia de Natal. Na ceia, foi-nos apresentado o tradicional prato de bacalhau cozido com batatas. O grupo comemorou reunido e o Santos, sempre ele, serviu-nos a refeição, como de costume.

Fizemos um presépio e apenas faltou o tradicional pinheiro. Como alternativa, arranjámos uma árvore, numa espécie de faz de conta, para que nada faltasse.

Figura 46. Com a *árvore* de Natal.

[130] No ano anterior, a ceia de Natal foi passada, com muita tristeza, num velório de um camarada morto em combate.

27. A MARIA TURRA

Em algumas ocasiões escutámos do outro lado da *barricada* a voz da já muito famosa *Maria Turra*[131]. Tratava-se da porta-voz dos *Turras,* que numa emissão de rádio se fazia ouvir de ambos os lados. Numa espécie de resenha periódica, relatava o resultado da acção militar no terreno. Fazia-o com todo o pormenor e enorme convicção. Na maioria das vezes não dava para ver onde se encontrava a verdade. A frequência de emissão não era muito favorável para que o sinal pudesse ser captado no local onde nos encontrávamos com o mínimo de qualidade. As comunicações eram muito difíceis e, mesmo recorrendo a frequências de onda curta, o sinal em Gago Coutinho era muito fraco. Mesmo com esses entraves, dava para ouvir o que se ia passando dos dois lados, e nós fazíamo-lo com enorme curiosidade, mesmo correndo riscos.

Ouvia-se de tudo um pouco. Para além da propaganda eram noticiados os resultados das operações e as baixas que infligiam nas tropas portuguesas.

As escutas tinham que ser feitas com muito cuidado, em segredo absoluto, para que nada transparecesse e ninguém se apercebesse. O receio de sermos apanhados, a par da fraquíssima recepção, acabou por nos desmotivar. A PIDE/DGS estava sempre atenta, não dava hipóteses, e nós tínhamos consciência de que era muito arriscado continuar com as escutas. Resolvemos parar, antes que fôssemos detectados. As transmissões muito fracas contribuíram para a nossa desmotivação.

28. MATERIAL CAPTURADO

Em Gago Coutinho tínhamos, do nosso lado, os Flechas, uma força paramilitar, criada e treinada pelo inspector da PIDE/DGS Óscar Piçarra Cardoso, que nos apoiava em operações na mata. Esta força era dotada de grande destreza e de óptimos guerrilheiros, que conheciam a zona melhor do que ninguém.

Além dos Flechas, juntaram-se a nós, passado algum tempo de estarmos instalados em Gago Coutinho, os Catangueses[132], a que já nos referimos, oriundos da República Democrática do Congo, que colaboravam com as nossas tropas em operações no mato, realizadas na zona Leste.

---

[131] Era assim conhecida a *mulher mistério*, porta-voz do inimigo (creio que a origem das emissões se situava na Zâmbia), que ia dando notícias acerca dos acontecimentos da guerra. Os relatos incidiam sobretudo nas acções militares nos diversos destacamentos e também nas emboscadas. Os incentivos à luta contra as tropas portuguesas eram uma das armas utilizadas para o exercício de acção psicológica. Também fazia o apelo à deserção por parte dos militares portugueses.

[132] Cerca de três mil comandos da Republica Democrática do Congo, denominados «Tigres» estão a ser treinados pelas forças armadas angolanas na localidade do Kuango, município de Cafunfo na Lunda-Norte.
Disponível em: «http://www.voaportugues.com/a/a-38-a-2004-06-11-2-1-92222699/1253405.html».Consultado em 3 de Março de 2017.

Também existiam os GE[133], uma *tropa* local que nos dava apoio na mata. Era gente humilde e bastante simpática. Não tenho na memória qualquer tipo de quezília. Tinham o seu grupo e não criavam problemas a ninguém. Nunca cheguei a saber a verdadeira razão da agressão a um GE na secretaria, pelo 1.º sargento. O sangue escorria-lhe pela cara, depois de lhe ter sido desferido um golpe na testa, com um furador de papel. O que mais me incomodou na altura foi a facilidade com que o agressor praticou o acto à minha frente e, principalmente, a forma como o GE se manteve impávido e sereno, mesmo com a cabeça aberta e o sangue a cair. Fiquei calado, também não reagi, mas no meu íntimo senti revolta com aquilo a que tinha acabado de assistir.

Figura 47. Armamento capturado ao inimigo.

29. AS GUERRAS INTERNAS

Uma *luta* pela posse de um ferro de engomar, do qual cada um dos protagonistas afirmava ser o proprietário, originou a *guerra* que os dois sargentos travavam para não prescindirem da posse de tão *valioso* objecto, afirmando cada um o seu direito de ficar na posse do *precioso tesouro.*

De acordo com o que se sabia, o utensílio doméstico não lhes pertencia, provavelmente fora deixado por um militar que abandonara Gago Coutinho. Mas, para as personalidades envolvidas, o dito cujo não deveria ficar órfão, tinha que pertencer a uma delas a qualquer preço.

[133] Unidades auxiliares formadas em 1968, constituídas por voluntários africanos de etnia local, que operavam adidas às unidades locais do Exército Português. Praticamente só operaram na zona leste, no seu auge em Angola existiam 99 grupos GE de 31 homens cada. Disponível em: «https://pt.wikipedia.org/wiki/For%C3%A7as_irregulares_portuguesas_na_Guerra_do_Ultramar». Consultado em 3 de Março de 2017.

Enfim, em plena zona de intervenção, assistimos a esta rixa como se fosse a coisa mais importante a enfrentar, justamente pelo carácter ridículo deste tipo de comportamento de dois superiores, com responsabilidades acrescidas. A guerra era mantida também por conflitos internos, merecedores de atenção, que contrastavam com os verdadeiros obstáculos de difícil resolução, inseridos num conflito bélico que parecia nunca mais ter fim.

Talvez devido a situações semelhantes, comecei a aperceber-me que, para além da Pátria, outros valores se levantavam. Ontem como hoje os interesses de alguns sobrepunham-se aos de todos, e não era por acaso que os mantimentos quando chegavam até nós já tinham passado pelo crivo dos *abutres* que se aproveitavam da guerra para se autogovernarem e punham em causa a sobrevivência de muitos.

30. A ROTAÇÃO DO BATALHÃO

Finalmente, após dezoito longos meses de *cativeiro,* chegou a ordem de serviço[134] que colocava termo a um pesadelo e nos indicava como próximo destino a Gabela[135], pequena e pacata cidade situada no Cuanza-Sul. Finalmente! Até que enfim! Parecia que nunca mais chegava o dia. A alegria foi geral, todos esperávamos essa notícia com enorme ansiedade. Gorava-se a hipótese de Malange, mas, mesmo sem conhecer essa cidade, de certeza que não ficávamos mal com o destino que nos foi atribuído.

30.1. Gago Coutinho – Gabela

A 10 de Maio de 1973 iniciámos a rotação há muito tempo esperada, e o caminho, que da primeira vez se tornou muito penoso, neste retorno foi menos duro. Fomos transportados em *coluna auto* (camiões civis), num percurso já com estrada praticamente concluída e o piso em alcatrão[136], sem emboscadas e com a ausência de rebentamento de minas[137].

No regresso, após termos terminado a comissão em Gago Coutinho, quando nos dirigíamos para a cidade do Luso, a nossa coluna cruzou-se com o Batalhão que nos ia substituir. Procurei nas respectivas viaturas um amigo de infância, por coincidência também Radiomontador. O medo dominava. Via-se esse sentimento pela forma como os militares se comportavam. Naquele momento,

[134] A mensagem com a notícia da rotação do Batalhão foi recebida pelo Radiotelegrafista Afonso.

[135] «*Gabela*, cidade de Angola, sede do município de Amboim, província do Cuanza Sul. Ergue-se numa verdejante região subplanáltica onde se produz um dos melhores cafés de Angola e fica a 400 km de Luanda. O seu núcleo inicial data de 1907. Elevada a vila em 1934, ascendeu à categoria de cidade em 1962» (LAROUSSE, 1997: vol. XI, 3210).

[136] À chegada, a estrada entre a cidade do Luso e Gago Coutinho era de terra batida (a que chamavam picada). A JAEA estava ainda no início da construção da ligação em alcatrão.

[137] Mesmo em alcatrão, a colocação das minas não parou. Eram cavados, lateralmente, túneis e as minas eram postas por debaixo do novo piso, na direcção do rodado das viaturas.

revi-me na postura deles e recordei o medo que também tive, a ansiedade e a vontade de chegar são e salvo, quando percorri o mesmo caminho cerca de ano e meio antes.

Tudo se esclareceu naquele momento, tive oportunidade de desfazer algumas dúvidas acerca do meu comportamento. Entrar numa picada com mata de ambos os lados, sempre com a máxima atenção, evitando não ser perturbado para não haver distracções, foi muito doloroso.

No regresso, tudo se passou de maneira diferente. Dizia-se que *a velhice era um posto,* mas aqueles militares maçaricos é que estavam certos. Nós, *os velhinhos*, com a nossa descontracção totalmente leviana, abusávamos da sorte.

Facilitar era colocar as nossas vidas em perigo.

Agora, mais velho, mais experiente e sobretudo tranquilo, vacinado contra a angústia, o medo e algumas doenças, (infelizmente muitos não o conseguiram), este regresso foi *quase* um passeio, não descurando a responsabilidade de estar sempre atento, para não facilitar. Muitos pagaram cara essa factura.

Para trás ficaram os amigos, a lavadeira, o *Mete-lenha*, as religiosas que me presentearam com o bolo do meu 23.º aniversário, a recordação da minha cadela, (Ninda), companheira inseparável, amiga fiel, e a raiva contra aqueles que em nome da Pátria nos fizeram sofrer como se fôssemos prisioneiros de um *campo de concentração*.

Trata-se de um conjunto de memórias boas e más que, mesmo após quarenta e três anos, permanecem quase inalteradas.

A Gabela era terra do bom café, situada no Cuanza Sul[138], a cerca de 400 quilómetros de Luanda, sede do Batalhão, distribuído pelos destacamentos de Novo Redondo e Porto Amboim (junto ao litoral) e por Cessa e Quibala, *rainha* das grandes fazendas, de enormes dimensões a perder de vista, e das roças, onde se viam plantações crescerem e florescerem duas vezes por ano, nomeadamente o milho num contraste claro com a região do Leste, onde as bananas mirravam, a caça rareava, a fome era o prato do dia e a solidão uma constante.

Tudo se processava em grande escala. Uma vez, para poder ter uma visão da dimensão do plantio, subi até ao tejadilho do jipe, mas não consegui saber onde terminava aquela plantação de sisal e uma outra de ananás. As de café, com o colorido do fruto, muitíssimo bem tratadas, faziam lembrar cerejas prontas a serem colhidas. Enfim, o Cuanza Sul era de facto uma região riquíssima em várias áreas de produção.

Na cidade da Gabela havia uma movimentação constante dos fazendeiros que, logo pela manhã bem cedo, enchiam os *snacks* dos cafés para, segundo a tradição, *matarem o bicho*[139]. Deliciei-me muitas vezes com o aroma do café torrado que pairava no ar. Tão bem sabia um cimbalino, ao contrário do pequeno-almoço[140], refeição que nunca consegui, por falta de apetite, saborear logo pela manhã, com muita pena minha.

---

[138] Para além de outras riquezas naturais, esta região destacava-se pelas excelentes actividades económicas, nomeadamente, o café (o seu ex-libris), sisal, algodão, óleo de palma, entre outros (ENCICLOPÉDIA GEOGRÁFICA, 1989: 52).

[139] Normalmente composto por bife com batatas fritas.

[140] Habitualmente o «mata-bicho» dos fazendeiros era composto por bife com batatas fritas.

Falar da Gabela obriga-nos forçosamente a descrever as suas gentes, de diferentes origens e etnias, com usos e costumes díspares, portadoras de uma simpatia inigualável.

Nesta pequena mas muito interessante cidade tive o privilégio de conviver com várias faixas etárias, maioritariamente jovens civis, mais ou menos da minha idade.

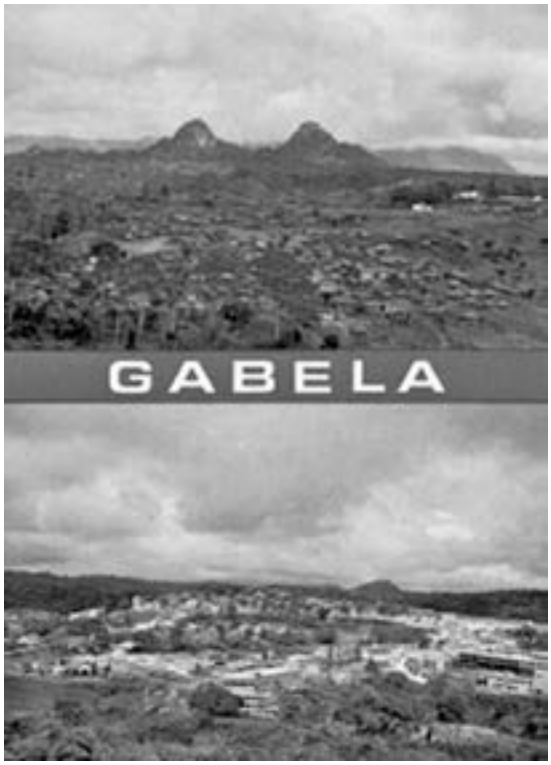
Inicialmente falava-se que os *gabelenses*, principalmente os brancos, não nos queriam junto deles, que o nosso lugar era no mato. Dava para entender que a nossa presença não era desejada. Em conversa com vários civis, verifiquei que não existiam motivos para que assim fosse, muito embora alguma razão estivesse do lado deles, quando se queixavam do comportamento de alguns militares que os feriram na sua dignidade. Mas, com a minha Companhia, não tive conhecimento de situações que confirmassem esses comportamentos.

Fui bem recebido, os civis sempre me respeitaram, nunca tive motivos para duvidar da hospitalidade de todos, pelo contrário. Recordo o jovem casal, natural de Setúbal, com quem convivi e que me abriu as portas da sua casa, como se pertencesse à família. Lembro igualmente o dono de uma fábrica de bolachas, natural da cidade do Porto, com quem passei alguns momentos agradáveis e, finalmente, o António Barreto[141], que me foi procurar ao Quartel e com quem trabalhei como desenhador, durante o período em que estive na Gabela. Foi graças a ele que a partir daí o meu rumo se tornou diferente. Ganhava o suficiente para me alimentar num restaurante da cidade, numa tentativa de recuperar fisicamente aquilo que tinha perdido em Gago Coutinho. Gostava de poder ter tido a oportunidade de contactar posteriormente com toda aquela gente. Infelizmente, não sei nada acerca do seu paradeiro.

Figura 48. Cidade da Gabela. Cuanza Sul.

[141] António Barreto era técnico de engenharia na área de construção. No seu athelier eram executados todos os projectos necessários para a execução dos diversos trabalhos nesse domínio. Cabia-me a função da preparação dos desenhos para as diferentes fases de construção.

Figura 49. Cidade da Gabela. Cuanza Sul.



Se existiam óptimas relações entre mim e as populações da Gabela, excedendo todas as expectativas, muitas outras não foram tão agradáveis. Longe do centro urbano, por exemplo, o que presenciei numa das fazendas, onde passei o fim de ano, foi uma prova de que existiam diferenças, bem visíveis, e alguns excessos, como o que testemunhei quando festejava com fazendeiros a passagem de ano (1973-1974).

O convívio, com mesas recheadas das mais variadas iguarias, denotava evidentes sinais de opulência, que contrastavam com a pobreza dos trabalhadores, encostados á porta (da parte de fora), a olhar para nós, autorizados a apreciar o repasto, mas sem consentimento para poderem participar. Desconheço os motivos dessa privação; todavia, essa atitude, que a meu ver ultrapassava o razoável, provocou-me indignação, e levou-me a concluir que esse procedimento assemelhava-se a uma segregação. Caso contrário, poderíamos conjuntamente (brancos e negros) festejar a vinda do novo ano em ambiente fraterno.

Numa outra fazenda, verifiquei que os trabalhadores praticamente não viam a *cor do dinheiro*, por uma simples razão. Dentro do recinto existia uma loja onde os empregados se abasteciam (obrigatoriamente) de bens de consumo. Com as notas de vinte escudos (moeda angolana) rasgadas a meio era impossível utiliza-las no exterior. Algumas pessoas poderiam afirmar que não se tratava de

racismo ou xenofobia. Porém, estes exemplos que tive oportunidade de observar nada contribuíam para alterar o conceito com que fiquei da relação patrão/trabalhador, assente em comportamentos autoritários e *esclavagistas*.

As entradas para diversos eventos, nomeadamente cinema, convívios, piscina, etc., não estavam vedadas a ninguém. O único obstáculo eram os preços tabelados dos bilhetes de ingresso, que não eram acessíveis a todos os bolsos. Esse entrave limitava a entrada dos mais pobres[142], levando-me a concluir que era uma forma subtil de encobrir o *apartheid* que existia um pouco à descarada. Do meu ponto de vista, para além de um problema rácico, esta era também uma questão política. Caso contrário, não se justificavam aquelas atitudes que me envergonhavam e tinham influência no relacionamento quotidiano entre brancos e negros.

Também tive a oportunidade de verificar que, entre os mais novos, a simples diferença da tonalidade da cor da pele era uma das causas para ser exercida, muito discretamente, a separação entre etnias. Os chamados cidadãos mestiços, ou mulatos, eram, com excepções, vítimas desse sentimento de imposição de desigualdade. A relação dos negros com eles não era fácil, e isso notava-se nos convívios. Mas, verdade seja dita, nunca presenciei conflitos. Pelo contrário, verificava-se uma espécie de competição que, embora não fosse muito saudável, não conduzia a situações mais graves. Tudo se resumia a pequenos desentendimentos.

Numa terra onde praticamente todos se conheciam, os exageros não podiam ultrapassar certos limites.

Mas existiam momentos de grande alegria, principalmente nas festas, como aconteceu no carnaval de 1974, onde a população, novos e velhos, veio para a rua participar nas brincadeiras e nos encontros onde não podia faltar o merengue. Todos eram excelentes dançarinos, sem tabus ou preconceitos.

31. Greve na Gabela

Na Gabela deu-se a primeira manifestação de contestação à forma como vínhamos a ser tratados[143]. Se em Gago Coutinho existiam os obstáculos da distância, das péssimas condições, da exagerada permanência numa zona de guerra e do isolamento em que nos encontrávamos, não havia razões nem desculpas para se manter esse comportamento fora dali. Na Gabela foi posta à prova a união entre todos os militares, cabos e praças, da *Companhia Comando e Serviços*.

Quando se pensou recorrer a uma greve às saídas nocturnas[144] e, sobretudo, às refeições, uma

[142] A maioria da população negra era pobre, ocupava-se no trabalho das roças. Mal pagas pelo seu trabalho, as mulheres também procuravam a ajuda dos militares, prestando-lhes serviço de lavadeiras, uma das poucas saídas para sobreviverem.

[143] Foi uma tomada de posição que surgiu ao fim de um longo período de extrema dificuldade. Após todas as hipóteses de conciliação estarem esgotadas, a manifestação de revolta surgiu com a cumplicidade de todos.

[144] De acordo com as regras militares eram preenchidos pedidos de saída (os famosos «toques de ordem») após o jantar, e entregues ao oficial de dia, a quem competia dar a devida autorização.

espécie de *Levantamento de Rancho*, a adesão foi total por parte de todos os soldados, com excepção de furriéis, sargentos e oficiais. A confirmação da *qualidade* do tratamento a que estávamos sujeitos foi a gota de água que nos levou à revolta com o acordo de todos, nomeadamente os pertencentes à CCS, companhia que estava sedeada naquela zona. A decisão não foi fácil, estávamos em pleno Estado Novo, sob a égide de leis miliares muito rígidas, e este passo não poderia nem deveria ser leviano, dadas as consequências penosas a que estaríamos sujeitos. Esta reacção processou-se à revelia de qualquer liderança organizada, com todas as fragilidades que estas situações naturalmente acarretam. Todavia, é de salientar que apenas pretendíamos fazer uma chamada de atenção, nada mais do que isso.

Conforme combinado, não usávamos a autorização de saída nem tocávamos na comida que era colocada nas mesas. Ao fim de dois ou três dias, continuámos a formatura dentro do refeitório e negámo-nos a sentar para o almoço. O capitão Calapez fez questão de permanecer no local e, numa posição pouco conciliatória, apontou o dedo a vários camaradas. Num tom de ameaça, disse-nos que se não parássemos a greve, aqueles militares a quem se dirigiu iriam directamente para a Guiné.

Tivemos que ceder, acabou-se a contestação, mas a nossa persistência não foi em vão. A qualidade da comida teve alterações significativas, o *rancho* deu mostras de melhorias, o que nos agradava profundamente, emitindo sinais claros da nossa pequena mas significativa vitória.

Esta situação arrastava-se desde a nossa chegada a Angola e aqui, na cidade da Gabela, extravasou. Estávamos cansados de tanta negligência e tamanha indiferença, e não nos restava outra alternativa. A greve era a única solução que poderia mudar a situação a que estávamos condenados. Não sair do quartel e recusar tocar na comida que nos davam foram as atitudes escolhidas unanimemente, sem grandes preparações, e sobretudo com ausência de qualquer atitude de contestação ao regime político. Apenas tivemos em mente o apelo ao respeito pelos nossos direitos. A alimentação era prioritária, e esta reacção, que certamente as hierarquias não esperariam, trouxe alguns dissabores a quem, por dever cívico e patriótico, tinha de cuidar da nossa protecção e que, por desleixo ou outra razão que se desconhece, nunca a colocou como prioridade.

A reacção do capitão Calapez (com ameaças de deportação) foi a prova de que as chefias não estavam à espera do nosso comportamento. Todavia, nunca se aperceberam que a cobardia não constava do nosso vocabulário. O tempo gasto a não entenderem o que estava errado foi o pior conselheiro, que em nada contribuiu para o ambiente pacífico que todos ambicionávamos. A partir daqui, e até ao final da comissão, o nosso comportamento decorreu dentro da normalidade, de acordo com as regras estipuladas, sem mais casos a merecerem relevância. Nesta altura, a comissão de serviço estava, finalmente, a caminho do seu termo e todos sentíamos necessidade de regressar a casa o mais rapidamente possível.

32. O MEU LOUVOR

Durante toda a comissão, com maior incidência em Gago Coutinho, fui uma espécie de *muleta,* um faz tudo, incluindo no serviço que me estava destinado por ser um dos radiomontadores do BCav. E, de certa forma, não era desagradável, uma vez que me ajudava a passar melhor o tempo, mesmo com todos os problemas inerentes, um risco, é certo, mas que quis conscientemente assumir.

O capitão Calapez viu em mim a pessoa ideal para exercer as funções que ele achava necessárias, e desde praticamente o início procurou ocupar todos os meus momentos, livres ou não[145], pondo em prática as suas ideias, utilizando os meus serviços que nada tinham a ver com a especialidade que o exército me conferira.

Talvez por isso, o nosso relacionamento, um pouco frio dado o seu feitio austero, fosse razoavelmente saudável. Esse ambiente durou quase todo o tempo em Gago Coutinho, até ao dia em que na Gabela eu estava de serviço e, por leviandade, resolvi abrir a cela a um camarada (a cumprir pena de prisão) para ir *visitar* a sua lavadeira. Um acto impensável, completamente irreflectido, ocorrido talvez por verificar que já não era a primeira vez que a pessoa em causa estava presa por ordem do capitão Calapez.

Acedi ao pedido do meu colega e deixei-o sair, pedindo-lhe que regressasse o mais depressa possível. O capitão tinha saído e havia o receio de ele voltar ao quartel e não encontrar o preso. Foi precisamente isso que sucedeu. No seu regresso, o capitão deparou-se com a cela vazia e eu, impotente, não tinha argumentos para justificar a ausência do prisioneiro. Foi um momento difícil. Sentia que tinha cometido um erro de certa gravidade, e estava preparado para assumir toda a responsabilidade. Após ser insultado violentamente, fui ameaçado de agressão e reagi a ponto de avisar o Oficial de Dia de que seria um erro se me agredisse. Estava de serviço, armado, e não me responsabilizava pelos meus actos se ele concretizasse as ameaças que fizera.

A disciplina muito rígida ministrada concitava o reforço de ameaças. Este comportamento por parte de quem *sob a capa* das divisas aos ombros exercia autoridade dava provas de enorme incompetência e, sobretudo, falta de capacidade de liderança, utilizando o medo para impor o poder.

O capitão (muito irritado) abandonou o local, dirigiu-se ao seu gabinete, conferenciou com o meu oficial, tirou o louvor que me estava destinado da gaveta e rasgou-o sem contemplação alguma. Enfim, foi um momento difícil para ambos, compreensível após muitos meses de *cativeiro.* Estas emoções e estes comportamentos não teriam acontecido se as dificuldades porque passámos fossem menos dolorosas e percebidas pelas chefias. A pressão era muita, e isso teria que estar presente na apreciação que foi feita quando o meu acto foi julgado na minha ausência, sem que eu pudesse recorrer a qualquer tipo de ajuda em minha defesa. Todo o meu passado não foi tido em conta, como atenuante. Assumi a minha culpa, mas rejeitei o desprezo e a forma como lidaram com a situação e, sobretudo, a julgaram.

[145] Numa das deslocações que fiz a um dos destacamentos para exercer funções referentes à minha especialidade, cheguei a levar trabalho de desenho para concluir.

33. O REGRESSO A CASA

Finalmente chegou o dia, o grande dia! Após quase dois anos e meio recebemos ordem para arrumarmos as nossas coisas, entregarmos parte do material e rumarmos até Luanda. Não dava para acreditar, era um sonho tornado realidade, tinha passado muito tempo, e muitas coisas tinham acontecido. Estávamos vivos. Isso era o mais importante, mas estávamos mais velhos e cansados.

34. NOVAMENTE EM LUANDA

Pelo caminho, entre a Gabela e Luanda, fomos surpreendidos por um acidente; um dos camiões tombou e houve um ferido com alguma gravidade.

Nesta última e derradeira passagem pela capital angolana, o paludismo obrigou-me, pela quinta vez, a recorrer ao hospital militar. Estava fisicamente bastante debilitado, pesava cerca de 52 quilos, resultantes de variadíssimas situações, nomeadamente a estadia em Gago Coutinho.

Ainda deu tempo para conhecer a praia e a tão famosa Ilha de Luanda, e a pia de lavar a loiça, no Grafanil, onde me deleitava na água fria para combater o calor que se fazia sentir, e defender-me dos mosquitos que teimavam em não me deixar em paz.

Entretanto, tendo conhecimento do voo que nos levaria até Lisboa, e ainda internado no Hospital Militar, pedi alta para me juntar à minha companhia. O nosso voo foi adiado um dia, devido ao fretamento do nosso avião, que levou os representantes do Governo ao funeral do Presidente da República Francesa, Georges Pompidou.

Regressámos a 7 de Abril de 1974. Recordo o mau tempo que se fazia sentir, a chuva torrencial que varreu toda a cidade de Luanda e nos apanhou totalmente desprevenidos. Entrámos no avião da TAP completamente encharcados, obrigando a que nos protegêssemos com cobertores. As cerca de oito horas de viagem, das que pouco me recordo, passaram rapidamente, e ao chegar ao aeroporto de Lisboa a sensação foi como a de um estranho. Não dava para acreditar que finalmente estava ali a abraçar o meu irmão mais novo (militar da Força Aérea), que me foi esperar com o meu inesquecível tio Adelino. Eu estava apático, parecia um sonho, ainda hoje não encontro resposta, nem consigo explicar o que na altura me ia na alma. Arrepio-me ao relembrar aquele inolvidável regresso a casa.

Infelizmente, o Batalhão não voltou completo, para além dos feridos e dos doentes que foram obrigados a regressar mais cedo, dez camaradas perderam a vida. É a eles que dedico este trabalho, paz às suas almas. Envio um forte abraço de solidariedade às famílias que se viram privadas de fazer o mesmo aos seus entes queridos.

Tinha terminado uma guerra, começava outra…

São estas histórias que enriquecem a nossa vida, dando-nos força para continuar. O tempo passou muito rapidamente, os nossos filhos já dobraram a idade que tinham quando partimos para o desconhecido. Ficam as memórias e os momentos de felicidade, que contrastam com as passagens negras que, por muito que tentemos, não conseguimos esquecer.

CONCLUSÃO

Termino este *depoimento* que, apesar de ficar muito incompleto, reflecte sentimentos divididos, uma espécie de mistura entre saudade e revolta. Uma sensação perturbadora, de difícil compreensão, antítese de qualquer razão, onde a melancolia impõe a sua marca, contrastando com a vontade de voltar atrás, viajar no tempo, numa espécie de regresso ao passado, para poder abraçar os que comigo partilharam os momentos em que estivemos envolvidos por dever ou, porventura, por obrigação. Nunca será demais relembrar o ocorrido porque só assim se mantêm vivas as memórias de um tempo que não pode ser ocultado nem, sobretudo, negado.

Merecem referência particular os amigos, os verdadeiros e leais companheiros, e os lugares por onde passei e deixei parte dos melhores anos da minha juventude, num percurso por vezes demasiadamente atribulado e sinuoso. Trazem-me à memória vivências únicas, apesar de todas as vicissitudes.

A amizade ainda hoje nos une e resiste com a mesma vivacidade. O tempo e a distância nunca lhe conseguiram pôr termo. Elos que não se quebram e durarão para além da morte.

Faço questão de recordar os que não conseguiram regressar e os que já partiram com saudade e, sobretudo, a esperança de que um dia serão relembrados e passarão a fazer, definitivamente, parte da nossa História recente. Revivo passagens de agradável convívio e os momentos difíceis em que o apelo à nossa unidade e fraternidade se tornou uma realidade, e nos ajudou a ultrapassar as mais diversas barreiras.

Enfatizo as lutas pelos direitos e, sobretudo, pela sobrevivência. Sublinho o nosso grupo, que foi crescendo com o tempo, o relacionamento e os momentos maravilhosos e únicos que desfrutámos, colocando à margem as angústias, o sofrimento, a dor de estarmos longe e esquecidos. Ressalto também o repúdio pelos efeitos nefastos que nos causou a permanência exagerada em zona chamada de intervenção, desrespeitando todos os acordos internacionais e sobretudo os mais elementares direitos humanos.

Esta mistura de sentimentos e confusão de comportamentos, apesar de tudo, manteve-nos sempre unidos e fraternos. É de facto uma amizade que perdura e perdurará, como afirmou um dia o nosso camarada Raul.

Não posso esquecer aquele povo, homens, mulheres e crianças que, lá longe, nos confins do mundo, nos recebeu bem. Um povo simples, muito humilde e extremamente bondoso, que me tocou profundamente e conquistou a minha simpatia e admiração. Destaco a lavadeira que me acompanhou todo o tempo no mato. Os momentos inesquecíveis junto deles permitiram-me conhecer um pouco da sua cultura e dos seus costumes, (cozinha, artesanato, pintura). Algumas pessoas eram mestres a trabalhar a madeira, apoiadas em recursos e condições limitadíssimos.

Recordo a saída dos homens aos domingos, a passear vestidos a rigor, mostrando o colorido das suas roupas, os óculos de sol, e a vaidade que se confundia com a simplicidade invejável, uma das características daquele povo. Insistiam em se fazer acompanhar pelo rádio e, aqueles a quem a sorte deu um pouco mais, caminhavam *abraçados* à sua *Quimga (bicicleta)* com enorme orgulho, transpirando felicidade.

Durante a semana só se viam as mulheres na labuta do dia-a-dia, muitas com os filhos às costas, lavando no rio, tratando da horta, cuidando do *quimbo* (habitação indígena) e da comida. Talvez por ser uma tradição cultural, todo o trabalho estava a cargo do elemento feminino, os homens não entravam nessas lides.

Lembro com saudades aquele povo simples que, apesar de todas as limitações, procurava sobreviver a um conflito que parecia não ter fim. Passados tantos anos, não consigo compreender o porquê de tudo o que aconteceu.

Os autóctones eram vítimas de obsessões e teimosias políticas, que com estes conflitos colocaram em causa o presente e o futuro de um povo que nada fez para merecer tamanha *sorte*.

Esta mescla de paixões com sentimento de revolta confunde-me, porque continuarei a recordar o que fica de bom e de mau. África tem uma magia ímpar, não dá para explicar, nem encontro as palavras certas. Aos poucos, esse fascínio *entranhou-se* e tem-me acompanhado durante estes anos, gerando um sentimento único: saudade.

Sinto revolta pelo abandono e desprezo a que nos votaram, esquecimento que se reflecte num só sentimento: vergonha. Vergonha por se terem servido de nós, usando-nos e desprezando-nos como se fôssemos apenas um número, uma coisa qualquer, simples mercadoria, *carne para canhão*.

Repudio o excesso de rigor e radicalismo a que estivemos sujeitos, com a desculpa da manutenção da disciplina. Não éramos um bando de anormais que merecêssemos ser tratados como *foras-da-lei*. Por esses e outros motivos, sou obrigado a fazer juízos de valor. Tratou-se de uma guerra com imensos interesses paralelos e nós, militares, não passávamos de um mero factor, nada mais. Os ideais *de defesa da pátria* com que partimos desvaneceram-se quando nos apercebemos que aquela não era a *nossa* guerra.

A contagem decrescente dos dias que iam passando era um ritual obrigatório e doído. O tempo lento também estava contra nós.

Os amigos, fundamentalmente esses, continuam fiéis ao compromisso que nesses momentos difíceis *assumimos* para sempre.

Em todas as casernas existia o calendário onde se subtraíam os dias com o máximo pormenor, procedendo-se à soma das angústias e da ansiedade. Nada escapava, e talvez por isso o stresse aumentava, dada a incerteza do regresso que nunca mais chegava. O único refúgio era, sem dúvida, a união existente entre nós. *Estávamos de mãos dadas, no mesmo percurso.* O apoio mútuo era uma constante e a solidariedade uma realidade. Não me canso de insistir nestes aspectos, de tal forma eles foram verdadeiros e me parecem hoje, volvidos tantos anos, ainda mais decisivos na vida que nos que nos foi dado experienciar no Ultramar.

Ficam os cheiros cativantes de uma terra africana única, que nos envolvem como que de uma magia se tratasse, esse cordão umbilical que remete, mesmo sem querermos, para esse passado que queríamos esquecer, ou não. Do mesmo modo, permanecem os sons e as recordações que ainda se mantêm intactos na memória e nos levam aos lugares onde estivemos: o trabalhar do gerador (que nos *embalava* durante a noite), o bater das pás do *heli* sempre que chegava e que na maioria das vezes não trazia boas novas, o soar do clarim, a chegada de mensagens no bater sonoro dos seus pontos e

traços, os convívios (fundamentalmente esses, que eu não pretendo esquecer), e sempre a ansiedade provocada pela espera da chegada de notícias da terra.

Na época, talvez por ser muito jovem e não ter conhecimento suficiente para entender muitas das políticas praticadas, tudo me parecia confuso, demasiado complexo para poder interpretar. Aliás, creio que dois dos pilares do regime e das suas políticas coloniais se deveram à ignorância e ao medo, decorrente este da acção psicológica que nos enfraquecia.

Não posso nem devo generalizar, quando me refiro ao comportamento daqueles que por desrespeito ou presunção achavam que, como *seres superiores*, tinham que manter a distância de hierarquias, *imposta* sempre com a desculpa de que tinha que ser assim.

Felizmente existiram excepções, pessoas como nós que também tinham sentimentos, para além das divisas nos ombros e do cargo que ocupavam. Sublinho alguns exemplos e, que não deverei omitir.

O furriel Nunes, de que já falei e que não será demais referir, foi o amigo que nunca nos abandonou, estava sempre disponível, destacando-se o respeito que evidenciava em todas as suas intervenções.

Recordo também o sargento do SPM, o profissional que cuidava da nossa correspondência e procurava no nosso convívio o conforto ou a solução para afagar as saudades dos seus que estavam longe. Faço-lhe referência porque nos marcou, positivamente, pela forma como se dirigia a nós, e pelo cuidado com que expunha as suas ideias. Talvez nos contagiasse com uma maneira muito própria de conviver, ensinando-nos um pouco a arte de saber estar.

Lembro o furriel Alfacinha, o lisboeta vaidoso, mas que se despia de preconceitos, sempre que nos abordava e convivia connosco, mostrando o seu lado humano e prestável. A sua *guerra* era o entretenimento, e eu beneficiei, dessa sua vontade de ajudar e de ensinar. Ao juntar-se ao *grupo* sentia-se nele a necessidade de conviver e de esquecer o outro lado do mundo, tal como nós.

Refiro, igualmente, o primeiro-sargento Pascoal, responsável da secretaria, o homem das *massas*, que nunca disse não às solicitações e aos *vales.* Foi a pessoa que me defendeu na Gabela opondo-se a que eu tivesse qualquer tipo de represálias. Admirava-o pela calma, talvez fruto da experiência e da idade já um pouco avançada.

Por seu turno, o major de operações parecia que estava noutra *guerra,* noutra *onda.* Recordo o dia em que me convidou para fazer um levantamento topográfico de um cemitério com passagem por Porto Amboim e Novo Redondo. Um convite que não pude recusar. Viu em mim a capacidade e os conhecimentos necessários para executar os trabalhos. Compensou-me com um almoço, apenas com um senão: as leis do exército não autorizavam que me sentasse à sua mesa, uma pequena *nódoa* que não manchou a confiança. Era de poucas palavras, mas transmitia segurança e respeito, sem impor excessos de autoridade.

Por fim quero referir o nosso comandante César Augusto Rodrigues Mano. Lembro-o essencialmente por uma questão de respeito pelas hierarquias militares. Talvez não tenha dele recordações tão marcantes pela positiva que me obriguem a esta referência. Contudo, do ponto de vista estritamente pessoal, eximiu-se sempre a quaisquer atitudes gravosas para comigo, apesar das circunstân-

cias e da distância imposta e cultivada, a meu ver exagerada. Todavia, no que concerne ao comando do *Grupo,* esta personalidade tinha um conhecimento aprofundado da situação, das injustiças e da indignidade que sofremos, mas patenteava uma conivência por omissão.

Este é o desabafo que sempre quis fazer, consubstanciando uma catarse na procura da tranquilidade necessária. Fico com a convicção de que consegui, de que atingi o objectivo a que me propus, reconhecendo que ainda há muito por dizer. Nada se esgota aqui, muitas páginas minhas e de outros militares anónimos ficaram por escrever.

Gostava, sobretudo, de poder compreender finalmente o verdadeiro sentido daquela guerra para onde nos enviaram, técnica e psicologicamente mal preparados.

Ao abrigo de uma lei, relativamente recente, é creditada anualmente na nossa conta bancária a quantia de 150 euros[146]. Eis o que nos resta do Império…

A História dos ex-combatentes do Ultramar, por muito que se queira, não deverá nunca ser apagada!

[146] Lei n.º 3/2009, de 13 de Janeiro.

POSFÁCIO

NUNO BESSA MOREIRA*

* Faculdade de Letras da Universidade do Porto. CITCEM – FLUP

A SEDE DE ALEGRIA: MISSIVA A JOÃO LIMA E AOS *SETE MAGNÍFICOS*

Os Amigos

Os amigos amei
despido de ternura
fatigada;
uns iam, outros vinham,
a nenhum perguntava
porque partia,
porque ficava;
era pouco o que tinha,
pouco o que dava,
mas também só queria
partilhar
a sede de alegria –
por mais amarga.

Eugénio de Andrade, in *Coração do Dia*

Caro João,

Aos amigos escreviam-se poemas como este e cartas, hoje em desuso, desgastado o hábito pela usura de um tempo cada vez mais voraz e omnívoro. Permita-me, todavia, o recurso ao género epistolar, transgressão que pode parecer bizarria, exumação de um *cadáver esquisito*, *bizantinice* pseudo-intelectual que, por certo, com a sua inexcedível paciência, me perdoará, já que me faltam *o engenho e a arte* para a poesia. Corro esse risco, antes que *corra comigo*, para lembrar uma bela canção de Camané, com palavras de Manuela de Freitas. Nela se fala dos casos, acasos e descasos de amor, mas também, de modo encriptado, dos seus benefícios. As amizades são formas de amor, indeclináveis e impreteríveis.

Só agora tomo consciência de que uma das coisas que mais me impressionou no seu testemunho, que ora se publica, foi a ansiedade sua e dos seus companheiros para receberem mensagens vindas de Portugal que quebrassem um pouco a tristeza e melancolia nas quais se encontravam mergulhados. Tantas vezes a angústia se apossava dos vossos corpos, corroídos pela saudade, quando a tão desejada mensagem não chegava.

Recorro às suas palavras, para não trair a força de que se revestem e evitar digressões minhas, que nunca senti algo semelhante, uma vez que tive a sorte de ser sempre protegido pela família e de nunca ter vivido, nem remotamente, algo longinquamente aparentável com acontecimentos de natureza bélica, próprios de cenários de guerra:

Ao ver o Nora lá no ar
Meu coração pulsou velozmente
Havia em mim um sentir diferente
Uma sensação de alegria, de cantar.
O Nora desceu e o correio lhe tiraram.
Na entrega estava exausto, inquieto,
Ouvia nomes e mais nomes, e num gesto
Após gesto as cartas se esgotaram.
Para mim não há nada?
Tenham piedade! Só uma quero!
Que mal-estar, que mal sentir.
Tu também minha adorada!
Nada teu! Que desespero,
Estou triste, a chorar,
Porque não sorrir?[147]

Querido Amigo, prometo-lhe, sob compromisso de honra, que a escolha de uma missiva para interpelá-lo não decorreu de um exercício de estilo, resultante da necessidade de me solidarizar com os estados de alma transcritos. Todavia, trata-se de uma coincidência feliz, não acha?

Adivinho que concorda comigo, mas começo a perceber algum desconforto enquanto lê este texto. Dirá, eventualmente, baixinho, que esperava um posfácio mais ou menos canónico no qual eu pudesse discorrer sobre temáticas da minha predileção académica, como os usos da memória, a presença do passado no presente ou a importância das fontes primárias para o trabalho dos historiadores. Tenha calma, já lá iremos.

Observo, uma vez mais, a capa deste *seu* livro. Pronto, consegui! Agora ficou irritado por eu ter usado este pronome possessivo. Sei que está a corrigir-me e a dizer que este é um trabalho colectivo, resultante de múltiplas vontades e inúmeros esforços. Sim, mas por isso é seu. Fruto da sua generosidade. Adiante. Esta fotografia impõe-se sem necessitar explicações. Alguns jovens, entre os quais o João Lima, seguram uma estrutura, no cumprimento das respectivas tarefas enquanto soldados. Não estão, evidentemente felizes, mas nota-se o companheirismo, apesar dos tempos sombrios.

Poderia, neste instante, descrever vários trabalhos historiográficos sobre a Guerra Colonial ou diversos testemunhos de algum modo semelhantes ao seu.

Não o vou fazer. Apetece-me continuar a falar da amizade. Da vossa, aquela que perdura e se mantém inabalável. Mas também da nossa, que se está a construir diariamente.

Logo nos Agradecimentos fica claro que o João nunca está sozinho na experiência que nos vai relatar: «Agradeço aos *sete magníficos*[148], Américo Branco, António Carêto, António Loureiro, Ercílio Pereira[149],

[147] Ver no presente volume, p. 115.

[148] Foi o nome com que o João e os amigos resolveram baptizar o grupo, com o acordo de todos. Mais tarde juntaram-se mais elementos mantendo-se a denominação.

[149] Infelizmente o Ercílio já faleceu.

Ernesto Gil, José Afonso, Orlando Santos, Manuel Carvalhido e Raul do Nascimento, com quem convivi muito particularmente, numa grande cumplicidade, e que me apoiaram nos momentos mais difíceis, num ambiente de vivência fraterna e solidária, ajudando-me a ultrapassar aquele que foi um dos períodos mais difíceis porque passei. A todos, a minha profunda gratidão, e votos de uma vida longa e muito feliz. *Bem-hajam.*[150]». Pode parecer desnecessária esta citação, uma vez que reproduz uma pequena parte de um texto presente no dealbar deste livro, suportando, eventualmente, a acusação de redundância, mas a biologia ensina a travar ímpetos censórios. Será uma célula passível de sobreviver sem núcleo? Repararam, certamente, os leitores que os magníficos são mais de sete, número sagrado, que não sobrevive, aqui, a um efeito multiplicador. É assim a amizade. Sagrada e multiplicadora. Também no filme que John Sturges realizou em 1960, *The magnificent seven***,** que provavelmente serviu de inspiração a este tão inusitado e oficioso *crisma* de um grupo que, tal como o da película, não tinha dinheiro ou temperamento violento. Todavia, aos *sete magníficos portugueses* foram distribuídas armas com as quais aprenderam a matar para não morrer, e o *vilarejo* que defenderam era mais do que isso, dado que carregavam às costas e aos ombros uma *estrutura metálica* bem difícil de suportar: Portugal.

Aqui cabe convocar uma outra estrutura, por vezes também metálica, mas sempre pesada, dado que envolve laços, construção de identidades através de narrativas, um diálogo incessante ente passado e presente, ou um passado que se faz presente.

O João dirá: – Outra vez a amizade. O Nuno está a tornar-se repetitivo. Tem problemas de memória? Respondo que ainda não, felizmente. E o autor deste livro também não os tem, dado que recorda com vivacidade diversos factos, como se fosse hoje. E é hoje. Sempre que faz este exercício, o passado torna-se contínuo. A memória, como a amizade, não constitui mero registo de personalidades e acontecimentos. Pressupõem ambas generosidade e articulação, disponibilidade para acolher *o outro*. Em face do exposto, o João brinda-nos com um testemunho emocionante, de teor autobiográfico, onde a memória histórica domina, colocando-se muitas vezes sob a guarida da vigilância crítica do historiador que o João também é, enfrentando os problemas da memória, e não de memória, conseguindo um equilíbrio entre a urgência de catarse e reparação, e a vontade de fugir a declinações lamechas ou demagógicas. Este é um dos grandes méritos do seu labor, que incorpora um outro, entre muitos, dado que se apoia em documentação inédita, como o Livro do Batalhão ou os Jornais de Caserna, fontes fundamentais para trabalhos futuros.

Tenho que terminar este posfácio. Confesse agora João, quanto tempo esperou por estas palavras finais?

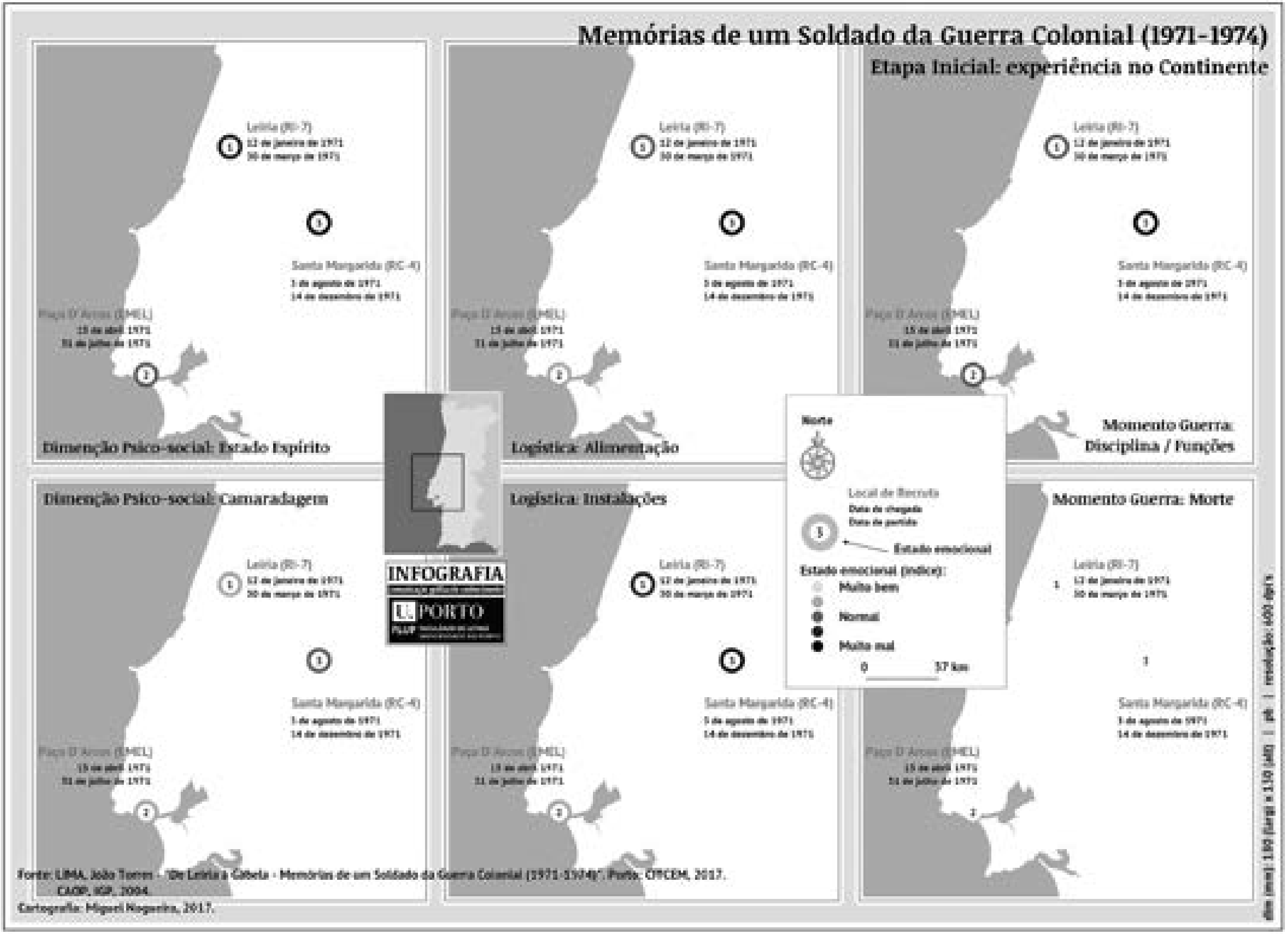
No entanto, o João revelou sempre uma enorme paciência comigo e com os meus atrasos na entrega deste texto, querendo em permanência, *despido de ternura fatigada*, partilhar *a sede de alegria – por mais amarga.* Por isso, no final desta prosa vou *partir* para Paço de Arcos à procura do uniforme de General para lho entregar, como *signo sinal* da nossa amizade.

[150] Ver no presente volume, p. 20.

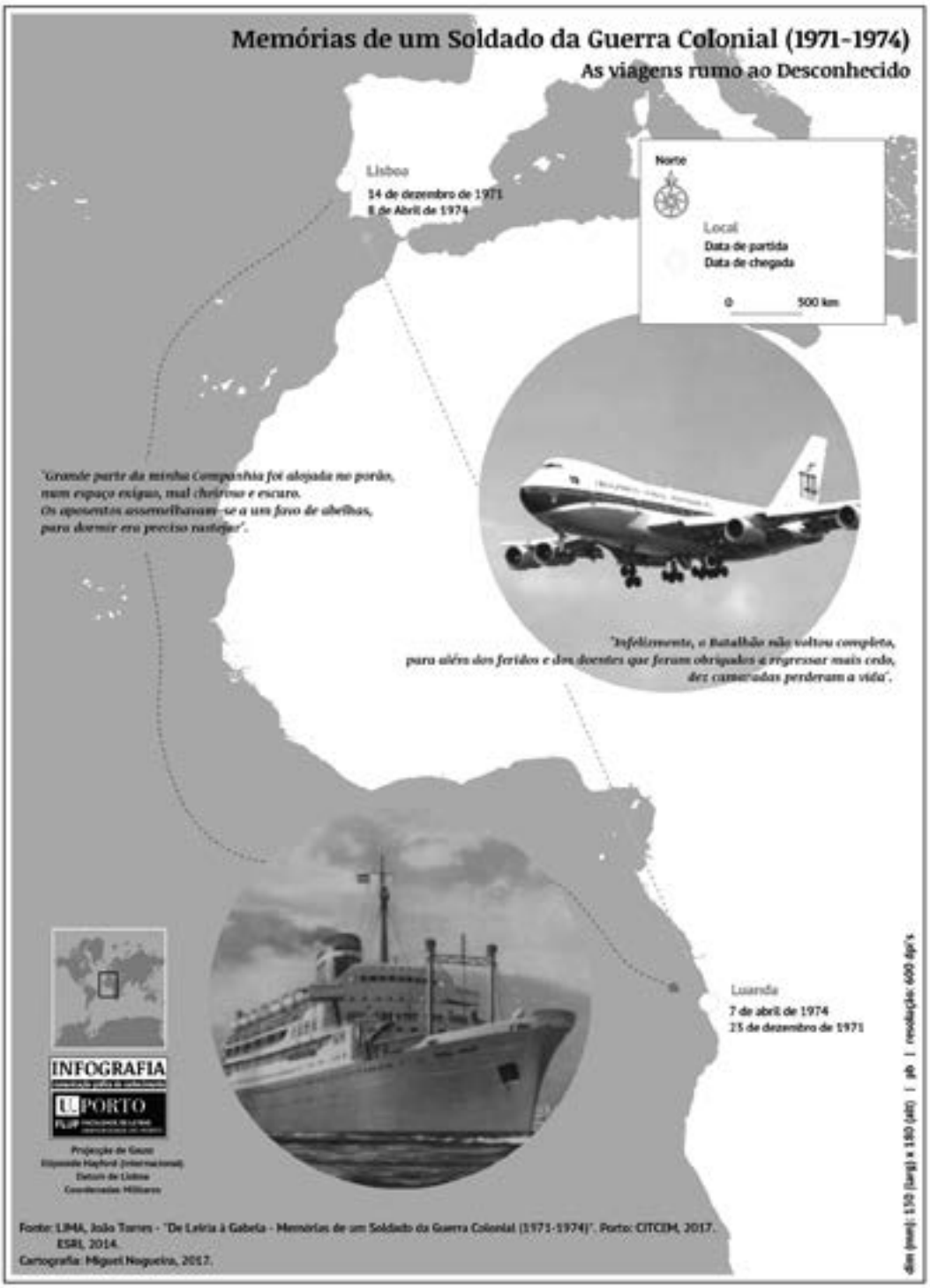
MAPAS

Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)
Etapa inicial: a escola militar
"Em Leiria, no RI-7, tudo era desconhecido e confuso. Recordo que ao entrar no Quartel senti o chão a fugir e as pernas a tremer; algo me dizia que acabava ali, na Porta de Armas, a minha liberdade".
LEIRIA
Leiria (RI-7)
1 12 de janeiro de 1971
30 de março de 1971
CASTELO BRANCO
Santa Margarida (RC-4)
3 3 de agosto de 1971
14 de dezembro de 1971
"As ameaças sob a capa dos artigos do código militar eram uma constante e, em vez de moderarem e condicionarem os comportamentos, incentivavam o medo, como reacção dominante nessas situações".
SANTARÉM
"As refeições eram confeccionadas e distribuídas igualmente por todos, não existia cozinha separada, os oficiais sentavam-se à mesa dos restantes militares, sem excepção, e não se notavam aqui as diferenças hierárquicas".
Paço D'Arcos (EMEL)
2 15 de abril 1971
31 de julho de 1971
LISBOA
SETÚBAL
INFOGRAFIA
U.PORTO
Projecção de Gauss
Elipsoide Hayford (Internacional)
Datum de Lisboa
Coordenadas Militares
Norte
Local de Recruta
Data de chegada
Data de partida
Estado emocional
Estado emocional (índice):
Muito bem
Normal
Muito mal
Outros elementos:
Sede de Distrito
0
17 km
Fonte: LIMA, João Torres - "De Leiria à Guiné - Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)". Porto: CITCEM, 2012, CADP, IGP, 2004.
Cartografia: Miguel Nogueira, 2017.

Mapa 2


Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)
Etapa Inicial: experiência no Continente
Dimenção Psico-social: Estado Espírito
Logística: Alimentação
Momento Guerra: Disciplina / Funções
Dimenção Psico-social: Camaradagem
Logística: Instalações
Momento Guerra: Morte
Leiria (RI-7)
Santa Margarida (RC-4)
INFOGRAFIA
U. PORTO
Norte
Local de Recruta
Data de chegada
Data de partida
Estado emocional
Estado emocional (índice):
Muito bem
Normal
Muito mal
0
57 km
Fonte: LIMA, João Torres - "De Leiria à Gabela - Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)". Porto: CITCEM, 2017.
CAOP, IGP, 2004.
Cartografia: Miguel Nogueira, 2017.

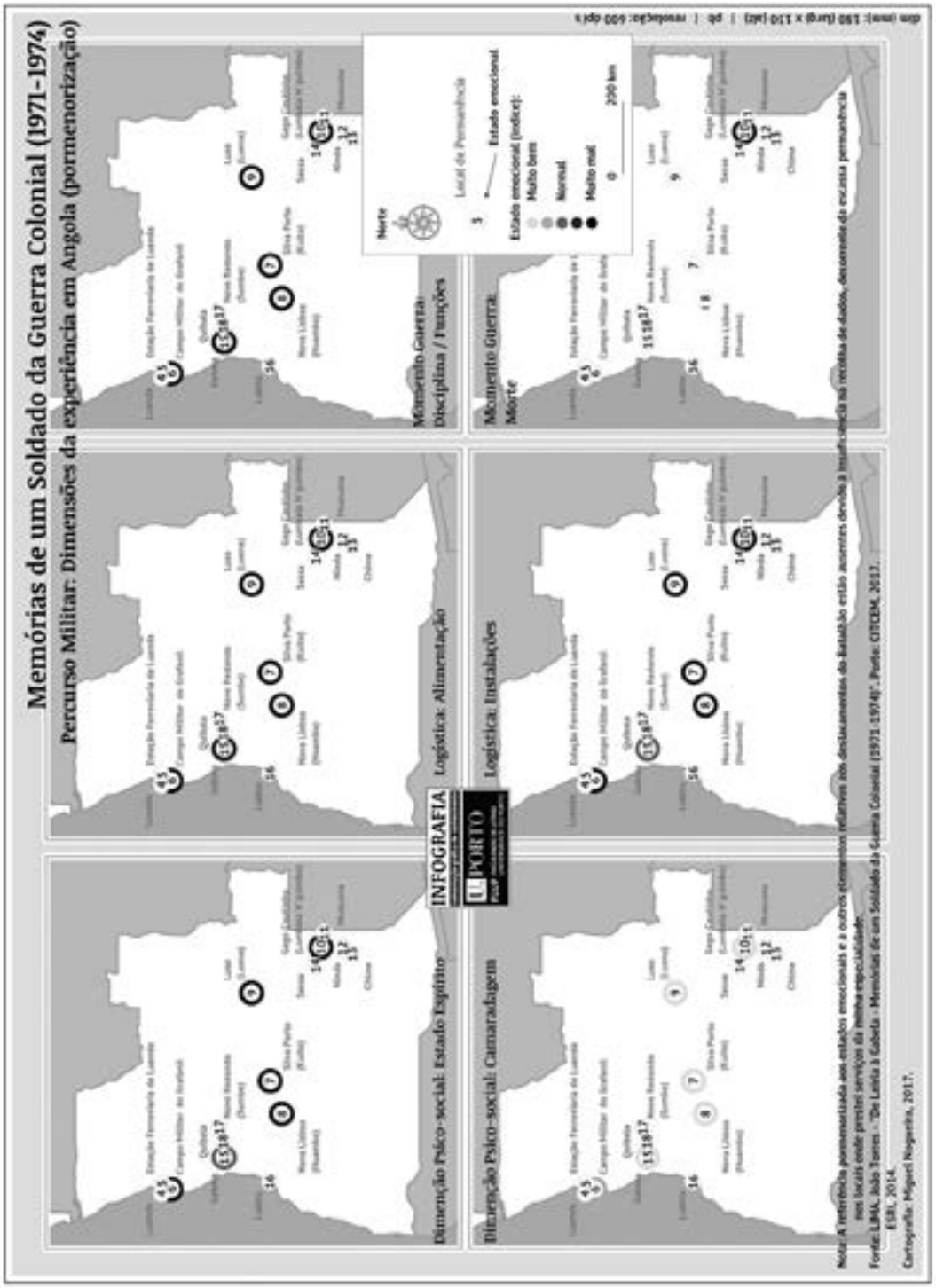
Mapa 3


Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)
As viagens rumo ao Desconhecido
Lisboa
14 de dezembro de 1971
8 de Abril de 1974
Norte
Local
Data de partida
Data de chegada
0
500 km
'Grande parte da minha Companhia foi alojada no porão,
num espaço exíguo, mal cheirava e escuro.
Os aposentos assemelhavam-se a um favo de abelhas,
para dormir era preciso rastejar'.
'Infelizmente, o Batalhão não voltou completo,
para além dos feridos e dos doentes que foram obrigados a regressar mais cedo,
dez camaradas perderam a vida'.
Luanda
7 de abril de 1974
25 de dezembro de 1971
INFOGRAFIA
U.PORTO
Projecção de Gauss
Elipsoide Hayford (Internacional)
Datum de Lisboa
Coordenadas Militares
Fonte: LIMA, João Torres - "De Leiria à Gabela - Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)". Porto: CITCEM, 2017.
ESRI, 2014.
Cartografia: Miguel Nogueira, 2017.

Mapa 4

Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)
Percurso Militar: Dimensões da experiência em Angola
CONGO
ZAIRE
Cabinda
Zaire
Uíge
Luanda
Estação Ferroviária de Luanda
Cuanza Norte
Bengo
Campo Militar do Grafanil
Malanje
Lunda Norte
Lunda Sul
'Num trajecto longo, se como não bastasse o incómodo, tivemos que descansar a bordo, encostados uns aos outros, ou fazendo das malas travesseiros'. (...) Naquele empilhado de militares, acantonado com as tralhas, procurávamos o mínimo de comodidade para atenuar os efeitos de tão grande aventura'.
sobre a viagem entre Silva Porto e Luso
Quibala
Cuanza Sul
Novo Redondo
(Sumbe)
Gabela
Luso
(Luena)
Lobito
Huambo
Bié
Silva Porto
(Kuito)
Benguela
Nova Lisboa
(Huambo)
'O isolamento ultrapassava todos os limites aceitáveis, e o tempo de espera para sairmos daquele inferno era demasiadamente penoso'.
sobre a permanência no Leste de Angola
Moxico
Gago Coutinho
(Lumbala N'guimbo)
Sessa
Mussuma
Ninda
Chime
ZÂMBIA
'Falar da Gabela obriga-nos forçosamente a descrever as suas gentes, de diferentes origens e etnias, com usos e costumes dispares, portadoras de uma simpatia inigualável.'.
sobre a permanência no Oeste de Angola
Huíla
Namibe
Cuando Cubango
Cunene
NAMÍBIA
BOTSUANA
Norte
Local de permanência
Estado emocional
Estado emocional (índice):
Muito bem
Normal
Muito mal
Outros elementos:
Huíla Regiões
0
100 km
INFOGRAFIA
U.PORTO
Nota: A referência pormenorizada aos estados emocionais e a outros elementos relativos aos destacamentos de Batalhão estão ausentes devido à insuficiência na recolha de dados, decorrente da escassa permanência nos locais onde prestei serviços da minha especialidade.
Fonte: LIMA, João Torres - "De Leiria à Gabela - Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)". Porto: CITCEM, 2017.
ESRI, 2014.
Cartografia: Miguel Nogueira, 2017.

Mapa 5


Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)
Percurso Militar: Dimensões da experiência em Angola (pormenorização)
Dimensão Psico-social: Estado Espírito
Logística: Alimentação
Momento Guerra: Disciplina / Tensões
Dimensão Psico-social: Camaradagem
Logística: Instalações
Momento Guerra: Morte
INFOGRAFIA
U.PORTO
Norte
Local de Permanência
Estado emocional
Estado emocional (índice):
Muito bem
Normal
Muito mal
0
200 km
Nota: A metodologia pormenorizada aos estados emocionais e a outros elementos relativos aos deslocamentos do batalhão estão ausentes devido à insuficiência na recolha de dados, decorrente da escassa permanência nos locais onde prestei serviço da minha especialidade.
Fonte: LIMA, João Torres - "De Leiria à Gabela - Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)". Porto: CITCEM, 2017.
ESRI, 2014.
Cartografia: Miguel Nogueira, 2017.

Mapa 6

FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes

Fontes de Arquivos

Arquivo Histórico Militar. Processos relativos ao Batalhão Cavalaria 3862

Fontes iconográficas

Fotos cedidas pelo autor

Imprensa

Livro do Batalhão – arquivo particular do autor

Jornais de caserna – arquivo particular do autor

Bibliografia

ÂNGELO, Fernando Cavaleiro (2016) – *OS FLECHAS, a Tropa Secreta da PIDE/DGS na Guerra de Angola.* Alfragide: Edição Casa das Letras.

ANTUNES, António Lobo (1979) – *Os Cus de Judas.* Lisboa: Edições D. Quixote.

ANTUNES, Maria José Lobo (2015) – *Regressos Quase Perfeitos, memórias da Guerra de Angola.* Lisboa, Edição Tinta da China.

DORZ, Bernard; ROWLEY, Anthony (2000) – *História do Século II*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

EME – Estado-Maior do Exército – *Comissão para o Estudo das Campanhas de África*, (1961-1974), Resenha histórico-Militar, das Campanhas de África (1961-1974).

ENCICLOPÉDIA GEOGRÁFICA (1989) – Edições Selecções do Readers Digest.

FERNANDES, Ferreira; FERREIRA, João (2007) – *Frases Que Fizeram a História de Portugal.* Esfera dos Livros, Lisboa.

LAROUSSE (1997) – *Nova Enciclopédia* – Lisboa: Círculo de Leitores.

O Grande Livro da Saúde, Enciclopédia Médica do Lar. Lisboa: Selecções do Readers Digest, 1972, p. 779.

TEIXEIRA, Rui de Azevedo (2006) – *Guerra de África*; *Angola (1971-1974) Batalhas da História de Portugal,* Matosinhos, QN – Edição e Conteúdos, S.A.

VENTER, Al J. – *PORTUGAL E AS GUERRILHAS DE ÁFRICA*, As guerras portuguesas em Angola, moçambique e Guiné Portuguesa 1961-1974. Lisboa: Edições Clube do Autor.

WHEELER, Douglas; PÉLISSIER, René (2016) – *História de Angola*. Lisboa: Edições Tinta-da-china.

ANEXOS

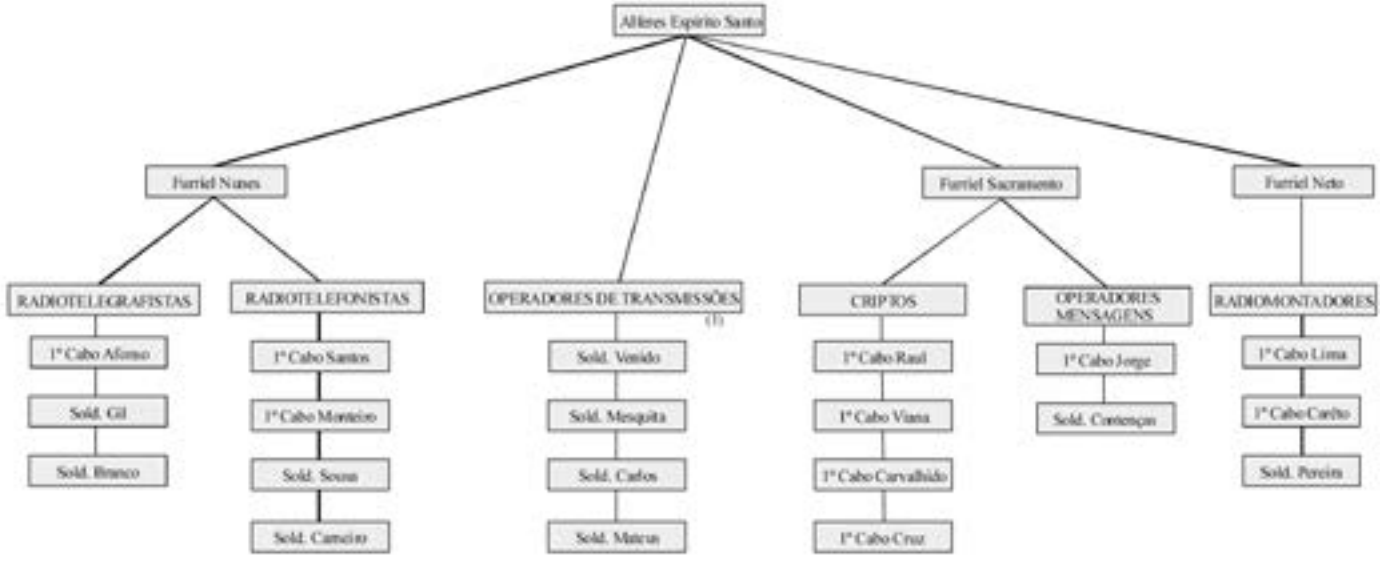
ANEXO 1

Pequeno Glossário

Berliet – Viatura militar pesada
Cacimbo – Humidade nocturna
Cafeco – Jovem rapariga
Chana – Designação para savana na região Leste de Angola
Cimbalino – Café expresso (Bica)
Coluna – Nome dado a um conjunto de viaturas militares em deslocação
Destacamento – Unidade militar instalada, companhia ou pelotão
Flechas – Tropas nativas criadas pela PIDE/DGS
Heli – Helicóptero
Hunimogue – Viatura militar ligeira
Maçarico – Soldado com pouco tempo de serviço
Mata-bicho – Pequeno-almoço reforçado (normalmente composto por bife com batatas fritas)
Môio – Saudação indígena
Nord Atlas – Avião militar de transporte de mercadorias
Picada – Via de comunicação terreste em terra batida
Puto – Metrópole (Portugal Continental)
Quimbo – Habitação indígena
Quinga – Bicicleta
Soba – Chefe tribal africano
Velhinho – Soldado veterano com muito tempo de serviço

ANEXO 2

Organograma dos militares de Transmissões[1]



(1) PELOTÃO DE MORTEIROS

[1] Elementos de transmissões em exercício permanente em Gago Coutinho.

ANEXO 3

Síntese geral do percurso militar: Avaliação retrospectiva

	Locais de passagem	Meios de transporte / Impressões de viagem	Função	Cronologia do percurso e tempos de permanência		Testemunho pessoal	AVALIAÇÃO GERAL CLASSIFICAÇÃO: 0 – S/Elementos; 1 – Mau; 2 – Fraco; 3 -Médio; 4 – Bom; 5 – Muito Bom						
							Dimenção Psico-social		Logística		Momento Guerra		APRECIAÇÃO GERAL
				Início	Fim		Estado de Espírito	Camara-dagem	Alimen-tação	Insta-lações	Disciplina Funções	Feridos Mortes	
A – Etapas Inciais													
1	**LEIRIA** (RI-7)	Autocarro meio de transporte para chegar ao Quartel	Recruta	12 de Janeiro de 1971	30 de Março de 1971	«Em Leiria, no RI-7, tudo era desconhecido e confuso. Recordo que ao entrar no Quartel senti o chão a fugir e as pernas a tremer; algo me dizia que acabava ali, na Porta de Armas, a minha liberdade».	2	4	3	2	3	0	3
2	**PAÇO D'ARCOS** (EMEL)	Local de óptima acessibilidade	Especialidade Radiomontador (manteve-se ao longo de toda a comissão)	15 de Abril de 1971	31 de Julho de 1971	«As refeições eram confeccionadas e distribuídas igualmente por todos, não existia cozinha separada, os oficiais sentavam-se à mesa dos restantes militares, sem excepção, e não se notavam aqui as diferenças hierárquicas».	3	4	4	4	3	0	3
3	**SANTA MARGARIDA** (RC-4)	Comboio ou autocarro transportes utilizados.	Formação do BatCav.3862	3 de Agosto de 1971	14 de Dezembro de 1971	«As ameaças sob a capa dos artigos do código militar eram uma constante e, em vez de moderarem e equilibrarem os comportamentos, incentivavam o medo, como reacção dominante nessas situações».	1	3	1	1	1	0	2
B – Viagem (Lisboa – Luanda)													
4	**LISBOA** (Cais de Alcântara)	Embarque (paquete Vera Cruz)	Berliet	14 de Dezembro de 1971		«Grande parte da minha Companhia foi alojada no porão, num espaço exíguo, mal cheiroso e escuro. Os aposentos assemelhavam-se a um favo de abelhas, para dormir era preciso rastejar».	1	4	1	1	1	0	1
5	**LUANDA** (Chegada)	Desembarque	Barco	23 de Dezembro de 1971			Sem elementos para avaliação						
6	**Estação ferroviaria** (Luanda)	Embarque	Comboio	24 de Dezembro de 1971		«A deslocação decorreu num comboio de mercadorias, transporte de luxo, como se deve imaginar, um pouco a monte para não variar e não contrastar com a comodidade de primeiríssima classe oferecida na viagem de barco».							
7	**LUANDA** (Campo Militar do Grafanil)	Acampamento		24 de Dezembro de 1971	1 de Janeiro de 1972	«Aqui, e mais uma vez, se comprovou a enorme fragilidade em que nos encontrávamos. Nunca nos tinham falado deste inimigo voador e da sua eficácia, nem em tempo algum nos referiram a necessidade de prevenção, nem procederam ao tratamento da ferroada».	1	4	1	1	1	0	1

(Continua na página seguinte)

	Locais de passagem	Meios de transporte / Impressões de viagem	Função	Cronologia do percurso e tempos de permanência		Testemunho pessoal	AVALIAÇÃO GERAL CLASSIFICAÇÃO: 0 – S/Elementos; 1 – Mau; 2 – Fraco; 3 -Médio; 4 – Bom; 5 – Muito Bom						
							Dimenção Psico-social		Logística		Momento Guerra		APRECIAÇÃO GERAL
				Início	Fim		Estado de Espírito	Camara-dagem	Alimen-tação	Insta-lações	Disciplina Funções	Feridos Mortes	
C – Percurso rumo à Província do Moxico – Leste de Angola													
8	**LUANDA** (Campo Militar do Grafanil)	Início da viagem		1 de Janeiro de 1972		«Na viagem, Luanda – Silva Porto, transportados em camiões civis de mercadorias, sentados em caixotes de madeira, misturados com a nossa bagagem».	1	5	1	1	1	0	1
9	**NOVA LISBOA** (Huambo)	Camião	Primeira Etapa	Grafanil – Nova Lisboa chgegada a 1 de Janeiro de 1972 partida no mesmo dia			1	5	1	1	1	0	1
10	**SILVA PORTO** (Kuito)	Camião/Comboio (mudança de transporte)	Segunda Etapa	Nova Lisboa – Silva Porto chegada a 1 de Janeiro de 1972 partida a 2 de Janeiro de 1972			1	5	1	1	1	0	1
11	**LUSO** (Luena)	Comboio/camião (mudança de transporte)	Terceira Etapa	Silva Porto – Luso chegada a 2 de Janeiro de 1972 partida a 3 de Janeiro de 1972		«Num trajecto longo, como se não bastasse o incómodo, tivemos que descansar a bordo, encostados uns aos outros, ou fazendo das malas travesseiros». (...) «Naquele empilhado de militares, acantonado com as tralhas, procurávamos o mínimo de comodidade para atenuar os efeitos de tão grande aventura».	1	5	1	1	1	0	1
12	**GAGO COUTINHO** (Moxico)	Camião	Destino	Luso – Gago Coutinho chegada a 4 de Janeiro de 1972		«Aqui foram-nos ordenadas máxima concentração e posição de defesa ou de ataque, num alerta permanente, caso fosse necessário reagir a quaisquer investidas por parte dos terroristas».	1	5	1	1	1	0	1
D – CHEGADA A GAGO COUTINHO													
E – Distribuição das companhias do BatCav 3862													
13	**GAGO COUTINHO** (Lumbala N´guimbo)	**CCS** Sede do Batalhão	4 de Janeiro de 1972	17 de Maio de 1973		«O isolamento ultrapassava todos os limites aceitáveis, e o tempo de espera para sairmos daquele inferno era demasiadamente penoso».	1	5	1	1	1	1	1
14	**MUSSUMA**	Ccav 3456					Zonas de grande isolamento Sem elementos para avaliação						
15	**NINDA**	Ccav. 3457											
16	**CHIUME**	Ccav. 3458											
17	**SESSA**	Ccav. 3456											
Apoiado por: PelMort 3058 / Reforçado pelos GE 343, 338, 322 e 352 / e por 6 grupos de Flexas.													

(Continua na página seguinte)

F – FIM DA COMISSÃO NA ZONA LESTE												
G – Rumo à Província do Cuanza sul – Gabela												
18	**GAGO COUTINHO**	Início da viagem	18 de Maio 1973	24 de Março de 1974	«O isolamento ultrapassava todos os limites aceitáveis, e o tempo de espera para sairmos daquele inferno era demasiadamente penoso».	**3**	**5**	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**
19	**LUSO**	Primeira Etapa				**3**	**5**	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**
20	**SILVA PORTO**	Segunda Etapa				**3**	**5**	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**
21	**NOVA LISBOA**	Terceira Etapa				**3**	**5**	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**
22	**GABELA**	Fim da viagem				**3**	**5**	**1**	**1**	**1**	**0**	**1**
H – CHEGADA À GABELA – CUANZA SUL												
I – Distribuição no terreno pelas companhias do batalhão Cav. 3862												
23	**GABELA**	**Sede da CCS**	**18 de Maio 1973**	**24 de Março de 1974**	«A Gabela era terra do bom café (…) Falar da Gabela obriga-nos forçosamente a descrever as suas gentes, de diferentes origens e etnias, com usos e costumes díspares, portadoras de uma simpatia inigualável».	3	5	2	3	1	0	3
24	**LOBITO**	**Ccav. 3458**			"Localidades de excelência à beira mar".	Sem elementos para avaliação						
25	**NOVO REDONDO** (Sumbe)	**Ccav. 3457**										
26	**QUIBALA**	**Ccav 3456**			«Cessa e Quibala, rainhas das grandes fazendas, de enormes dimensões a perder de vista, e das roças, onde se viam plantações crescerem e florescerem duas vezes por ano, nomeadamente o milho…».							
J – FIM DA COMISSÃO EM ANGOLA – Preparação para o regresso a Lisboa												
27	Gabela - Luanda (**Grafanil**)	Destino	24 de Março de 1974 7 de Abril de 1974		«Agora mais velho, mais experiente e sobretudo tranquilo, vacinado contra a angústia, o medo e algumas doenças (…)».	**É o tempo do regresso a casa !!!!!**						
28	Aeroporto de Luanda	Local de embarque			Concentração da CCS							
29	Viagem de regresso a casa: **LISBOA** (Santa Apolónia) **PORTO** (campanhã)	8 de Abril de 1974			«Infelizmente, o Batalhão não voltou completo, para além dos feridos e dos doentes que foram obrigados a regressar mais cedo, dez camaradas perderam a vida».							
K – PASSAGEM À DISPONIBILIDADE EM 8 MAIO DE 1974												

ANEXO 4

Objectos do quotidiano e documentos pessoais

Figura 50. Aerogramas utilizados na correspondência, cedidos pelo MNF.

Figuras 51-52. Ofertas do MNF.

Figura 53. Quadro pintado em Gago Coutinho (autor desconhecido).

Figura 54. Peças de artesanato (Gago Coutinho).

Figura 55. Imagem que me acompanhou em toda a comissão.

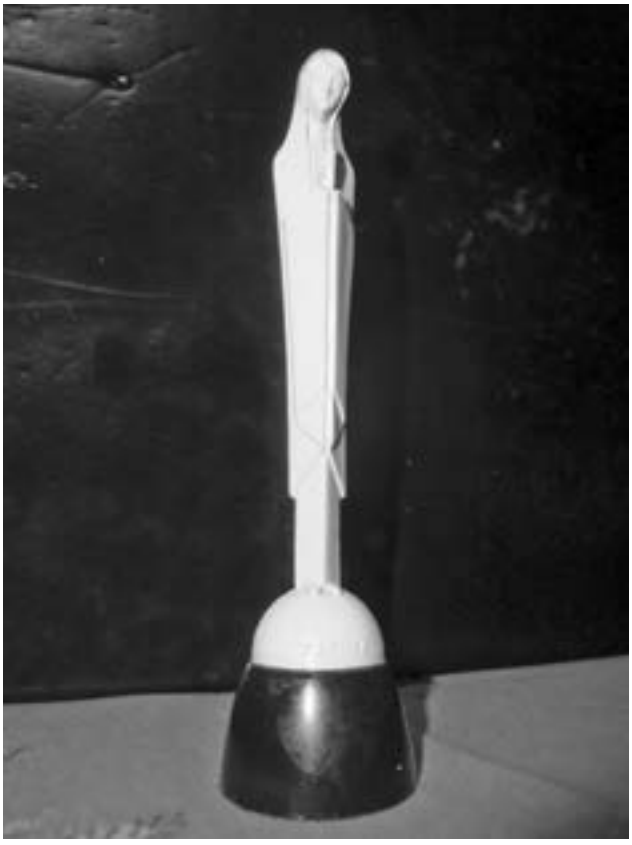


Figura 56. Ofertas do Batalhão.

Figura 57. Artesanato (pulseira em missanga) Luso.

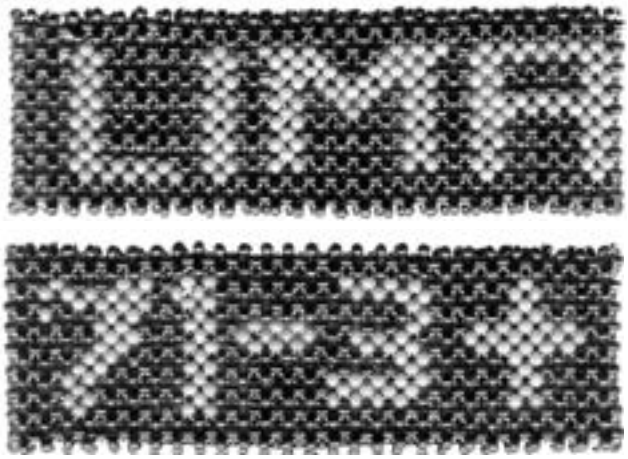


Figura 58. Ofertas da Namorada.

Figura 59. Moeda e selos correntes na época.

Figura 60. Páginas do manuscrito do presente livro.

Figura 61. Caderneta militar.

Figura 62. Da esq. para a dir.: (…) furriel Nunes, Venido, Mesquita e autor (Gago Coutinho).

Figura 63. Junto à enfermaria, atrás da esq. para dir.: Carêto, Santos e Jorge.
Em primeiro plano da esq. para a dir.: Ercílio, o autor e Afonso (Gago Coutinho).

Figura 64. Da esquerda para a direita: Santos, Ercílio e o autor (Gago Coutinho).

Figura 65. Trabalhos executados p/ autor (emblema dos GE e símbolo do batalhão) (Gago Coutinho).

Figura 66. Um dos trabalhos para o Batalhão (obra do autor) (Gago Coutinho).

Figura 67. Marco do correio – SPM (Gago Coutinho).

Figura 68. O autor no destacamento de Mussuma.

Figura 69. Elementos de transmissões, da esq. para a dir.: Branco, Afonso, Santos e Carêto.

Figura 70. Camaradas do Pelotão de Morteiros, da esq. para a dir.: Barbosa, Clemente, Arménio, Carlos, Mesquita e Venido (Gago Coutinho).

Figura 71. Camarada Venido do Pelotão de Morteiros.

Figura 72. Amália Rodrigues com as esposas dos oficiais (Gago Coutinho).

Figura 73. Convívio festa do 23.º aniversário do autor (15 de Março de 1973), da esq. para a dir.: Costa, (…), (…), o autor, Ercílio e Cruz. (Caserna nova – Gago Coutinho).

Figura 74. Elementos das transmissões, da esq. para a dir.: furriel Nunes, o autor, Santos, Ercílio, Afonso e Carêto (Gago Coutinho).

Figura 75. Da esq. para a dir: Branco, Carêto, Afonso, Gil, Santos, Jair, Viana, António Cardante, Marques. (Bar da CCS – Gabela).

Figura 76. Da esq. para a dir: Carêto, o autor e Afonso. Em 1.º plano Santos (Gago Coutinho).

Figura 77. Elementos das transmissões, esq. para a dir.: Gil, Afonso, Carêto e o autor (Gago Coutinho).

Figura 78. Equipa de futebol (Gago Coutinho – Junho de 1972).
De pé, da esq. para dir.: Saraiva, (…), Fernandes, Felisberto, Branco, Nozes, Afonso e o autor (massagista).
1.º plano: da esq. para dir.: Nunes, Cascais, Pinto, Gil, Carêto e Loureiro.

Figura 79. Posto de transmissões – Gago Coutinho. Radiotelegrafistas Afonso (esq.) e Gil.

Figura 80. Rebenta-minas usado nas colunas (Gago Coutinho).

Figura 81. Quarto dos radiomontadores, da esq. para a dir.: Carêto, Afonso e Gil (Gago Coutinho).

Figura 82. Camarada Carvalhido, operador Cripto, da companhia 3456. (um dos 7 magníficos).

Figura 83. Cédula de Recenseamento do autor – Gondomar, 30 de Junho de 1970.

Recenseamento de 19

CÉDULA DE RECENSEAMENTO

RECRUTAMENTO DE 19

Figura 84. Resultados de análises do autor (30 de Julho e 13 de Novembro de 1972) – Gabela.

COMPANHIA ANGOLANA DE AGRICULTURA
«C. A. D. A.»

HOSPITAL MILITAR DO LUSO
LABORATÓRIO
ANÁLISE N.º

Figura 85. Comprovativo de participação na guerra do ultramar distribuído no final da comissão – Abril de 1974.

REGIÃO MILITAR DE ANGOLA

O 1º CABO

JOÃO DA SILVA TORRES LIMA

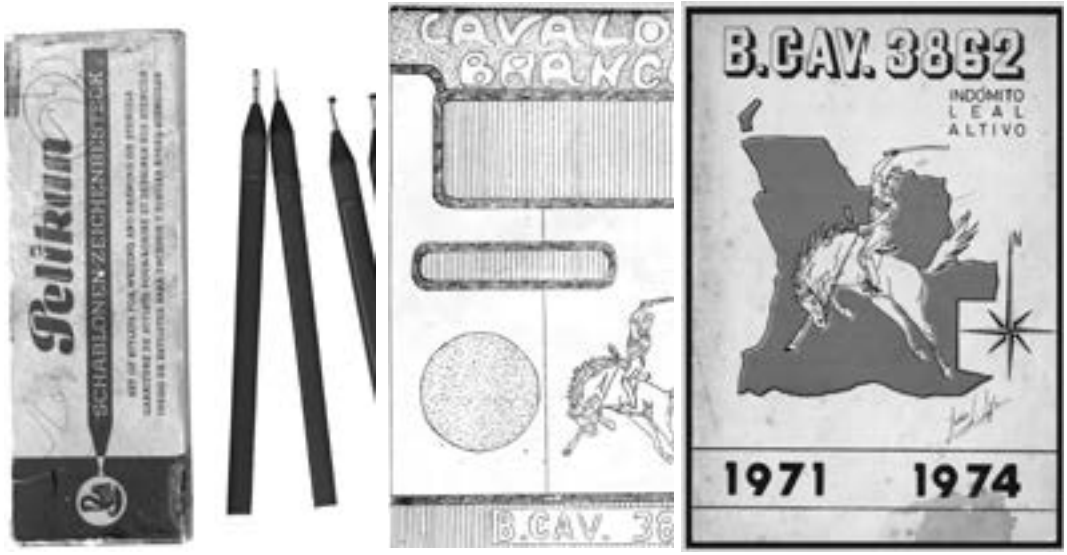
do C.C.S./BAT.CAV.ª 3862

serviu nesta Região em 23/12/73 a 6/4/74

contribuindo com o seu esforço para o cumprimento das missões que foram atribuídas à sua Unidade, na defesa da Pátria em terras de Angola.

O GENERAL COMANDANTE

Figura 85. Canetas utilizadas na elaboração do Livro do Batalhão e Jornais de Caserna.



ANEXO 5

Livro do Batalhão de Cavalaria 3862

PALAVRAS DO COMANDANTE

Findou a nossa comissão em Angola.

É com grande regozijo que digo ter sido o maior prazer da minha vida ter-vos comandado. Jamais esquecerei todos os maus e bons momentos que vivemos em conjunto, todos os sacrifícios, todo o suor, todas as lágrimas que vertemos por aqueles que aqui deixaram o seu sangue e que não nos podem acompanhar no regresso ao lar. Para eles vai o nosso pensamento no momento em que o Batalhão do Cavalo Branco vai passar aos Anais da História de Angola.

Sei que foi duro o vosso trabalho, sei que sofrestes privações, sei que lutastes como Verdadeiros Portugueses, por isso vos digo, podeis chegar a vossas casas profundamente orgulhosos porque o que realizastes nesta enorme Angola foi trabalho do melhor.

A nossa missão está cumprida e eu estou profundamente grato pela colaboração que me destes.

Desejo-vos as maiores felicidades na vida civil que ireis retomar e peço-vos que os laços de amizade que no Batalhão do Cavalo Branco criastes jamais se desfaçam.

CÉSAR AUGUSTO R. MANO
Ten. Cor Cav.

A VIDA DO NOSSO BATALHÃO

(EFEMÉRIDES)

09 ABR 71 Mobilizado o Batalhão de Cavalaria nº. 3862, pela Ordem de Mobilização nº. 51 (Nota circular nº. 1392/PM) de 09 ABR71 da 1ª REP do EME, tendo como Unidade Organizadora o Regimento de Cavalaria nº 4.

14 JUN 71 Teve início a Escola Preparatória de Quadros que termi-nou em 03JUL71.

05 JUL 71 Teve início a Instrução Especial da Escola de Recrutas que decorreu até 21AGO71 (Parte de Atiradores).

23 AGO 71 Com a apresentação de outros especialistas começou a or-ganizar-se em STª. MARGARIDA o BCAV 3862 e iniciaram-se os preparativos para a I.A.O. (1ª.Parte).

06 SET 71

Início da I.A.O. (1ª. Parte) que decorreu até 25SET71 na região de STª. MARGARIDA.

27 SET 71 Início de gozo da licença das normas por todo o pessoal do BCAV, até Ø6OUT71.

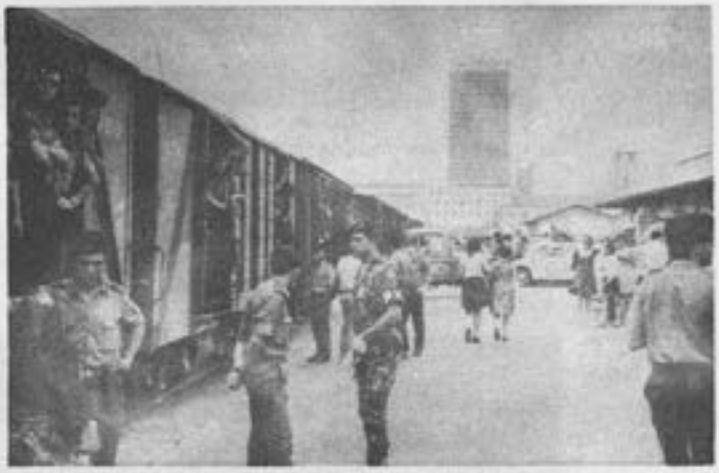
11 OUT 71

Início da I.A.O. (2ª. Parte) que decorreu na região de STª. MARGARIDA até 13NOV71.

1 3DEZ. 71 Teve lugar, junto à Igreja do Campo Militar de STª. MARGARIDA, um cerimonial de despedida, que constou de Formatura Geral, bênção e entrega do guião e flâmulas. Presidiu o Comandante do Campo e estiveram presentes várias entidades.

1 4DEZ. 71 O BCAV partiu de STª. MARGARIDA em comboio especial até à Estação de SANTA APOLÓNIA, donde seguiu, em viaturas, para o cais da Rocha Conde de Óbidos, a fim de embarcar no N/M "VERA CRUZ".

2 3DEZ. 71



Chegada ao Porto de Luanda, desembarque e partida em comboio especial para o Campo Militar do Grafanil, ficando o B.Cav. bivacado na área nº4 do mesmo Campo.

2 4DEZ 71 Cerimonial de boas-vindas no Campo Militar do Grafanil com a presença do Exmº General CMDT da RMA.

Ø 1JAN. 72 Partida do BCAV para a sua ZA, inicialmente em coluna auto até SILVA PORTO onde chegou no mesmo dia. Aqui tomou o comboio para o LUSO onde chegou em Ø2JAN. Em Ø3JAN.

6

novamente em coluna auto, foi retomada a marcha para CA-
GO COUTINHO, onde todo o BatalhÃo chegou na tarde de Ø4-
JAN72.

Ø4 JAN. 72 O BCAV iniciou a sobreposiçÃo com o BART 3835,terminando a mesma em 11JAN72.

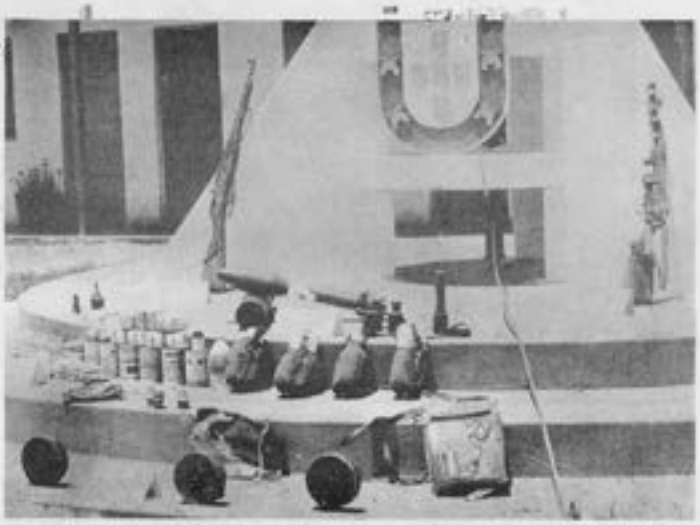
12 JAN. 72

O BCAV assumiu a responsabilidade do Subsector de CAGO
COUTINHO, ficando devidamente montado o seu dispositivo
dentro da ZML.

24 JAN 72 Primeiro contacto com o Inimigo, com forças à responsabilidade do BCAV.

14 FEV 72 Primeiro ataque à BT/CHIUME em que o nosso Batalhão perdeu o primeiro elemento por actividade IN.

21 FEV. 72



Primeiros resultados obtidos por elementos do BCAV, no decurso da Operação "BAFORADA". Foi abatido um elemento In e capturado diverso material, entre o qual uma pistola-metralhadora PPSH e 1 espingarda MOSIN NAGANT.

Ø 3 MAR. 72 Encontrada destruída a ponte sobre o Rio LUATE.

15 ABR. 72 Início da 1ª. grande operação no Subsector - BALADA/IH - onde foram obtidos apreciáveis resultados. No decurso desta operação foi ferido gravemente, vindo a falecer, um Alferes da CCAV 3458.

9

24 e 25 ABR 72 O Exmº General Comandante da ZML visita oficialmente o BCAV e todas as suas Companhias.

A artista AMÁLIA [illegible] esteve presente em CACO COUTINHO onde deu um espectáculo para as Forças Armadas. Dignou-se estar presente o Exmº. General Comandante da ZML.

12

12 MAI 72 Teve início a Acção "BUGALHO" durante a qual foi capturada pelos FLECHAS de GAGO COUTINHO uma quantidade grande de material, entre o qual 11 armas.

Ø 8 JUN 72

Visitou o BCAV o Exmº. Brigadeiro Comandante do Sector do Mexico.

Ø 7 JUL 72

Visitaram o BCAV os Exmºs. Generais Comandante Chefe das Forças Armadas de ANGOLA, Comandante da RMA, Comandante da ZML e Brigadeiro Comandante do Sector do MEXICO.

13

21 JUL. 72

14

15 SET. 72 Visitou o Subsector de GAGO COUTINHO o Exmº Brigadeiro Comandante do Sector do MOXICO.

1 2OUT.72 A Base do Chiume foi atacada pela 2ª. vez, causando o In dois feridos às NT. O In sofreu 1 morto e a captura de muito material, entre o qual 1 espingarda Aut KALASHNIKOV e 1 pistola TOKAREV.

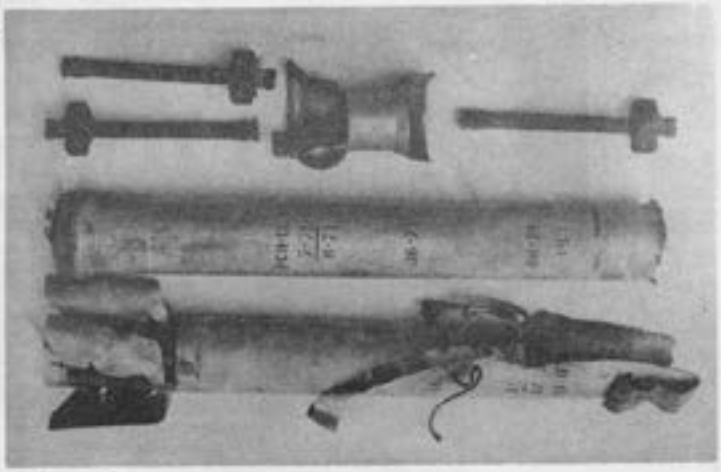
24 e
25DEZ.72

O Exmº. General Comandante da ZML esteve presente no Subsector, tendo visitado GAGO COUTINHO, MUSSUMA e NINDA onde pernoitou.

21 MAR 73 Foi flagelada a povoação de NINDA. O In empregou misseis 122 m/m.

22 MAR 73 Visitou o Subsector o Exmº. Brigadeiro Comandante do Sector.

Ø5 ABR 73



O Aquartelamento de MUSSUMA foi flagelado por duas vezes tendo o In utilizado cerca de 1Ø misseis de 122 m/m.

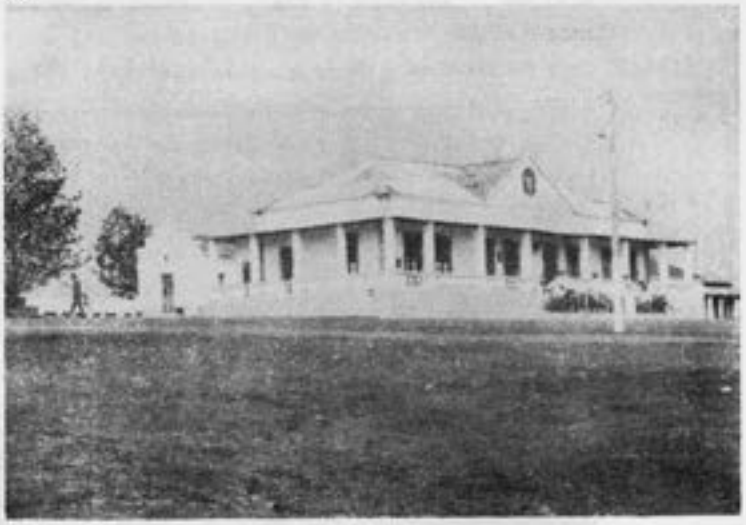
18 ABR 73 Apresentou-se na BT/CHIUME, vindo da ZÂMBIA, o nacional africano MANUEL ANTÓNIO MUTI, conhecido pelo ANGOLA LIVRE.
Este elemento exerceu importantes funções de Comando no MPLA, tendo fugido da base de SIKONGO. Era portador de uma pistola TOKAREV, da qual fez entrega voluntáriamente.

24 ABR 73 Visitaram o BCAV o Exmº. Brigadeiro Comandante do Sector do MOXICO e o Vice-Consul da Africa do Sul.

1Ø MAI 73 Início da deslocação do BCAV para nova ZA no Distrito do CUANZA SUL.

16

A CCAV 3458 ficou instalada fora da ZA à responsabilidade do BCAV, por ter sido cedida ao Sector HUAMBO/BENGUELA.



Ficou terminada a instalação do BCAV em nova ZA, ficando o

Comando e CCS na GABELA, a CCAV 3456 na QUIBALA-SUL (destacando GC para CALULO, MUSSENDE e STª. COMBA) e a CCAV 3457 em NOVO REDONDO (destacando GC para PORTO AMBOIM e V.N. DO SELES). 1 GC da CCAV 3457 passou a estacionar no Campo Militar do GRAFANIL, sendo utilizado em escoltas para a Zona Militar NORTE.

A CCAV 3458 ficou com sede no LOBITO, destacando GC para BENGUELA e CUBAL.

A partir desta data, a actividade operacional do BCAV passou a ser à base de patrulhamentos por toda - ZA à sua responsabilidade.

21 JUL. 73

Foi condignamente comemorado na GABELA, o DIA DA CAVALARIA de 1973, com a honrosa presença do Exmº. Governador do Distrito

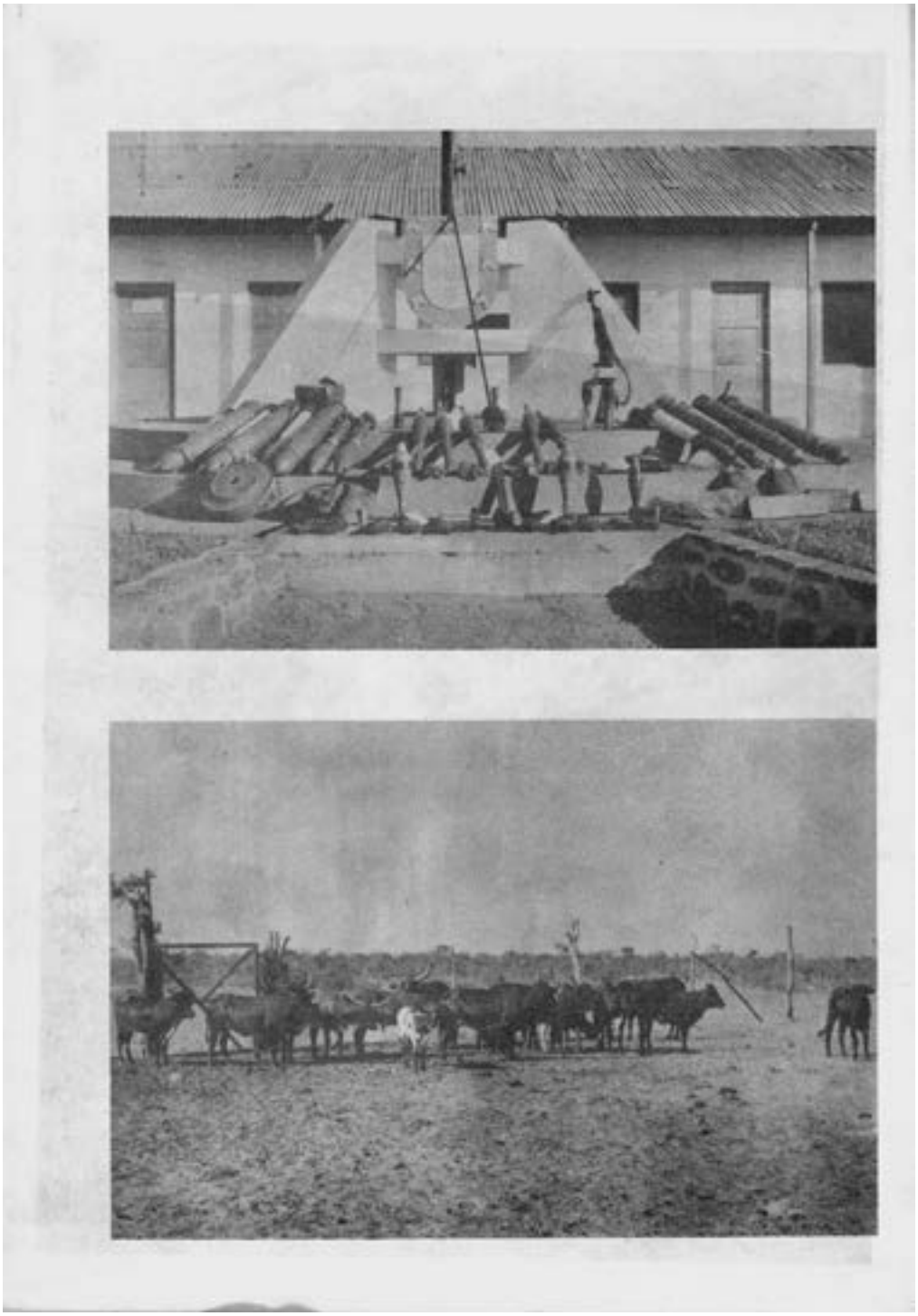
18

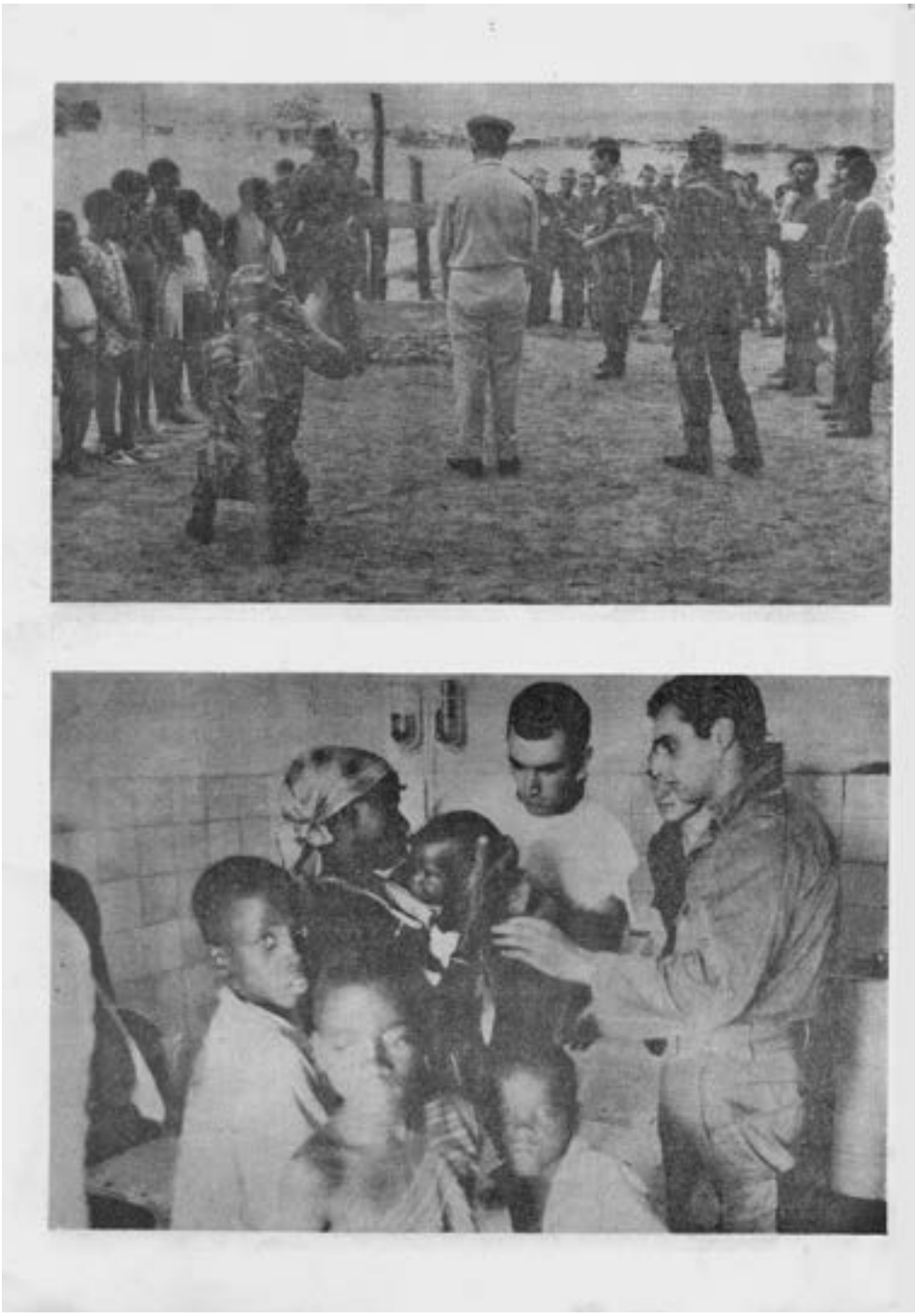
de CUANZA SUL e um Delegado do Exmº. Comandante da ZMC.

29 OUT 73 Teve início a operação RADAR na qual foi empenhada a CCAV 3456 reforçada com alguns elementos da CCS e CCAV 3457. De duração de 12 dias, esta operação visou reconhecer toda a área imediatamente a SUL do R. CUANZA e dentro da ZA do BCAV.

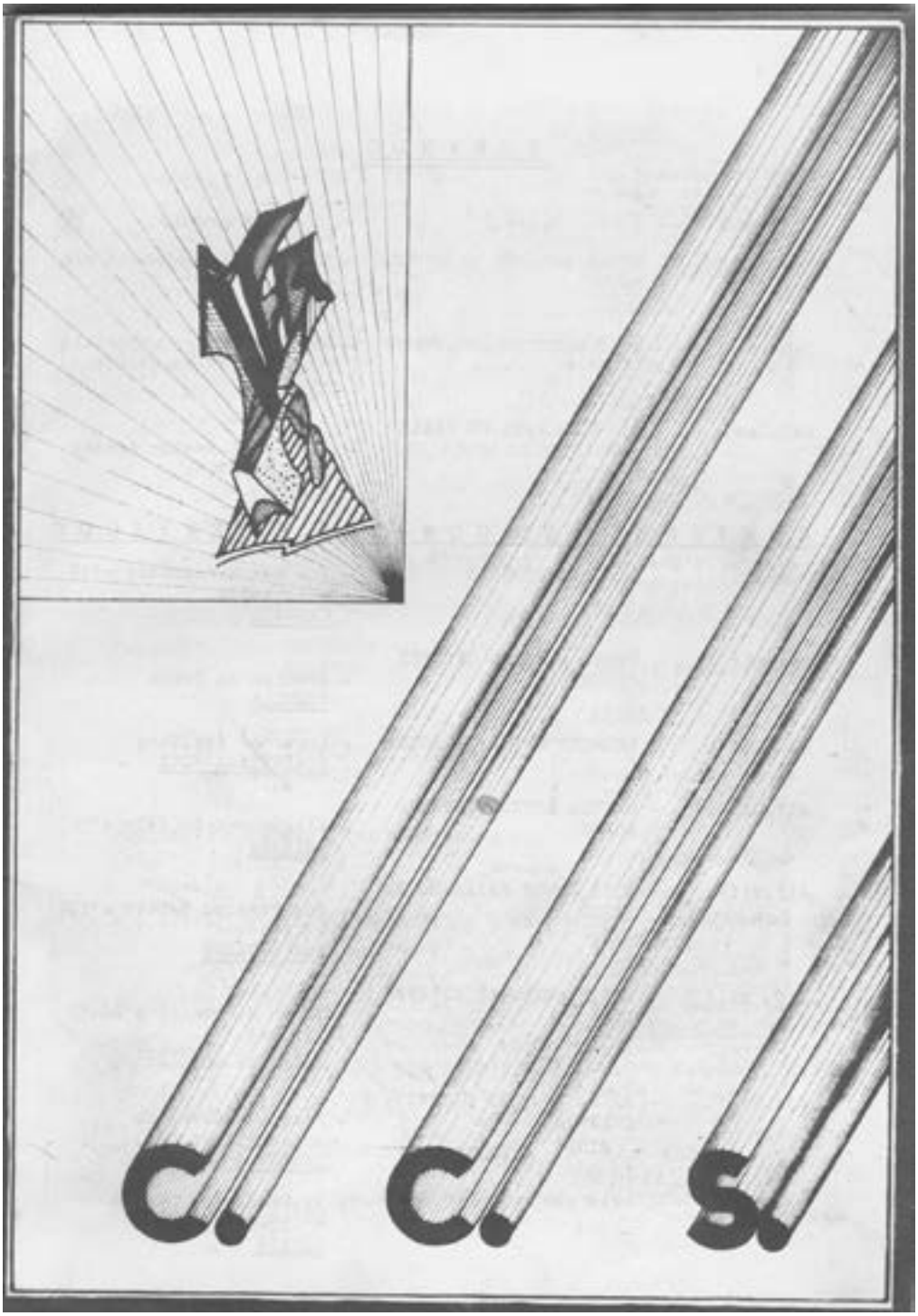
04 JAN 74 A CCAV 3457, menos o GC destacado no Campo Militar do CRAFANIL e mais 1 GC e outros elementos da CCAV 3456, foi cedida por um período de 15 dias ao Sector do CUANZA NORTE a fim de tomar parte numa operação a realizar na área.

01 FEV 74 A CCAV 3458 foi cedida, por um período de 15 dias, ao Sector do CUANZA NORTE, a fim de tomar parte numa operação a realizar na área.





ME-98-59


C.
C.
S.

26

C O M A N D O

Posto	Nome	Morada
Ten.Cor.Cav.	- CÉSAR AUGUSTO RODRIGUES MANO	- Rua Adolfo Coelho-2º s/n (TSF) COIMBRA
Ten.Cor.Cav.	- JOSÉ MESTRE RODRIGUES	- Avº. Columbano Bordalo Pinheiro nº 98-4º.Dtº. LISBOA
Maj.Cav.	- ANTÓNIO JOSÉ DE FARIA FERNANDES	- Rua Frei Amador Arrais nº.8-1º.Esqº. LISBOA

C O M P A N H I A D E C O M A N D O E S E R V I Ç O S

Capitão	- ALBERTO AUGUSTO	- Rua dos Navegantes nº59 -2º. Andar CASCAIS
Capitão	- PEDRO ANTÓNIO CALAPEZ CORREIA	- Avenida da Ponte ODEMIRA
Alf.Milº.	- BELMIRO MOITA DA COSTA	- Lugar da Arrifana CONDEIXA-A-NOVA
Alf.Milº.	- MANUEL LOPES PINHEIRO NUNES	- Alto da Estação Velhan°52 COIMBRA
Alf.Milº.	- LUIS JORGE BAIÃO DO E. SANTO	- Rua Firmino Rebelo nº20 2º.Esqº. PORTO SALVO
Alf. Milº	- MÁRIO ALVES DE MIRANDA LIMA	- Largo S. Domingos nº.51 -2º.Dtº. VIANA DO CASTELO
Alf.Milº.	- ARTUR JOSÉ DE OLIVEIRA N. PIRES	- Praça de Alvalade Lote 1251 6º.Dtº. LISBOA 5
Alf.SGE	- FRANCISCO MAIA DIOGO	- Av.Frederico Ulrich nº.55-2º.Dtº. ALMADA

Sarg.Ajud.	- ANTÓNIO AUGUSTO DE MELO	- St°. Estevão CHAVES	27
1°.Sarg.	- DOMINGOS PASCOAL	- Rua Engenheiro Duarte Pacheco n°.35-A-1°. CASTELO BRANCO	
1°.Sarg.	- ILIDIO FERREIRA DE FARIA	- Lugar da Pia Tel.n°.22915 GUALTAR	
1°.Sarg.	- ANTÓNIO BERNARDINO DA SILVA	- Escada da Sr°.da Piedade n°.3 TOMAR	
Pur.Mil°.	- ANTÓNIO COSTA GOMES DE PINHO	- Rua Nova OLIVEIRA DE AZEMEIS	
Pur.Mil°.	- ANTÓNIO CARLOS OLIVEIRA RODRIGUES	- Rua José Ribeiro da Costa n°.183-Tel.72107/8 CARTACHO	
Pur.Mil°.	- HUMBERTO JOAQUIM M. PEIXOTO	- Rua da Restauração n°.164-2°.Dt°. BRAGA	
Pur.Mil°.	- JOSÉ JOAQUIM SANTOS PEREIRA	- Lugar Val de Éguas LOULÉ	
Pur.Mil°.	- FERNANDO MARTINS F. NETO	- Hotel Guaraná AMBOIM	
Pur.Mil°.	- FERNANDO DA SILVA AZENHA	- Lugar Lomba do Poço Frio Bom Sucesso FIGUEIRA DA FOZ	
Pur.Mil°.	- JOSÉ ANTÓNIO M. LADEIRO	- Rua das Parreiras n°.2 MONTEMOR-O-VELHO	
Pur.Mil°.	- JOÃO DA GRAÇA SACRAMENTO	- Rua da Estrada Póvoa e Meadas CASTELO DE VIDE	
Pur.Mil°.	- CARLOS ALBERTO PEREIRA	- Vale Benfeito MACEDO CAVALEIROS	
Pur.Mil°.	- FERNANDO GOMES AZEVEDO	- Lugar Souto das Póvoas VILA DO CONDE	

28

Pur.Mil°.	- HERMÍNIO J.RIBEIRO DANIEL	- Rua Dr.Joaquim Rasteiro nº.13-2º. SANTA CITA TOMAR
Pur.Mil°.	- JOSÉ ANTÓNIO M.S. VIEIRA	- Rua Júlio Dinis Vila Palmira nº 8 LOURES SACAVÉM
Pur.Mil°.	- CARLOS FILIPE M. MARQUES	- Barrocal do Douro Barragem do Picote MIRANDA DO DOURO
Pur.Mil°.	- GUILHERME MENDES TEIXEIRA	- Rua Augusto Nogueira da Silva nº. 242 Castelo da Maia MAIA
Pur.Mil°.	- JOSÉ MANUEL CARVALHO NUNES	- FUNCHAL - Igreja ÁGUA DE PENA
1º.Cabo	- ANTÓNIO PEDRO G. LOPES	- Bairro da Senhora da Luz ÓBIDOS
1º Cabo	- DÉLIO DE JESUS AGOSTINHO	- Lugar de Faíscas MONTEMOR-O-VELHO
1º Cabo	- CARLOS AUGUSTO MALAQUIAS	- Lugar de Cevilheira TORRES VEDRAS
1º.Cabo	- MANUEL CUSTÓDIO SALVADOR	- Lugar de Pero Calvo TOMAR
1º.Cabo	- MÁRIO LINO ROSA GOMES	- Estrada Nacional nº. 10 Coina-Barreiro BARREIRO
1º.Cabo	- ALÍPIO SILVA PEREIRA	- Sobreada da Caparica Alto do Índio ALMADA
1º.Cabo	- MANUEL LEITÃO DA SILVA	- Largo S. Sebastião Sobreiro MAFRA
1º.Cabo	- ÁLVARO JORGE G. NOGUEIRA	- Largo dos Fornos nº.8 OBIRAS
1º.Cabo	- EUSÉBIO LARANJO BRAZINHA	- Rua das Eiras - Silvares FUNDÃO

1º.Cabo	- DIAMANTINO JORGE SOUSA OLIVEIRA	- Rua Alexandre Herculano nº.11 PORTO
1º.Cabo	- JOSÉ PIRES SARAIVA	- Travessa da Ajuda A.P. nº.16 LISBOA
1º.Cabo	- ANTÓNIO MANUEL FERNANDES	- Bairro de Cima MIRANDELA
1º.Cabo	- ANTÓNIO MANUEL BRÁS SIMÕES	- Lugar de Ponte Boa dos Nabos MAFRA
1º.Cabo	- JOSÉ AMARO GERALDES ROMÃO	- Calçada do Duque de Lafões nº.32 r/c-P-3-Beato - LISBOA
1º.Cabo	- JOSÉ FERNANDO PEREIRA BARROS	- Pousada - AMARES BRAGA
1º.Cabo	- CARLOS SEMEDO BENTO	- Rua S.João Monte-Claro NISA
1º.Cabo	- ANTÓNIO AZEVEDO ALVES	- Lugar das Almas VILA DO CONDE
1º.Cabo TRms	- JOAQUIM FERNANDO VIANA DA SILVA	- Rua Central da Corujeira nº.36 PORTO
1º.Cabo	- FELISBERTO DE ALMEIDA MARQUES	Rua Duarte Pacheco nº34 MOITA DO RIBATEJO
1º.Cabo	- HUMBERTO MONTEIRO LUIS	Rua Marechal Craveiro Lopes SACAVÉM
1º.Cabo	- FERNANDO DE JESUS ASCENÇÃO	- Rua de Quebra-Costas COVILHÃ - PAUL
1º.Cabo	- VITOR MANUEL DUARTE ROCHA	- Azinhaga de Reguengo nº3 CHARNECA DO LUMIAR
1º.Cabo	- ANTERO PEREIRA DA FONSECA	- Dentazes VILA DA FEIRA
1º.Cabo TRms	- JOÃO DA SILVA TORRES LIMA	- Rua do Meiral nº.83 CAMPANHÃ

30

1º.Cabo	- HUMBERTO LOURENÇO MAURÍCIO	- Sevilheira MAFRA
1º.Cabo TRMS	- JOSÉ ALBINO DIAS AFONSO	- Rua Abreu Moreira nº.14 2º. Dtº. BARREIRO
1º.Cabo	- NORBERTO S. VICENCIO MATIAS	Rua do Moinho de Vento TRAMAGAL
1º.Cabo	- JOÃO LUCIANO S. MONTEIRO	- Lugar dos Paus-Guinfães MATOSINHOS
1º.Cabo	- FELICÍSSIMO MARIA FILIPE	- Engrenais - Fundeiros MOURISCAS
1º.Cabo	- RAÚL RODRIGUES DE ALMEIDA	- Rua Padre Anchieta nº.8 3º. Esqº. CACÉM
1º.Cabo	- ANTÓNIO DE SÁ COELHO	- Rua da Cruz nº.281 Cabanelas MATOSINHOS
1º.Cabo	- ALBERTO DE SOUSA NUNES	- Rua Nova FUNDÃO
1º.Cabo	- JOSÉ S. LOPES PEREIRA	- Lugar - Casas Novas COIMBRA
1º.Cabo	- FRANCISCO JOSÉ DA CONCEIÇÃO	- Rua Francisco Luís Lopes nº.51 SINES
1º.Cabo	- MANUEL F. ROSÁRIO DOS SANTOS	- S. Salvador SANTARÉM
1º.Cabo	- JOSÉ VERÍSSIMO FERNANDES	- Largo de Aparício Cardoso TOMAR
1º.Cabo	- JOAQUIM DE AZEVEDO GOMES	- Lugar Novo BRAGA
1º.Cabo	- MANUEL MARQUES JOÃO	- Lugar das Bicas S.MIGUEL RIO TORTO
1º.Cabo	- RAÚL MANUEL INÁCIO DO NASCIMENTO	- Largo do Carmo nº.28 FARO

1º.Cabo	-	ANTÓNIO JOSÉ VIEIRA CARÊTO	- Bairro de S.José-Lote 2 Vivenda Vieira CASCAIS
1º.Cabo	-	ANTÓNIO BELARMINO OLIV^{a}.- COSTA	Rua Marechal Gomes da Costa - Telef.49445 FAFE
1º.Cabo	-	GUILHERME GONÇALVES C. DE BARROS	- Ledo VIANA DO CASTELO
1º.Cabo	-	ORLANDO JOSÉ DE SOUSA SANTOS	- Rua do Gravato nº.19 r/c - Dtº. LISBOA
1º.Cabo	-	VALDEMAR DA SILVA F. PINTO	- Rua das Neves nº.18 PONTE DE LIMA
1º.Cabo	-	ANTÓNIO JOÃO ANGINHO ROSALINO	- Azaruja ÉVORA
1º.Cabo	-	JORGE RAMIRO DA CRUZ RAMALHO	- Rua da Esperança nº.49 S. Vicente CABO VERDE
Soldado	-	ARTUR AUGUSTO MARTINS	- Santa Comba de Foz Côa V.N. DE FOZ-CÔA
Soldado	-	ANTÓNIO JOSÉ NALHA MELRINHO	- Rua Nova da Nora nº.16 CHAMUSCA
Soldado	-	FERNANDO DE SOUSA GONÇALVES	- Lugar - Alderete VALENÇA DO MINHO
Soldado	-	ANTÓNIO LEDO CARDANTE	- Lugar do Belinho ESPOSENDE
Soldado	-	ERCÍLIO DA CONCEIÇÃO PEREIRA	- Bairro Novo Bloco A 1º.Dtº. CONSTÂNCIA
Soldado	-	JOSÉ ANTÓNIO RIBEIRO GONDIM	- Travessa da Bela Rosa nº.4 MOITA DO RIBATEJO
Soldado	-	JOSÉ AUGUSTO BATISTA CORREIA	- Casal Ventoso de Baixo nº.8 LISBOA

32

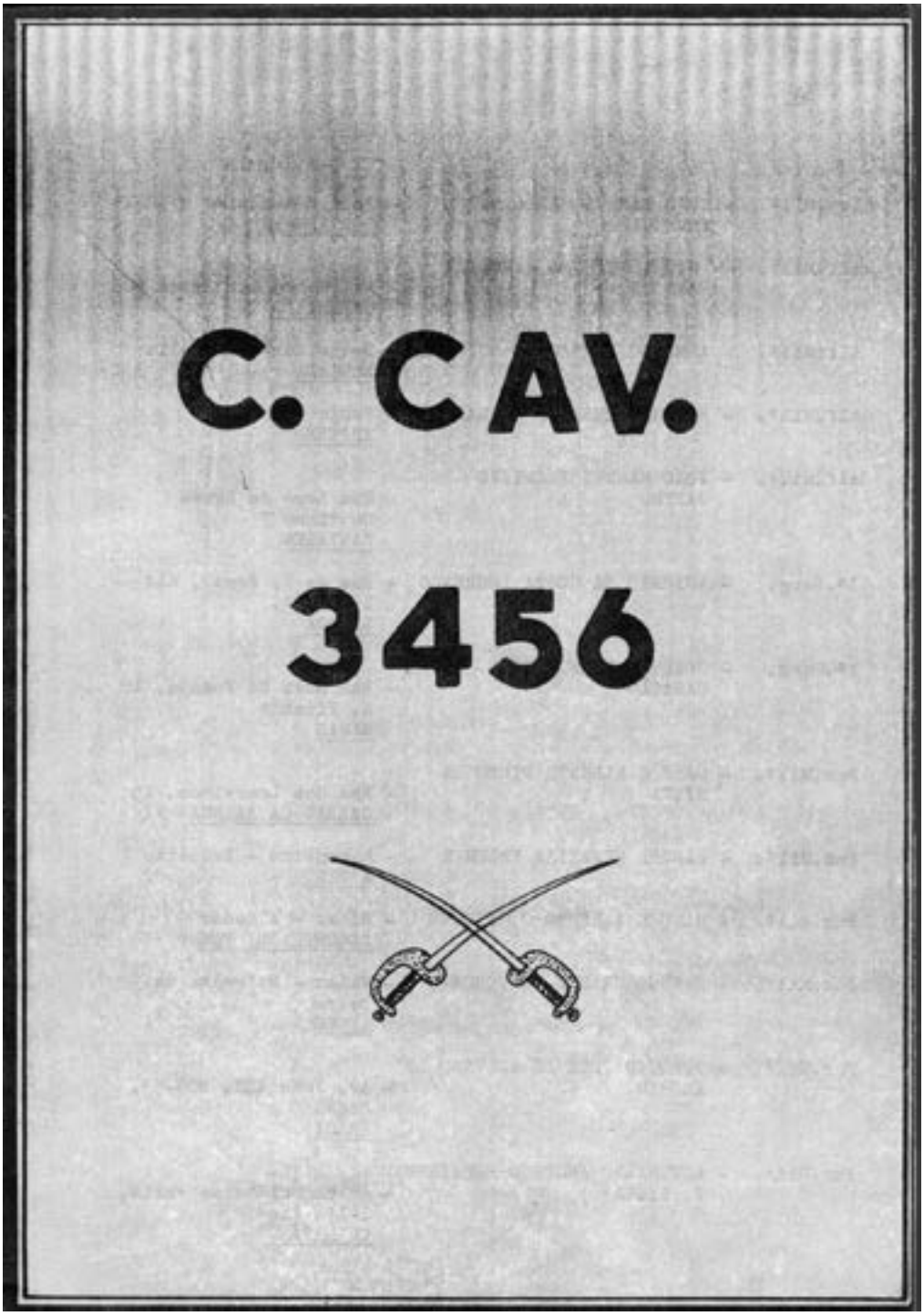
Soldado	- DELFIM DOS SANTOS LOPES NETO	- Lugar de Moreira AGUIAR DA BEIRA
Soldado	- CARLOS ALBERTO DA E. FILIPE	- Rua Bocage nº.17-E LISBOA
Soldado	- JOSÉ ALBERTO C.PINHEIRO	- Lugar da Horta Nova FERREIRA ZÊZERE
Soldado	- ARMÉNIO JOSÉ DA SILVA GOMES	- Rua António Enes nº.303-1º.Dtº. LUANDA
Soldado	- JOAQUIM CARLOS DORES	- Lugar - Paz MAFRA
Soldado	- HELIODORO MANUEL P.BICHO	- Lugar -Lagôa do Breguinho GRÂNDOLA
Soldado	- DANIEL GOMES FILIPE	- Lugar Casal das Carreiras TORRES VEDRAS
Soldado	- JOAQUIM DAS NEVES MENDES	- Rua Manuel Contrato nº.10 SAMORA CORREIA
Soldado	- JOSÉ MANUEL RIBEIRO DE OLIVEIRA	- Fernão Ferro SEIXAL
Soldado	- ALBINO JOSÉ FREITAS DIAS PEREIRA	- Lugar de Oliveiras GUIMARÃES
Soldado	- DOMINGOS ROBALO ESTEVES	- Lugar de Cima - Linhó SINTRA
Soldado	- FRANCISCO MADELINO CANEIRA	Largo D. Pedro I SALVATERRA MAGOS
Soldado	- JOSÉ MANUEL DA SILVA RODRIGUES	- Casa Nova ALMODOVAR BEJA
Soldado	- JOÃO PEREIRA MATEUS	- Lugar do Azinheiro FARO
Soldado	- FERNANDO RODRIGUES LOUREIRO	- Largo do Paço TONDELA
Soldado	- ADÉRITO FIALHO LEMOS	- Lugar de Arrouquelas RIO MAIOR

Soldado	- JOAQUIM AUGUSTO RODRIGUES MARQUES	- TONDELA CASTELÕES
Soldado	- ANTÓNIO MANUEL JESUS CAMPOS	- Rua do Matadouro nº.16 LOULÉ
Soldado	- ARLINDO FERNANDO GONÇALVES	Charneca MAFRA
Soldado	- MANUEL ADELINO MENDES	- Vermum FRATEL
Soldado	- ALBANO DA LUZ FIGUEIREDO	- Lugar - Vinhal TONDELA
Soldado	- JOÃO MANUEL LOPES LUÍS	- Rua das Vinhas TRAMAGAL
Soldado	- FRANCISCO DE CAMPOS OLIVEIRA	- Lugar da Rua PONTE DE LIMA
Soldado	- JOSÉ CARLOS ANTUNES S. CARVALHO	- Lugar de Monte Redondo TORRES VEDRAS
Soldado	- ADÉLIO RIBEIRO MONTEIRO	- Cabanas SANTO TIRSO
Soldado	- JOSÉ ANTÓNIO DE ALMEIDA CRUZ	- Casal Ventoso de Baixo nº.214 LISBOA
Soldado	- ANTÓNIO JOSÉ BICHO GOUVEIA	- Rua do Bairro Barriquinha TOLOSA
Soldado	- JOAQUIM CORREIA PIMENTEL	- Rua António Pedro nº.52-4º. Dtº. LISBOA
Soldado	- CARLOS MANUEL DA COSTA NEVES	- Av. Marginal nº.24 SOURE
Soldado	- JOSÉ PEREIRA DE MELO	- Praceta Conde da Ericeira nº.8-1º-Esqº. DAMAIA
Soldado	- LUÍS FIALHO MARQUES	- Lugar da Riba Fria ALCOBAÇA

34

Soldado	- VITOR MANUEL PEREIRA DE ALMEIDA	- Rua dos Pinheiros AVEIRO
Soldado	- AMÉRICO GUERREIRO BRANCO	- Rua José Joaquim Marques nº.233 MONTIJO
Soldado	- JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA EIRAS	- Lugar da Chêda ARCOS DE VALDEVEZ
Soldado	- BALTAZAR GONÇALVES PEREIRA	- Lugar do Reguengo MONÇÃO
Soldado	- JOSÉ DA SILVA FIGUEIREDO TOMÁS	- Azoeiro de Lazes FIGUEIRA DA FOZ
Soldado	- JOSÉ ALBERTO FERNANDES PEREIRA	- Calçada Conde de Tomar Lote 4 Cave Dtº. Cruz Quebrada PAÇO DE ARCOS
Soldado	- ANSELMO ESTEVÃO JÚLIO	- Geromelo Venda do Pinheiro MAFRA
Soldado	- FRANCISCO XAVIER MACIEL FARIA	- Lugar do Rio BARCELOS
Soldado	- ANTÓNIO FERNANDO M. CARNEIRO	- SANTO TIRSO
Soldado	- JOSÉ GOMES CONTENÇAS	- Lugar - Cova VIANA DO CASTELO
Soldado	- ERNESTO FERNANDO M. GIL	- Rua Luís Simões nº20 1º. QUELUZ
Soldado	- ARLINDO DE JESUS GOMES	- Vale da Cavadinha POMBAL
Soldado	- ANTÓNIO MANUEL V. ALVES	- Foros do Arrão PONTE DE SOR
Soldado	- JOAQUIM PINTO TITO PEREIRA	- Rua Passos Manuel nº. 190 - 1º PORTO

Soldado	- ABEL HENRIQUES SOARES PINTO	- Lugar - Arrifaninha VALE DE CAMBRA
Soldado	- MANUEL ANTÓNIO C. CONSTANTINO	- Abuxanas RIO MAIOR
Soldado	- JOSÉ DE OLIVEIRA MARTINS	- Rua Principal ABRANTES
Soldado	- JOÃO ALVES	- Entre-a-Serra SERTÃ
Soldado	- ANTÓNIO DE BASTOS	- Rio de Couros VILA NOVA OURÉM
Soldado	- JOSÉ CARLOS FONSECA RAPOSO	- Rua. S. Tiago Bairro do Cabeço TORTOZENDO
Soldado	- JOÃO MANUEL DE JESUS PIRES	- Bairro do Vale Rico ESCALOS DE CIMA
Soldado	- MANUEL ANTÓNIO FILIPE JACOB	- Torre de Moncorvo LOUSÃ
Soldado	- JOAQUIM DE BASTOS FERNANDES COSTA	- Antes-Mealhada CANTANHEDE
Soldado	- ANTÓNIO ANSELMO F. PINTO LOUREIRO	- Rua 33 nº. 1056 ESPINHO
Soldado	- JOSÉ MARIA DE SOUSA MOREIRA	- Lugar da Rivela MAIA
Soldado	- JOSÉ MANUEL CARVALHO ALVES	- Lugar Casa dos Ferreiros Fermil de Basto CELORICO DE BASTO
Soldado	- ARMANDO FERREIRA GUIMARÃES	- Lugar de Finzes SANTO TIRSO
Soldado	- VITOR MANUEL FUIDIVAL MARQUES	- MARINHA GRANDE


C. CAV.
3456

38

Posto	Nome	Morada
Cap.Mil°.	- JOAO MANUEL CALHA DA FONSECA	- Bairro Atalaião n°52-1° PORTALEGRE
Alf.Mil°.	- ANTÓNIO MANUEL BARREIRA PAREDES	- Av. Conde Margarida 308 GUIMARÃES
Alf.Mil°.	- ARMANDO FERNANDES GUIMARÃES	- Requeixos-S. Eulália LOUSADA
Alf.Mil°.	- RICARDO RESENDE O. MARQUES	- Souto - Anta ESPINHO
Alf.Mil°.	- JOÃO MANUEL PALMEIRO CASTRO	- Rua Lopo de Sousa Coutinho 7 SANTARÉM
1°.Sarg.	- ANTÓNIO DA COSTA LOURENÇO	- Rua de S. Bento, 614 1°. Esq°. LISBOA
1°.Sarg.	- JOAQUIM FRANCISCO S. CASACÃO	- Rua Nova do Poente, 16 S. Vicente ELVAS
Pur.Mil°.	- CARLOS ALBERTO PINTO DA SILVA	- Rua dos Loureiros. 15 CALDAS DA RAINHA
Pur.Mil°.	- MANUEL FERREIRA VALENTE	- Mamodeiro - Requeixo AVEIRO
Pur.Mil°.	- MANUEL ALBERTO O. SIMÕES	- Ribas - Alhadas FIGUEIRA DA FOZ
Pur.Mil°.	- MANUEL GRADIZ DE SOUSA	- Vilar - Moimenta da Beira VISEU
Pur.Mil°.	- JOAQUIM JOSÉ DE AZEVEDO L. AMORIM	- Av. João XXI, 809-5°. Esq°. BRAGA
Pur.Mil°.	- AGUINALDO AUGUSTO RODRIGUES T. SILVA	- Praça Guilherme Faria, 2-1°. Esq°. GUIMARÃES

Pur.Mil°.	- ANTÓNIO HERCULANO LEMOS DIAS	- Rua 14 - 666 ESPINHO
Pur.mil°.	- FRANCISCO JOSÉ A. BETTENCOURT	- Rua da Vila Nova, 21-Faja de Cima S.MIGUEL - AÇORES
Pur.Mil°.	- LUÍS MANUEL SIMAS DIAS	- Av. Frederico Ulrich, 41-14°.Esq°. ALMADA
Pur.Mil°.	- JOSE MIGUEL PIMENTA FERNANDES	- Senra RIBA D'AVE
Pur.Mil°.	- JOSÉ ÁLVARO VILAÇA FERREIRA	- Rua Faria Guimarães, 830 PORTO
Pur.Mil°.	- ANTÓNIO MOREIRA LOPES	- Senhor da Veiga Máximinos BRAGA
Pur.Mil°.	- NUNO MANUEL A. ÁLVARES PEREIRA	- Viv°. dos 4 Irmãos, r/c, Dt°. S. JOÃO DO ESTORIL
Pur.Mil°.	- MANUEL TEIXEIRA	- Devesas - Unhão FELGUEIRAS
1°.Cabo	- JOSÉ ALBERTO P. RODRIGUES	- Folhadal - Nelas VISEU
1°.Cabo	- ANTÓNIO LUÍS HIPOLITO SANTO	-CHAMUSCA DO RIBATEJO
1°.Cabo	- CARLOS ALBERTO ALFARO ALEGRE	- Rua Martins Moniz,31 ENTRONCAMENTO
1°.Cabo	- ANTÓNIO DOMINGOS P. LEBRE	- Rua dos Salgueirinhos - 9 - Gala FIGUEIRA DA FOZ
1°.Cabo	- MANUEL GOMES DE OLIVEIR.	- Condam ÁGUEDA
1°.Cabo	- NOEL BATISTA RIBEIRO MIRANDA	- Viv°. Beatriz, 3 ESTORIL - CASCAIS

40

1º.Cabo	- ALBANO JORGE DOS SANTOS MOREIRA	- Rua de Bouças , 7 Bairro da Vilarinha PORTO
1º.Cabo	- LUIS MANUEL ALMEIDA MANHOSO	- Rua da Escola, 16 MONTIJO
1º.Cabo	- MANUEL AMÉRICO M. CARVALHIDO	- Calvário - Meadela VIANA DO CASTELO
1º.Cabo	- ANTÓNIO RODRIGUES DA SILVA	- Cruz da Moça Montelavar SINTRA
1º.Cabo	- LUIS MANUEL MARQUES	- Casal da Peça Rio de Mouro SINTRA
1º.Cabo	- ARMINDO GONÇALVES DUARTE	- Prédio de Manuel Gaspar nº.29-1º.Andar-ORDEM MARINHA GRANDE
1º.Cabo	- FERNANDO DIAS MOTA	- Capela - Pousa BARCELOS
1º.Cabo	- ANTONIO DOMINGOS JACINTO	- Rua Ilha da Madeira,51 -2º.Frente OLIVAL BASTO LOURES
1º.Cabo	- SISTO ALTEIDA SANTOS	- Estrada de Cazelas, 21 Ajuda LISBOA
1º.Cabo	- ALEXANDRINO BATISTA BELO	- Rua Castelo Branco Saraiva, 51 - 1º.Esqº. LISBOA
1º.Cabo	- ANTÓNIO GONÇALVES DA COSTA	- Carreiro - Palmeira BRAGA
1º.Cabo	- JOÃO JACINTO SEVERINO CARRONHA	- Vivª. Rosa Maria Manique de Baixo ESTORIL
1º.Cabo	- MANUEL JOSÉ SOEIRO CARVOEIRO	- Travessa Quebra Costa, 16 - S.Salvador SERPA

1º.Cabo	- ARMANDO DA SILVA FERREIRA	- Repezes - Ranhados VISEU
1º.Cabo	- CAMILO DOS SANTOS FARIA	- Penices VILA NOVA DE FAMALIÇÃO
1º.Cabo	- ANTÓNIO PAIVA PONTES	- Val - Alvarelhos SANTO TIRSO
1º.Cabo	- NESTOR FERREIRA DE OLIVEIRA	- Ançar - Panque BARCELOS
1º.Cabo	- ÁLVARO CARDOSO	- S. Pedro do Esteval PROENÇA À NOVA
1º.Cabo	- JOÃO FIGUEIREDO	- Salgueiros VISEU
1º.Cabo	- MANUEL MADEIRA CARDOSO	- S. Martinho - Seia GUARDA
1º.Cabo	- ANTÓNIO JOÃO DIAS PEREIRA	- Sidral RIO MAIOR
1º.Cabo	- JOSÉ LUIS ANTUNES DINIS	- Almegue CERNACHE DO BONJARDIM
1º.Cabo	- VIRGÍLIO LOPES	- LUANDA
1º.Cabo	- JOSÉ PEDRO VIEIRA MENDES	- Furna-Brava CABO VERDE
1º.Cabo	- JOSÉ DA SILVA TAVARES	- N. Senhora da Luz CABO VERDE
1º.Cabo	- MÁRIO FERNANDES PIRES	- Santa Isabel - Sal Rei-Ilha da Boavista CABO VERDE
1º.Cabo	- MANUEL JOSÉ BARROS PEREIRA	- Belinho ESPOSENDE
1º.Cabo	- ARMANDO DE OLIVEIRA PEIXOTO	- Paço da Comenda Madalena TOMAR
1º.Cabo	- JOSÉ ANTÓNIO CRESPO DA SILVA	- Rua de Marvila, 43 LISBOA
1º.Cabo	- NORBERTO PIRES F. DOS SANTOS	- Rua Quinta do Charquinho,27 r/c Dtº. LISBOA 4

1º.Cabo	- ARMANDO DOS REIS FERREIRA	- GUARDA
1º.Cabo	- JOÃO ROSA JOSÉ	- Portela - Souto SARDOAL
1º.Cabo	- JOAQUIM JÚLIO FRANCISCO	- Semideiro - Ulme CHAMUSCA
Soldado	- JOSÉ FRANCISCO DA SILVA FERREIRA	- Rio da Ponte OLIVEIRA DE AZEMEIS
Soldado	- ANTÓNIO DIAS TOMÉ	- Janeiro de Cima FUNDÃO
Soldado	- ABEL FERREIRA DE OLIVEIRA	- Santiago VILA NOVA DE GAIA
Soldado	- VITOR MANUEL RODRIGUES VALENTE	- Rua Vasco da Gama Cacia AVEIRO
Soldado	- LINO FERNANDES NEVES NOGUEIRA	- Rua David Correia da Silva , 28 RIO TINTO PORTO
Soldado	- JOSÉ ELIAS VIANA DA SILVA	- Rua 31 de Janeiro 205 PÓVOA DE VARZIM
Soldado	- JOSÉ LIMA CURVAL	- Vilar - Bagunte VILA DO CONDE
Soldado	- JOSÉ JOAQUIM M. DE SOUSA	- Aguiar - Águas de Sousa - Paredes PORTO
Soldado	- ANTÓNIO MANUEL FERREIRA FERREIRA	- Rua Oliveira Gaio MATOSINHOS
Soldado	- JOSÉ SOUSA MARGARIDO	- Guifões MATOSINHOS
Soldado	- ISALINDO AIRES RAIMUNDO PLÁCIDO	- Rua Fernandes Tomaz, 61 r/c LISBOA 2
Soldado	- BELARMINO CARVALHO RIBEIRO	- Veiga - Santa Marinha Prado BRAGA

Soldado	- ANTÓNIO CANIÇA BARREIROS	- Póvoa da Atalaia FUNDÃO
Soldado	- JOÃO SOARES	- Pornelos PAFE
Soldado	- ALVARO GARCIA BASTOS	- Bucos CABECEIRAS DE BASTO
Soldado	- FERNANDO GUERREIRO SALVADOR	- Jingões de Baixo ALMODOVAR
Soldado	- JOSÉ BRANDÃO DA COSTA	- Vilarinho - Insalde PAREDES DE COURA
Soldado	- ALBERTO DA ROCHA FERNANDES	- Campos de Sá ARCOS DE VALDEVEZ
Soldado	- ANTÓNIO DOS SANTOS MAIO	- Bairro dos Pescadores PORTO
Soldado	- ANTÓNIO MARTINS DE FREITAS	- Assento - S. Torcato GUIMARÃES
Soldado	- FRANCISCO MANUEL B. MACHADO	- Abelha - Burgães SANTO TIRSO
Soldado	- BENTO CONDESSA CALVINHO	- Rua do Penedo Cordo 11 ALDEIA NOVA DE S.BENTO
Soldado	- FRANCISCO JOSÉ DA SILVA CAEIRO	- Av. José António Rodrigues 74 - 1º. Dtº. PAIO PIRES
Soldado	- JOSÉ MANUEL JESUS CABRITA	- Cançados - S.Barnabé ALMODOVAR
Soldado	- DOMINGOS MARTINS CARVALHO	- Vila Nova BARCELOS
Soldado	- ARMÉNIO DA CONCEIÇÃO VARELA	- Montes de Alvor PORTIMÃO
Soldado	- ALEXANDRE DE OLIVEIRA E SILVA	- Rua Entre Rios VILA NOVA DE GAIA
Soldado	- ANTÓNIO JOSÉ FERREIRA TAVARES	- Rua da Ameira, 95 VILA NOVA DE GAIA

44

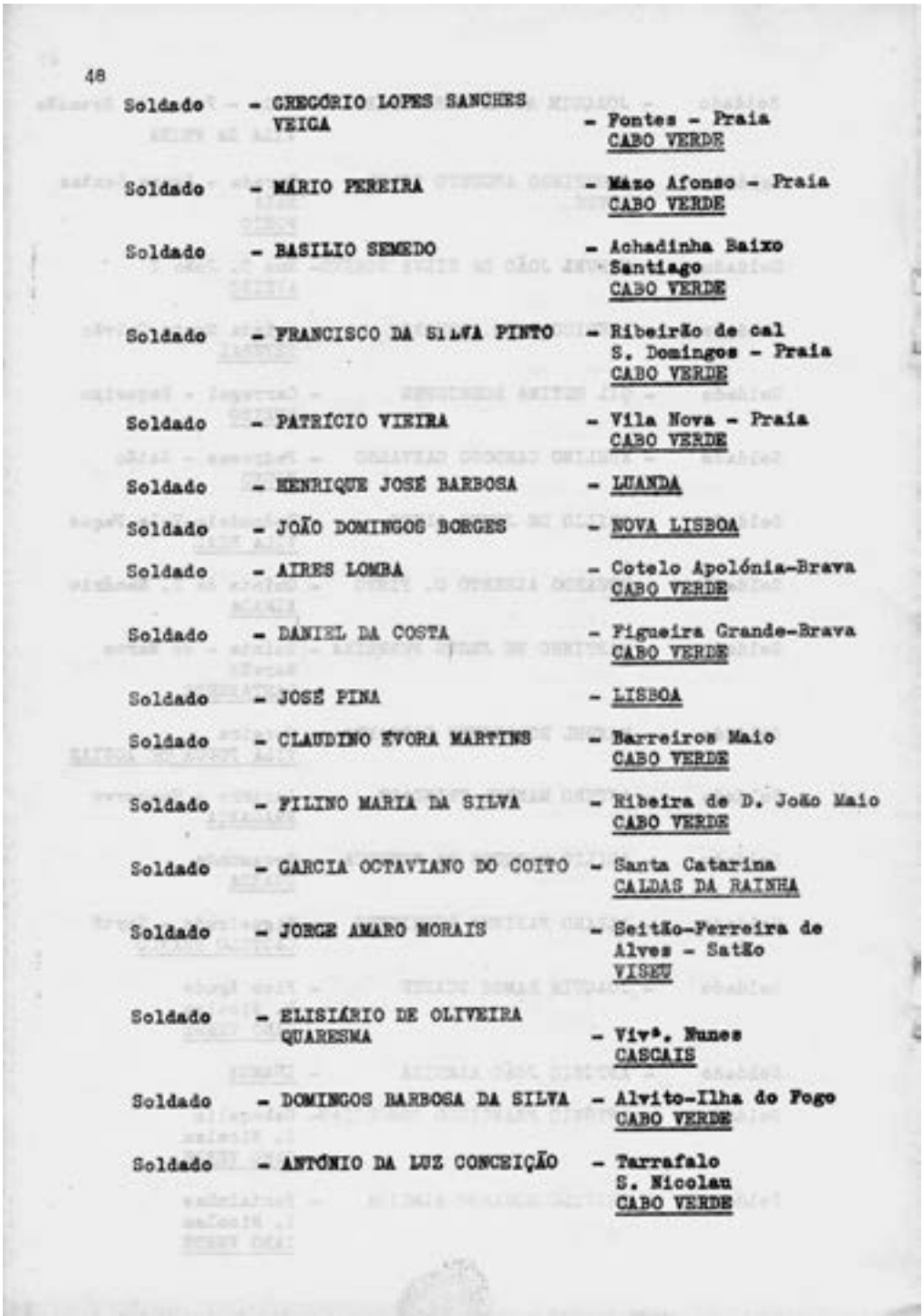
Soldado	- FRANCISCO EUGÉNIO C. BATISTA	- Bairro Rainha D.Leonor-Bloco B-68 PORTO
Soldado	- JOSÉ GONÇALVES BRITO	- Passos - Portela de Vade - VILA VERDE BRAGA
Soldado	- ANIBAL FRANCISCO M. R. E SILVA	- Travessa Palma de Baixo, 12 -r/c LISBOA
Soldado	- JORGE DA ROCHA PINTO	- Rua de Tourais, 221 Guifões MATOSINHOS
Soldado	- ANTÓNIO JESUS RAIMUNDO	- Corredoura AMARANTE
Soldado	- ADRIANO ALVES RICARDO	- Rua Manuel Adriano Morato Vermelho, 41 S. PEDRO DE SINTRA
Soldado	- CARLOS FERNANDO ALVES P. MOURA	- Ponte do Bairro VILA NOVA DE FAMALICÃO
Soldado	- MANUEL FERNANDO RAMOS TEIXEIRA	- Ferreirinha Foz do Sousa-GONDOMAR PORTO
Soldado	- LUIS FILIPE ARAGÃO E SILVA	- Vivª. Manuel da Silva 10 -r/c Dtº. LISBOA 5
Soldado	- ANTÓNIO MANUEL MENDES MARTINS	- SANTA COMBA ANGOLA
Soldado	- EDUARDO SALGADO MARTINS	- Estanga Rio S.Miguel GUIMARÃES
Soldado	- MANUEL MESQUITA MIRANDA	- Vázea - S. Jorge FELGUEIRAS
Soldado	- JOSÉ AMADEU RODRIGUES OLIVEIRA	- Figueiredo de Alva S. PEDRO DO SUL

Soldado	- VICTOR MANUEL DA CONCEIÇÃO NEVES	- D.Maria - Almargem SINTRA
Soldado	- VIRGILIO DA SILVA PEREIRA	- S.João das Craveiras MONTIJO
Soldado	- ALBERTO SOARES BOTELHO	- Roças Ferreirim LAMEGO
Soldado	- ANGELO DA SILVA M. FERREIRA	- Rua da Junqueira de Cima, 572 VILA NOVA DE GAIA
Soldado	- DIAMANTINO GONÇALVES MATEUS	- Sarzedas CASTELO BRANCO
Soldado	- ANTONIO RECHENA SANTOS	- Penha Garcia Idanha-a-Nova CASTELO BRANCO
Soldado	- JOSE ALBERTO REIS PINTO	- Calvário - Lagoa FARO
Soldado	- AUGUSTO TEIXEIRA M MESQUITA	- Almeida - Caide LOUSADA
Soldado	- DOMINGOS CHAVES ALMEIDA	- Santiago VISEU
Soldado	- MANUEL PEREIRA JORGE	- Casais Seben S.Salvador TORRES NOVAS
Soldado	- JOSÉ LUIS HENRIQUE CURADO	- Casal do Ermic LOUSÃ
Soldado	- ANTONIO RICARDO VIEIRA	- Rua da Igreja - 8 Lagoa FARO
Soldado	- MANUEL AUGUSTO CORDEIRO	- Cerejais Alfândega da Fé BRAGANÇA

46

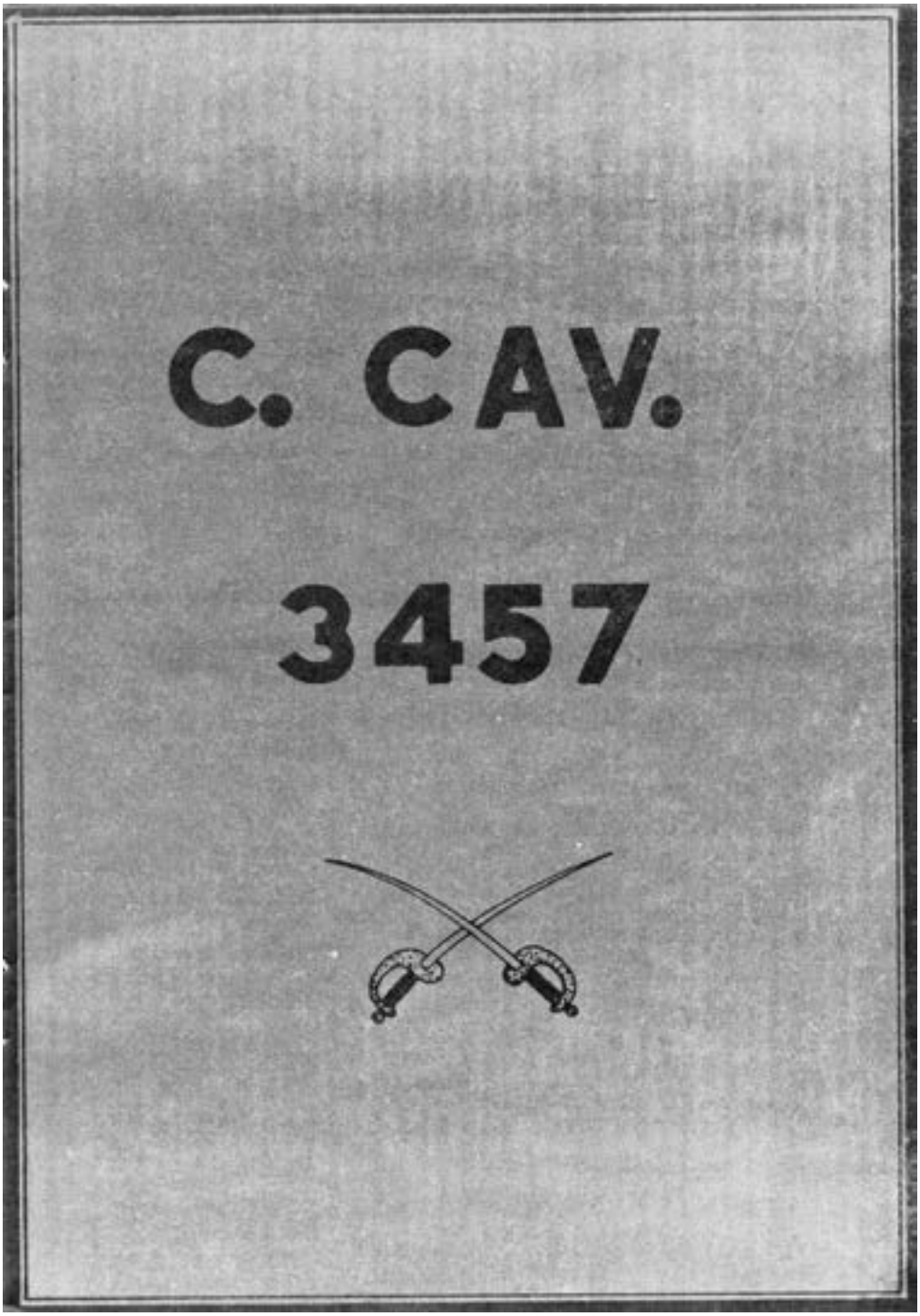
oldado	- JOAQUIM ROGÉRIO FERNANDES	- Barracão GUARDA
Soldado	- CASIMIRO CALDAS DA SILVA	- LUANDA
Soldado	- ANTÓNIO DE ALMEIDA E SILVA	- Travessa de Sá e Melo, 117 NOGUEIRA DA MAIA
Soldado	- ALFREDO SOUSA CARVALHO	- Junqueira - Casal de Pedro VILA DO CONDE
Soldado	- JOSÉ DE BARROS MARQUES	- Réca - Freixianda VILA NOVA DE OURÉM
Soldado	- MANUEL NEVES COELHO	- Júlia de Baixo - Alte LOULÉ
Soldado	- MANUEL ROCHA DA COSTA	- Enxudres - Lordelo GUIMARÃES
ol ado	- HENRIQUE ANTÓNIO DOS SANTOS	- Peros da Afeiteira VENDAS NOVAS
Soldado	- MANUEL MARTINS FERREIRA	- Lagoas - Nevergilde LOUSADA PORTO
Soldado	- JOSÉ DIAS MOREIRA	- Ponte da Pedra Travanca AMARANTE
Soldado	- DELFIM JAIME MARTINS	- Vales de Asnes MIRANDELA BRAGANÇA
Soldado	- ANTÓNIO MARIA JOAQUIM FRANCISCO	- Vale de Mós CHANUSCA
Soldado	- MANUEL FRANCO POLICARPO	- Fernandinho S. Mamede de Ventosa TORRES VEDRAS
Soldado	- ADRIANO MARTINHO PEIXOTO	- Ribeiro - Castelões PENAFIEL
Soldado	- JOSÉ LUIS ALVES [illegible]	- S. Domingos Encarnação MAFRA
Soldado	- CARLOS MANUEL NOGUEIRA MONTEIRO	- Oliveirinha Oliveira do Conde CARREGAL DO SAL

Soldado	- JOAQUIM ALVES MARINHEIRO	- Vala - Paços de Brandão VILA DA FEIRA
Soldado	- AGOSTINHO AUGUSTO SILVA ALVES	- Parada - Águas Santas MAIA PORTO
Soldado	- MANUEL JOÃO DA SILVA SOARES	- Rua D. João I AVEIRO
Soldado	- AMÉRICO RITA ARNEIRO	- Quinta Monte Galvão SETUBAL
Soldado	- GIL ESTIMA RODRIGUES	- Carregal - Requeixo AVEIRO
Soldado	- ADELINO CARDOSO CARVALHO	- Pedrosas - Satão VISEU
Soldado	- ABILIO DE JESUS ALVES	- Redondelo-Vale Paços VILA REAL
Soldado	- EDUARDO ALBERTO O. PINTO	- Quinta de S. Macário ALMADA
Soldado	- MARTINHO DE JESUS FERREIRA	- Quinta - ao Marco Marvão CANTANHEDE
Soldado	- MANUEL RODRIGUES GARGANTA	- Moreira VILA POUCA DE AGUIAR
Soldado	- ANTERO MANUEL TRINDADE	- Larinho - Moncorvo BRAGANÇA
Soldado	- ADILIO MARQUES DA FONSECA	- Rocamonde GUARDA
Soldado	- ALVARO FARINHA RODRIGUES	- Figueiredo - Sertã CASTELO BRANCO
Soldado	- JOAQUIM RAMOS DUARTE	- Pico Agudo S. Nicolau CABO VERDE
Soldado	- ANTÓNIO JOÃO ALMEIDA	- LUANDA
Soldado	- ANTÓNIO FRANCISCO CONCEIÇÃO	- Cabeçalim S. Nicolau CABO VERDE
Soldado	- TEÓFILO EDUARDO ALMEIDA	- Fontainhas S. Nicolau CABO VERDE



48

Soldado	- GREGÓRIO LOPES SANCHES VEIGA	- Fontes - Praia CABO VERDE
Soldado	- MÁRIO PEREIRA	- Mazo Afonso - Praia CABO VERDE
Soldado	- BASILIO SEMEDO	- Achadinha Baixo Santiago CABO VERDE
Soldado	- FRANCISCO DA SILVA PINTO	- Ribeirão de cal S. Domingos - Praia CABO VERDE
Soldado	- PATRÍCIO VIEIRA	- Vila Nova - Praia CABO VERDE
Soldado	- HENRIQUE JOSÉ BARBOSA	- LUANDA
Soldado	- JOÃO DOMINGOS BORGES	- NOVA LISBOA
Soldado	- AIRES LOMBA	- Cotelo Apolónia-Brava CABO VERDE
Soldado	- DANIEL DA COSTA	- Figueira Grande-Brava CABO VERDE
Soldado	- JOSÉ PINA	- LISBOA
Soldado	- CLAUDINO ÉVORA MARTINS	- Barreiros Maio CABO VERDE
Soldado	- FILINO MARIA DA SILVA	- Ribeira de D. João Maio CABO VERDE
Soldado	- GARCIA OCTAVIANO DO COITO	- Santa Catarina CALDAS DA RAINHA
Soldado	- JORGE AMARO MORAIS	- Seitão-Ferreira de Alves - Satão VISEU
Soldado	- ELISIÁRIO DE OLIVEIRA QUARESMA	- Vivª. Nunes CASCAIS
Soldado	- DOMINGOS BARBOSA DA SILVA	- Alvito-Ilha do Fogo CABO VERDE
Soldado	- ANTÓNIO DA LUZ CONCEIÇÃO	- Tarrafalo S. Nicolau CABO VERDE


C. CAV.
3457

50

Posto	Nome	Morada
Cap.Mil°.	- ANTÓNIO MANUEL CARDOSO CHARRUA	- Rua João de Deus nº.29-2º. ÉVORA
Alf.Mil°.	- JOAQUIM DOS SANTOS LOUREIRO	- Rua Duque de Terceira nº.153-3º. PORTO
Alf.Mil°.	- JOSÉ FERNANDES GOMES	- Sabugal SORTELHA
Alf.Mil°.	- JOSÉ ALBERTO ROCHA VIEIRA	- Avenida de Olivença nº.3 FARO
1º.Sarg.	- MANUEL CATALÃO CARRIÇO	- Védor ELVAS
1º.Sarg.	- JOAQUIM CARVALHO CEVADA	- Rua de S. Francisco nº.16-B ELVAS
Pur.Mil°.	- ARTUR CANDIDO DUARTE BARREIRA	- Marinhais Salvaterra de Magos SANTARÉM
Pur.Mil°.	- CARLOS LUCAS CORREIA	- MONTEMOR-O-VELHO
Pur.Mil°.	- AGOSTINHO ANTÓNIO DIAS HORTA	- Jungueiros S. João de Negrilhos ALJUSTREL
Pur.Mil°.	- SÉRGIO MANUEL SOUSA TEIXEIRA	- Lugar de Ervedosa S. Pedro da Cova GONDOMAR
Pur.Mil°.	- JAIME EMÍDIO MATOS MOTA	- Ermelo MONDIM DE BASTO
Pur.Mil°.	- GILBERTO DA APRESENTAÇÃO CARVALHO	- Rua Alfredo Keil 18-r/c - Esq°. AMADORA
Pur.Mil°.	- CARLOS ALBERTO R. VILARINHO	- Felgueiras - Penso MELGAÇO

Pur.Mil°.	- ADÃO MORAIS MAGALHÃES	- Av. Marechal Gomes da Costa 505 BRAGA
Pur.Mil°.	- AGOSTINHO FERREIRA DOS SANTOS	- Lousado VILA NOVA DE FAMALICÃO
Pur.Mil°.	- MANUEL CABRAL DE DEUS AMARAL	- Tragos MANGUALDE
Pur.Mil°.	- AVELINO GOMES ALVES	- Gondra-Castelo de Paiva AVEIRO
Pur.Mil°.	- JOAQUIM PIRES MONTEIRO	- Rua do Fogueteiro n°.80 S. Mamede PORTO
Pur.Mil°.	- LUIS ALBERTO LEITE	- Rua da Alegria n°.64 PONTA DELGADA-AÇORES
Pur.Mil°.	- ARTUR MANUEL GALVÃO CABRITA	- Estrada de Benfica 327-r/c Esq°. LISBOA-4
Pur.Mil°.	- ANTÓNIO FRANCISCO G. M. PORTE	- Rua Frei Amador Arrais n°.8-1°.Dt°. LISBOA 5
1°.Cabo	- JOSÉ CARLOS CARROLA LEAL	- Largo do Jardim BELMONTE
1°.Cabo	- VIRGILIO MANUEL CARRILHO ALVES	- Rua de Évora n°.54 RECUENCOS DE MONSARAZ
1°.Cabo	- JOSÉ MANUEL ANDRADE ALVARO	- Escusa MARVÃO
1°.Cabo	- JOSÉ BATISTA LOPES	- Fartaria VILA NOVA DE OURÉM
1°.Cabo	- VIRGILIO MANUEL ASCENÇÃO CRUZ	- Vinhó COUVEIA
1°.Cabo	- FERNANDO JORGE BORGES DA SILVA	- Pardieiros AMARANTE
1°.Cabo	- MANUEL MONTEIRO BARBOSA	- Esmoris ÓVAR

52

1º.Cabo	- JOSÉ MARIA DA FONSECA RICARDO	- Vale de Cavalos PORTALEGRE
1º.Cabo	- DOMINGOS ANTÓNIO	- Santa Margarida Colmeias LEIRIA
1º.Cabo	- MIGUEL FERNANDES DO CARMO BEIRÃO	- Estrada da Amareleja MOURA
1º.Cabo	- LUIS CARLOS OLIVEIRA SANTOS	- Carvalho - Ceia COIMBRA
1º.Cabo	- MÁRIO MANUEL NUNES CARVALHAL	- Tabueira - Esgueira AVEIRO
1º.Cabo	- MANUEL VILA FRANCA PEREIRA	- Afife - Gamosa VIANA DO CASTELO
1º.Cabo	- ANTÓNIO LOPES LEITÃO	- Trutas-Vila do Rei B. BAIXA
1º.Cabo	- SERGIO JOSÉ CRISTINA RITA	- Goldra - de Cima LOULÉ
1º.Cabo	- JOÃO CARLOS PEREIRA DA COSTA	- Rua Rei do Pego 110 GUIMARÃES
1º.Cabo	- MANUEL MADRINHA DATIA	- Rua dos Soeiros - 56 LISBOA 4
1º.Cabo	- AMÉRICO DA SILVA NEVES	- vila do Paço TORRES NOVAS
1º.Cabo	- JOÃO MARCELINO RODRIGUES QUINTAL	- Contenda - Gala MADEIRA
1º.Cabo	- JOAQUIM GABRIEL SERRÃO COITO	- Santa Maria-Almoster SANTARÉM
1º.Cabo	- VIRGILIO ANTUNES CARRIÇO	- Trinta GUARDA
1º.Cabo	- ALVARO BORGES DO CARMO	- Cardête - Fratel BEIRA BAIXA
1º.Cabo	- AURÉLIO CORREIA ALVES	- Casas-Novas-Pombalinho SOURE

1º.Cabo	- ANTÓNIO FERREIRA SAMOUCO	- Curvaceira-Paialvo TOMAR
1º.Cabo	- JOSÉ ANTÓNIO DA SILVA	- Travessa do Padre Américo 66 ERMESINDE
1º.Cabo	- AMANDIO MONTEIRO DA SILVA	- Rua Colónia Vitervo de Campos nº.41 PORTO
1º.Cabo	- ANÍBAL GREGÓRIO DA SILVA	- ALCAINS
1º.Cabo	- FERNANDO FIGUEIREDO FERREIRA	- Pradelos VILA NOVA DE FAMALICAO
1º.Cabo	- NELSON VIRGILIO CHAVES GONÇALVES	- Rua Camilo Castelo Branco 358 GAIA
1º.Cabo	- ANTÓNIO JOSÉ SIMÕES	- Fontinhosa - Lages COIMBRA
1º.Cabo	- MIGUEL CARNEIRO TEIXEIRA	- Rua Central do Bairro Herculano 4 c/5 PORTO
1º.Cabo	- ABILIO MANUEL DA SILVA MARTINS	- Vinhó GOUVEIA
1º.Cabo	- BALTAZAR DA COSTA	- Rua do Paraíso da Foz-23 PORTO
1º.Cabo	- JOÃO LOPES MOREIRA	- Cidade-Velha-S. Nome de Jesus-Praia CABO VERDE
1º.Cabo	- CRISTIANO RODRIGUES MIRANDA	- Dacabalaio - Fogo CABO VERDE
1º.Cabo	- JOÃO DOS SANTOS MENDES	- Santa Filomena-S. Filipe FOGO
1º.Cabo	- OSVALDO EURICO PINA	- S. Filipe FOGO
Soldado	- MANUEL JERÓNIMO FIGUEIRA	- Silvares FUNDÃO

54

Soldado	- JOSÉ LUIS FARINHA	- Ribeirinha - Troviscal SERTÃ
Soldado	- JOAQUIM PEREIRA GONÇALVES	- B. Dtr. Maria Madeira LISBOA
Soldado	- LEONEL PEREIRA DA SILVA	- Lomba de Égua FÁTIMA
Soldado	- LUIS GONZAGA CARDOSO ALVES	- Evendos - Mação BEIRA BAIXA
Soldado	- HENRIQUE JOÃO O. DUARTE	- S Sebastião - Penela COIMBRA
Soldado	- ALCINO DE JESUS E SILVA	- Oliveira - Reguengo CASTELO DE PAIVA
Soldado	- JOSÉ DIAS FERNANDES	- Louriçal do Campo BEIRA BAIXA
Soldado	- EMANUEL PAULO P. LUCAS ALMEIDA	- Bairro do Casi 22 VILA FRANCA DE XIRA
Soldado	- JOSÉ SERENO CANARIAS	- Enxames - Fatela FUNDÃO
Soldado	- JOSÉ MANUEL RUAS MESTRE	- Vicentes-Espirito-Santo MÉRTOLA
Soldado	- JOSÉ MENDES ALCOBIA	- Contijas FERREIRA DO ZEZERE
Soldado	- VICENTE H. S. VAZ VIEIRA	- Varziela GUIMARÃES
Soldado	- JOSÉ DIAS ALVES CONDE	- Caldas da Saúde PORTO
Soldado	- CARLOS MANUEL DOS SANTOS BATISTA	- Carvalha ARRUDA DOS VINHOS
Soldado	- VITOR ALBERTO DA SILVA PEREIRA	- Monte-Penedo-Milheiró PORTO
Soldado	- BASÍLIO ANTUNES MENDES	- Rolã - Palhais SERTÃ
Soldado	- ANTÓNIO CARLOS DA SILVEIRA	- Freguim AMARANTE

Soldado	- LEONEL CARDOSO MARTINS	- Calçada do Tojal-47-A LISBOA 4
Soldado	- ADRIANO CONDESSO DE ALMEIDA	- Folgosa CASTRO DAIRE
Soldado	- EMIDIO RIBEIRO	- Entre-A-Serra SERTÃ
Soldado	- ELIAS DA SILVA FARINHA	- Várzea dos Cavaleiros SERTÃ
Soldado	- JOSÉ MONTEIRO AZEVEDO	- Assentos-S. Martinho FELGUEIRAS
Soldado	- JOSÉ DE ARAÚJO MACHADO	- Pousada de Saramago VILA NOVA DE FAMALICÃO
Soldado	- FERNANDO MARTINS DA COSTA	- Baceirós AMARANTE
Soldado	- FRANCISCO SÉRIO DA CRUZ BITO	- Rua do Assento nº. 6 SERPA
Soldado	- AUGUSTO JACINTO LOURENÇO GIL	- Sobral Monte Agraço ABADIA
Soldado	- JOSÉ MARIA FERREIRA DA SILVA	- Igreja - Chavão BARCELOS
Soldado	- JOSÉ AGOSTINHO DE BARROS	- Outeiro-Feira Nova AMARES
Soldado	- FERNANDO COUCEIRO DA S. FERREIRA	- Casais do Vale do Brejoveiras de Cima AZAMBUJA
Soldado	- MÁRIO PIRES JOSÉ	- Porto do Puso SERTÃ
Soldado	- ANTÓNIO MANUEL DA SILVA BARRADAS	- Vale do Sor PONTE DE SOR
Soldado	- JOSÉ GOMES PINTO	- Carvoeiro VIANA DO CASTELO
Soldado	- JOSÉ CRISTOVÃO COELHO	- Estrada da Pádeiras SETÚBAL

56

Soldado	- ANTÓNIO CIPRIANO DA SILVA ROSA	- Correio de Pêro-Pinheiro MAFRA
Soldado	- DOMINGOS PINHEIRO GOMES	- Rendufe - Amares BRAGA
Soldado	- JOÃO NUNES DA SILVA	- Lugar dos Moinhos GUIMARÃES
Soldado	- FRANCISCO FERREIRA DIAS	- Entroncamento-Serrôa PAÇOS DE FERREIRA
Soldado	- ANTÓNIO VICTORINO RIBEIRO CORREIA	- Portela VILA NOVA DE CACELA
Soldado	- ANTÓNIO AUGUSTO RIBEIRO NUNES ESTEVES	- Lourêto LOUSADA
Soldado	- JACINTO ROSA FRANCISCO	- Castanheira-Pequeno Cumeadas SERTÃ
Soldado	- FERNANDO MESQUITA MIGUEL	- Rua Álvaro Castelões-610 PORTO
Soldado	- JOAQUIM ALBERTO PEREIRA FERNANDES	- Pevidém S. Jorge de Sêlho GUIMARÃES
Soldado	- ANTÓNIO SOARES MACIEL	- Bairro das Alegrias BRAGA
Soldado	- JOSÉ ANTÓNIO DA COSTA ALMEIDA	- S. Romão Penalva do Castelo VISEU
Soldado	- RUFINO LUIS HENRIQUES	- Sendieiro TORRES NOVAS
Soldado	- CARLOS MONTEIRO CORREIA DA SILVA	- Casa da Luta MARCO DE CANAVESES
Soldado	- ANTÓNIO DE MATEUS EUSÉBIO	- Azinheira dos Barros GRANDOLA
Soldado	- VASCO DO NASCIMENTO SANTIAGO PEREIRA	- Numão Vila Nova de Foz-Côa GUARDA

Soldado	- MANUEL DUARTE DA SILVA	- Vioveiro ALBERCARIA DOS DOZE
Soldado	- MANUEL ANTÓNIO PATRÍCIO CAETANO	- Rua Santa Sofra Lote 15-1º. Dtº. VILA FRANCA DE XIRA
Soldado	- FRANCISCO JOSÉ FIALHO LAVADO	- Rua do Poço da Vila Póvoa de S. Miguel MOURA
Soldado	- ALBERITO DE JESUS COSTA	- Perboi-Febres CANTANHEDE
Soldado	- CASIMIRO PINTO DOS REIS	- Lugar da Igreja PONTE DO LIMA
Soldado	- JOSÉ MANUEL DA COSTA LIMA	- Rua dos Manjovos-15 VIANA DO CASTELO
Soldado	- ANTÓNIO DE QUEIRÓZ	- Lugar do Pereirinho MARCO DE CANAVEZES
Soldado	- ANTÓNIO DA SILVA PAIS	- Praceta da Rua Açores LOURES
Soldado	- ALBERTINO PINTO MACEDO	- Lugar do Lazarinho BAIÃO
Soldado	- DÉCIO JORGE DA CRUZ	- Inácios-Tochas CANTANHEDE
Soldado	- FERNANDO JOSÉ DIAS DO AMARAL	- Rua da Fundação Bloco 6 PONTINHA
Soldado	- JOSÉ DOMINGOS DA SILVA MAIA-	Rua Dtr. Cancela 224 RIO TINTO
Soldado	- MANUEL DA SILVA LOPES	- Reboriça-Salvador R. DA PENA
Soldado	- JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES	- Carrazedo da Cabugueira VILA POUCA DE AGUIAR
Soldado	- MANUEL PINTO DA CUNHA	- Rua Bartolomeu Dias Ermesinde VALONGO
Soldado	- ANTÓNIO ALDEIA DE CARVALHO	- Rua dos Lagares de El-Rei nº.2 LISBOA 5

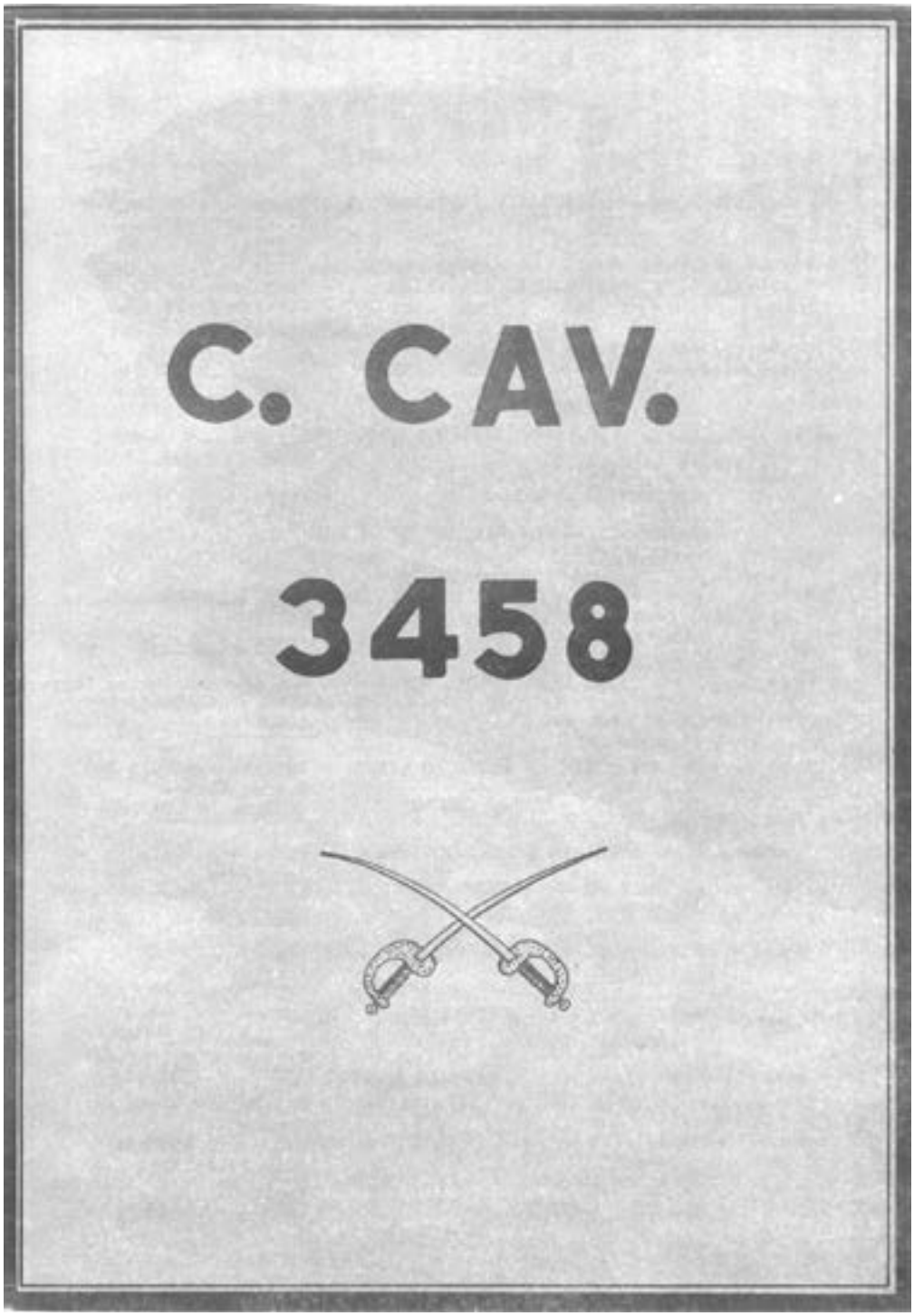
58

Soldado	- AURÉLIO CAMPOS MADUREIRA	- Rua D. Nuno Álvares Pereira 816 MATOSINHOS
Soldado	- DELFIM DA S. MARTINS DO COUTO	- Lugar de Montezeu Fanzeres GONDOMAR
Soldado	- DOMINGOS FARINHA MAGRO	- Travessa da Recha Monforte CASTELO BRANCO
Soldado	- ANTÓNIO FERNANDES	- Quinta Marquês de Abrantes LISBOA
Soldado	- JOSÉ RODRIGUES CORREIA	- Luzidinho PENALVA DO CASTELO
Soldado	- JOAQUIM NOGUEIRA VIEIRA	- Ponte arcada PENAFIEL
Soldado	- CARLOS ALBERTO ALVES PEREIRA	- Portela-Ronis SANTO TIRSO
Soldado	- ADÃO DE OLIVEIRA COELHO	- Lugar da Boa Vista GUIMARÃES
Soldado	- JOSÉ GUEDES	- Casal de S. João do Outeiro SINTRA
Soldado	- MANUEL AUGUSTO DE JESUS	- Godinho-Valadares BAIÃO
Soldado	- SIMÃO LOURENÇO VIEIRA	- Rua de Luis de Camões 44 ABRANTES
Soldado	- JOSÉ NARCISO DOS R. HENRIQUES	- Repolhos-Fráguas RIO MAIOR
Soldado	- MÁRIO DE JESUS ALEXANDRE	- Boucinhas MONCHIQUE
Soldado	- ANTÓNIO ROMÃO CARRIDO ROMANA	- Rua da Chaminé de Cima - Pias MOURA

Soldado	- MANUEL REINALDO DO CARMO FERNANDES	- Hortas de S. Catarina TAVIRA
Soldado	- CARLOS MANUEL CHAINHO	- Rua da Correnteza nº24 LISBOA 3
Soldado	- ZULMIRO DE OLIVEIRA COSTA	- Curnés-Vila Junqueira MOÇAMBIQUE
Soldado	- JOAQUIM DE MATOS ALVES	- Rua da Frialga PONTE DE SOR
Soldado	- JOÃO DA RUSSEIREIÇÃO SARDINHA	- Pedrogão-Penamacor CASTELO BRANCO
Soldado	- JOSÉ HENRIQUES MARQUES	- Valverde FUNDÃO
Soldado	- LUIS MANUEL DA SILVA MOÇO	- Rua Marquês de Pombal COVILHÃ
Soldado	- AGOSTINHO DE SOUSA MARQUES	- Beijós-Central BEIRA ALTA
Soldado	- ANTÓNIO ANGÉLICO M. MORAIS	- Rua Dtr. Manuel Arriaga nº.1 ALHANDRA
Soldado	- LUCIDIO FERREIRA PINTO	- Vila Boa CASTRO DAIRE
Soldado	- MANUEL SOUTO AMADO	- S. Lourenço - Fogo CABO VERDE
Soldado	- MANUEL PIRES	- S. Lourenço - Fogo CABO VERDE
Soldado	- JOÃO DE PINA CABRAL	- Lugar Enxada de Santana S. Lourenço - Fogo CABO VERDE
Soldado	- JOSÉ GOMES	- Lomba - Fogo CABO VERDE
Soldado	- JOÃO DA SILVA BRANDÃO	- S. Jorge - Fogo CABO VERDE
Soldado	- ANTÓNIO BARBOSA AMADO	- Cova - Fogo CABO VERDE
Soldado	- HENRIQUES JOSÉ LOPES	- S. Catarina - Fogo CABO VERDE

60

Soldado	- JOSÉ TEIXEIRA	- Achada - Furna - Fogo CABO VERDE
Soldado	- FILIPI NERY BARROS CANUTO	- Achada-Mentirosa-Fogo CABO VERDE
Soldado	- RAUL SOCORRO TEIXEIRA	- Achada-Furna-Fogo CABO VERDE
Soldado	- ANTÓNIO GOMES PONTES	- Galinheiro-Fogo CABO VERDE
Soldado	- PEDRO FERNANDES JÚNIOR	- Maria da Cruz-Fogo CABO VERDE
Soldado	- ORLANDO GOMES	- Serzedelo GUIMARÃES
Soldado	- CARLOS DE PINA	- Bernardo Gomes - Fogo CABO VERDE
Soldado	- MARCELINO GONÇALVES	- Afonso Gil - Fogo CABO VERDE


C. CAV.
3458

62

Posto	Nome	Morada
Capitão	- ARMANDO ALVES CAETANO	- Vivenda Val-Sumo 1º. Telheiro LEIRIA
Alf.Milº.	- JOSÉ MARQUES SALGUEIRO	- Frei Luis Sousa, Vivenda Rubem nº.9 SANTARÉM
Alf.Milº.	- FERNANDO JOSÉ DE OLIVEIRA JACOB	- Casal das Eirinhas, Lote 7-3º. Dtº. COIMBRA
Alf.Milº.	- MANUEL JOSÉ OSÓRIO DE ANDRADE GUERRA	- Rua do Conde Redondo nº.9-1º.Dtº. LISBOA
1º.Sarg.	- CUSTÓDIO FERNANDES DE CASTRO CADILHE	- Praça Marquês de Pombal nº.16 POVOA DE VARZIM
1º.Sarg.	- ABEL MARIA RUSSO PIRES	- Rua do Conselheiro Serra Moura, nº.18A 1º.Dtº. BARREIRO
2º.Sarg.Mil	- MESSIAS DA ASCENÇÃO AIRES	- Colónia Agrícula de Pegões Velhos MIUZELA DO COA
2ºSarg.Milº	- ANACLETO SERRÃO GODINHO	- Foros de Almada Benavente Santo Estevão BENAVENTE
Pur.Milº.	- JOSÉ DOS SANTOS BATISTA	- Peso COVILHÃ
Pur.Milº.	- VITOR MANUEL DOS SANTOS ANGELINO	- S. Grogório CALDAS DA RAINHA
Pur.Milº.	- JOÃO JOSÉ DA SILVA MARTINS	- Bairro Dr. Lima Pimentel Rua Paiva Andrade Lote 49-2º.Dtº. ODIVELAS

Pur.Mil°.	- NUNO ÁLVARO DA SILVA PEIXOTO	- Largo de S. João do Souto n°.13-2°. BRAGA
Pur.Mil°.	- ANTÓNIO SIMÕES DIAS	- Casconho SOURE
Pur.Mil°.	- VASCO DE MATOS VIEIRA	- Av°. Dr. Tito Pontes VALENÇA DO MINHO
Pur.Mil°.	- JOÃO CARLOS RIBEIRO A. LEITE	- Av°.D. Rodrigo da Cunha n°.19-1°.C LISBOA 5
Pur.Mil°.	- HIPÓLITO JOSÉ DOMINGOS LAGES	- Av°. Estados Unidos da América n°.69 LISBOA 5
Pur.Mil°.	- ALTANIRO LOPES FREITAS	- Vilarandelo VALPAÇOS
Pur.Mil°.	- JOSÉ MANUEL SIMÕES DA CUNHA	- Rua Frei Luis Rego 290-1°.Esq°. VIANA DO CASTELO
Pur.Mil°.	- JOSÉ ANTÓNIO SIMÕES DA SILVA	- Av°. Boavista Vivenda S. José LAMEGO
Pur.Mil°.	- JOSÉ LUIS FERNANDES TORRES RIBEIRO	- Av°. João XXI n°301 C BRAGA
Pur.Mil°.	- RUI MANUEL TORRES SANTOS	- S. Vicente CABO VERDE
1°.Cabo	- JOÃO RAMOS ALEIXO	- Pedrogão de S.Pedro PENAMACOURO
1°.Cabo	- HORÁCIO MARQUES RAMOS	- Mea - Alcouvra VOUZELA
1°.Cabo	- CÉSAR CORREIA RIBEIRO	- Monte Duque-Santana NISA
1°.Cabo	- FRANCISCO ANTÓNIO F. DIAS	- Av°. Marechal Carmona 153 r/c AMADORA

64

1º.Cabo	- DIAMANTINO NUNES DE PINHO	- Rua Oliveira Junior nº.13 S. JOÃO DA MADEIRA
1º.Cabo	- ANTÓNIO JOSÉ GIL LOPES	- Rua de Stª. Cruz nº. 22 FIGUEIRA DA FOZ
1º.Cabo	- JOAO PROENÇA MARCOS	- Bairro do Cameirão de Cima COVILHÃ
1º.Cabo	- JOÃO VAZ MENDES SIMÃO	- Maxiais-Benquerenças CASTELO BRANCO
1º.Cabo	- JOÃO AUGUSTO GONÇALVES RAPOSO	- Rua Francisco da Silva Ranito nº.8 COVILHÃ
1º.Cabo	- JACINTO MANUEL DA SILVA	- Biscainho CORUCHE
1º.Cabo	- MANUEL FONSECA DE OLIVEIRA	- Lugar do Castelo VILA NOVA DE OUREM
1º.Cabo	- MARTINHO DE JESUS P. CASALINHO	- Lugar da Pedra LEIRIA
1º.Cabo	- JOSÉ DO CARMO VALENTE	- Bairro dos Pinhos Maus COVILHÃ
1º.Cabo	- FERNANDO MANUEL ANDIAS S. CARVALHO	- Rua. D. Jorge de Lencastre 32-34 AVEIRO
1º.Cabo	- ANTÓNIO FAUSTINO AUGUSTO	- Marianos de Almeirim ALMEIRIM
1º.Cabo	- ANTÓNIO MARQUES RODRIGUES	- Alvega ABRANTES
1º.Cabo	- JOSÉ BRÁS DUARTE	- S. Jorge da Beira COVILHÃ
1º.Cabo	- LIBANO FARINHA SERRANO	- Lugar da Folga PROENÇA-A-NOVA
1º.Cabo	- SALVADOR FERNANDO DO NASCIMENTO	- Quinta do Lamaceiro CASTAINÇO-PENADONO

1º.Cabo	- ACÁCIO PEREIRA MENDES	- Rua Alexandre Braga nº.15 VILA NOVA DE GAIA
1º.Cabo	- ANTÓNIO RODRIGUES	- Sanhoane Stª. Marta de Pena Guião STª.MARTA DE PENA GUIÃO
1º.Cabo	- ANTÓNIO AUGUSTO SILVA FONSECA	- Fonte da Pipa Vila Martins nº.8 CAMARATE
1º.Cabo	- ANTÓNIO DE OLIVEIRA FRANCISCO	- Montargil Ponte de Sôr CHAMUSCA
1º.Cabo	- JOSÉ MANUEL M. MAGALHÃES	- Café Bambina Valpassos VILA REAL
1º.Cabo	- JOSÉ MARIA DOS SANTOS FERREIRA	- Rua do Cascalhos Tramagal ABRANTES
1º.Cabo	- DOMINGOS PEREIRA SOARES	- Rua dos Expadanido nº4 BRAGA
1º.Cabo	- JOSÉ DA CONCEIÇÃO GOMES	- Casalinho de Stª. Ana FIGUEIRÓ DOS VINHOS
1º.Cabo	- ANTÓNIO EUGÉNIO DA SILVA CRUZ	- Rua Ocidental nº.122 Peravita MATOSINHOS
1º.Cabo	- ANTÓNIO DA SILVA FERREIRA	- Lugar do Folgoso CASTELO DE PAIVA
1º.Cabo	- JOSÉ DE ALMEIDA LOPES	- Bairro dos Coireiros Expadanal S. JOÃO DA MADEIRA
1º.Cabo	- DONACIANO LIMA COSTA	- Vila Maria Pia Corvo N. Senhora do Livramento S. Antão RIBEIRA GRANDE CABO VERDE
1º.Cabo	- CAETANO ANTÓNIO DOS SANTOS	- Tarrafal S. Nicolau CABO VERDE

66

1º.Cabo	- HONORATO CORREIA DUARTE	- Ribeio A. Baixo S. Salvador do Mundo PAIA CABO VERDE
1º.Cabo	- LEÃO JOSÉ MENDES BARRETO	- Longueira S. Lourenço dos Orgãos CABO VERDE
1º.Cabo	- JOSÉ AUGUSTO LUCIO LIMA	- Rua Fazenda N. Senhora da Graça Praia CABO VERDE
Soldado	- JOSÉ DIAS	- Macieira-SertÃ SERTÃ
Soldado	- MÁRIO MANUEL CORREIA ANGELO	- Bairro das Areias MONTIJO
Soldado	- JOSÉ CARLOS PINTO	- Palhais SERTÃ
Soldado	- JOSÉ MANUEL DA CUNHA COSTA	- Vale de Figueira ALMADA
Soldado	- ANTÓNIO TAVARES SARAIVA	- Borralheira-Verdelhos COVILHÃ
Soldado	- ANTÓNIO RODRIGUES	- Vale de Cima TORRES NOVAS
Soldado	- FRANCISCO DOS SANTOS ALBANO	- Couto CALDAS DA RAINHA
Soldado	- ANTÓNIO DA CONCEIÇÃO ARAÚJO	- Rua Padre António GUIMARÃES
Soldado	- FERNANDO DA CONCEIÇÃO PERES	- Rua da Bapoula AVELAR
Soldado	- ABÍLIO FERNANDES	- Val OLEIROS
Soldado	- JOSÉ CASIMIRO FAGUNDES ROCHA	- Rua Manuel Filiciano Vieira-S. Cruz nº.29 KEMESINDE
Soldado	- ANTÓNIO JULIO GOMES CARVALHO	- Azinhaga do Ribatejo GOLEGÃ
Soldado	- AIRES SANTOS RIBEIRO	- Póvoa de Midões TÁBUA

Soldado	- JOSÉ CUNHA RASTEIRO RAMOS	- Batócas Aldeia da Ribeira SABUGAL
Soldado	- NICOLAU MONTEIRO DE CASTRO	- S. Bento da Batalha SANTO TIRSO
Soldado	- JOSÉ MANUEL BEATO MARTINS	- Escalos de Baixo CASTELO BRANCO
Soldado	- JOAQUIM BOTELHO TRINDADE	- IDANHA-A-NOVA
Soldado	- FERNANDO CLARA	- Selada SANTA EULÁLIA
Soldado	- MANUEL VENTURA SIMOA PECHORRO	- Rua Frei Luis de Sousa IDANHA-A-NOVA
Soldado	- MANUEL AZINHEIRA PEDRO	- Casal Carvalhal TOMAR
Soldado	- MANUEL FLORÊNCIO DA SILVA	- Outeiro da Barreira TOMAR
Soldado	- ANTÓNIO GONÇALVES SOBRAL	- Água Derramada GRÂNDOLA
Soldado	- VITOR MANUEL SERENO BRÁS	- Outeiro da Barreira TOMAR
Soldado	- CARLOS JORGE NASCIMENTO	- Bairro P. Carmona Rua da Escola nº.241 SETÚBAL
Soldado	- JOSÉ JORGE GALIZA SARDINHA	- Lagoa de S. Isidoro MAFRA
Soldado	- ANTÓNIO RAMOS GOMES	- Ferro COVILHÃ
Soldado	- LUIS SARAIVA DE ALMEIDA	- Gouveia PASSOS DA SERRA
Soldado	- MANUEL MIGUEL	- Paiágua CASTELO BRANCO
Soldado	- ISMAEL GONÇALVES PEREIRA	- Paredes de Coura LINHARES
Soldado	- JOSÉ CARLOS ABREU DE CARVALHO	- Lousada-Saramagos V. NOVA DE FAMALICÃO

68

Soldado	- VIRGILIO BARTOLOMEU ALVES	- Murches Acabideche CASCAIS
Soldado	- GABRIEL ROQUE FRANCO DOS SANTOS	- Cailheiros TORRES VEDRAS
Soldado	- DELFIM ESTEVES PROENÇA	- Alcafozes IDANHA-ANOVA
Soldado	- FERNANDO AUGUSTO DE AGUIAR SILVA	- Avª. 5 de Outubro nº. 194 LISBOA
Soldado	- JÚLIO MARTINS TAVARES	- Rua Pedro Nunes nº.14 r/c Esqº. COVA DA PIEDADE
Soldado	- ARLINDO NICOLAU RAMOS	- Recumeira TORRES VEDRAS
Soldado	- GABRIEL ROSA VITORIA	- Balças CHAMUSCA
Soldado	- PEDRO AGOSTINHO DA SILVA FUNINA	- Gondomar TAROUCA
Soldado	- JOAQUIM ALVES ROSA	- Semideiro CHAMUSCA
Soldado	- ANTÓNIO DA SILVA PIRES	- Casal da Fonte-Castelo SERTÃ
Soldado	- JOSÉ FRANCISCO FERNANDES	- Caixa Postal nº.12166 LUANDA
Soldado	- JOSÉ DA SILVA COSTA	- Paul COVILHÃ
Soldado	- JOSÉ ANTÓNIO CORDEIRO RIBEIRO	- Vale de Santarém RIO MAIOR
Soldado	- JOÃO RAMALHO BARRADAS	- A-dos-Loucos ALHANDRA
Soldado	- VITOR BERNARDINO	- Quinta - Sertã SERTÃ
Soldado	- PEDRO FRANCISCO MENDES	- Volhelhos LISBOA
Soldado	- FRANCISCO MARTINS LUCAS	- Caféde CASTELO BRANCO

Soldado	- ANTÓNIO ADELINO DE JESUS	- S. Miguel do Rio Torto ABRANTES
Soldado	- ANTÓNIO MARIA ANDRÉ	- Alvega ABRANTES
Soldado	- FRANCISCO RABIÇA SEGURO	- Moreiros Grandes TORRES NOVAS
Soldado	- CARLOS GAMEIRO PIPA	- Cacinheira Rio de Couros VILA NOVA DE OURÉM
Soldado	- FRANCISCO RUI ROSENDO	- COVILHÃ
Soldado	- FRANCISCO DOS SANTOS BATISTA	- Rua das Oliveiras ANADIA
Soldado	- JOSÉ DOS SANTOS	- Carapito ACUIAR DA BEIRA
Soldado	- JOSÉ RODRIGUES LOUREIRO	- Bodiosa Velha VISEU
Soldado	- JOSÉ PEREIRA PINTO	- Galo de Pito CASTRO DAIRE
Soldado	- MANUEL DOS SANTOS RODRIGUES	- Largo de S. Pedro nº. 77-Campanhã PORTO
Soldado	- GABRIEL HENRIQUE LOURENÇO	- Caxarias Norte Pederneira VILA NOVA DE OURÉM
Soldado	- JOSÉ JÚLIO RUSSO LAMEIRAS	- Chães VILA NOVA DE FOSCOA
Soldado	- MANUEL DOS SANTOS PINHEIRO	- S. Pedro Velho MIRANDELA
Soldado	- MANUEL ANTÓNIO TEIXEIRA	- Maçores MONCORVO
Soldado	- LAURENTINO DA COSTA BORGES	- Cralheira Telhões VILA POUCA DE AGUIAR
Soldado	- VITOR MANUEL DOS SANTOS LISBOA	- Rua Gomes Freire SETÚBAL

70

Soldado	- JOSÉ ALBERTO ALVES DO AMARAL	- Rua S. Bento da Batalha SANTO TIRSO
Soldado	- JOSÉ CANDIDO G. RIBEIRO	- Estrada Nova do Picota Nogueira BRAGA
Soldado	- CARLOS ALBERTO ALVES MOTA	- Carapinheira MAFRA
Soldado	- MÁRIO LUIS CUNHA RODRIGUES	- Aveiras de Cima AZAMBUJA
Soldado	- JOÃO FRANCISCO M. DE CARVALHO	- Vila Verde de Ficalho SERPA
Soldado	- JOAQUIM ANTÓNIO AMADOR	- Pireires Car Baixo Alentejo ODMIRA
Soldado	- JOSÉ DOS SANTOS DIAS CAMBOA	- Bensafrim LAGOS
Soldado	- JOSÉ MENDES DE SOUSA	- Maranho POMBAL
Soldado	- ALCIDES JOAQUIM G. FRANCISCO	- Casal de João Policia A-da Beja LISBOA
Soldado	- ANTÓNIO FERREIRA RAMOS	- Vila Chã-Ventosa ALENQUER
Soldado	- ANTÓNIO MANTEIGAS BENTO	- Aldeia do Bispo PENAMACOR
Soldado	- LUIS PIRES FARINHA DOS SANTOS	- Rua da Quinta do Charquinho nº. 27 r/c Dtº. LISBOA 4
Soldado	- JOSÉ DA FONSECA DUARTE PEREIRA	- Eirada COVILHÃ
Soldado	- JOSÉ GUERREIRO DE CASTRO	- Arestins Linhares PAREDES DE COURA
Soldado	- LUIS GASPAR DA SILVA DIAS	- Vila de Rei BEIRA BAIXA

Soldado	- ANTÓNIO PIRES MARAIS	- Penha Garcia IDANHA-A-NOVA
Soldado	- MANUEL FERNANDO CARVALHO	- Mogo de Anciães CARRAZEDA
Soldado	- ANTÓNIO DOS SANTOS	- Almaceda CASTELO BRANCO
Soldado	- JERÓNIMO DOS SANTOS MONTEIRO	- Ponte Pilipe S.Vicente CABO VERDE
Soldado	- JUVENCIO MANUEL DELGADO	- S. Vicente CABO VERDE
Soldado	- FRANCISCO GUALDINO LIMA	- N. Senhora da Luz S. Vicente CABO VERDE
Soldado	- MANUEL JESUS ROCHA	- Boca da Coruja Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- MANUEL DA CONCEIÇÃO	- N. Senhora do Rosário Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- ANTÓNIO GABRIEL COSTA	- N. Senhora do Livramento Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- AUGUSTO GONÇALVES	- Penha-França Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- ANACLETO JOANA MOTA	- Fajã do Mato S. Pedro do Posto Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- SEMIÃO ANTÓNIO ZEGO	- Monte Joana N. Senhora do Rosário Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- LUCAS EVANGELISTA DO ROSÁRIO	- Chã Pedra S. Crucifixo Ribeira Grande CABO VERDE

72

Soldado	- ANIBAL DOS SANTOS AFONSO	- Lombo Diogo S. Crucifixo Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- ADRIANO MANUEL DOS SANTOS	- S. Pedro do Posto Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- GIL MANUEL DOS SANTOS	- Espadanal S. Pedro Apostolo Ribeira Grande CABO VERDE
Soldado	- JOÃO BATISTA DA LUZ	- Paúl CABO VERDE
Soldado	- PEDRO CARLOS DOS REIS	- N. Senhora da Lapa S. NICOLAU
Soldado	- ALEXANDRE SEMEDO T. FERNANDES	- Fundeira S.Salvador Praia CABO VERDE
Soldado	- APOLIDO DOS SANTOS CABRAL	- Juncalinho N. Senhora do Rosário S. Nicolau CABO VERDE

REFERÊNCIAS ELOGIOSAS

PARA TODOS O ORGULHO DE TEREM CONTRIBUIDO COM O SEU ESFORÇO PARA O BOM NOME DO BATALHÃO DIGNIFICANDO-O E FAZENDO JUS ÀS SEGUINTES REFERÊNCIAS ELOGIOSAS :

Pelo Exmº. General Comandante da ZML após a sua visita de 09 e 10MAI72, em 11MAI72 foi exarado o seguinte despacho:

"Durante a minha visita de ontem, anotei com a maior satisfação os importantes melhoramentos realizados nos Destacamentos de MUSSUMA e de SESSA, o aprumo do pessoal e uma muito melhor compreensão da sua missão por parte dos Cmdtes daqueles Destacamentos.

Registo com apreço o esforço desenvolvido neste sentido pelo Comando do BCAV 3862, na certeza de que ele será continuado com determinação e solicito que aos Cmdtes, graduados e praças daqueles Destacamentos seja transmitida a impressão favorável produzida por aquelas visitas".

Do Comando da ZMLESTE foi recebida, em 28AGO72, a nota nº. 1276/OP, com a seguinte referência elogiosa:

"Encarrega-me o Exmº. General Comandante da ZMLESTE de manifestar a V. Exª. o seu apreço por forças da ZMLESTE haverem merecido a referência elogiosa de Sua Exª. o General Comandante Chefe, cujo teor se transcreve:

"REF AC BACA 42 GEN COMANDANTE CHEFE SOLICITA TRANSMITA SUAS FELICITAÇÕES GE 352 EXCELENTES RESULTADOS OBTIDOS".

75

Do Comando da ZMLESTE foi recebida, em 26SET72, a seguinte referência elogiosa:

"Encarrega-me o Exmº. General Comandante da ZMLESTE de manifestar a V. Exª. a sua satisfação por forças desse Comando, empenhado nas OP "BARROTE" e "BABEL", haverem merecido a referência elogiosa de S. Exª. o General Comandante-Chefe, cujo teor se transcreve:

"CEM CC FELICITA NT EXECUTARAM ACÇÃO DEMONSTRARAM EFICIÊNCIA ELEVADO ESPÍRITO MISSÃO:

Do Comando do Sector do MOXICO foi recebida, em 11OUT72, a seguinte referência elogiosa:

"EXMO SR BRIGADEIRO CMDT SECT MANIFESTA SEU APREÇO ESSE E FORÇAS EMPENHADAS OP "BARAFUSTA" RESULTADOS OBTIDOS".

Do comando da ZMLESTE foi recebida, em 31OUT72, a seguinte referência elogiosa:

"Encarrega-me o Exmº. General Comandante da ZMLESTE de manifestar a V. Exª. a sua satisfação por forças desse Comando haverem merecido a referência elogiosa do Exmº. General Comandante-Chefe cujo teor é o seguinte:

"REFR OP "BAILARINA" FORÇAS BCAV 3862 CEM CC MANIFESTA SEU APREÇO REFR FORÇAS RESULTADOS OBTIDOS".

Do Comando do Sector do MOXICO foi recebida, em 11JUL73, a seguinte transcrição do Diário de Serviço do PAdm de MUSSUMA, referente ao mês de MAIO de 1973:

"QUERO AQUI DEIXAR REGISTADO QUE TUDO AQUILO QUE SE CONSEGUI FAZER NESTE POSTO SE DEVE À PRECIOSA COLABORAÇÃO DADA PELO BAT CAV 3862 E EM ESPECIAL À CCAV 3456, QUE MUITO COLABORARAM COM A AUTORIDADE ADMINISTRATIVA LOCAL".

76

Do Comandante da Zona Militar Centro foi recebida, em 20DEZ73 a nota nº. 1/4812/73 com a seguinte referência:

"ENCARREGA-ME O EXMº. CORONEL COMANDANTE DA ZMC DE COMUNICAR A V. EXª. AS SUAS FELICITAÇÕES PELO ESFORÇO PRODUZIDO POR TODO O PESSOAL EMPENHADO NA OP "RADAR".

Louvado em O.S. do CCFAA e condecorado com a Medalha de Cruz de Guerra de 3ª. Classe:

Sold. At. Cav. nº. 11512870 - RAMIRO DA SILVA PINTO
CCAV.3457

Louvados em O.S. do CCFAA e condecorados com a Medalha de Cruz de Guerra de 4ª. Classe:

Alf.Milº. - JOSÉ JOÃO RUIVO FERREIRA RODRIGUES
(A título Póstumo)
CCAV.3458
Sold. At. Cav. nº. 04513171 - ANTÓNIO AUGUSTO R. ESTEVES
CCAV. 3457
Sold. At. Cav. 04400671 - CARLOS COELHO GUERREIRO
CCAV.3457
Fur.Milº. - JAIME EMIDIO MATOS MOTA
CCAV.3457

Louvado em O.S. do CCFAA:

Capitão Milº. - JOÃO MANUEL CALHA DA FONSECA
CCAv.3456
Alf. Milº. - JOSÉ ALBERTO ROCHA VIEIRA
CCAV.3457

Louvados em O.S./QG/RMA:

Capitão do SGE - ALBERTO AUGUSTO
C.C.S.
Capitão do SGE - PEDRO ANTÓNIO CALAPEZ CORREA
C.C.S.
Alf.Milº. - LUIS JORGE BAIÃO DO ESPÍRITO SANTO
C.C.S.
Alf.Milº. - MÁRIO ALVES DE MIRANDA LIMA
C.C.S.

78

Louvados em O.S. do Comando da ZML:

Capitão do QSGE - ANTÓNIO DE ALMEIDA
C.C.S.
1º.Cabo nº. 13136270 - AMANDIO MONTEIRO DA SILVA
CCAV.3457

Louvados em O.S. do Cmd. do Sector do MOXICO:

1º.Sargº. Cav. - ANTÓNIO MANUEL CORREIA
CCAV.3458
Alf.Capelão grad. - JOSÉ MARIA MARÇAL
C.C.S.
Alf.Milº. - ANTÓNIO MANUEL BARREIRA PAREDES
CCAV.3456
Alf.Milº. - JOSÉ MARQUES SALGUEIRO
CCAV.3458
Fur.Milº. - RUI MANUEL TORRES SANTOS
CCAV.3458

Louvados em O.S. do Comando da ZMC:

Alf.Milº. - BELMIRO MOITA DA COSTA
C.C.S.
Alf.Milº. - MANUEL LOPES PINHEIRO NUNES
C.C.S.

Louvados em O.S. do BCAV.3862:

Cap.Milº. - ANTÓNIO MANUEL CARDOSO CHARRUA
CCAV.3457
Cap. do QEO- ARMANDO ALVES CAETANO
CCAV.3458
Ten. do QSGE - SILVÉRIO DE ALMEIDA FERREIRA
C.C.S.
Alferes do QSGE - FRANCISCO MAIA DIOGO
C.C.S.

Alf.Mil°.Médico - CARLOS ALBERTO SANTOS VEIGA
C.C.S.
Alf.Mil°.Médico - LINCOLN JUSTO DA SILVA
C.C.S.
Alf.Mil°. - MANUEL JOSÉ OSÓRIO DE ANDRADE GUERRA
CCAV.3458
Alf.Mil°.Médico - JORGE AURÉLIO SIMÕES SECO JULIÃO
C.C.S.
Sargento Aj. do QSSGE - AGOSTINHO AZEVEDO CARVALHO
C.C.S.
Sargento Aj. do QSSGE - ANTÓNIO AUGUSTO DE MELO
C.C.S.
1°.Sargento - DOMINGOS PASCOAL
C.C.S.
1°.Sargento - ILIDIO FERREIRA DE FARIA
C.C.S.
Fur.Mil°. - CARLOS ALBERTO PINTO DA SILVA
CCAV.3456
Fur.Mil°. - JOSÉ ANTÓNIO MONTEIRO LADEIRO
C.C.S.
Fur.Mil°. - MANUEL ALBERTO DE OLIVEIRA SIMÕES
CCAV.3456
Fur.Mil°. - GUILHERME MENDES TEIXEIRA
C.C.S.
Fur.Mil°. - MANUEL FERREIRA VALENTE
CCAV.3456
Fur.Mil°. - ANTÓNIO GRADIZ DE SOUSA
CCAV.3456
Fur.Mil°. - HERMÍNIO JOSÉ RIBEIRO DANIEL
C.C.S.
Fur.Mil°. - FERNANDO DA SILVA AZENHA
C.C.S.
Fur.Mil°. - ANTÓNIO MANUEL ALPACINHA NABEIRO
C.C.S.

80

1º.Cabo nº.17525170 - ORLANDO JOSÉ DE SOUSA SANTOS
C.C.S.
1º.Cabo nº.10165571 - ANTÓNIO DE SÁ COELHO
C.C.S.
1º.Cabo nº.01627571 - EUSÉBIO LARANJO BRASINHA
C.C.S.
1º.Cabo nº.15392670 - MANUEL MARQUES JOÃO
C.C.S.
1º.Cabo nº.17619070 - VALDEMAR DA SILVA FERNANDES PINTO
C.C.S.
1º.Cabo nº.07332071 - NORBERTO DOS SANTOS VICENCIO MATIAS
C.C.S.
1º.Cabo nº.02208570 - JOSÉ PIRES SARAIVA
C.C.S.
1º.Cabo nº.01046171 - ALÍPIO SILVA PEREIRA
C.C.S.
1º.Cabo nº.06208271 - ANTERO PEREIRA DA FONSECA
C.C.S.
1º.Cabo nº.06185171 - VICTOR MANUEL DUARTE ROCHA
C.C.S.
1º.Cabo nº.02163171 - FERNANDO DIAS DA MOTA
C.CAV.3456
1º.Cabo nº.11956670 - ANTÓNIO LUIS HIPÓLITO SANTO
CCAV.3456
1º.Cabo nº.09454671 - JOSÉ LUIS DE ANTUNES DINIS
CCAV.3456
1º.Cabo nº.01522971 - ARMINDO GONÇALVES DUARTE
CCAV.3456
1º.Cabo nº.04412071 - ANTÓNIO AZEVEDO ALVES
C.C.S.
1º.Cabo nº.00429671 - NORBERTO PIRES FARINHA DOS SANTOS
CCAV.3456
1º.Cabo nº.03696571 - JOSÉ AMARO GUERALDES ROMÃO
C.C.S.

1º.Cabo nº.04826071 - JOÃO PROENÇA MARCOS
CCAV.3458
1º.Cabo nº.80105371 - LEÃO JOSÉ MENDES BARRETO
CCAV.3458
1º.Cabo nº.08596271 - JOSÉ BRÁS DUARTE
CCAV.3458
1º.Cabo nº. 18644170 - JOSÉ ALMEIDA LOPES
CCAV.3458
1º.Cabo nº. 19346670 - BALTAZAR DA COSTA
CCAV.3457
1º.Cabo nº. 04079971 - JOSÉ MARIA FONSECA RICARDO
CCAV.3457
1º.Cabo nº. 09403571 - RAUL RODRIGUES DE ALMEIDA
C.C.S.
Soldado nº. 02365471 - DOMINGOS ROBALO ESTEVES
C.C.S.
Soldado nº. 02610771 - ANTÓNIO MANUEL DE JESUS CAMPOS
C.C.S.
Soldado nº. 02522171 - JOÃO PEREIRA MATEUS
C.C.S.
Soldado nº. 02549971 - ADÉRITO FIALHO LEMOS
C.C.S.
Soldado nº. 11310871 - DOMINGOS FARINHA MAGRO
CCAV.3457
Soldado nº. 05599571 - JOSÉ RODRIGUES MARQUES
CCAV.3456
Soldado nº. 11297770 - ANTÓNIO MANUEL FERREIRA PEREIRA
CCAV.3456
Soldado nº. 02330671 - JORGE DA ROCHA PINTO
CCAV.3456
Soldado nº. 06933271 - EDUARDO TEIXEIRA BENTO SOARES
CCAV.3456
Soldado nº. 02894171 - ADRIANO ALVES RICARDO
CCAV.3456

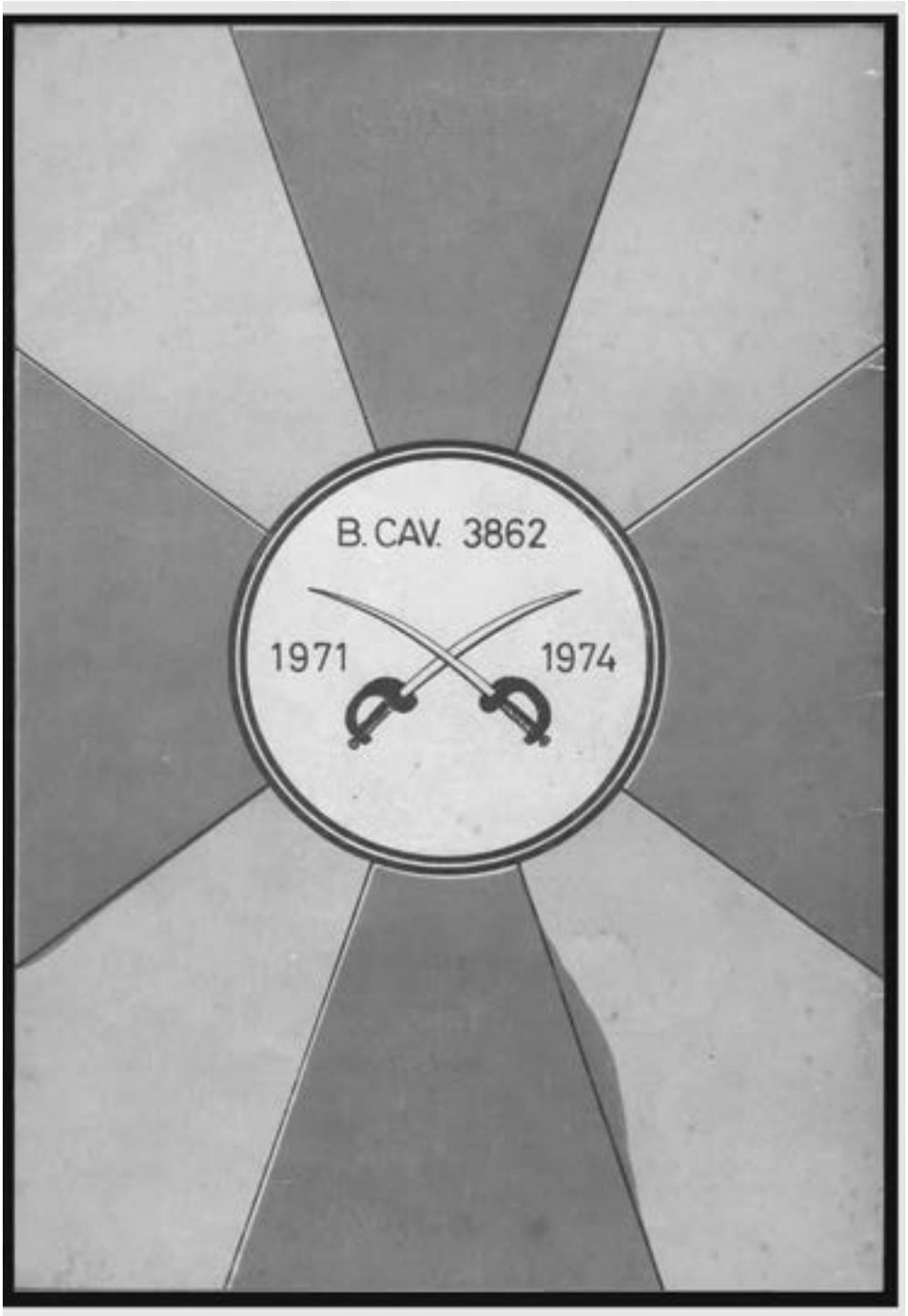
82

Soldado nº. 07745971 - VICTOR BERNARDINO
CCAV.3458
Soldado nº. 11035370 - VICTOR MANUEL RODRIGUES VALENTE
CCAV.3456
1º Sargento - ANTÓNIO BERNARDINO DA SILVA
C.C.S.
Fur.Milº - ANTONIO COSTA GOMES DE PINHO
C.C.S.
1º Cabo nº 04604670 - JOAQUIM FERNANDO VIANA DA SILVA
C.C.S.
1º Cabo nº 11486370 - MANUEL FERNANDO ROSÁRIO DOS SANTOS
C.C.S.
1º Cabo nº 02189871 - DIAMANTINO JORGE DE SOUSA OLIVEIRA
C.C.S.
1º Cabo nº 07148071 - JOSÉ ALBINO DIAS AFONSO
C.C.S.
Soldado nº 08209471 - JOÃO MANUEL DE JESUS PIRES
C.C.S.

Louvados por proposta da Companhia

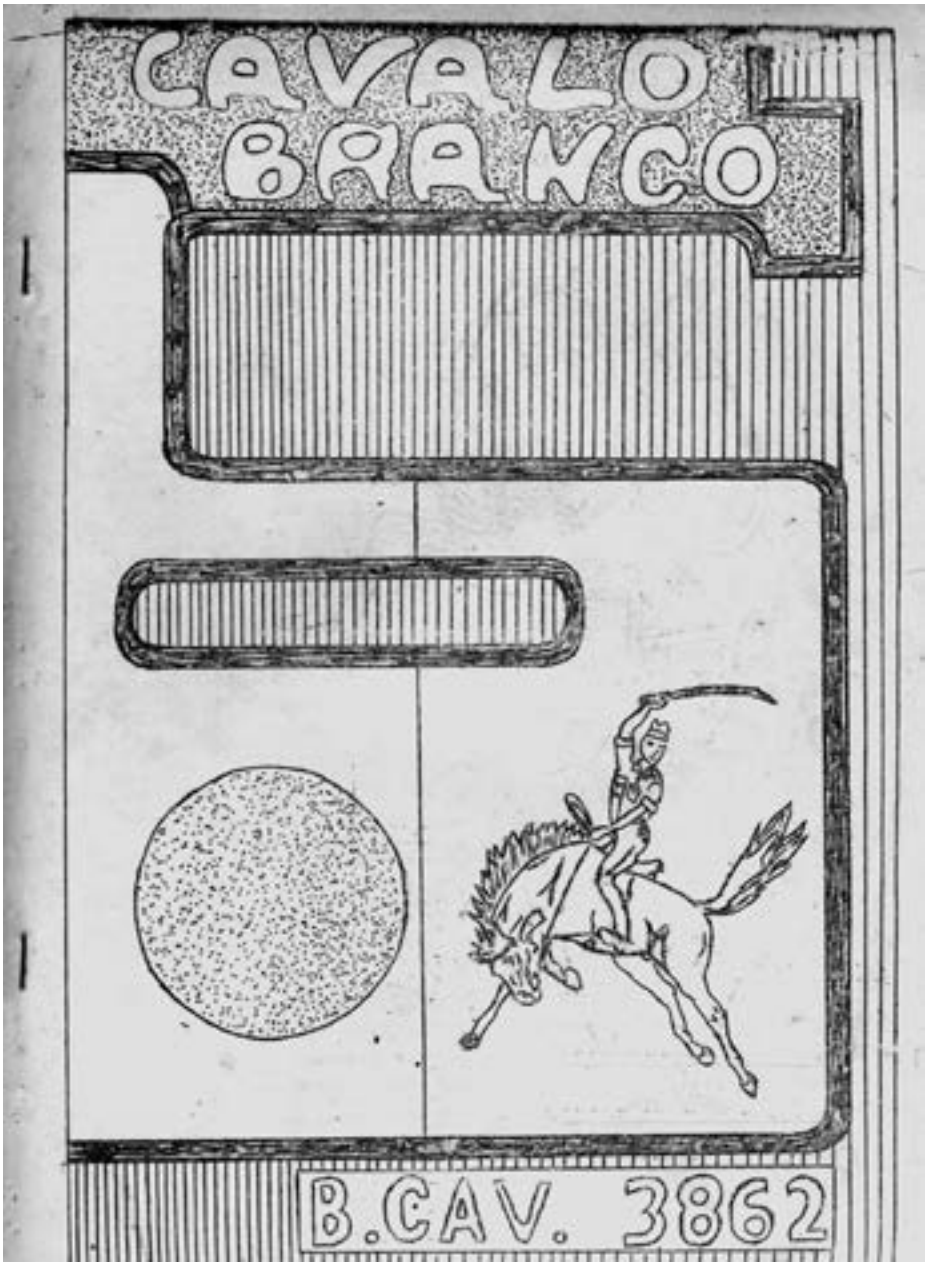
Fur.Milº - FERNANDO GOMES DE AZEVEDO
C.C.S.
1º Cabo nº 11093770 - JOSÉ SERAFIM LOPES PEREIRA
C.C.S.
1º Cabo nº 01241771 - MANUEL LEITÃO DA SILVA
C.C.S.
1º Cabo nº 03598671 - ANTÓNIO MANUEL BRÁS SIMÕES
C.C.S.
1º Cabo nº 08033971 - FELICÍSSIMO MARIA FILIPE
C.C.S.
Soldado nº 01250471 - ERCILIO DA CONCEIÇÃO PEREIRA
C.C.S.
Soldado nº 02519371 - FRANCISCO MADELINO CANEIRA
C.C.S.
Soldado nº 07688571 - ABEL HENRIQUES SOARES PINTO
C.C.S.

HOMENAGEM
Soldado - ANTÓNIO DE JESUS SOUSA - 11JAN72
Soldado - JOSÉ SOUSA CLARO - 11JAN72
Soldado - JOAQUIM FERNANDO MARQUES BATISTA - 15FEV72
1º Cabo - ALBINO LOPES MARQUES - 12ABR72
Alferes - JOSÉ JOÃO RUIVO FERREIRA RODRIGUES - 21ABR72
Soldado - JOÃO DE PINA - 15JAN73
Soldado - JAIME FONSECA DA SILVA - 10MAR73
1º Cabo - JOSÉ FRANCISCO DA SILVA RODRIGUES - 24MAI73
Soldado - EDUARDO TEIXEIRA BENTO SOARES - 30NOV73
Furriel - JOSÉ EDUARDO FERREIRA GONÇALVES - 24DEZ73
AQUELES QUE POR OBRAS VALOROSAS SE VÃO DA LEI DA MORTE LIBERTANDO.


B. CAV. 3862
1971
1974

ANEXO 6

Jornais de caserna do Batalhão de Cavalaria 3862



Jornal n.º 1

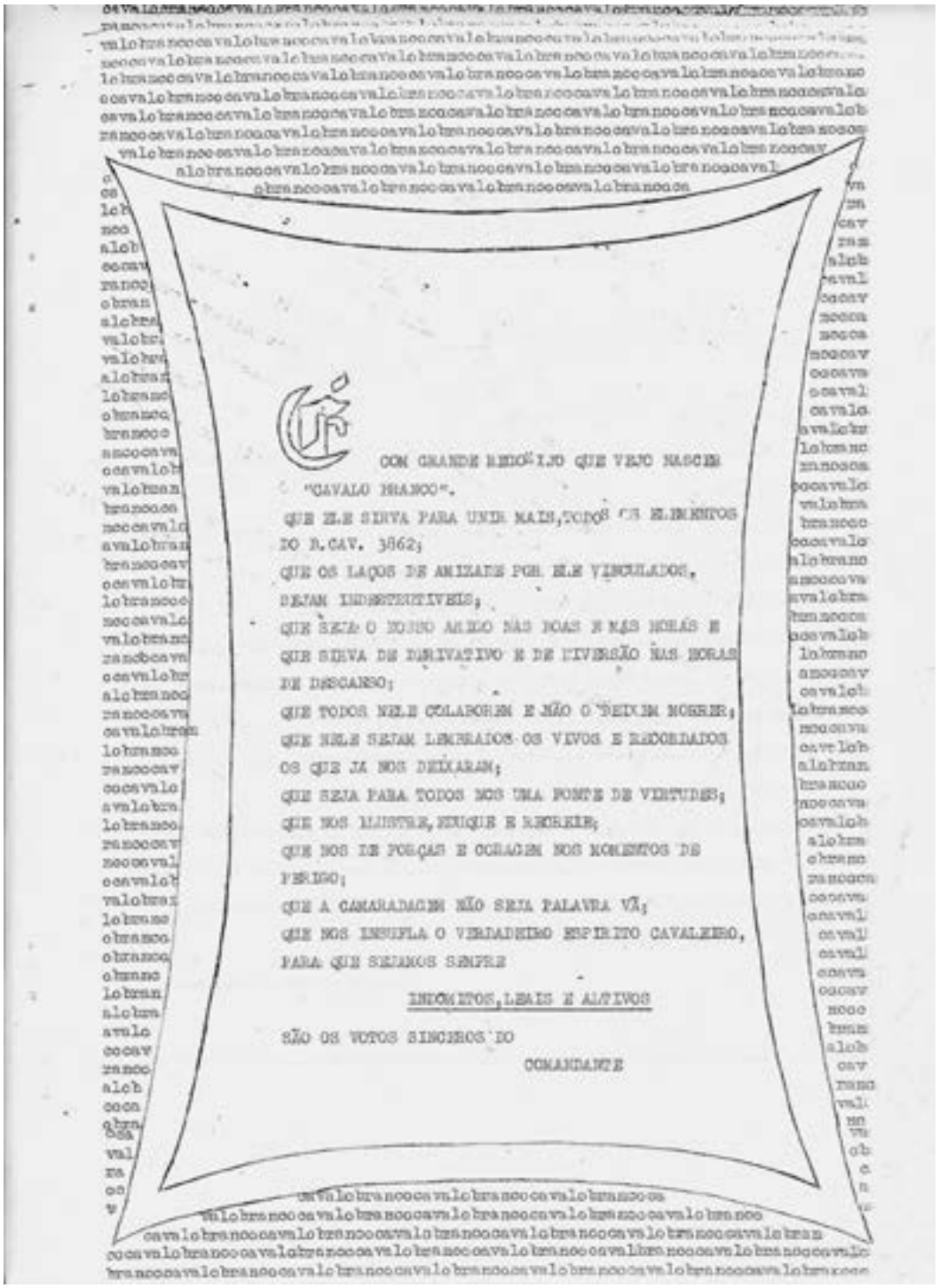
C O L A B O R A R A M

- Ex.mo Comandante
- Ten.Cor.Mestre Rodrigues
- Alf.Mil. Guerra
- Alf.Mil. Paredes
- Alf.Cap. Morgal
- Fur. Sacramento
- 1º cabo Oliveira
- 1º cabo M.Santos
- 1º cabo Lima
- 1º cabo Júlio
- 1º cabo Raúl
- 1º cabo Abel F.
- 1º cabo Brazinha
- 1 cabo Conceição
- soldados Gil e Lourenço

O C A V A L O B R A N C O

Orgão Informativo
do B.CAV. 3862

Nº 1 - Julho de 1972

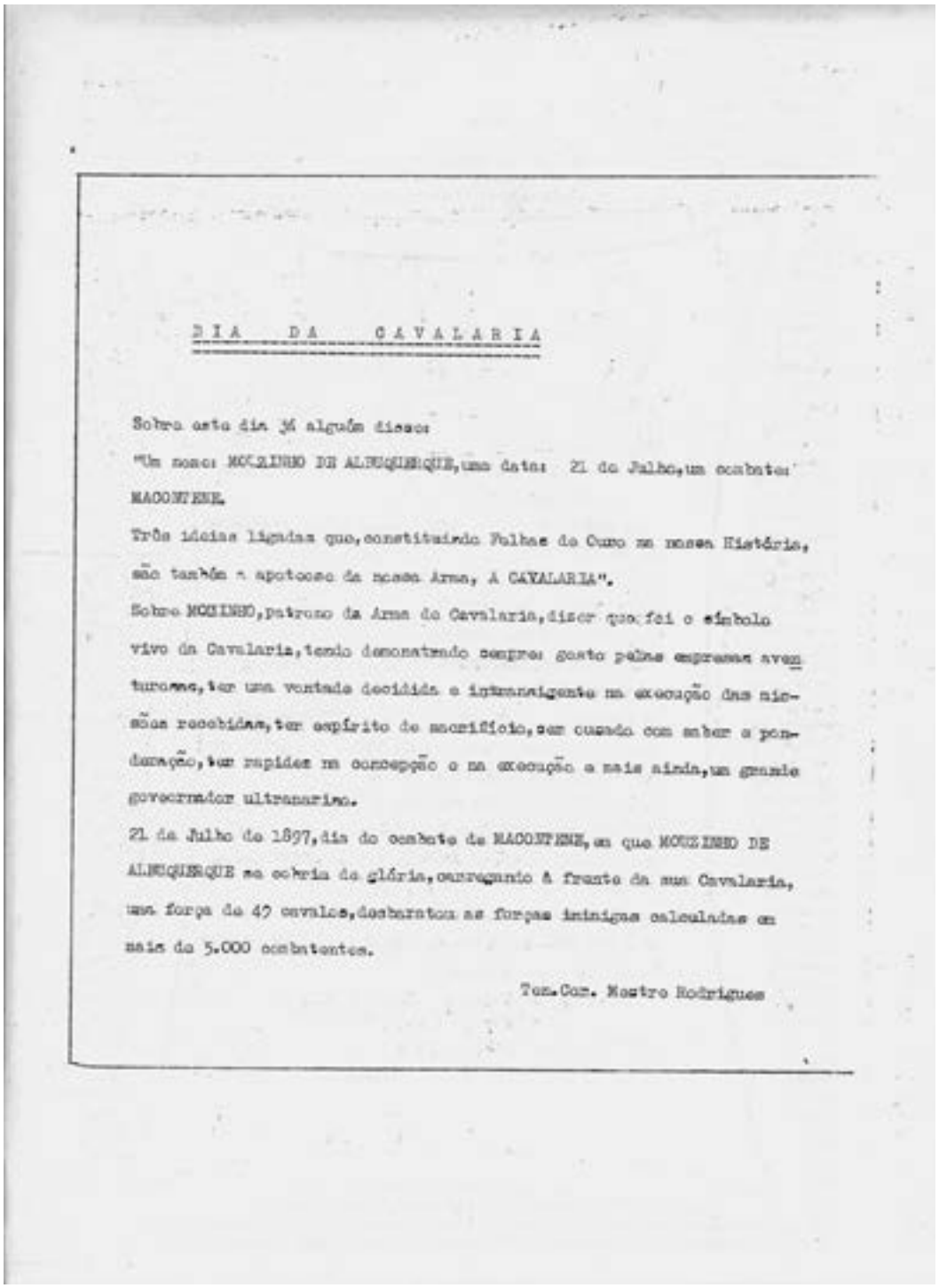


COM GRANDE REGOZIJO QUE VEJO NASCER
"CAVALO BRANCO".
QUE ELE SIRVA PARA UNIR MAIS, TODOS OS ELEMENTOS
DO R.CAV. 3862;
QUE OS LAÇOS DE AMIZADE POR ELE VINCULADOS,
SEJAM INDESTRUTIVEIS;
QUE SEJA O NOSSO AMIGO NAS HORAS E MAS HORAS E
QUE SIRVA DE DERIVATIVO E DE DIVERSÃO NAS HORAS
DE DESCANSO;
QUE TODOS NELE COLABOREM E NÃO O DEIXEM MORRER;
QUE NELE SEJAM LEMBRADOS OS VIVOS E RECORDADOS
OS QUE JA NOS DEIXARAM;
QUE SEJA PARA TODOS NOS UMA FONTE DE VIRTUDES;
QUE NOS ILUSTRE, ENSUQUE E ENOBRECE;
QUE NOS DE FORÇAS E CORAGEM NOS MOMENTOS DE
PERIGO;
QUE A CAMARADAGEM NÃO SEJA PALAVRA VÃ;
QUE NOS INSUFLA O VERDADEIRO ESPIRITO CAVALEIRO,
PARA QUE SEJAMOS SEMPRE

INCONTOS, LEAIS E ALTIVOS

SÃO OS VOTOS SINCEROS DO

COMANDANTE



DIA DA CAVALARIA

Sobre este dia já alguém disse:

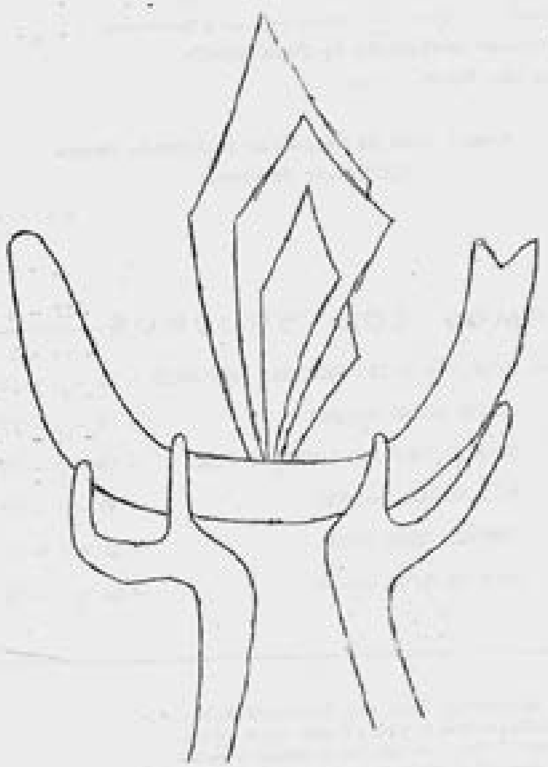
"Um nome: MOUZINHO DE ALBUQUERQUE, uma data: 21 de Julho, um combate: MACONTENE.

Três idéias ligadas que, constituindo Folhas de Ouro na nossa História, são também a apoteose da nossa Arma, A CAVALARIA".

Sobre MOUZINHO, patrono da Arma de Cavalaria, dizer que foi o símbolo vivo da Cavalaria, tendo demonstrado sempre: gosto pelas empresas aventurosas, ter uma vontade decidida e intransigente na execução das missões recebidas, ter espírito de sacrifício, ser cuidado com saber a ponderação, ter rapidez na concepção e na execução e mais ainda, um grande governador ultramarino.

21 de Julho de 1897, dia do combate de MACONTENE, em que MOUZINHO DE ALBUQUERQUE se cobriu de glória, carregando à frente da sua Cavalaria, uma força de 49 cavalos, desbaratou as forças inimigas calculadas em mais de 5.000 combatentes.

Ten.Cor. Mestre Rodrigues



PONTO DE VISTA

O que é um amigo? – Em época turbulenta de transição constante e choque de dúvidas parece-me aconselhável esta questão.
Amigo não é algo definível, mas caracteriza um sentimento que brota, espontâneo, das rosas primaveris ou da água despenhando-se em cascata infinita.
Como sucede com as matérias difíceis – e esta é-o, pois trata do mais profundo da Natureza humana – o melhor é consubstanciar em exemplo a aridez das noções.

Ele era um Amigo. Meu, e de toda a gente. Verdadeiro conquistador de afecto e simpatia sem que para tal contribuísse voluntariamente. Eram as reacções normais dos que contactaram a pujança e pureza da Juventude de que poderia ser símbolo.

Chamava-se José João Ruivo Ferreira Rodrigues. Alferes. Mortalmente ferido em combate numa tarde de Abril.

Para alguns a trajectória então truncada da sua juvenil existência terá sido incompreensível. "Ânsias, temerário..." Nada disso; apenas possuindo em alto grau uma verdade que vai acena-

Sendo nos tempos que correm - Integridade!

Para nós, os que temos a virtude de entender a sua Mensagem, está bem viva a presença exuberante do "Rodrigues".
Foi um herói, porque não temeu a vida.

Manuel José de Sá Cadrio de Andrade Guerra
Alf.Mil.de Cavalaria

RECORDAMOS COM SAUDADE

Alferes Miliciano	JOSE JOÃO RUIVO FERREIRA ROSA NUNES	- 21 - 3 - 72
1º cabo	ALBINO LOPES PARQUES	- 12 - 3 - 72
soldado	JOAQUIM FERNANDO LOPES BAPTISTA	- 15 - 2 - 72
soldado	JOÃO FRANCO SAMPAIO	- 30 - 1 - 72
soldado	ANTONIO JESUS SOUSA	- 11 - 1 - 72
soldado	JOSÉ DE SOUSA CLARO	- 11 - 1 - 72

"Daqui a momentos, o sol esconderá, o novo sol brilhará sobre todos vós, sobre a natureza, sobre a vida. E com seus raios ardentes aquecerá a terra fria, e campo onde daqui a pouco repousaremos... O homem que dá a vida por um ideal não morre o aquele que souber viver saberá também morrer..."

Jamie Teitelbanis
20 anos

"Ninguém morre por si mesmo, mas uns pelos outros e até uns à vos dos outros"

Bernanos

" Se agora me dissessem: Sabes, Mauviette, daqui a uma hora morrerás...
JEANNETTE - Oh! Mauviette...
MAUVIETTE - Continuaria a coser, e' estivesse a coser, continuaria a jogar do arranjo e brincar. Ao chegar direi ao Bom Deuss Pai, que estás nos céus, eu sou a pequena Mauviette, da paróquia de Domremy, na Lorena, para te servir... Chamaste muito cedo, sou ainda muito pequena. Mas tu és bom e sabes o que fazes. - silêncio - Eu sou teimosa. Ninguém me levará a crer que é preciso ter medo de Deus. Quando eu brinco na minha rua e o meu pai me chama, para eu ir para casa, eu não tenho medo de meu pai"

Charles Peguy

Não sei qual a tua impressão ao penetrar pela primeira vez no interior de Angola. Certamente deste conta dum mundo bem diverso do "teu" Portugal, da tua aldeia, da tua gente que se apresentava ao teu olhar enquanto o comboio galgava quilómetros sobre quilómetros e, depois, durante dia e noite, em coluna militar, pe natravas na floresta e, mais perto de ti, ficavam os quimbos, as gentes de cor, as lavras, os rios misturados com o capim das chanas e a floresta sempre igual.

Conhecias a Angola da Geografia da 4ª classe ou dos anos do liceu; conhecias a sua vida actual pelos jornais e pelos discursos dos ministros e governadores imaginavas as suas gentes pela narração de camaradas teus, regressados à metrópole depois do serviço militar cumprido.

Agora são os teus olhos que têm possibilidade de a descobrir; são os teus pés que incessantemente a calcurreiam, as tuas mãos, a tua palavra, o teu agir, que têm a possibilidade de a modificar, a tua mente a possibilidade de a julgar.

Sem dúvida causou-te admiração e até pena, o modo de viver deste povo. A no tonia e indolência do seu temperamento fazem muitas vezes ferver o sangue ao europeu habituado a viver condicionado e activado por uma engrenagem que não tem dó dos indolentes, colocando-os à margem da sociedade que o julga mais por aquilo que produz do que por aquilo que ele realmente é.

Que terás pensado do africano, frequentemente sentado junto da fogueira, fumando o seu cachimbo todo o "santo dia"?

Que terás pensado do seu ambiente familiar, da facilidade com que os miúdos são deixados a si próprios?

Que terás pensado da maneira como as jovens se preparam ao matrimónio, da pouca importância que eles dão a alguns valores que nós, europeus, não podemos me nosprezar?

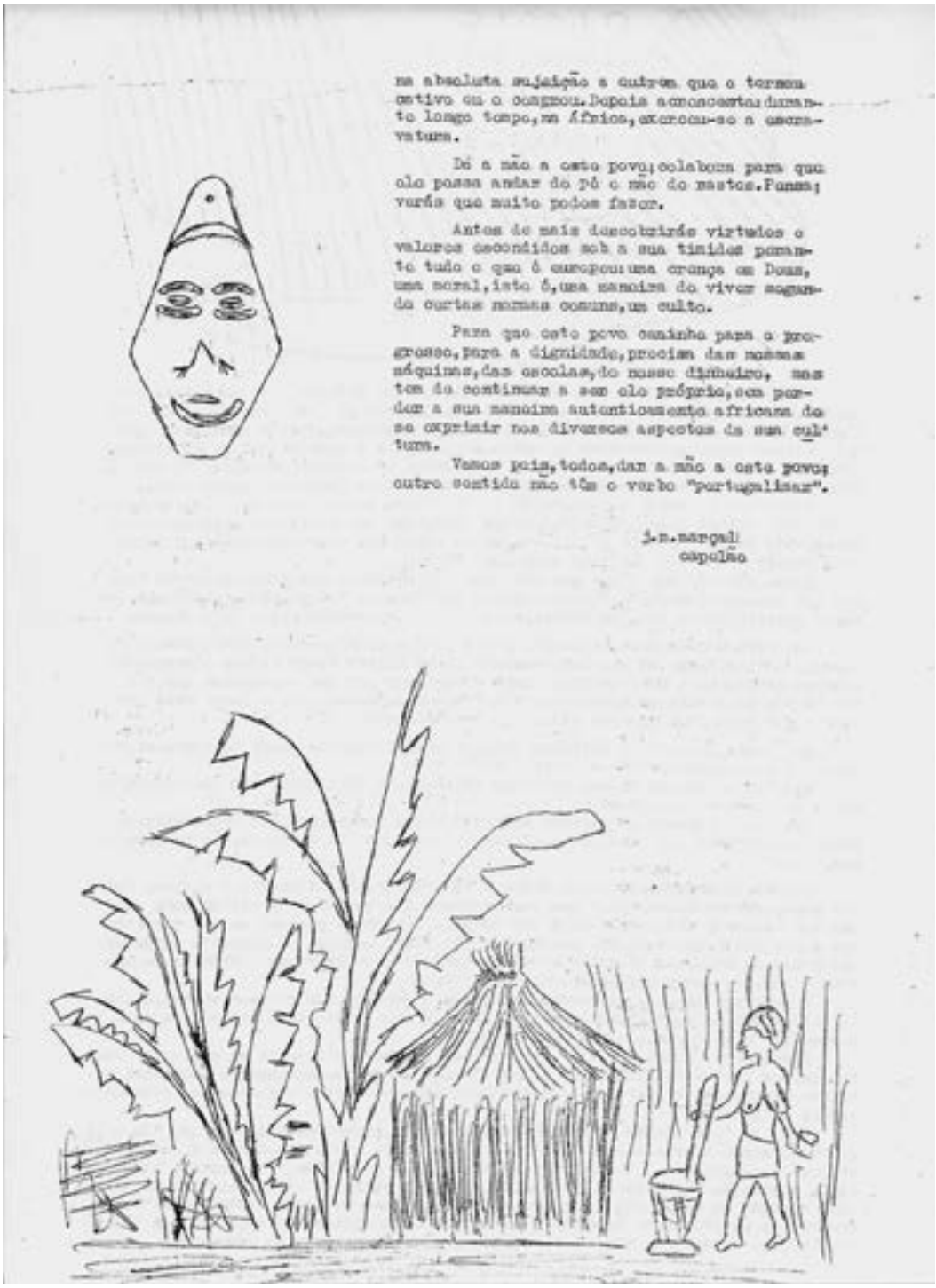
Outras interrogações podes fazer a ti próprio, tão diferente é o viver destas gentes. Estas bastam para nos convencermos que estamos perante um povo que não tem apenas a diferenciá-lo a cor da pele e extrema pobreza em que vive; têm uma mentalidade diferente da nossa, quer dizer, uma maneira de pensar e de julgar diferente, um povo que dá valor a coisas que nós menosprezamos e menosprezamos outras a que nós, europeus, damos muita importância.

É portanto da mais elementar prudência e justiça, ver e observar bem, antes de emitir juízos porventura ofensivos sobre a vida deste povo que tem os seus costumes, a sua língua e a sua maneira de ser.

Nascidos ao longo dos rios em pequenos quimbos, habituados ao peixe do rio, à caça, aos frutos da floresta, à lavra de mandioca, a insegurança do primitivo ambiente agrupou-os em grandes aldeamentos, amontoando sobas e gentes de diferentes tribos e línguas.

Para ti tens diante homens, mulheres, rapazes, raparigas, crianças que têm o direito de serem tratados como pessoas. À pessoa para não ser reduzida à escravidão precisa de dignidade e autenticidade. Tu não tens o direito de comprar a dignidade da pessoa; tu não a podes amarfanhar, seja ela pobre ou rica, branca ou de cor, mal vestida ou nua. Terás de guiar as tuas convicções, as tuas atitudes, as tuas compras pelo prisma da igualdade de direitos, pelo prisma da dignidade da pessoa humana, que não se pode vender nem comprar sob pena de cair na escravidão.

O meu dicionário de Língua Portuguesa diz que o escravo é aquele que vive



na absoluta sujeição a outrem que o tornou cativo em o comprou. Depois acrescenta: durante longo tempo, na África, exerceu-se a escravatura.

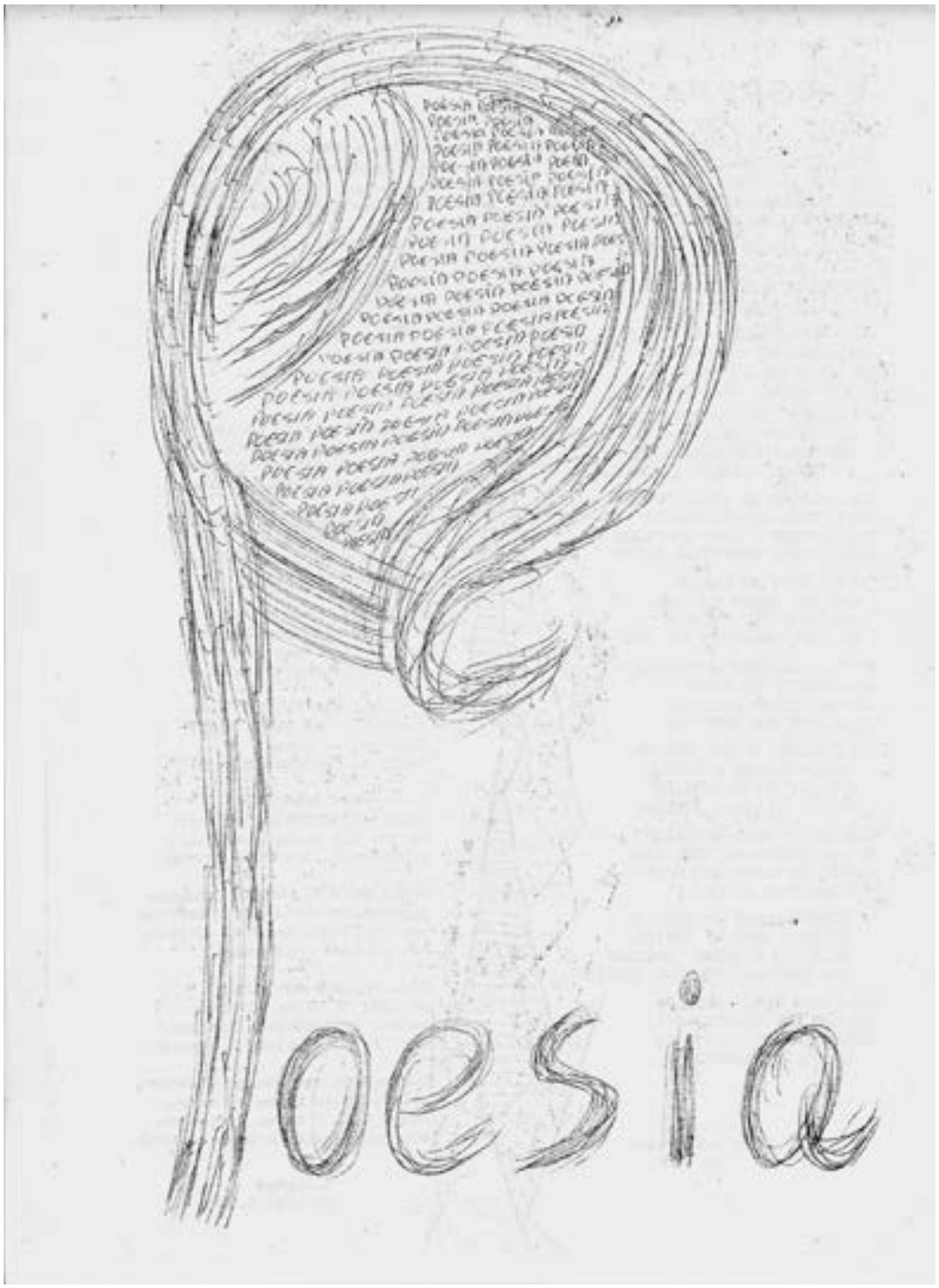
Dá a mão a este povo; colabora para que ele possa andar do pé e não de rastos. Pensa; verás que muito podes fazer.

Antes de mais descobrirás virtudes e valores escondidos sob a sua timidez perante tudo o que é europeu: uma crença em Deus, uma moral, isto é, uma maneira de viver segundo certas normas comuns, um culto.

Para que este povo caminhe para o progresso, para a dignidade, precisa das nossas máquinas, das escolas, do nosso dinheiro, mas tem de continuar a ser ele próprio, sem perder a sua maneira autenticamente africana de se exprimir nos diversos aspectos da sua cultura.

Vamos pois, todos, dar a mão a este povo; outro sentido não têm o verbo "portugalizar".

j.m.marçal
capelão


poesia

CHEGADA

CHEGUEI A ANGOLA TÃO TRISTE
POR DEIXAR TUDO O QUE AMO;
FIZ DO ULTRAMAR UMA COISA,
AFINAL FOI UM ENGANO.

PELOS SITIOS ONDE PASSEI,
SÓ VI MISERIA E DOR;
O MEU QUERIDO PORTUGAL,
O LINDO PAIS DE AMOR.

VI TANTOS, TANTOS PRETINHOS
DESCALÇOS, ROTOS, FAMINTOS.
POR OS PODER AJUDAR
O QUE ALEGRIA QUE SINTO!

NAQUELE DIA TÃO TRISTE,
QUANDO CHEGUEI A LUANDA;
VAMOS RAPAZES FORMAR,
E O NOSSO CAPITÃO QUE MANDA

FIZ PARAGEM EM SILVA PORTO
ONDE MUDEI DE TRANSPORTE
COM DESTINO A GAGO COUTINHO
ONDE ESPERO ENCONTRAR SORTE

PELO LUSO EU PASSEI
MAS ERA NOITE CERRADA
POR ISSO NÃO ADMIREI
OS SEUS ENCANTOS, NEM NADA

NO DIA SEGUINTE EMBARQUEI
NUMA COLUNA MILITAR;
NEM EU SEQUER PENSARIA
OS SALTOS QUE IRIA DAR

O CAMINHO EM MAU ESTADO;
DEPOIS COMEÇA A CHOVER;
ATÉ QUE ENFIM, CHEGUEI
DEPOIS DE TANTO SOFRER

CHEGAMOS A GAGO COUTINHO
NO DIA QUATRO, AO MEIO DIA;
DEPOIS DE TANTO ANDARMOS
ATÉ SENTIMOS ALEGRIA.

AO CHEGARMOS AO QUARTEL
TIVEMOS LOGO UM FERIDO,
POIS FOI O NOSSO SERINGAS
QUE DISPAROU, SEM TER QUERIDO

MAS AGORA TODOS ESTAMOS
FELIZES POR CÁ ESTARMOS,
ESPERANDO COM ANSIEDADE
O DIA DE ABALARMOS.

Luís A. Oliveira
1º cabo

MÃE

Mãe:
As saudades não punhais
que trespassam meu coração,
ó mãe, que ouves meus ais!
Estende-me a tua mão!

O minha mãe,
ó mundo meu,
não fora o teu amor
o que seria eu?

O minha mãe,
flor de alecrim,
tiraste de ti vida -
para a dares a mim.

Quantas horas de anseio,
quantas ilusões perdidas,
quantas lágrimas, ó quantas!
que por mim foram vertidas.

Quanta amargura passaste;
ó mãe do coração -
quantas ruas tu pisaste -
para granjear o pão!

Mãe santa e carinhosa,
fonte do mais puro amor,
és o cálice duma rosa
és um canteiro em flor.

Canteiro que florim
mostrando uma linda flor,
flor que se abriu
mercê do teu grande amor.

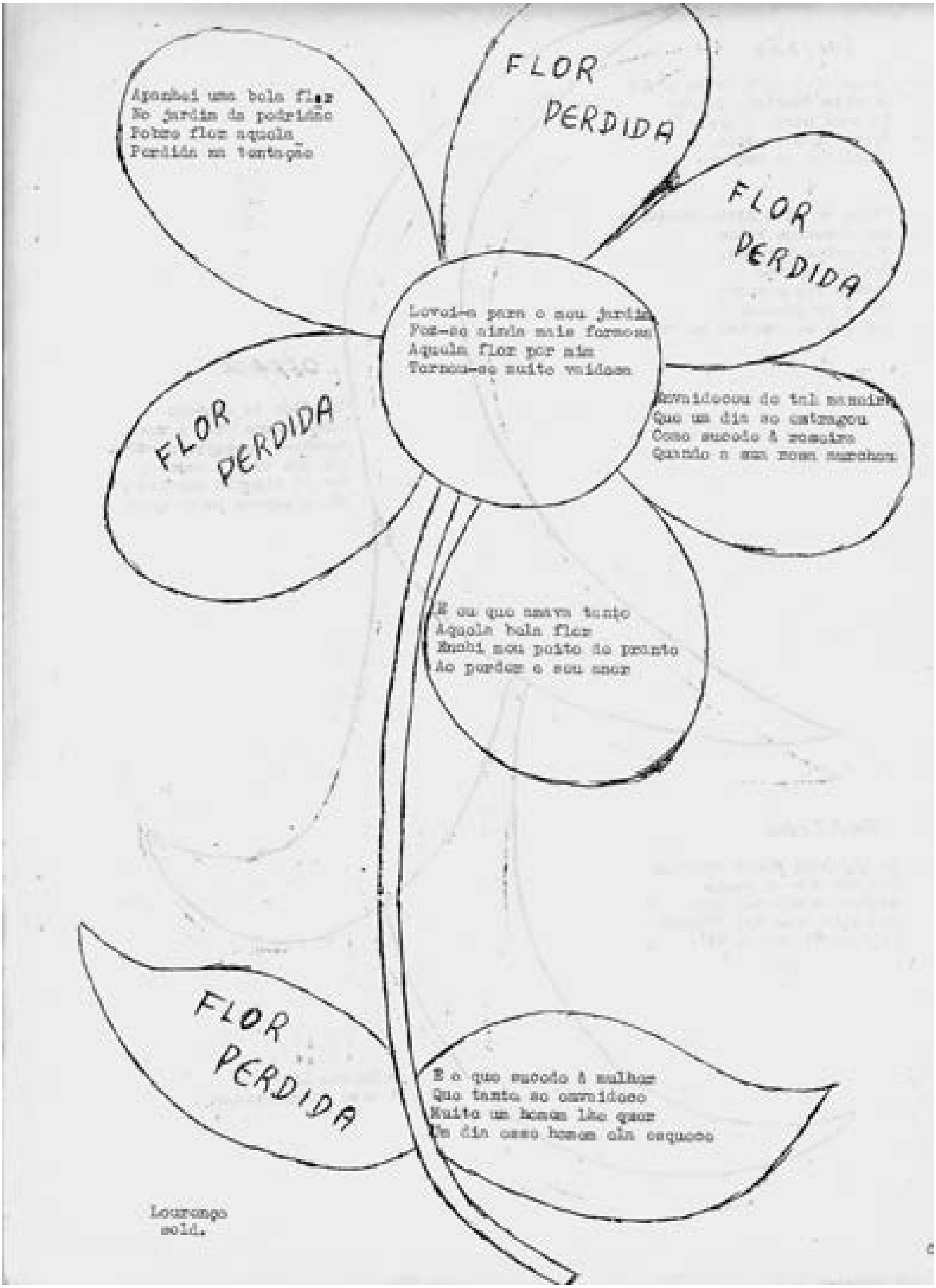
Teu amor é impagável,
suportou angústias e dores;
és uma mãe santa, adorável,
querida mãe dos meus amores.

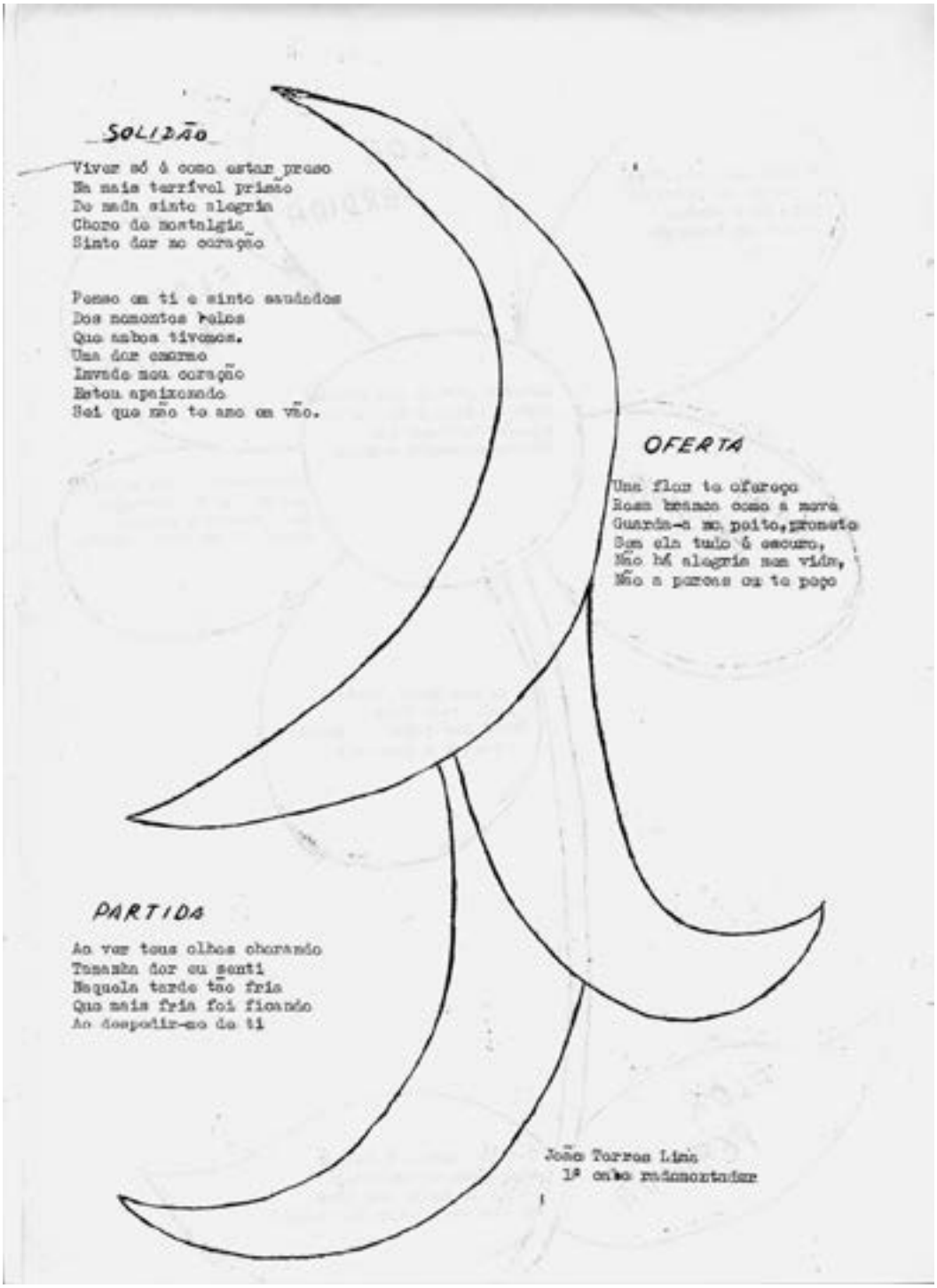
Rosas, cravos, amores perfeitos,
jasmins, cravinas das alvoradas,
são os filhos dos teus peitos,
são as tuas madrugadas.

Como recorda com ardor
os dias da minha alvorada
quando era embalado com amor
nos braços de minha mãe amada.

Mãe, sol da vida, berço d'aurora,
sol vivo, que nunca se apaga,
berço onde a nossa vida mora,
sol que ilumina a nossa estrada.

M. Santos
1º cabo S.T.M.


Apanhei uma bela flor
No jardim da podridão
Pobre flor aquela
Perdida na tentação
FLOR PERDIDA
FLOR PERDIDA
Levei-a para o meu jardim
Fez-se ainda mais formosa
Aquela flor por mim
Tornou-se muito vaidosa
FLOR PERDIDA
Envaideceu de tal maneira
Que um dia se estragou
Como sucede à roseira
Quando a sua rosa murchou
E eu que amava tanto
Aquela bela flor
Enchi meu peito de pranto
Ao perder o seu amor
FLOR PERDIDA
E o que sucede à mulher
Que tanto se envaidece
Muito um homem lhe quer
Um dia esse homem a esquece
Lourenço
sold.



SOLIDÃO

Viver só é como estar preso
Na mais terrível prisão
Do nada sinto alegria
Choro de nostalgia
Sinto dor no coração

Penso em ti e sinto saudades
Dos momentos belos
Que sabos tivemos.
Uma dor enorme
Invade meu coração
Estou apaixonado
Sei que não te amo em vão.

OFERTA

Uma flor te ofereço
Rosa branca como a neve
Guarda-a no peito, prometo
Sem ela tudo é escuro,
Não há alegria nem vida,
Não a percas ou te peço

PARTIDA

Ao ver teus olhos chorando
Tamanha dor eu senti
Naquela tarde tão fria
Que mais fria foi ficando
Ao despedir-me de ti

João Torres Lima
1º cabo radiomontador

Terras da Nossa Terra

Ao iniciar esta série de artigos, subordinados ao tema "Terras da nossa Terra" é justo que o façamos pela nossa capital. Eis pois alguns apontamentos sobre a velhinha cidade de Lisboa.

Foi nos primeiros tempos da nossa Era que Ulisses, o Conquistador de Tróia, ao regressar dessa célebre guerra, encontrou na porta ocidental da Península Ibérica um acolhedor porto que entendeu poder servir para refúgio dos seus navios das tempestades dos oceanos.

Foi assim que fundou uma pequena povoação na margem Norte do Tagus, a que deu o nome de Ulissipo a partir do seu próprio nome.

Com o crescimento dessa povoação viria a operar-se a pouco a pouco, a mutação do seu nome até atingir a actual designação de Lisboa.

Entretanto, durante séculos, foi Lisboa ocupada por vários póvos até se tornar fortaleza mourisca.

Mas já então tomava vulto a velha alma lusitana, e a ânsia de alargar o território levou os portugueses a ambicionar a velha praça-forte. [illegible] e dada a grande força dos mouros, só a heroicidade dos portugueses e a valentia do seu rei, D. Afonso Henriques, permitiram levar a cabo tão audaciosa empresa.

Passou-se isto em 1143.

A partir daí Lisboa tornou-se a capital da jóvem nação portuguesa. Foi conhecendo períodos de grande fulgor que viriam a culminar, no século XV, com a façanha das descobertas. Era do seu porto que partiam as naus portuguesas e para ele convergiam todas as riquezas que nos chegavam do Oriente.

Lisboa era, nesse tempo, a capital de um dos maiores Impérios do Mundo e o seu poder embreava com a faustosa Veneza.

Em breve, porém, tanta riqueza e esplendor despertaram a cobiça alhuia e os portugueses, cansados pelo esforço realizado durante séculos, começaram a cedar.

O Império entrou então em decadência que atingiu o seu ponto mais baixo com a anexação de Portugal pela Espanha e a perda de vastas possessões ultramarinas.

Lisboa foi evidentemente afectada pelo insucesso e, onde décadas atrás houvera luxo e riqueza, passou a existir fome e miséria.

Apesar de, anos depois, terminar o jugo espanhol, Portugal não deixou de passar por vicissitudes infelizes, quer como cenário de lutas políticas, quer como vítima de catástrofes, entre as quais avulta o terremoto de 1755, que deixou meia cidade arrasada.

Porém, o espírito indomável dos lisboetas e principalmente do Marquês de

Pombal permitiram o renascimento da grande cidade, agora maior ainda. E assim chegámos aos dias de hoje em que Lisboa voltou a usufruir de grande prestígio e importância entre as grandes capitais da Europa.

Hoje, Lisboa, senhora de um rico património histórico que é só por si a imagem viva da vida portuguesa, nada fica a dever a outras cidades, e tem atrás de si um passado glorioso de dor e sofrimento mas também de heroísmo e altivez, que sempre foram apanágio dos portugueses e nomeadamente dos lisboetas.

Júlio
1º cabo

LISBOA DE HOJE

ALGARVE

No Algarve a novo sai
Amendoeiras em flôr
E o Algarve a sorrir
Cheio de encanto e amor

De longe te vêm ver
E curvam-se à tua pureza
Teus campos estão floridos
Tudo dons da Natureza

Algarve, ó meu Algarve
Terra de encanto e amor
Todos aqueles que te habitam
Te engrandecem com seu amor

Raúl - 1º cabo
cripto

REFLEXÕES DO TEMPO PRESENTE

Apesar de todas as contrariedades desta vida tão difícil, viver vale sempre a pena.

Viver é das tarefas mais difíceis para o homem. Valerá a pena viver neste mundo onde, porque assim também o queremos, tudo é defeituoso? Quiçá. Longe do belo (e do bom) lado estético das coisas e os pi-[illegible], das esplanadas, dos cabelos compridos e das ideias muitas vezes curtas. Eu vivo, efectivamente eu vivo. Não ligando a isto ou aquilo, tendo, como soe dizer-se, de levar tão pesada cruz ao calvário. E como ela é pesada! Sangue, suor e lágrimas!...

Eu e tantos militares, rapazes de vinte anos, que às fileiras foram chamados, vieram da cidade e do campo, trabalhadores e estudantes, mas todos de vinte anos – pobres e ricos – entram num mundo onde as indisciplinas e irreverências são abolidas. E foi então que nesses "vinte anos irrequietos" eu conheci vários tipos. O alegre, o triste, o cómico, o trágico, o amorfo, o desconcentrado, o despreocupado, o covarde, o nervoso, o tímido, o inconstante, o ambicioso, o inconformista, o herói, o "deixa andar desde que..."

Arrisco em dizer que nunca conheci tão bem os homens, como agora. Homens que se identificaram com a própria guerra, homens para quem homens para quem o preconceito não existia – leais, disciplinados, fiéis aos seus princípios. Homens cuja posição social foi igualada no momento da verdade pela farda. Homens, sobretudo homens. De arma na mão, percorrendo diariamente picadas sob um sol escaldante, carregados com rações e outros apetrechos. Quanto é grande o seu espírito! O soldado português! sublime! Suportando frio, chuva, calor, metralha, cansaço, ódios e raivas, sempre sorridente e confiante – sem um queixume – sem um gesto de desalento.

Esses heróis não sobem ao tablado dos heróis; não têm medalhas no peito. Sim, verdadeira medalha é o arrojo no seu peito selvagem.

Que nos importa se hoje é sábado ou domingo?! A marcha das horas é inexorável. Fantástica. Não poupa à sua passagem, fraquezas e sentimentalismos; não olha a isto ou aquilo – é interminável.

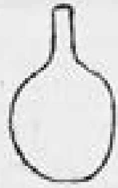
Orgulho-me dessa camada de jovens valorosos para quem o passo e não [illegible] quero é sólido p[illegible].

Orgulho-me da sua força de vontade inquebrantável que, nas horas da verdade os impelia para a frente, sem tibiezas, sem gestos de cobardia.

Como é grande o contraste entre estes e outros jovens! Está-se de facto formando uma juventude diferente – a juventude [illegible] dos nossos dias. Rapazes agora, homens amanhã.

Orgul[illegible] deles, pois que, dia após dia, cobrindo-se de glória, cobrem Portugal de glórias.

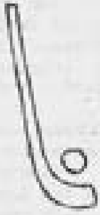
Abel F.
1º cabo – S.T.M.

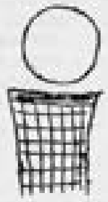


DESPORTO

-PRATICAR DESPORTO,
TEM SIDO O MELHOR
PASSATEMPO DOS NO
SOS FINS DE SEMANA

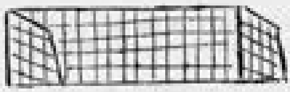
MERECE REFERENCIA ESPECIAL
O TORNEIO DE FUTEBOL NO QUAL
TOMARAM PARTE OITO EQUIPAS, AGRU-
PADAS EM DUAS SERIES. OS VENCEDO-
RES DE CADA SERIE DISPUTARÃO A FINAL
NO DIA DA CAVALARIA, 21 DE JULHO.





série "A" - classificação

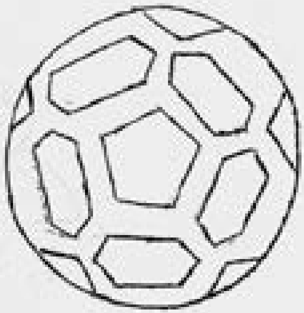
"Os Diferentes (F.A.D. 2285)	- 1º
"Os Dramáticos"(CART. 3514)	- 2º
" Os Titis" (Pel.MOR 3085)	- 3º
"Os Leonenses"(civis)	- 4º

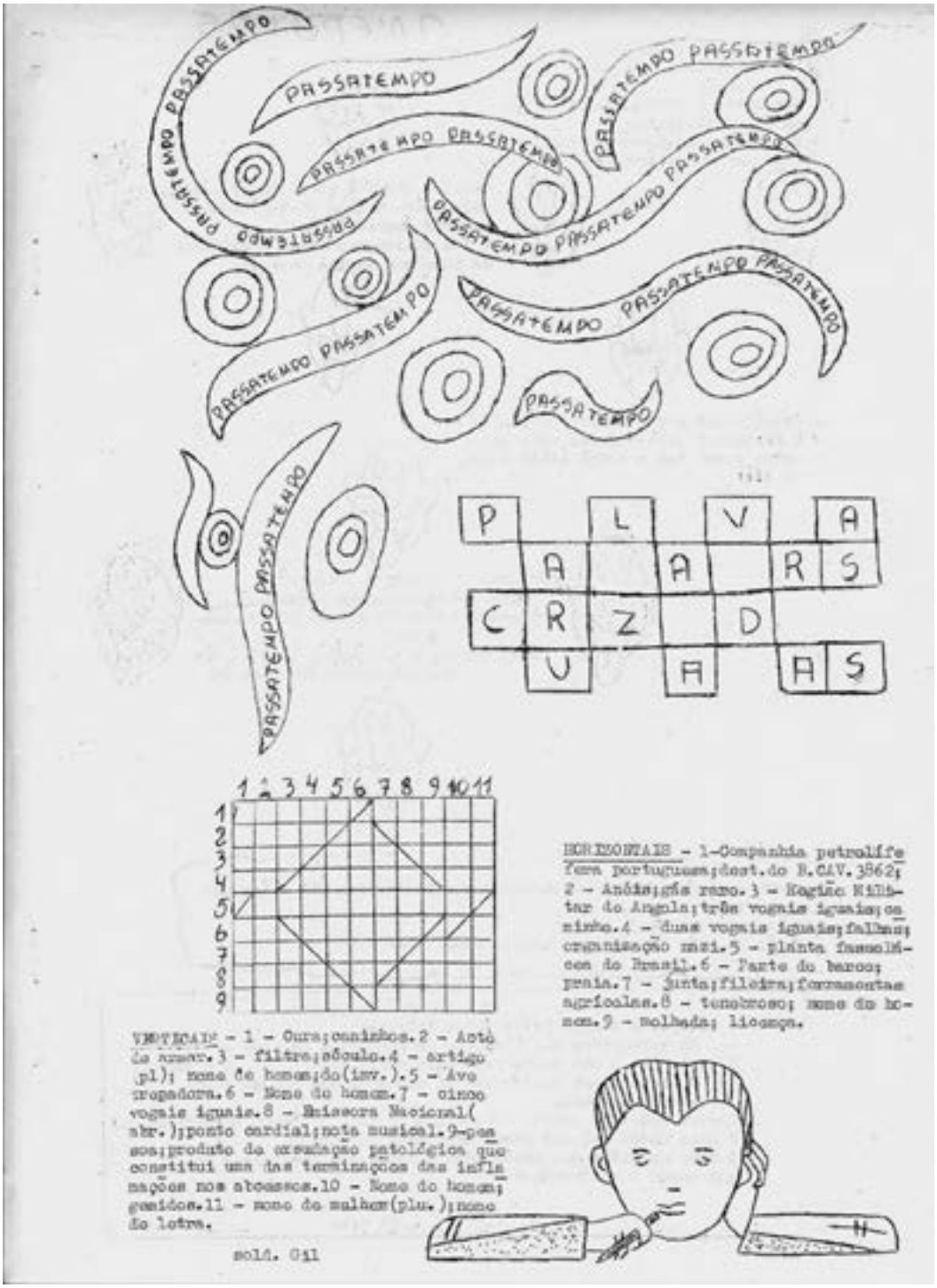


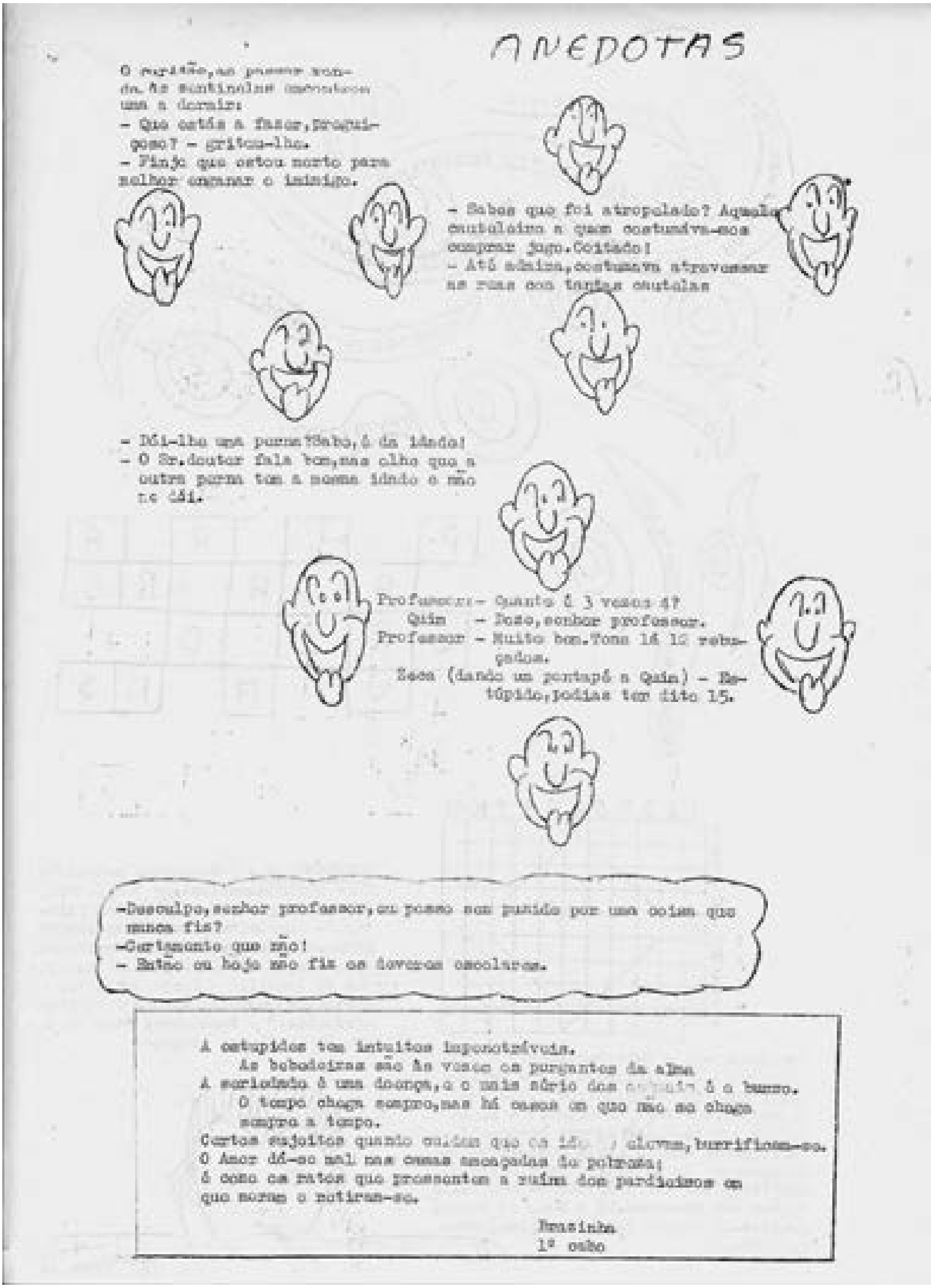
série "B" - classificação

"Os Panteras Negras"(CART. 3514)	- 1º
"Os Insaciáveis" (C.C.S.)	- 2º
"Os Acaiá micos"(C.C.S.)	- 3º
"Os Relâmpagos" (C.C.S.)	- 4º

Infelizmente o Sr. Santana da Rádio Globo do Brasil não pode estar presente por empenhos tomados anteriormente na Taça Independência. Várias vezes teria sido obrigado a gritar:
BANDEIRA-BANDEIRA
SAM-BA-PO...SAM-BA-PO...
ER-ROU...ER-ROU...
DRAMA na JOGADA::
...intervalando ...
O RELOGIO MARCA:::
com
Cinco minutos cravados
nesta etapa...




PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
PASSATEMPO PASSATEMPO
P L V A
A A R S
C R Z D
U A A S
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11
1 2 3 4 5 6 7 8 9
HORIZONTAIS - 1-Companhia petrolífera portuguesa;dest.do B.CAV.3862; 2 - Anéis;gás raro. 3 - Região Militar de Angola;três vogais iguais;caminho.4 - duas vogais iguais;falhas; organização nazi.5 - planta fasmolácea do Brasil.6 - Parte do barco; praia.7 - junta;fileira;ferramentas agrícolas.8 - tenebroso; nome de homem.9 - molhada; licença.
VERTICAIS - 1 - Cura;caminhos.2 - Acto de armar.3 - filtra;século.4 - artigo (pl); nome de homem;do(inv.).5 - Ave trepadora.6 - Nome de homem.7 - cinco vogais iguais.8 - Emissora Nacional(abr.);ponto cardial;nota musical.9-pessoa;produto de exsudação patológica que constitui uma das terminações das inflamações nos abcessos.10 - Nome de homem; gemidos.11 - nome de mulher(plu.);nome de letra.
sold. Gil



ANEDOTAS

O capitão, ao passar ronda às sentinelas encontrou uma a dormir:
- Que estás a fazer, preguiçoso? - gritou-lhe.
- Finjo que estou morto para melhor enganar o inimigo.

- Sabes que foi atropelado? Aquele cauteleiro a quem costumava-mos comprar jogo. Coitado!
- Até admira, costumava atravessar as ruas com tantas cautelas

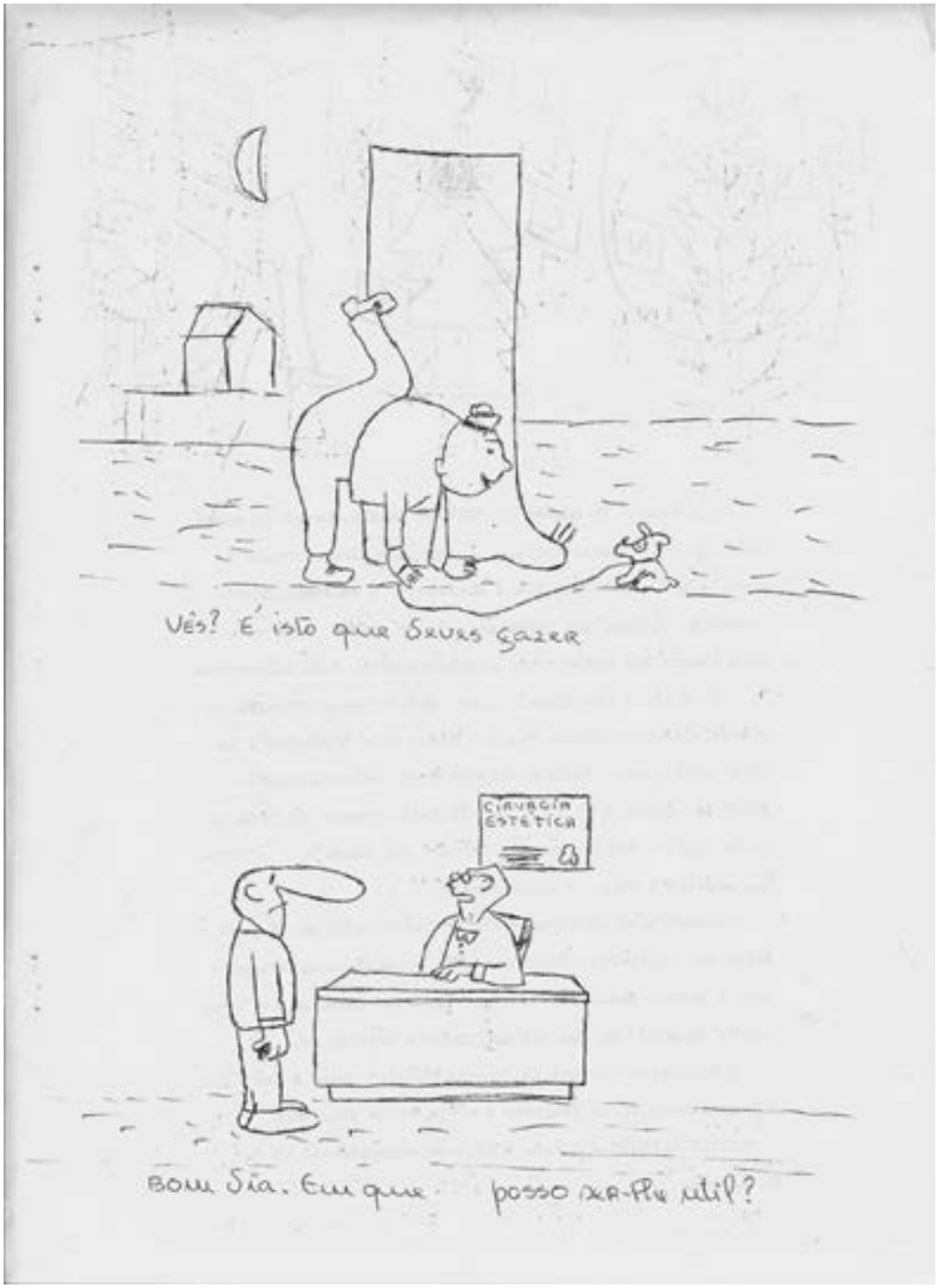
- Dói-lhe uma perna? Sabe, é da idade!
- O Sr. doutor fala bem, mas olhe que a outra perna tem a mesma idade e não me dói.

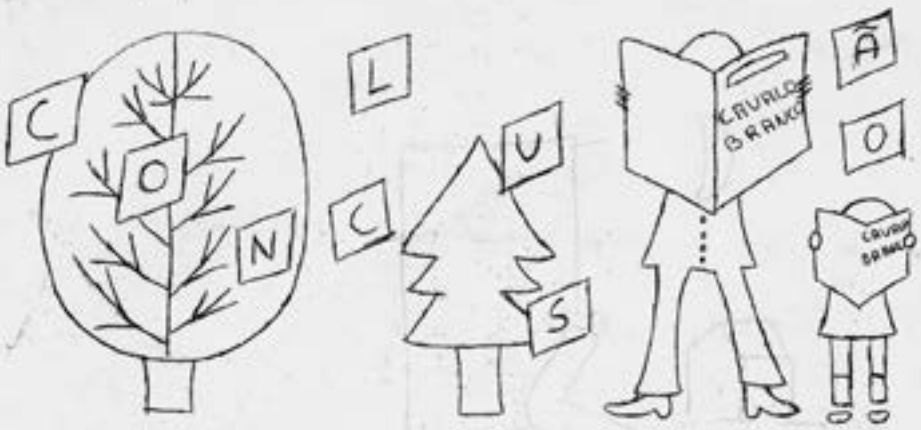
Professor - Quanto é 3 vezes 4?
Quim - Doze, senhor professor.
Professor - Muito bem. Toma lá 12 rebuçados.
Zeca (dando um pontapé a Quim) - Estúpido, podias ter dito 15.

-Desculpe, senhor professor, eu posso ser punido por uma coisa que nunca fiz?
-Certamente que não!
- Então eu hoje não fiz os deveres escolares.

Os estúpidos têm intuitos impenetráveis.
As bebedeiras são às vezes os purgantes da alma
A seriedade é uma doença, e o mais sério dos animais é o burro.
O tempo chega sempre, mas há casos em que não se chega sempre a tempo.
Certos sujeitos quando cuidam que as ideias elevam, burrificam-se.
O Amor dá-se mal nas camas encançadas de pobreza;
é como os ratos que pressentem a ruína dos pardieiros em que moram e retiram-se.

Brasinha
1º cabo


Vês? É isto que deves fazer
CIRURGIA ESTÉTICA
Bom dia. Em que posso ser-lhe útil?

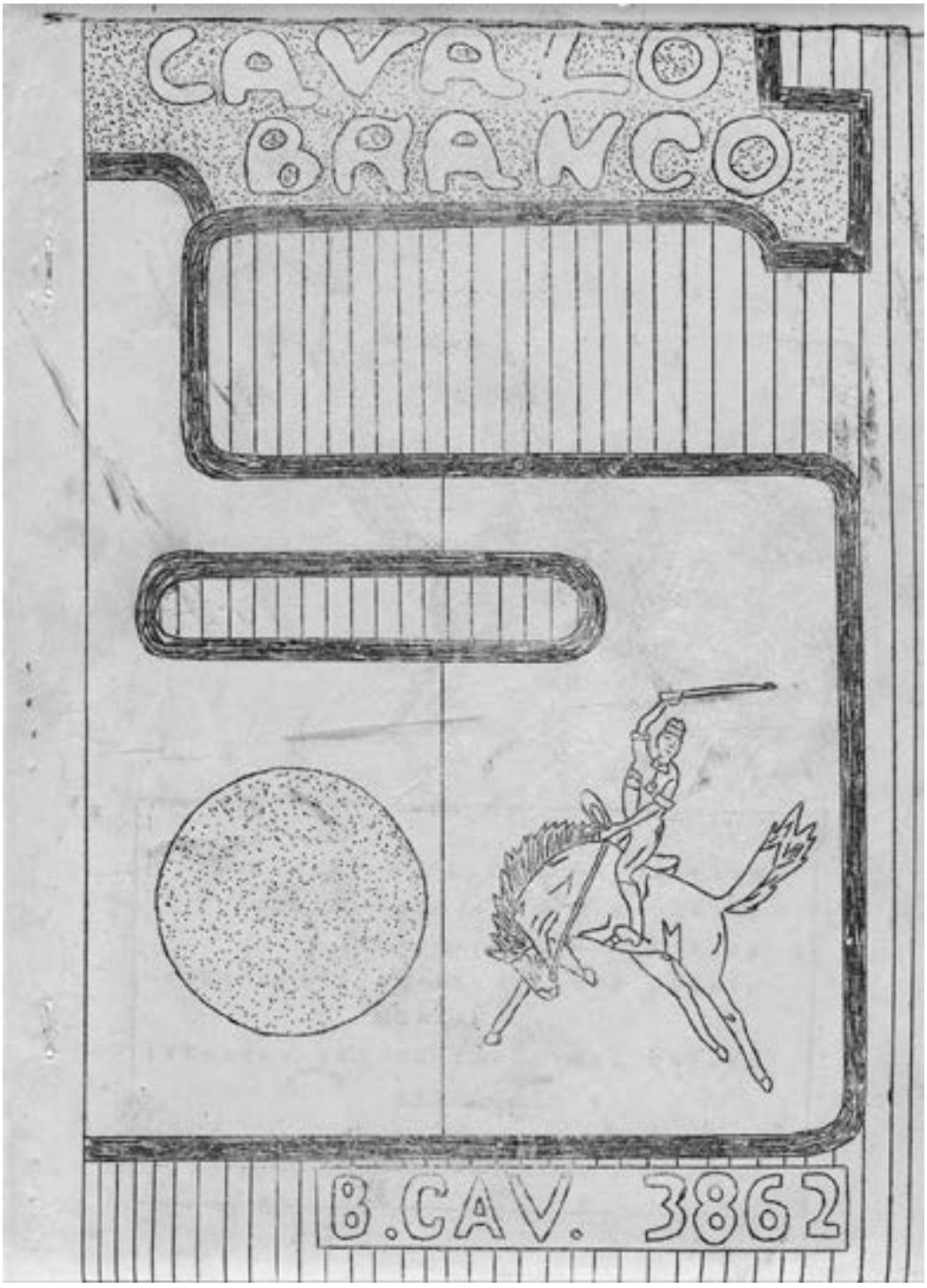


Aqui tens o 1º número do "CAVALO BRANCO, jornal do nosso Batalhão. Podia ser melhor, podia ser pior, dirás. Formula à vontade um juízo sobre ele e comunica-o à redacção. Encontrarás um diálogo que daria ao CAVALO BRANCO mais vida e comunicação. Com muito gosto publicaremos as tuas impressões.

Na nota de abertura, o nosso Ex.mo Comandante, além de outras coisas, escreveu: "...que todos mais colaborem". Se assim acontecer, o "CAVALO BRANCO" será verdadeiramente a "voz" do B.CAV. 3862. Se fôr feito apenas por três ou quatro, poderá ter ou não ter "nível" mas nunca será o jornal que espelha a vida do nosso Batalhão.

Alguns meses de permanência no Leste angolano já permitem umas palavras acertadas sobre experiências, contactos com os grupos populacionais que repartem connosco as agruras da "guerra" em que nos encontramos empenhados.

Colabora. As páginas do "Cavalo Branco" estão à tua disposição. Vamos todos preparar o nº 2. Envia tudo para "CAVALO BRANCO" - S.P.M. 5586, possivelmente até 15 de Agosto.



Jornal n.º 2

CAVALO PRETO

QUANDO NÃO CUMPRES O TEU DEVER
QUANDO NÃO ANDAS BEM FARDADO
QUANDO NÃO ÉS CAMARADA
QUANDO NÃO COLABORAS COM OS TEUS
SUPERIORES
QUANDO TE VINGAS DO TEU CAMARADA

PERTENCES

AO BATALHÃO DO "CAVALO PRETO"

C A V A L O B R A N C O

Orgão informativo do
B.CAV. 3862

Nº 2 - Novembro 1972

COLABORARAM:

- Cap.Augusto
- Alf.Andrade Guerra
- Alf. Paredes

-1º cabo Bento
- " " Abel Fernando
- " " Rosalino
- " " José Romão
- " " Saraiva
- " " Conceição
- " " Almeida
-soldº Mesquita
- " " José Soares
- "" " Gil

"C A V A L O B R A N C O" chega com-sideràvelmente atrasado.Motivos? - Tantos.Compreensíveis uns, outros...

Os trabalhos publicados são fruto da colaboração expontânea de alguns rapazes do B.CAV. 3862 e do STM, exceptuando um artigo extraído do jornal "MOVIMENTO".

Temas africanos, cinema, dia da Cavalaria, poesia, Eça de Queiroz, Alentejo, Desporto e a finalizar uma série de variedades que, esperamos, não sejam aborrecidas de mais.

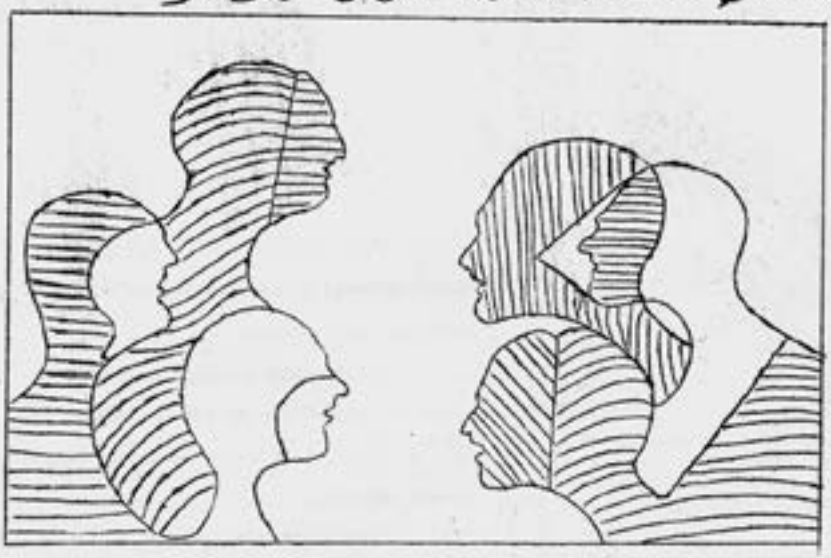
O Abel Fernando do STM escreveu ao "Cavalo Branco":

- O jornal agradou-me bastante, a disposição dos artigos está óptima, sòmente sobre o ponto de vista ilustrativo eu creio estar fraco. Aliás, não posso olvidar as precárias condições em que trabalham, assim como também a carência de colaboradores - esses nascemos cansados...

Agradecemos ao Fernando por ter iniciado o diálogo com "CAVALO BRANCO". Ele louva, critica e, o que é mais importante, colabora. É fácil encontrar-se à esquina.

Lembra-te: a tua colaboração é necessária. Pensamos à espera. Manda os teus trabalhos até fins de Novembro.

DESCOLONIZAÇÃO



Foi depois da Segunda Guerra Mundial. O Globo, definitivamente dividido em dois blocos políticos quase estanques, lançou olhares cobiçosos ao continente até então desprezado. A África, compreenderam-no nessa altura, era sinónimo de futuro quase sem passado.

Como abordar este novo polo de atenções? Como seduzi-lo? - Políticos e sociólogos iniciaram o estudo das opções mais cativantes. Finalmente surgiu o " cliché " - Descolonização.

Em nome da Liberdade, os que jamais haviam feito algo em proveito dos Africanos, propunham-se desacreditar a obra - naturalmente defeituosa - de quem integrara na Humanidade o gigantesco território.

Progressistas ou falsos libertadores, não dispunham já de espaço cronológico ou motivação para construir o que quer que fosse. Restavam-lhes a possibilidade de adular a ingenuidade dos autóctones, mais ligados a tradições que a conceitos de Nacionalidade.

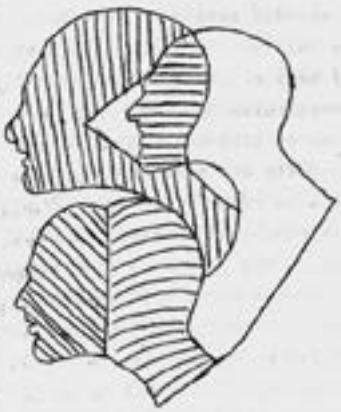
Escolhendo hábilmente os dirigentes dos novos países - afectados ora ao Ocidente ora ao núcleo Soviéti-

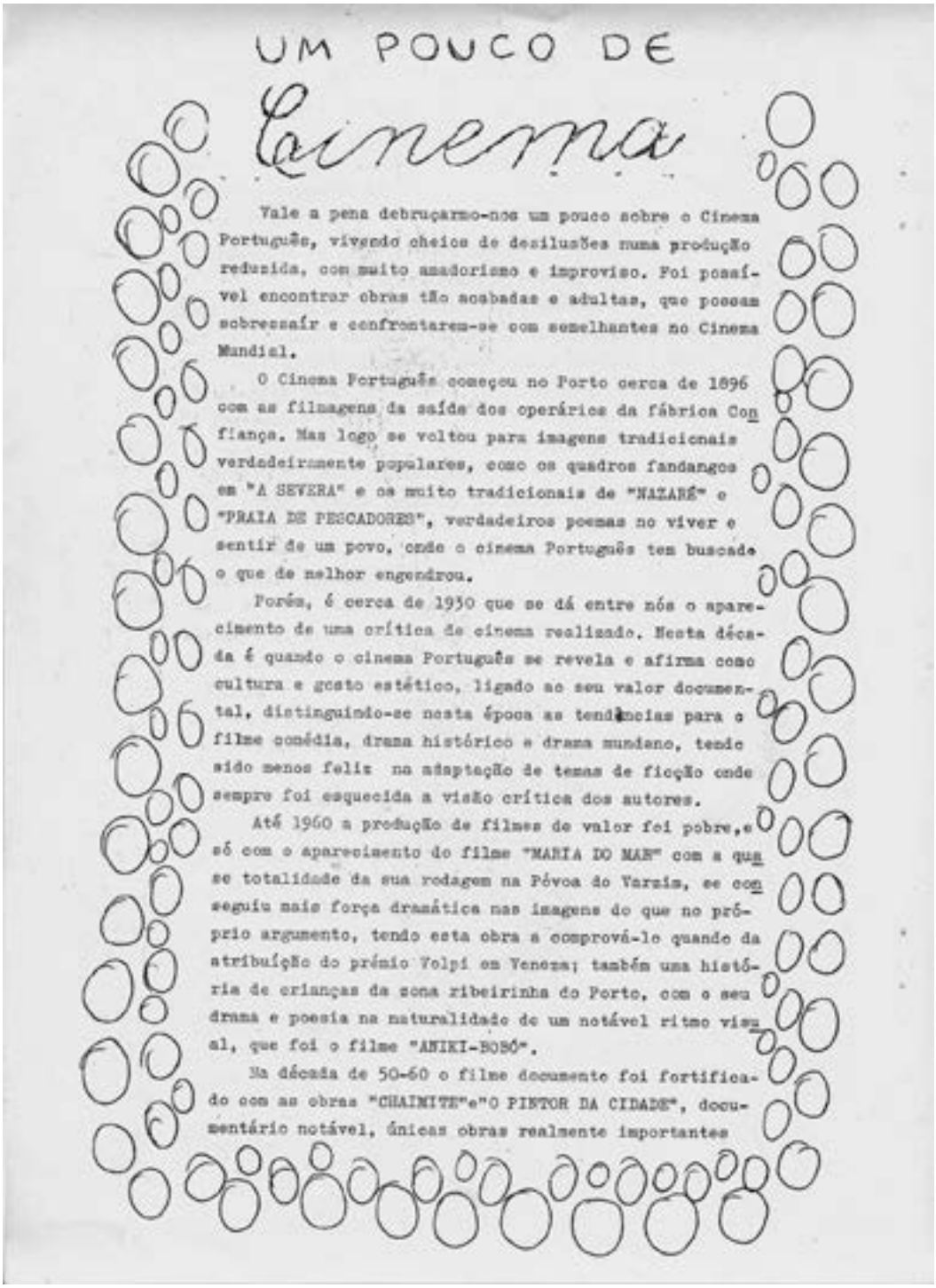
co, começaram a chover as promessas só realizáveis depois da almejada independência.

O resultado não tardou: o ódio tribal pôde finalmente expandir-se e assumir trágicas proporções. Também o racismo negro esteve presente a completar o lamentável cenário. Basta recordar o Congo Belga e suas sangrentas festividades de autonomia " fresquinha ".

A lição não serviu aos " alunos " nem mesmo a certos " professores " semi-desiludidos. O mito da Descolonização continua a cobrar elevado preço aos seus utentes.

Andrade Guerra
Alf.Mil.º.





UM POUCO DE

Cinema

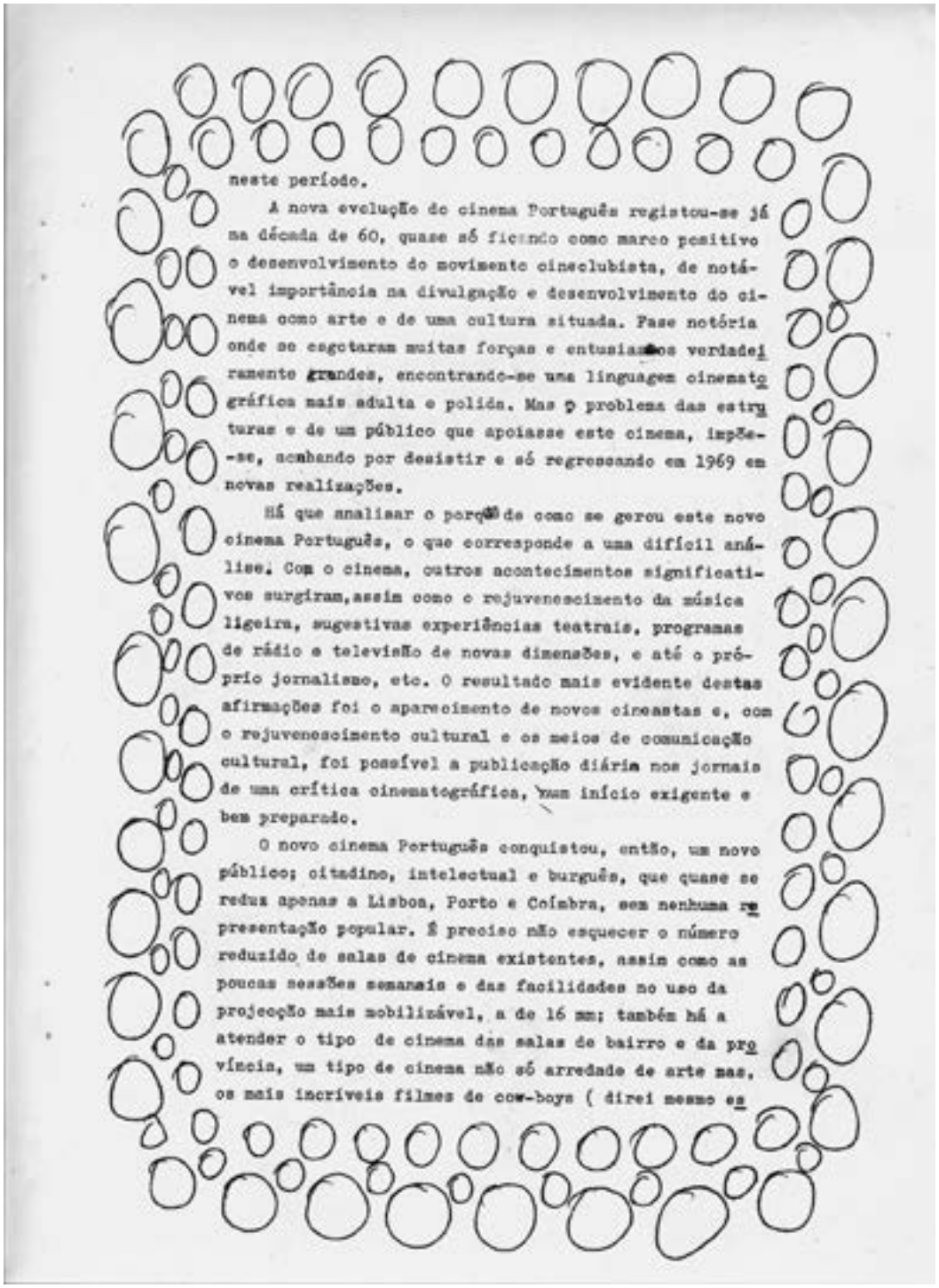
Vale a pena debruçarmo-nos um pouco sobre o Cinema Português, vivendo cheios de desilusões numa produção reduzida, com muito amadorismo e improviso. Foi possível encontrar obras tão acabadas e adultas, que possam sobressair e confrontarem-se com semelhantes no Cinema Mundial.

O Cinema Português começou no Porto cerca de 1896 com as filmagens da saída dos operários da fábrica Confiança. Mas logo se voltou para imagens tradicionais verdadeiramente populares, como os quadros fandangos em "A SEVERA" e os muito tradicionais de "NAZARÉ" e "PRAIA DE PESCADORES", verdadeiros poemas no viver e sentir de um povo, onde o cinema Português tem buscado o que de melhor engendrou.

Porém, é cerca de 1930 que se dá entre nós o aparecimento de uma crítica de cinema realizado. Nesta década é quando o cinema Português se revela e afirma como cultura e gosto estético, ligado ao seu valor documental, distinguindo-se nesta época as tendências para o filme comédia, drama histórico e drama mundano, tendo sido menos feliz na adaptação de temas de ficção onde sempre foi esquecida a visão crítica dos autores.

Até 1960 a produção de filmes de valor foi pobre, e só com o aparecimento do filme "MARIA DO MAR" com a qua se totalidade da sua rodagem na Póvoa do Varzim, se conseguiu mais força dramática nas imagens do que no próprio argumento, tendo esta obra a comprová-lo quando da atribuição do prémio Volpi em Veneza; também uma história de crianças da zona ribeirinha do Porto, com o seu drama e poesia na naturalidade de um notável ritmo visual, que foi o filme "ANIKI-BOBÓ".

Na década de 50-60 o filme documento foi fortificado com as obras "CHAIMITE"e"O PINTOR DA CIDADE", documentário notável, únicas obras realmente importantes



neste período.

A nova evolução do cinema Português registou-se já na década de 60, quase só ficando como marco positivo o desenvolvimento do movimento cineclubista, de notável importância na divulgação e desenvolvimento do cinema como arte e de uma cultura situada. Fase notória onde se esgotaram muitas forças e entusiasmos verdadeiramente grandes, encontrando-se uma linguagem cinematográfica mais adulta e polida. Mas o problema das estruturas e de um público que apoiasse este cinema, impõe-se, acabando por desistir e só regressando em 1969 em novas realizações.

Há que analisar o porquê de como se gerou este novo cinema Português, o que corresponde a uma difícil análise. Com o cinema, outros acontecimentos significativos surgiram, assim como o rejuvenescimento da música ligeira, sugestivas experiências teatrais, programas de rádio e televisão de novas dimensões, e até o próprio jornalismo, etc. O resultado mais evidente destas afirmações foi o aparecimento de novos circuitos e, com o rejuvenescimento cultural e os meios de comunicação cultural, foi possível a publicação diária nos jornais de uma crítica cinematográfica, num início exigente e bem preparado.

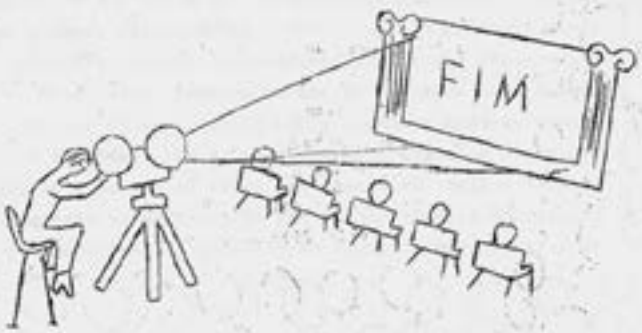
O novo cinema Português conquistou, então, um novo público; citadino, intelectual e burguês, que quase se reduz apenas a Lisboa, Porto e Coimbra, sem nenhuma representação popular. É preciso não esquecer o número reduzido de salas de cinema existentes, assim como as poucas sessões semanais e das facilidades no uso da projecção mais mobilizável, a de 16 mm; também há a atender o tipo de cinema das salas de bairro e da província, um tipo de cinema não só arredado de arte mas, os mais incríveis filmes de cow-boys (direi mesmo es

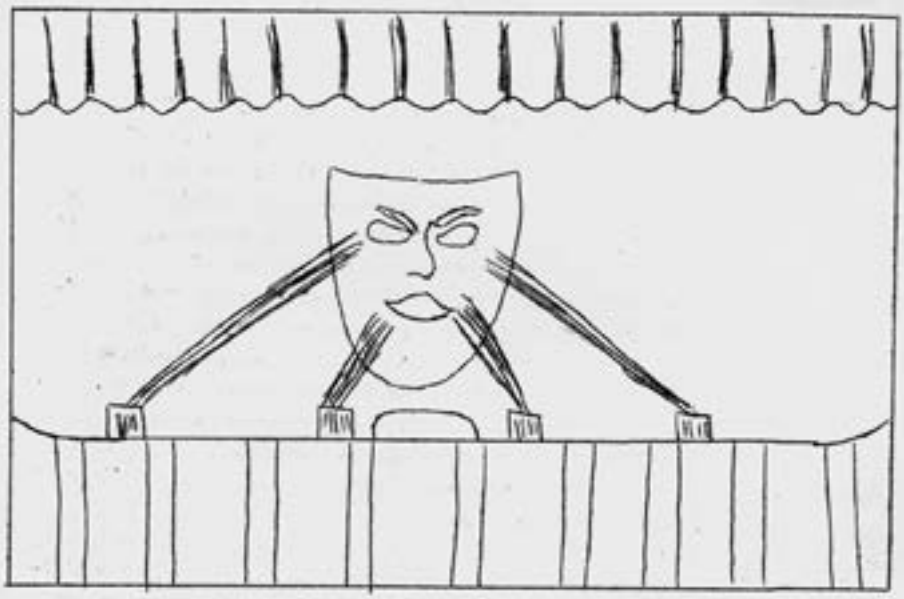
túpid-s) e comédias Italianas, trazendo apenas vanta
gem para os contratos de vários filmes do género para
as diversas salas, para uma possível exibição de um
ou outro filme de melhor qualidade.

Sucede, pois, que nunca o nosso cinema esteve tão
afastado da esmagadora maioria da população, chegando
nós,assim, à conclusão de João Bérnard da Costa, quan
do do 3º Colóquio de Artes em 1971:

" NÃO PARECE POSSÍVEL CONCLUÍR MAIS NADA, SENÃO
QUE TODA A CONCLUSÃO É, POR ENQUANTO, DUVIDOSA E QUE
AS ESPERANÇAS (LEGÍTIMAS) NÃO DEVEM OCULTAR EM MARÉ
DE ENTUSIASMO, O MUITO QUE ESTÁ AÍNDA POR FAZER".

Alfacinha Nabeiro
Pur.Milº.





- FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO NO B.CAV. 3862 -

Dia 21 de Julho, marco na História da Cavalaria e, nÃo sendo excepção, o B.CAV 3862 celebrou-o da melhor forma, que, neste pequeno mundo onde vivemos, foi acontecimento.

Rodeou-se da maior expectativa, pois celebrou-se com a maior alegria.

Houve os habituais festejos das comemorações de datas desta envergadura e significado.

Porém foi cerca das 21 horas (tÃo desejadas por todos nós) que houve espectáculo de variedades; sem menosprezo para as outras actividades e diversões que durante o dia já tinham decorrido, este foi o grande momento naquele maravilhoso dia.

Foi ponto de encontro para os nossos Exmos. Comandantes, Oficiais, Sargentos e Praças e aínda de autoridades civis desta serena vila. Mas, falando próprimente no teatro que ocupou toda a primeira parte do espectáculo, em primeiro lugar teremos de ver este assunto sob os aspectos de amadorismo e improviso que levaram o nosso pequeno grupo a actuar. Embora a minha opiniÃo possa ser suspeita, já que eu também fazia parte do grupo cénico

onde a palavra camaradagem não era palavra vã, de qualquer forma aqui quero deixar as minhas impressões.

Todos nós sentimos fortemente um nervosismo inicial, pois, ter de representar para um auditório de todas as camadas sociais, sem dúvida que custa um bocado, além de que é difícil apercebermo-nos da reacção do mesmo.

Mas a nossa boa vontade, com a colaboração do público, superou tudo, e, minuto após minuto, cena após cena, a confiança e a b/vontade entraram em nós. Então apercebemo-nos de que tínhamos o público connosco. Terminou o 1º acto, palmas, muitas palmas, sensação de alegria e satisfação que encontrámos nos assistentes e estes em nós, e então, no 2º e 3º actos (este o último), veio a confirmação.

No final, todos nós agradecemos mais uma vez as calorosas palmas que o público nos dispensara, e, verificámos que não foram vãs as horas empregues em preparar e realizar o nosso espetáculo.

- Foram intérpretes os seguintes camaradas -

1º Cabo Carvalhido
1º Cabo Saraiva
1º Cabo Gomes
1º Cabo Rocha
Sold. Mesquita
Sold. Correia

A segunda parte, foi essencialmente preenchida por variedades, onde estiveram em cena, quase exclusivamente, rapazes do Batalhão, que, longe de intenções despretenciosas, apenas procuraram distraír quem tinha acorrido à sala onde se desenrolava o nosso espetáculo.

E conseguiu-se, durante cerca de duas horas, distraír a assistência, trazendo música alegre e divertida, de modo a que todos se interessassem pela mesma.

Individualmente não há ninguém a salientar nesta segunda parte, mas já agora, gostaria de fazer uma pequena referência aos simpáticos garotos, que deram uma nova e pitoresca alegria, com os seus pauliteiros, numa festa de adultos; estas simpáticas crianças enquadraram-se maravi-

lhosamente bem no nosso espectáculo. O conjunto que acompanhou todas as variedades esteve óptimamente, atendendo aos condicionalismos da fraca aparelhagem que possuía, a acústica da sala e os reduzidos instrumentos.

No final, o público, todo ele em si, soube reconhecer e aplaudir a boa vontade que esses tiveram para lhes apresentar o que de melhor tinham.

Certamente eles se sentiram compensados de todo o esforço e trabalho que lhes roubou algumas horas de merecido descanso.

Para eles o nosso muito obrigado.

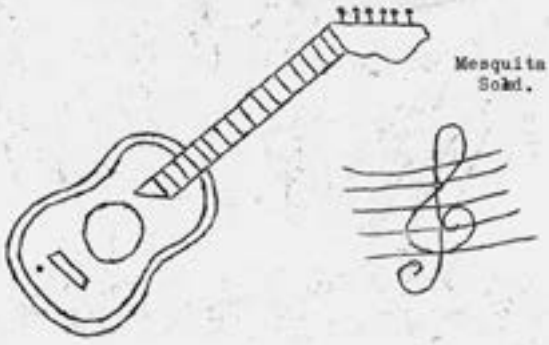
= COLABORARAM =

Sold. Júlio
Sold. Branco
Sold. Marinheiro
Sold. Lino
Sold. Silva
1º Cabo Fontes
1º Cabo Fonseca

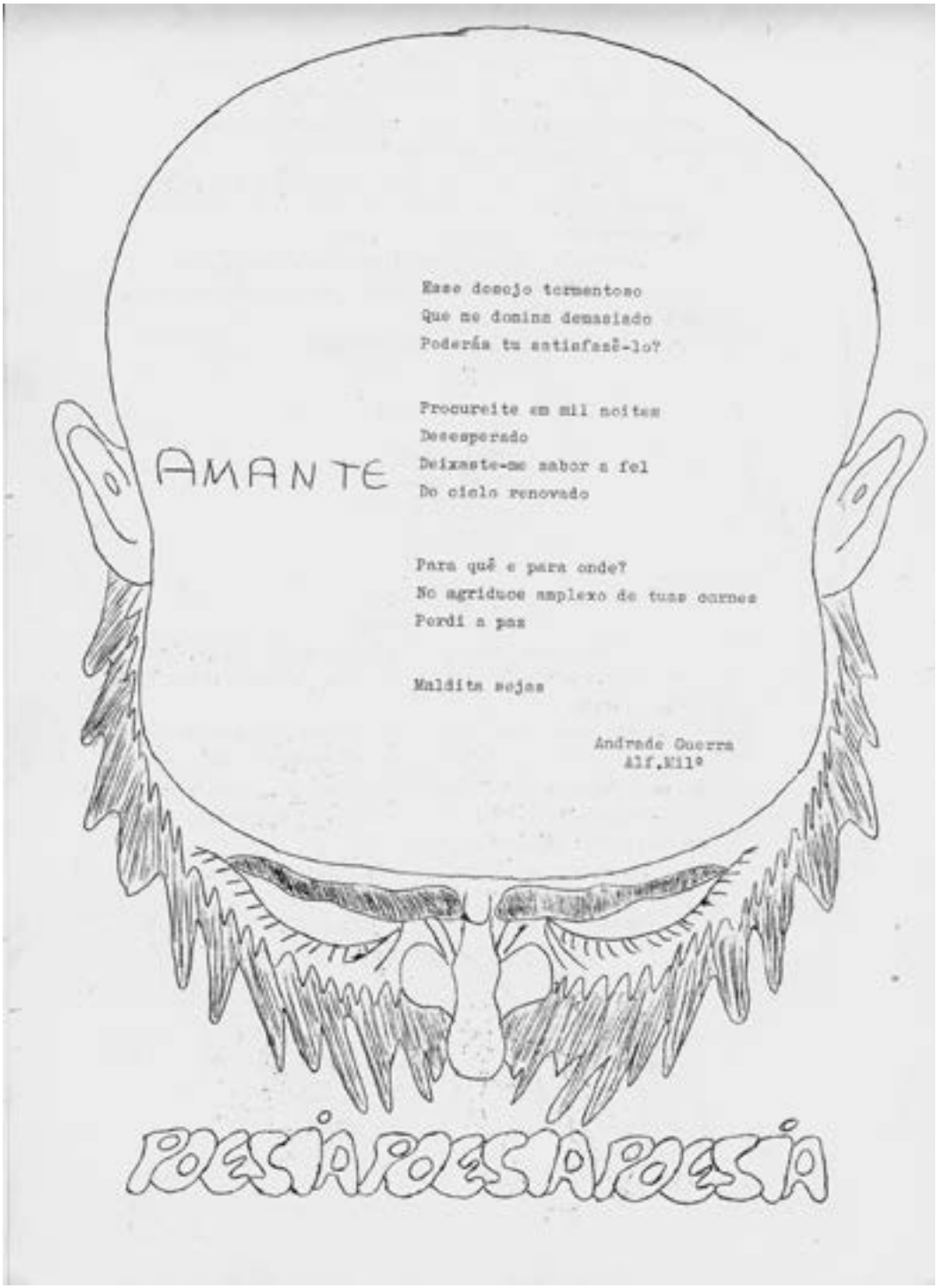
Colaboraram aíndo Jota e Alexandre do P.A.D. 2285 e um conjunto de elementos pertencentes às Forças Auxiliares.

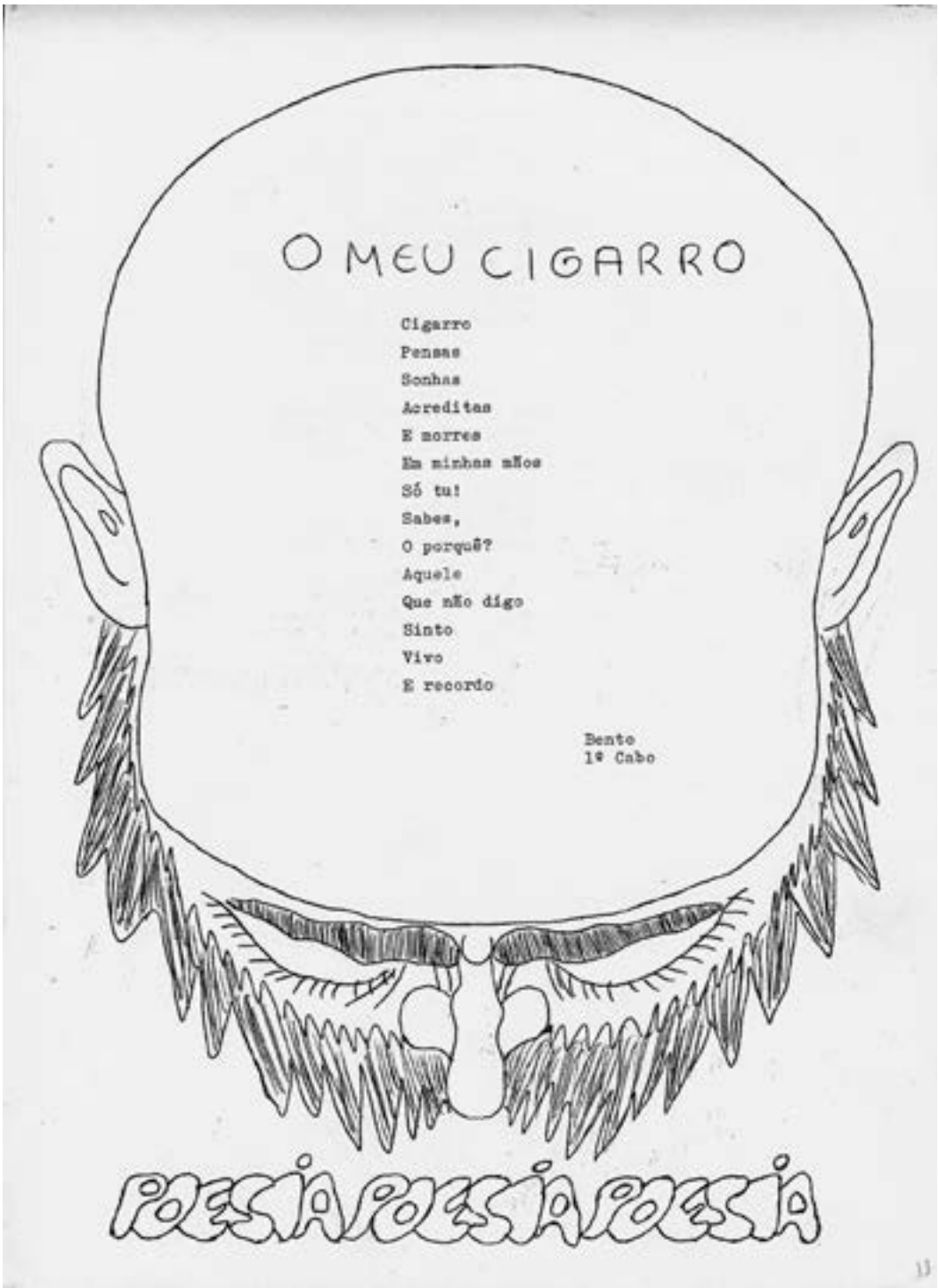
Não quero terminar sem uma referência especial ao Furriel Alfacinha que, como locutor, contribuíu em muito, para o brilho da nossa festa, pois com todo o seu à/vontade e fluência fácil de voz, ajudou imenso para que tudo decorre-se como nós desejávamos.

Para ele os nossos sinceros agradecimentos.

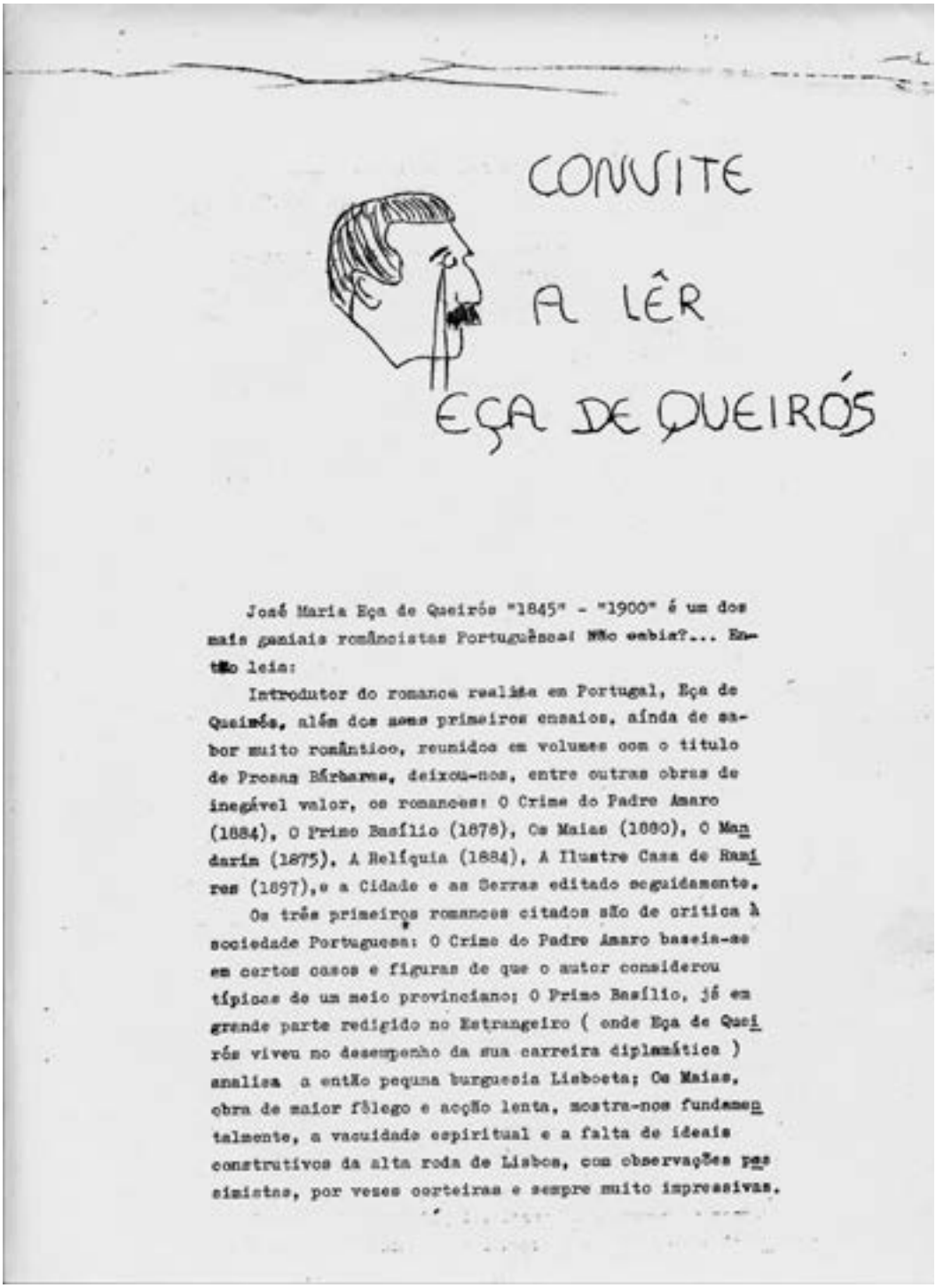


Mesquita
Sold.


AMANTE
Esse desejo tormentoso
Que me domina demasiado
Poderás tu satisfazê-lo?
Procureite em mil noites
Desesperado
Deixaste-me sabor a fel
Do ciclo renovado
Para quê e para onde?
No agridoce amplexo de tuas curnes
Perdi a paz
Maldita sejas
Andrade Guerra
Alf.Mil.º
POESIA POESIA POESIA


O MEU CIGARRO
Cigarro
Pensas
Sonhas
Acreditas
E morres
Em minhas mãos
Só tu!
Sabes,
O porquê?
Aquele
Que não digo
Sinto
Vivo
E recordo
Bento
1º Cabo
POESIA POESIA POESIA

DECORAÇÃO
Conheci-os tão bem!
Vi-os passar sorridentes,
Muito melhor que ninguém
Eu vi-os sujos...Mas valentes
De arma na mão
Nas costas a mochila,
No rosto a expressão
De quem nunca vacila
Vi-os: vi-os sorrir ao perigo
Desafiando tudo e todos sem covardias
Correr atrás do inimigo
Em manhãs quentes e noites frias
Através da mata densa
Ao longo da agreste picada
Nada, nada há que os vença
Os desencoraje - Nada
Vi-os sorrir à dor
E desafiar a natureza;
Quanto arrojo! Quanta coragem e valor!
Quanta raça, quanta firmeza!
São estes os rapazes do " Cavalo Branco "
Leais e disciplinados; Pois à espada-
Símbolo de tantos heróis-
E para vós este poema
Abel Fernando
1º Cabo
POESIA POESIA POESIA



CONVITE

A LÊR

EÇA DE QUEIRÓS

José Maria Eça de Queirós "1845" - "1900" é um dos mais geniais romancistas Portuguêses! Não sabia?... Então leia:

Introdutor do romance realista em Portugal, Eça de Queirós, além dos seus primeiros ensaios, ainda de sabor muito romântico, reunidos em volumes com o titulo de Prosas Bárbaras, deixou-nos, entre outras obras de inegável valor, os romances: O Crime do Padre Amaro (1884), O Primo Basílio (1878), Os Maias (1880), O Mandarim (1875), A Relíquia (1884), A Ilustre Casa de Ramires (1897),e a Cidade e as Serras editado seguidamente.

Os três primeiros romances citados são de critica à sociedade Portuguesa: O Crime do Padre Amaro baseia-se em certos casos e figuras de que o autor considerou típicos de um meio provinciano; O Primo Basílio, já em grande parte redigido no Estrangeiro (onde Eça de Queirós viveu no desempenho da sua carreira diplomática) analisa a então pequna burguesia Lisboeta; Os Maias, obra de maior fôlego e acção lenta, mostra-nos fundamentalmente, a vacuidade espiritual e a falta de ideais construtivos da alta roda de Lisboa, com observações pessimistas, por veses corteiras e sempre muito impressivas.

O Mandarim e a Relíquia, embora conservando o mesmo estilo mordaz, assinalam o despertar de uma tendência mo ralizante.

Por fim n'A Ilustre Casa de Ramires e n'A Cidade e as Serras, Eça de Queirós, saudoso da Pátria, enternece-se cada vez mais com a História Nacional e com o ruralismo provinciano:

No primeiro destes romances simboliza Portugal num fidalgo de heróicas tradições familiares que, depois de sofrer os maiores vexames, tem um inesperado rasgo de coragem bravia; e, no último, faz a apologia da vida rural, mostrando que a verdadeira felicidade só é possível com uma existência honesta e simples, em contacto com a natureza, vivendo-se a vida dos antepassados, longe dos artifícios da civilização.

Além destes romances, escreveu, também um livro de contos, em que se destacam: A Aia e o Suave Milagre; e outras pequenas obras, em que sobressaiem As Lendas de São Cristovão e de Santo Onofre, reunidas no volume Ultimas Páginas, editado postumamente.

Agora, os meus amigos e camaradas sabem já algo sobre o grande romancista que foi Eça de Queirós, e a quem muito devemos.

Com certeza alguns de vocês leram já algumas das obras deste romancista; mas porquê alguns e não todos? Já naquele tempo Eça de Queirós nos falava em artifícios, hoje também os há, mas os tempos mudaram, a ciência avançou, e, com isto, a sociedade tornou-se e tornar-se-há cada vez mais exigente, são precisos pois homens cada vez mais preparados, intruídos, com ideias firmes e claras, há que estar preparados para corresponder às exigências da mesma, e desta forma poderemos estar certos, de que também corresponderemos às nossas.

Eu sei, que se alguém na melhor das intenções faculta ao amigo que está com dor de dentes o seu comprimido, decerto não poderá ir atrás dele, para ver se o bebe ou não.

Nas lembrem-se: Que se nada aprenderem hoje, menos valerão amanhã.

Faço-me compreender?

José Soares
Sold.

ALENTEJO

Se gosto do Alentejo?

-Imenso, porque foi ele o meu berço. E orgulho-me de ter nascido nesta província banhado a norte pelo Tejo majestoso, onde há paz e vida, por uma charneca cujo encanto seduz a todos aqueles que se orgulham de ser Alentejanos.

Ao longe, nos montes, alveja a brancura das suas modestas casinhas de um tipo único, que mostram uma beleza sem igual a quem as contempla num lindo dia de verão! As searas, já maduras, ondulam ao vento, são outro encanto que ali se pode admirar. Além disto, temos os monumentos, tão imponentes, perdidos no meio da charneca que para eles sorri, a todo o momento, num gesto mudo.

No aspecto económico produz cortiça, a qual nos coloca à frente dos maiores produtores mundiais! Onde a encontrais em qualquer outro local do país em maior quantidade?

E por aqui ficamos com estas palavras de amizade e de justiça pela terra onde nascemos e à qual nos orgulhamos de pertencer.

-Bento 1º Cabo
Rosalino 1º Cabo

A B C D
Se
Doença

As doenças venéreas são definidas como as doenças transmitidas pelo contacto sexual.

Atendendo à sua importância social vamos tentar dar umas pequenas noções sobre a sífilis, blenorragia, cancro mole, granuloma venéreo (ou 4ª doença venérea) e linfogranuloma venéreo (ou doença de Nicolas Favre).

1) - Sífilis

É uma doença transmitida pelo treponema palidum.

Tem um período de incubação (ou seja o tempo decorrido entre as relações sexuais e o aparecimento da doença)

Evolui por quatro períodos, estádios ou fases.

1º Período Primário - sede genital, constitui-se umas bolhas indolores de fundo avermelhado com bordos endurecidos e que pode persistir até cerca de 70 dias.

2º Período Secundário - aparece umas roséolas sifilíticas - pode manter-se durante 4 ou 5 primeiros anos.

3º Per' do Terciário - é o período das gomas sifilíticas.

4º Período Quaternário - a sífilis atinge os nervos e os vasos dando demências, insuficiências sórticas sifilíticas, etc.

A doença pode evoluír de maneira diferente; pode evoluir logo para a terceira ou quarta fase.

O exame faz-se, além de diagnóstico clínico, por métodos laboratoriais entre eles, destacam-se:

Reacção Wasserman
Reacção Kahn
Reacção do V.D.R.L.
Teste de Nelson, etc.

2) - BLENORRAGIA

É transmitida pelo gonococo. Após um período que vai desde o contacto até quatro a seis dias, normalmente aparece um corrimento amarelado, espesso e purulento que caracteriza a uretrite gonocócica.

3) - CANCRO MOLE

É uma doença produzida pelo haemophilus ducrey. Aparece 4 a 5 dias após o contacto sexual infestante. Manifesta-se por úlceras múltiplas da sede genital ou extra genital. As úlceras apresentam-se por vezes com o aspecto de pequenas pústulas em volta dos pêlos. Os bordos são irregulares - a úlcera tem a cor amarelada - com exsudado, são dolorosas e acompanham-se de reacção inflamatória.

4) - GRANULOMA VENÉREO

Após o contacto sexual segue-se um período de incubação de cerca de 8 dias a 12 semanas. Aparece a lesão inicial sob a forma de pápula, vesícula ou nódulos que rápidamente se ulceram. Localizam-se sobretudo nas regiões anais, genitais e virilhas. Estende-se aos tecidos vizinhos por auto inoculação. As lesões possuem um cheiro desagradável e podem persistir durante anos.

5) - LINFOGRANULOMA VENÉREO OU DOENÇA DE NICOLAS FAVRE

É transmitida por um vírus pertencente ao grupo linfogranulomapsitacose que são vírus grandes e bastante sensíveis aos antibióticos de largo espectro. Após um período de 5 a 20 dias depois do contacto aparece uma adenopatia que supura.

MEDIDAS PREVENTIVAS

1) - Medidas individuais - Higiene individual - Higiene sexual

Evitar contactos sexuais com mulheres de fraca higiene individual, ou que se saiba de antemão que ela está contaminada.

Após o contacto se possível urinar, tomar banho o mais cedo possível com água e sabão antiséptico; utilização da pomada anti-venérea, preservativos, etc.

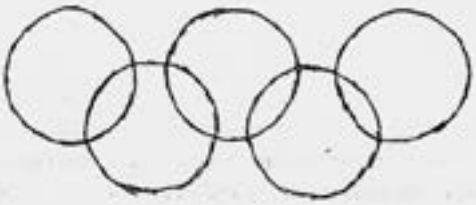
2) - MEDIDAS GERAIS

São os povos de nível mais baixo, cujas condições higiénicas e sociais são atrasadas, os mais afectados por este flagelo social

a) - Problema da prostituição - é uma consequência do carácter rudimentar da educação sexual ministrada aos jovens e das condições de miséria prevalescentes na comunidade.
Têm-se tomado em vários países atitudes diversas que vão desde a completa abolição da prostituição até à sua regulamentação legal.

b) - Educação sanitária - Será talvez a medida que dará mais resultado dadas as dificuldades que as anteriores apresentam. A educação do indivíduo sobre os perigos que acarretam as relações de acaso, para si próprio e para a sua descendência, educação sobre o modo como devem ocorrer ao posto médico, assim que surjam os primeiros sintomas de infecção.

Transcrição do Jornal "MWOYO"



"OS DIFEREN"ES"2 "OS PANTERAS NEGRAS"1

DESPORTO

RESULTADO E VENCEDORES JUSTOS

No campo de jogos e sob a arbitragem do Dr. Luciano de Brito, coadjuvado por Fonseca e Cascais, as equipas ali nharam do seguinte modo:

"OS PANTERAS NEGRAS": Gonçalves, Ramalhosa, Duarte(Cap.), Abreu e Castro, Tavares, Soares e Barraca; Careca, Silva e Carvalho.

"OS DIFERENTES": Fonseca, Coutinho, Rocha, Toipa e Mourão; J.J., Cheta e Silva, Barra, Quim (Cap.) e Pinto.

SUBSTITUIÇÕES: No minuto inicial, na equipa de "OS PANTERAS NEGRAS", saíu lesionado, Barraca entrando para o seu lugar Milo.

COMENTÁRIO: Integrado nas festas do DIA DA CAVALARIA, o desporto associou-se às mesmas, com a disputa da final do torneio de futebol organisado pela comissão desportiva.

Das oito equipas que tomaram parte neste torneio, divididas em duas séries de quatro conjuntos, chegaram à final aquelas que ao longo da fase preliminar se revelaram superiores às restantes.

Daí a expectativa criada em redor deste encontro, como o atesta a presença de centenas de espectadores, entre os quais individualidades civis e militares da região.

O jogo em si decorreu sob o signo da virilidade, tal o empenho posto na luta pelas equipas. Assistiu-se na primeira dezena de minutos a uma ligeira supremacia de "OS PANTERAS NEGRAS"

No entanto, a equipa vencedora, passados esses dez minutos, tomou conta do jogo, nunca mais entregando ao adversário o comando das operações.

Daí e a premiar o melhor sentido do jogo aliado à homogeneidade de todos os seus sectores, aconteceu o inevitável: eram decorridos vinte minutos da primeitra parte, na sequência de um pontapé de canto, Quim abriu o activo para a sua equipa.

Pensou-se que o "score" no final do jogo se cifrasse numa diferença mais ou menos substancial, tal a supremacia que exerciam sobre o adversário, mas à passagem dos trinta e sete minutos, Carvalho na conclusão de uma bonita jogada, empata a partida. E assim, o intervalo chega com as duas equipas igualadas.

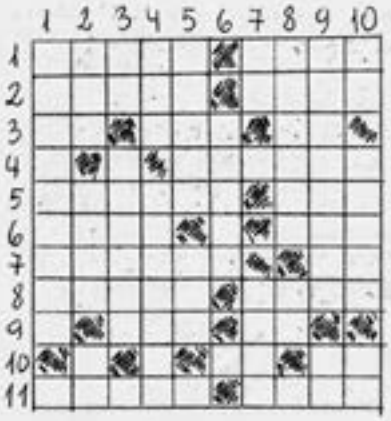
Para o segundo tempo permaneceu a ideia de que, com mais ou menos dificuldades, " OS DIFERENTES " acabariam por se impor de vez, isso seria uma questão de tempo. A confirmar esta ideia , aos vinte cinco minutos, Pinto rematou à trave. No entanto o tempo ia passando, e, quando todos supunham já que o jogo se resolveria além dos noventa minutos complementares, eis que surge, precisamente aos quarenta e quatro minutos, Quim a obter o segundo golo, e com ele a vitória de " OS DIFERENTES ". Cremos que, neste lance, o guarda-redes terá sido mal batido, pois teve, já que a jogada que originou o golo foi lenta, oportunidade de sair dos postes para enfraquecer o ângulo de remate e consequentemente as possibilidades de êxito.

No final, vitória da melhor equipe.

JOSÉ ROMÃO
1º Cabo

PASSATEMPO

A que matérias pertencem os três livros



HORIZONTAIS: 1- Ave Trepadora; Cidade Italiana. 2- Nome de Mulher; Anois. 3- Duas letras da palavra Pão; Astro; Antes de Cristo. 4- Nome de um Treinador de Futebol Português. 5- Gostaras; Duas letras da palavra Dia. 6- Chão; Três Vogais Iguais. 7- Lugar Onde se Representam Obras Dramáticas, ou onde se dão Espectáculos; Quinhentos e um (ROM).8- Disposição Metódica das Coisas Regularmente Classificadas; Superfície.9- Criada; Solitário. 10- Nota Musical; Átomo (ABV). 11- Coisas Inacreditáveis (FIG) ; Ouro.

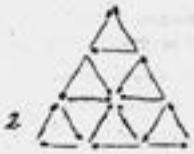
VERTICAIS: 1- Figura Criada por Camões. 2- Curso de Água; Tri turar; Nota Musical. 3- Alumínio (SQ); Iguaria Composta de Le gumes Crus ou Cozidos Temperados com Sal Azeite e Vinagre. 4- Batráquios; Itenerário. 5- Pragrância; Região Militar de Ango la. 6- Ágil. 7- Parte de Braço; Membros de Aves. 8- Fábrica de Louça de Barro; Letra Grega. 9- Juventude; Atmosfera. 10- Campeão; Criada; Porco.

Gil
Sold.

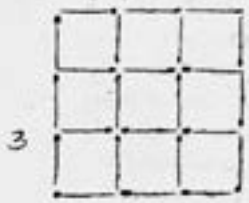
SOLUÇÕES DO PROBLEMA ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1- Sagor; Sousa. 2- Aros; Écon. 3- RMA; AAA; Rua. 4- AA; Erras; SS. 5- Macacauba. 6- Né; Areal. 7- Une; Ala; Pas. 8- Atrp; Luís. 9- Soada; Passe.
VERTICAIS: 1- Sara; Ruas. 2- Armamento. 3- Coa; Era. 4- Os; Eça; Od. 5- Arara. 6- Marcelo. 7- AAAAA. 8 -RM; Sul; Lá. 9- Ser; Pus. 10- Sousa; Ais. 11- Anad; Ease

Doze fósforos formam um quadrado e quatro triângulos (fig. 1). Mudando seis fósforos, formar um triângulo e três quadrados.

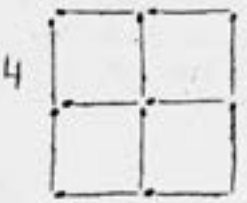


Dezoito fósforos formam um triângulo (fig. 2). Mudando seis formar uma estrela.



Vinte e quatro fósforos formam dez quadrados (fig. 3). Tirando seis reduzir os quadrados a seis

Para formar três quadrados bastam oito fósforos mas é preciso parti-los.



Repare na figura nº 4. Mudando apenas dois fósforos podes formar seis quadrados em vez de quatro.

SEMELHANÇAS

O Gosto Suíço - Paciência e Dinheiro

O Gosto Austriaco - Música e Teatro

O Gosto Francês - Ciência e Boa Comida

O Gosto Sueco - Chegar aos sessenta e cinco anos para viver descontraído.

O Gosto Belga - Diamantes e Boa Vida

O Gosto Pilândes - Trabalho e só Trabalho

O Gosto Português - Beber e Dizer mal de tudo e de todos

O Gosto Russo - Ser Desconhecido, mas ser Senhor do Mundo

O Gosto dos:

- Romenos
- Checos
- Lituanos
- Stónos
- Hungaros

Búlgaros

Polacos

Já Tivemos, agora têm os Russos por nós

Alberto Augusto
Cap.SGE

O que queres rapaz?
Quero uma requisição de 15 preservativos
HARÉM
ÀS CARAAMAS !!!
Quando é que rodamos?
Vai todos os dias à formatura das 7 horas

Jornal n.º 3

23-12-71
23-12-72
UM!
ANO de
SERVIÇO
do
B. Cav. 3862

CAVALO BRANCO
Nº 3
B. CAV. 3852
NESTE NÚMERO
COLABORAM
Maj. F. Fernandes
- CAMÕES
- FUTEBOL
Alf. Guerra
- SALDO NATALICIO
- IMAGEM
Alf. Salgueiro
- RUINAS EXISTEN TES NA REGIÃO DE G. COUTINHO
Pe. Marçal
- NATAL
- A PAZ E POSSIVEL
ILUSTRAÇÃO
- Fur. Marques
- Fur. Neto
- 1ºC Lima
- 1ºC. Conceição
Fur. Pereira
- A HISTORIA DA VIDEIRA
Fur. Neto
- O ELECTRÃO
Fur. Vilaça
NADA
1º C. Lima
- MÃE
- Palavras Cruz.
1º C. Almeida
1º C. Conceição
- DUPLICADOR
Fur. Vieira
CHUVA

SALDO NATALICIO

Construir é das acções mais significativas do género humano. O Homem, animal insignificante, disperso em Natureza grandiosa, rápidamente se distingue das restantes espécies pela sua capacidade criativa, exclusivo da superioridade intelectual.

Construir, após a recuperação, tem sido directiva permanente dos batalhões, que - desde 1 de Maio de 1961 - vêm chegando a este Estado com a dupla missão de enfrentar os movimentos revolucionários e apoiar efectivamente o impulso sócio-económico registado em Angola.

O Batalhão de Cavalaria três mil oitocentos e sessenta e dois consciencializou-se, a todos os níveis e desde o primeiro dia, da necessidade de fazer "alguma coisa" preferindo o esforço ao comodismo, a firmeza à passividade.

23 de Dezembro de 1972. Dois dias antes da solene comemoração do nascimento do mais influente doutrinador da História da Humanidade - Jesus Cristo - o B.Cav 3862 inicia o seu segundo ano de comissão.

Nessa data, todos os constituintes da unidade poderão, com legitimidade, orgulhar-se de haverem operado uma metamorfose em diversas facetas do sub-sector do Cago Coutinho.

Ponto de Vista

No plano bélico, a intensiva e ininterrupta actividade das companhias operacionais alterou sensivelmente o ambiente preocupante que a zona viveu em dias não mui remotos. Paralelamente, o progresso revestiu realizações positivas, em que a esforçada simplicidade superou quaisquer limitações lógicas. Vimos desaparecer muitas construções obsoletas, substituídas por outras tantas, sóbrias e funcionais. Os exemplos abundam - recordemos Sessa e o seu novo aquartelamento, cuja edificação foi iniciada já pelo pessoal daquele destacamento.

No dia 23 do último mês do ano, o pessoal deste Batalhão poderá intimamente emitir o seu rosamário anual: MISSÃO CUMPRIDA!

IRMÃO D'ARMAS

O negro aqui a meu lado,
A flor deste chão sagrado,
Arma aperrada na mão,

Corado,
Orvalhado (como eu) de imensidão,

É tão a mim aferrado
Em solidária
Solidão

- Não é negro nogregado
mas soldado, meu irmão.

RODRIGO EMILIO, (poeta moçambicano)
em "Paralelo 26 S às Audições do Índico"

O dia chuvoso de inverno temporão que hoje está,lembrando-nos a proximidade da quadra para que caminhamos mais rápidamente do que desejávamos (pelo menos os que vivemos fora do turbilhão de afazeres e de sentimentos em que se afogam as tristezas nos grandes meios) predispõe àquela nostalgia indefinida que só traz à memória o que nos faz sofrer e agrava as nossas penas,mesmo as menores,as que não chegariam a sê-lo,se um sol jovial viesse dissolver esses gérmenes nefastos. O isolamento normal em que o rodar do tempo nos coloca (não podemos manter à nossa volta,indefinidamente,todos os que estimamos),parece-nos uma montanha intransponível que nos separa do resto do universo! O céu das nossas almas escurece como o atmosfera,carrega-se de núvens espessas de saudade do que fomos,da vida que foge de amores felizes ou martirizantes que nos deixaram um filho ou sabor a beijos na boca...de tudo...de todos...de nós mesmos...Saudades quase paralelas do bom e mau que perdemos por serem perdas,porque ficaram para trás,porque não voltam,porque em cada um desses momentos ámos outros,mais novos,com ilusões,poder de realização,de renovação,um futuro esperançoso a sonhar-nos,ambições justas ou injustas, coisas que nos dinamizam,de que ficámos com as mãos vazias,de que não resta nada, a não ser a lembrança que nos amargura...terrível para certos temperamentos.

Terrível é ainda,a monotonia da chuva,dos dias embaciados,fastidiosos,parecendo noites,que despovoam as ruas e nos privam do convívio amigo,obrigando-nos a ficar na toca como coelhos amedrontados.

Porém,a chuva e a escuridão entristecem-me, tolhem-me moralmente.

O inverno é o fim de um ano, de mais um período de 12 meses vividos,outros tantos a menos para viver... Não é que eu tenha grande amor à vida ou o medo da morte me atormente.Confio na misericórdia divina.

A solidão a que conduz a diminuição física com o afrouxamento de vigor intelectual,o entorpecimento de membros,a falta de vista,de ouvido,etc.,que isolam os velhos fazendo deles fardos indesejáveis na ordem social estabelecida cada vez mais abominàvelmente materialista, cuidando apenas do que é ou pode ser rentável, que me apavora e angustia.Isso é o que considero a verdadeira morte...

Relendo o que escrevi,vejo que o tom sombrio

O que é o nada?
Que me faz pensar em nada?
Nada. Nada de nada para viver,
Morrer, sofrer, amar,
Enfim, mais nada!

Nada, nem mesmo nada
É mais forte que tu, nada,
Nem mesmo eu ou outro
A teu lado não sou nada.

Sou tudo, alguém ou nada,
Sou eu, sòzinho mais ninguém.
Só tu que pertences ao nada,
Nada, sempre até alguém.

NADA

(continuação da página anterior)

que involuntàriamente lhe dei se não amolda bem ao significado luminoso do Natal.

Falta-lhe ternura, estrelas refulgentes, balõezinhos, cor, risos de crianças felizes, lareiras a arder... Todo o convencionalismo que alegra os olhos e nos é preciso para esquecer a realidade. Hoje não posso sentir esse ambiente de conforto e de festa, e as exigências... dar-me-ão tempo para esperar melhor maré?! Perdoem.

Mas se pensarmos nos natais tenebrosos que tanta gente vai passar com fome, frio doenças, guerras, abandono, ausência de uma pessoa amiga, de justiça, dum afago, dum carinho - que nos apetecerá mais: rir... ou chorar?

É humano que não tenhamos coragem para preferir a dor, uma vez que a nossa sensibilidade nos dá urradas reacções de alegria, satisfazendo-nos com manifestações exteriores quando só deveríamos encontrá-la comparando e auxiliando os menos bafejados pela fortuna. Somos assim, egoístas. Mas vamos reabilitar-nos, esforçando-nos todos de aqui em diante, cada qual na sua esfera de acção, sem desfalecimentos, para que haja cada vez menos seres no mundo que não tenham um Natal doce e feliz como o desejamos para nós.

Até bem?

O valor social que cada homem representa é insubstituível, pela simples razão de que cada homem é um fenómeno que não volta a repetir-se.

Por isso, o sacrifício da vida se traduz na destruição mais irreparável de quantos podem ser causados, e a doação da vida é a mais inexcedível das obrigações.

Adriano Moreira

IV CENTENÁRIO DA PUBLICAÇÃO DE "OS LUSÍADAS"

CAMÕES

Como se tem escrito e falado, passou este ano o 4º centenário da publicação de "OS LUSÍADAS", a principal obra de Luís de Camões, que o celebrizou mundialmente e que muito valorizou a literatura portuguesa.

Camões, de seu nome Luís Vaz de Camões, tem uma vida mal conhecida, não se sabendo ao certo onde nasceu, embora se afirme ter sido em Lisboa. Também se não sabe que estudos fez e em que escolas andou. Defende-se que tenha frequentado a Universidade de Coimbra, em que era chanceler um seu tio, prior do Mosteiro de Santa Cruz.

A verdade, porém, é que não há notícia real ou hipotética de haver estudado em terras estrangeiras, o que vem dar à cultura nacional da época um nível bastante notável. Não espanta que, além dos estudos escolares feitos, Camões tenha aplicado a sua capacidade intelectual noutras fontes de saber.

"OS LUSÍADAS" dão-nos uma grande prova de erudição do seu autor e da sua memória verdadeiramente prodigiosa, pois que uma parte extensa foi escrita em Macau e talvez em Goa ou por terras Moçambicanas, bem longe de livros, então raros e caros, de onde pudesse extrair conhecimentos.

A mitologia, a geografia, a astronomia e outras ciências revelam-se excelentemente aproveitadas nos versos camonianos, o que levou um ilustre inglês, JAYNE, a enaltecer a riqueza cultural do nosso poeta muito familiarizado, pelo que mostrou, com as literaturas portuguesa, espanhola e italiana, com pelo menos 19 autores gregos e latinos, alguns dos quais lidos no original.

Não consta que tenha completado os estudos universitários, licenciando-se em qualquer Faculdade, todavia há provas suficientes para se dizer que não devia ter sido mau escolar.

De feitio algo rebelde, ele foi também um moço dado ao amor platónico e sensual, sem deixar de amar, também, os livros, as obras em que enriqueceu a sua cultura.

São numerosas as publicações a destacar esta e aquela feição científica do Poema Nacional e todas elogiam a correcção, a profundidade e o grau de conhecimento do seu Autor.

Assim, com o estudo e a experiência que a vida agitada e mal afortunada lhe proporcionou, Luís Vaz angariou materiais, que, pelo engenho e pela arte possuía, tornaram possível a bela composição há 400 anos vinda a público pela primeira vez.

Espírito aberto às ciências, Camões era um bom observador e aproveitava os ensejos que se lhe ofereciam para mais aprender. A exemplificar, temos o seu encontro, em Goa, com o médico Garcia da Horta. Com ele deve ter tido numerosas conversas e recebido bastantes informações quanto à flora indiana e relativamente à medicina de então. O esforço de D. João III para desenvolver em Portugal a medicina, tinha despertado interesse e por aquele famoso clínico terá Camões sabido muito do que os seus versos indicam, referenciando as propriedades terapêuticas de algumas plantas, como a palmeira, o cravo, o sândalo, o benjoim, a canela, a pimenta e o aloés.

Se, por outro lado revelava conhecer várias plantas orientais e as suas qualidades, por outro, faz descrições curiosas de certas enfermidades, como o escorbuto, que tantas mortes fez na armada de Vasco da Gama.

Conforme asseverou um lente de Coimbra, a maneira como Luís de Camões nos fala das emoções e dos sentimentos, descrevendo o ódio, o medo, o espanto, a bondade, a coragem, a lealdade, etc, significa ter ele uma apreciável intuição da fisiologia e da psicologia.

(continua na página seguinte)

O "VELHO" DO RESTELO

[LUSÍADAS, CANTOS IV, V]

(continuação da página anterior)

E o Conde de Picalho tinha boas razões ao afirmar estas frases:

"No edifício vasto e complexo de "OS LUSIADAS" entram os mais variados materiais.

Luís de Camões, sobre ser um grande poeta, foi um espírito de funda e firme cultura. O que se sabia em seu tempo, soube-o ele. E na contextura do monumento que levantou à glória da Pátria, fez entrar não só as inspirações da sua alma nobilíssima, mas ainda as noções que lho ministravam uma pesnosa erudição e uma instrução científica segura e completa".

Partimo-nos assim do santo templo
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
Donde Deus foi em carne ao mundo dado.
Certifico-te, ó Rei, que, se contemplo
Como fui destas praias apartado,
Cheio dentro de dúvida e de receio,
Que apenas nos meus olhos ponho o freio.

A gente da cidade, aquele dia,
(Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente) concorria,
Saudosos na vista e descontentes.
E nós, co'a virtuosa companhia
Do mil Religiosos diligentes,
em procissão solene, a Deus orando,
Para os batéis viemos caminhando.

Em tão longo caminho e duvidoso
Por perdidos as gentes nos julgavam,
As mulheres c'um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam.
Mães, Esposas, Irmãs, que o temeroso
Amor mais desconfia, acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo.

.....

Nós outros, sem a vista alevantarmos
Nem a Mãe, nem a Esposa, neste estado,
Por nos não magoarmos, ou mudarmos
Do propósito firme começado,
Determinei de assim nos embarcarmos,
Sem o despedimento acostumado,
Que, posto que é de amor usanga boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.

Mas um velho, de aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C'um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

O glória do mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
O fraudulento gosto, que se atiça
C'uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Dum inquieto'ação d'alma e da vida
Fonte de desamparos e de adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios:
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna do infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.

A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,
Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que fanas lhe prometerás? Que histórias?
Que triunfos? Que palmas? Que vitórias?

.....

.....

Estas sentenças tais o velho honrado
Vociferando esta, quando abrimos
As asas ao sereno e sossegado
Vento, e do porto amado nos partimos.
E, como é já no mar costume usado,
A vela desfraldando, o céu ferimos,
Dizendo: Boa viagem! Logo o vento
Nos troncos foi o usado movimento.

.....

Já a vista, pouco e pouco, se desterra
Daqueles pátrios montes que ficavam;
Ficava o caro Tejo e a fresca serra
De Sintra, e nela os olhos se alongavam.
Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as mágoas lá deixavam.
E já depois que toda se escondeu,
Nho vimos mais, enfim, que mar e céu.

natal

Tarde borrascosa de Dezembro.Dezembro africano,quente.Tarde de trovoadas e chuva torrencial.

Leste de Angola,"terras do fim do mundo" a quase dois mil quilómetros de Luanda,capital do Estado.

Dou conta que o Natal se aproxima.Foi preciso olhar repetidas vezes para o calendário.Sinto uma certa dificuldade em situar-me e convencer-me que é Natal. Não faz frio.Pelo contrário. Não há neve,nem fontes geladas,nem chuva fria e miúda , nem férias,nem janeiras,nem nem crianças a cantar:

É meu Menino Jesus
É meu Menino tão belo
Pois Vós viestes nascer
Na noite do caramelo

O Natal aproxima-se despido de quase todos os elementos com que o clima e a civilização ocidental o foram rodeando ao longo dos séculos.

Como era diferente o Presépio de Francisco de Assis!

Tudo isto ajuda o meu pensamento a concentrar-se na realidade litúrgica do Natal:

DEUS ENTRE NÓS

Deus na nossa vida,identificando-se com os desalojados, os pobres,os perseguidos,os humildes,fugindo dos soberbos e dos [illegible]. Festa da Família;festa íntima. Se Cristo não estiver na família,será uma festa pagã,vazia,sem sentido.

Na África ou na Europa,com frio ou calor,o Natal tem de ser "acolhimento de Cristo" e de Sua Mensagem de Paz e Justiça,de Amor e Liberdade.

Natal sem Cristo é "alienação".Natal com Cristo é festa cristã que "revive" a Sua entrada no mundo e no tempo há 2.000 anos,é sinal da Sua vinda na sociedade de hoje e da Sua vinda no fim do Tempo.

4

POEMA

"MÃE"

Mãe
Nome que me aperta o coração
E me faz perder a voz.
Que saudades sinto
Ao recordar-te,
Mãe querida!
Mesmo longe não te esqueço.
Por vezes
Paraço sonhando,acordado
Com os belos momentos
Que contigo vivi,mãezinha!
Tu que me deste a vida,
Carinho,
Amor,
Me ensinaste a ter
Fé e esperança
Por mim sofreste,e ...sofres.
Como seria bom poder
Beijar-te e abraçar-te novamente,
Como seria bom
Ouvir a tua voz
E dizer-te o quanto te quero muito.
Mãe,
Não desejas tu,
Abraçar também teu filho e
Senti-lo bem preso a ti?
Que saudades
Não infinita!Que saudades!...

"A paz é possível" foi o tema escolhido por Paulo VI,para ilustrar o SEXTO DIA MUNDIAL DA PAZ,a celebrar no dia 1 de Janeiro de 1973.

Diz-nos Paulo VI que a guerra não é inevitável.Que a paz é possível.Convida os homens a elaborar o que Ele chama "uma nova pedagogia da paz".Pede que as instituições internacionais sejam apoiadas.Que a paz é um dever.Que é preciso ter a coragem de a fazer.Conclui que,se todos os homens são irmãos,não pode haver paz sem justiça.

"A paz deve ser racional e não passional,magnânima e não egoísta: a paz deve ser,não inerte e passiva,mas sim dinâmica,activa e progressiva,na medida em que as justas exigências dos direitos declarados e equânimes do homem reclamam dela novas e melhores expressões;a paz deve ser,não débil,inepta e servil,mas sim forte,quer pelas razões morais que a justificam,quer pelo consenso unânime das nações que a devem sustentar.(...) A paz é possível,se for verdadeiramente querida;se a paz é possível,ela é obrigatória.Isto significa descobrir aquelas forças morais que são precisas,para resolver positivamente o problema da paz.É necessário,dizíamos uma outra vez,ter a coragem da paz.Uma coragem de altíssima qualidade,não a da força bruta,mas a do amor:todos os homens são meus irmãos,e não pode haver paz sem uma nova justiça,repetimos.

É homens fortes e conscientes,que,mediante a vossa colaboração, tendes o poder e o dever de construir e de defender a paz;é vós, de modo especial,guias e mestres dos povos:se porventura o eco desta mensagem cordial chegar aos vossos ouvidos,que ele desça também aos vossos corações e anime,ao mesmo tempo,as vossas consciências,com a renovada certeza pelo que se refere à possibilidade da paz.(...) procurai alicerçar e construir na verdade,na justiça,na caridade e na liberdade,a paz para os séculos vindouros,e começar já do ano de 1973 a reivindicá-la como possível,ao saudá-la como algo real!"

"O Apostolado" - publicação da Arquidiocese de Luanda -de 18 de Outubro passado,publicou uma Carta Pastoral dos Bispos de Angola sobre "A Justiça".Dela são os períodos seguintes:

"Não basta que a lei reconheça certos direitos:é necessário que os cidadãos se encontrem em condições de os poderem usufruir.Quando tais condições não existem, é indispensável criá-las.De contrário,eles vêem-se na prática privados daquilo

que a lei lhes faculta. Isto pode verificar-se nos processos para a concessão de terras e em muitos outros.

Por não disporem dos meios financeiros ou dos conhecimentos indispensáveis para fazerem uso dos seus direitos, estes tornam-se-lhes impossíveis de obter."

"A riqueza não é concedida ao homem para esta dela dispor como quiser, mas como afirmam a Revelação, o Magistério da Igreja e a Sabedoria dos Povos, ela tem um carácter eminentemente social.

Não basta dizer que não roubámos; é preciso podermos afirmar, com consciência tranquila, que não usamos de fraude nos negócios e que empregamos em benefício da colectividade uma parte dos bens que possuímos. O que é injusto ou desonesto não pode ser objecto de contrato."

"A secular tradição ultramarina portuguesa deve apresentar-se sempre marcada com o selo de autenticidade.

Conhecedores das dificuldades da hora presente e da situação crítica em que se encontram as populações de algumas regiões de Angola, a todos incumbe o grave dever de contribuirem para a pacificação dos espíritos, eliminando-se as causas da luta, da desconfiança e do descontentamento que diversas situações podem gerar.

É necessário que todos sejamos autênticos nas nossas intenções e nas nossas vidas. De nada serve pregar uma doutrina - por mais belas que sejam as palavras - se ela não é posta em prática nos actos de cada dia.

Os direitos da pessoa humana devem ser respeitados por todos e em todas as circunstâncias, mesmo quando se trata de criminosos. Para estes há os tribunais competentes aos quais pertence julgar segundo as normas justas das leis em vigor.

Que se não misturem com política acontecimentos que são devidos por vezes ao egoísmo ou maldade de certas pessoas que pretendem servir-se deste meio para atingir fins injustos, esquecendo-se que, com tal procedimento, se fomenta o descontentamento e se prepara a explosão de ódios que uma faúlha pode incendiar.

O racismo é proibido pelas nossas leis, mas na prática não é raro fazerem-se acepções de pessoas ou grupos baseadas na cor da pele. E isto tanto pode dar-se da parte de europeus como de africanos.

No cumprimento da legislação que nos rege, seja concedida a todo o cidadão, sem discriminação que não provenha dos méritos próprios, igual possibilidade de se valorizar e de receber os benefícios que a lei lhe faculta.

O domicílio de qualquer cidadão é inviolável e, salvo circunstâncias verdadeiramente excepcionais e em regime transitório, a cada um deve ser permitido residir onde quiser, uma vez que sobre ela não recaia sentença condenatória dos tribunais legítimos."

"A atitude da Igreja será sempre a de estímulo na promoção da justiça e de colaboração em todas as obras que tendam ao bem dos povos independentemente da qualquer situação política. Ela deixa aos cidadãos devidamente preparados e esclarecidos a decisão mais justa e conveniente que julguem dever tomar neste campo.

O sejarísmos que as pessoas, obras e instituições eclesiásticas fossem as primeiras a dar o exemplo da prática da doutrina social, que anunciamos."

Estamos no leste angolano. Viemos para a guerra com a missão de "construir a

(continuação da página anterior)

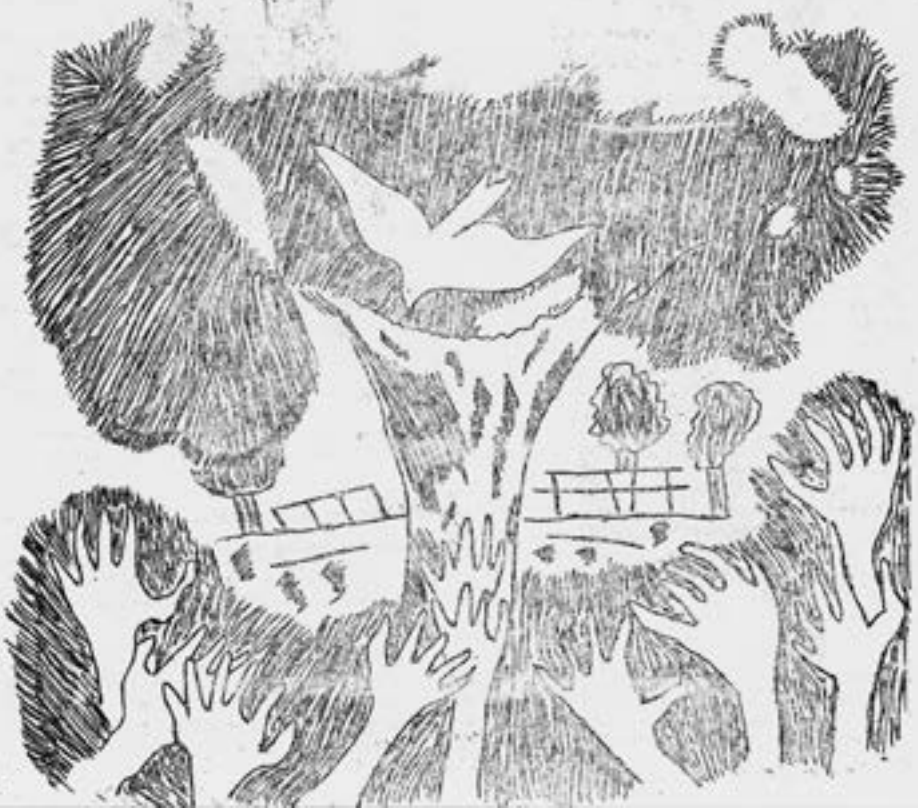
Paz".Os condicionalismos da história e dos homens obrigam-nos a lidar com armas de morte.

Situação deveras angustiante para o homem,quanto mais para o cristão.Resta-nos a esperança que acalentava o profeta Isaías,perante a situação de violência que dominava o seu tempo:

"DAS SUAS ESPADAS FORJARÃO ARADOS E,DAS SUAS LANÇAS,FOICES.UM POVO NÃO LEVANTARÁ A ESPADA CONTRA OUTRO POVO,E NUNCA MAIS SE FARÁ A GUERRA "(Isaías 2,4)

Somos todos "construtores de Paz";estamos todos "em guerra para a Paz".Meditemos nas palavras de Paulo VI e dos Bispos de Angola;não aconteça que se aplique e também a nós a palavra do profeta Jeremias:

"TRATAM COM NEGLIGÊNCIA AS FERIDAS DO MEU POVO E EXCLAMAM:PAZ!PAZ! - MAS ESTA PAZ NÃO EXISTE."(Jeremias 6,14)



IMAGEM

Perturba-me a tua imagem
Permanente nos sonhos dos meus dias
Chocante no seu afastamento
Possuída pela Vida

Por que hei-de chorar
Se as imagens abundam?
Se o Mundo é igual
Depois do adeus

Invoco-te em paradoxos
Imploro-te que me deixes

Volta já!

Sobre a videira não há elementos históricos nem factos que permitam atribuir-lhe uma origem provável a qual, como costuma dizer-se, se perde nas brumas dos tempos pré-históricos.

De entre as lendas que correm sobre a origem da Videira, citarei as seguintes:

Segundo EZLER a ideia de plantar a videira e de espremer o fruto foi inspirada a NOE por um bode que ele soltou em CORICUM, montanha da CILICIA e que tendo comido o fruto da vinha selvagem se encontrou embriagado e começou a atacar os outros animais às cornadas.

Vendo isto, NOE ficou assim instruido sobre as propreidades da Videira, plantou-a, e em seguida deu excelentes uvas, que ele colheu.

Porém, CORNAR diz-nos que a lenda de NOE é uma adaptação da lenda Judaica de que um pastor de nome STAPHYLOS, ao serviço de um senhor chamado OINOS, observou que uma das suas cabras se afastava habitualmente do rebanho e depois encontrava-a mais tarde que as outras, no estábulo. Tendo-a seguido, viu que ela comia, de uma moita afastada, uns frutos para ele desconhecidos, que não eram senão as uvas e, colhendo-as verificou tornar-se o seu suco mais doce com a idade.

Claro que, estas duas lendas e muitas outras acerca da origem da Videira, não nos merecem grande confiança, pois não se sabe ao certo, donde esta cultura é originária.

As últimas investigações pertencem ao Mr. STUMMER, de Viena.

Averiguou este autor que é nos terrenos terciários que se encontram os mais remotos vestígios autênticos da Videira, sobretudo a impressão das suas folhas em toda a Europa, da Itália até à Irlanda, assim como na América do Norte e no Japão.

Quanto à cultura da videira pelos gregos, esta remonta pelo menos ao ano 2.500 A.C. Esta teria sido importada do Egipto passando pelas ilhas.

Na Itália remonta até cerca do ano 1.000 A.C. .

Quanto à origem da vinha em Portugal não queria deixar de fazer algumas considerações.

Antes que D.Afonso Henriques fundasse a monarquia portuguesa já o vinho era produto comerciável.

Segundo POLIBIO, historiador grego, no Minho o vinho vendia-se a 5 reis o litro, tal era aí a sua abundância.

Temos presentes diversos documentos que nos atestam o desenvolvimento que a viticultura já tinha na época da fundação de Portugal, sendo de supor que a introdução da Videira, no nosso território, tivesse sido devido aos FOCIOS que, uns 500 anos antes de Cristo, estabeleceram colónias na Gália, na Itália Central e na Hispânia.

E, visto que não há dados que nos atestem a origem da Videira no solo do nosso país, fiquemos, contudo, com a certeza de que a viticultura é um dos mais antigos ramos da nossa exploração agrícola e a qual, realizando os progressos que atingiu até ao presente, chegou a constituir a principal base da nossa receita, ou, por assim dizer, a equilibradora balança económica de Portugal.

Antes da hora ninguém o conhecia,
Era apenas soldado português.

E quando o herói nasceu
Foi que o seu nome
Repercutiu pela primeira vez.

Hoje, que nada foi em vão
E Angola ainda é nossa,
Eternamente,
Que esse nome se grave e se mantenha
No livro de oiro da nossa lusa gente.

MARIA TERESA GALVEIAS,
em "Ivuanhu"

ETNIAS EXISTENTES NA REGIÃO DE GAGO COUTINHO

Nesta região é dominante o sub-grupo dos Bandas, grupo Ganguela, um dos grandes ramos dos povos Bantos.

Os Ganguelas apresentam-se repartidos por dois domínios territoriais: um na fronteira Leste, da bacia do Zambeze ao curso do Cuando, outro situado nos ramos superiores do Cubango, por terem sido divididos pela cunha migratória quioco para o Sul.

Oriundos de antigos caçadores savânicos, praticam hoje a agricultura, principalmente nesta região.

Nos aspectos sociais predominam os ritos de passagem masculinos e possuem um variado reportório de manifestações folclóricas.

A economia dos Ganguelas nesta região, por intermédio do sub-grupo Banda conta com a exploração do mel e cera, e pesca lacustre estacional. Penetrando na mata vêem-se no topo das árvores muitos cortiços feitos de casca.

Outra etnia que se encontra nesta região, mas a norte de Gago Coutinho é a Quioco pertencente ao grupo Lunda-Kioko, também povo Banto, grupo muito disperso pelo Estado, ocupando todo o ângulo direito do quadrante Nordeste. Nota-se que esta raça tendo a atingir a fronteira Sul no ponto em que o Cubango atravessa. Por esta razão aparece na zona de Gago Coutinho um grupo de Quiocos misturados com os Ganguelas. Povo oriundo duma velha cultura de caçadores savânicos, hoje transitado para uma política agrária, apresenta-se activo e industrioso.

Os Quiocos mantiveram outrora admiráveis escolas de escultura e são hábeis em várias espécies de artesanato. Praticam bastante uma curiosa pintura parietal.

As instituições e cultos referidos à caça mantêm predomínio, e os antepassados caçadores são, por excelência, os seus padroeiros. São bons construtores de habitações e muito aptos para o negócio.

Dotados de um vivo sentido de assimilação cruzam-se com a quase totalidade das etnias que os contactam e estabelecem colónias por toda a parte, activo porque o seu nome aparece reproduzido em variadíssimas formas.

HISTÓRIA DO FUTEBOL

De quando virá esta prática desportiva entre duas equipas de 11 elementos cada, no máximo?

Há muitos autores que a fazem remontar a época antes de Cristo, porque numerosas civilizações antigas havia jogos semelhantes.

No entanto, foi na Grã-Bretanha, durante o século passado, que, através das escolas de râguebi de Winchester, começaram a surgir os jogos desta natureza, hoje alteados ao trono de desporto-rei.

Há quem afirme que a história do futebol e de outros jogos parecidos se dá da própria humanidade, por 5 épocas:

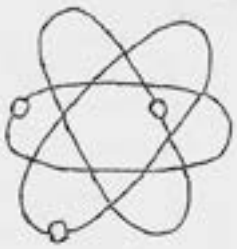
- a pré-istorica, com os jogos troglo-ditas;
- a antiga, com o futebol da China, da Grécia e de Roma;
- a medieval, com o "Hurlingover country" (verdadeira origem do futebol moderno), futebol florentino e o francês;
- a moderna, desde a fundação da "Football Association" até à criação da F.I.F.A., caracterizada pelo futebol inglês;
- a contemporânea, desde a fundação da F.I.F.A. até à popularização actual.

E quando teria principiado em Portugal? A título de ensaio, julga-se ter sido iniciado em 1888, devendo-se o primeiro encontro Guilherme Pinto Basto, em terrenos do Campo Pequeno, em Lisboa, [illegible] de 22/4/

"PORTUGAL - uma Pátria da Europa, que, além da Europa, se completou e personalizou no encontro com os povos dos outros Continentes. Convergência de etnias, expressa em relações humanas multiseculares que superaram as distâncias e as oposições raciais."

Revista "Portugália"

O ELECTRÃO



Há muito tempo que são conhecidos os efeitos eléctricos. Os gregos já os conheciam desde 600 anos A.C. Ao friccionarem o âmbar com lã, este adquiria a propriedade de atrair objectos de pequenas dimensões. Daí nasceu a curiosidade de desvendar o segredo da electricidade. Este termo deriva de âmbar, chamado pelos gregos "elektron".

Durante muitos séculos, os físicos tentaram descobrir o que daria origem a estes fenómenos e, a outros análogos. No fim do século XIX chegou-se à conclusão de que existiam partículas de electricidade de carga negativa a que na nossa época chamamos electrões.

Os electrões fazem parte da estrutura básica da matéria, na constituição dos átomos. A palavra átomo nasceu do grego "átomos", que significa "uno", indivisível. O termo não é correcto, devido ao átomo ser divisível. Há vários processos de separar as partículas, seja em grupos ou isoladamente. Um exemplo é a bomba atómica em que se consegue desintegrar o núcleo atómico, provocando a cisão nuclear. Em 1913, Niels Bohr, físico dinamarquês, apresentou um modelo da estrutura atómica em que os electrões giravam em torno de um núcleo, em órbitas ou elípticas, parecendo-se com um minúsculo sistema solar. O núcleo tinha uma carga eléctrica positiva, devido a partículas chamadas protões. Calcula-se que este possua uma massa cerca de 1840 vezes maior que a de um electrão, e que a massa de um átomo de hidrogénio seja de $1,67 \times 10^{-27}$ kg.

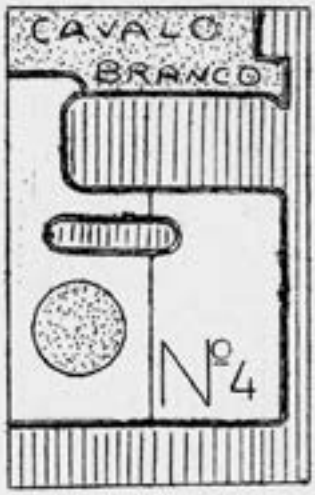
Este átomo é o único que é formado de apenas duas partículas subatómicas: um protão no núcleo em torno do qual gravita um só electrão. Existe outra espécie de partículas, chamadas neutrões, de carga eléctrica neutra, também constituintes do núcleo.

Além das forças que dão origem às forças de equilíbrio gravitacional há outras que produzem os fenómenos magnéticos.

E, é destas pequeníssimas partículas que depende a nossa civilização actual, desde a simples lâmpada de iluminação até aos sofisticados computadores e centrais nucleares. E só Deus sabe o que mais virá.

HORM
MENINOS!
TÁ A FORMAAAARRR!!
PALAVRAS CRUZADAS!
HORIZONTAIS, 1-Sentir amor;soltar brilidos.2-Não;separo.3-Espaço de tempo;que mata.4-Duas letras de elo;unidade de medida para as superfícies agrárias;gosto de.5-Anel;círculo(pl.).6-sorri;7-Irmã do Pai;prendes.8-Batráquio;pequena argola.9-Líquido muito volátil, resultante da combinação de um ácido com o álcool;parte do vestuário que cobre o braço.10-Peça de vestuário;queimar.
VERTICAIS 1-Mulher da aldeia;carruagem 2-Irrealizável;barco de recreio.3-Peixe ou animal albino;duas vogais diferentes.4-Nome de flor;cólera.5-Batráquio.6-Fatia de carne;letras de tomar;7-Membro de ave;criada;aquelas.8-Dividir em lotes;possuis.9-Espécie de choupo;cargaço.10- Macho da rola(PL);produzir som.
A MINHA MULHER É UM ANJO!
A MINHA NÃO. AINDA É VIVA!
QUAL É O MEU DESTACAMENTO?

Jornal n.º 4



COLABORAÇÃO

Alf. GUERRA - O crepúsculo dos profetas
- Crianças
Alf. JACOB - Consagração
Alf. SALGUEIRO - O transistor -monstro de tres patas.
Alf. PAREDES - Século vinte, século de Picasso
- Estribo 14
P. MARÇAL - O cristão e a politica
- Vi-os partir
Fur. NETO - O raio Laser
1ºC. LIMA - Bocage
- Soneto
- Palavras cruzadas

ILUSTRAÇÃO

Alf. Paredes, 1ºC. Lima, 1ºC. Conceição

DUPLICADOR

1º Cabo Almeida, 1º cabo Conceição

O CREPUSCULO DOS PROFETAS

ponto de vista

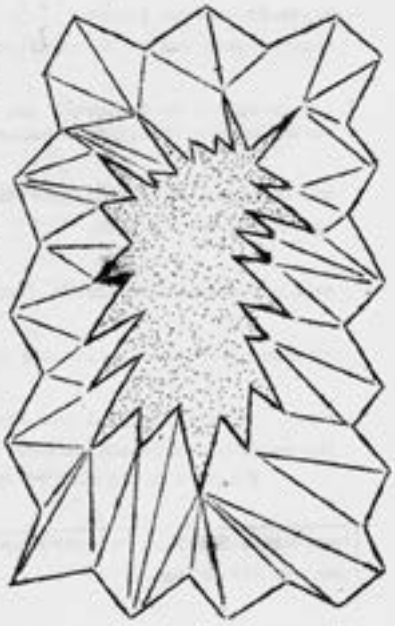
No segunda metade dos anos sessenta, quando se tornou mais intensa a procura de um "espaço livre", por parte de uma fracção social denominada grupo "hippy", um recôndito em terras do Oriente surge como derradeiro Eden.

A partir do então, aproveitando as liberdades sociais e até possessis praticadas singularmente pelo Nepal, uma corrente ininterrupta de marginais rumou Kathmandou. Aí estabeleceram novos figurinos de vida comunitária, perante o olhar complacente de um povo cujo carácter místico facilita em absoluto a coexistência harmónica de directrizes por vezes opostas de comportamento humano.

Não durou muito a ilusão. Amalgamados com um grupo de idealistas algo ingénuos e bastante passivos, alimentaram os sub-produtos da sociedade de consumo e alguns dos seus detritos. Um sem fim de desesperados com a sua leve bagagem de LSD, traficantes de obras de artesanal e até grupos "respeitáveis" animados de intuitos semi-turísticos, puseram tom no ao monte.

Aniquilados pelos elementos do havian procurado libertar-se, perseguidos por implacáveis fariseus integrantes do "establishment", desses ultra-românticos da última década submergiram afogados pela intolerância e conscientes da inutilidade prática dos seus esforços.

KATHMANDOU nada resolveu. Será mais lúcida a próxima tentativa?



AS CRIANÇAS

Aconteceu entre nós. Nasceu a ideia num momento simples de uma quantos camaradas que decidiram passá-la a vias de facto. No esforço pessoal de quem não conhece as tortuosas vias demagógicas tantas vezes vazias de significado.

A ideia, auxiliar uma criança privada da capacidade de locomoção que tão necessária é a quantos, nos anos de despertar para a vida, querem saber depressa...

Os autores, o 1º sargento Silva, os cabos Brasinha, Salvador e Agostinho, e o soldado Marques, com o apoio do Ex.mo Comandante do Batalhão.

O fruto, uma cadeira de rodas, improvisada engenhosamente durante horas de descanso abandonado.

Onde faltava qualquer recurso material logo aparecia o elemento recomplotador - a boa vontade, tudo superando.

Hoje, lá em Cago Coutinho uma criança menos infeliz. Perguntei aos seus protectores como se chama. Não sabem. Não lhe podiam o nome nos olharam a cor da pele.

ERA APENAS UMA CRIANÇA INFELIZ.

Para mim o Natal sempre que alguém salta a barreira do individualismo, sempre que alguém inicia uma luta pela justiça, sempre que alguém constrói a paz, o amor, a liberdade, mesmo que seja na sexta-feira da Paixão, ou mau dia quanto do Verão.

BENTA-in "Voz Portucalense"

SECULO VINTE
O século de PICASSO

APERCEBEU-SE QUE A ARTE É A EXPRESSÃO DA SOCIEDADE.MAS NEM SEMPRE FOI ASSIM,A ARTE DE PICASSO É A ARTE DUM HOMEM.QUER NA PINTURA,NA CERAMICA,NA GRAVURA OU ESCULTURA,A SUA OBRA É A IMAGEM DELE PROPRIO;HOMEM VIGOROSO,DE UM TEMPERA , DE UMA FORÇA E DE UMA VERILIDADE QUASE PRODIGIOSAS.

MAS,QUEM É PABLO PICASSO?

FOI EM MALAGA,NA ANDALUZIA,QUE NASCEU,EM 25 DE OUTUBRO DE 1881,PABLO PICASSO.DESDE NOVO,A SUA INCLINAÇÃO PARA PINTURA ERA NOTORIA.FILHO DE UM PINTOR MEDIOCRE,CEDO CONSEGUIU A LIDAR DE PERTO COM CLIENTES,GUIA CHEFES,ETC...COM SETE ANOS APENAS,JÁ DESENHAVA COM MOSTRAS DE REAL TALENTO,PORÉM É SÓ AOS QUINZE ANOS QUE,POR CONSELHO DE UM TIO ELE FAZ A ADMISSÃO NA ESCOLA DE LA LONJA ONDE REALIZA,NUM DIA,A PROVA A QUAL LHE CONCEDIDO O PRAZO DE UM MES.NO ANO SEGUINTE OU SEJA,EM 1897,PICASSO VOLTA A REALIZAR NOVA ADMISSÃO MAS AGORA A ACADEMIA REAL DE PINTURA DE MADRID.MAS DEPRESSA SE DESGOSTA DESTE TIPO DE ENSINO OFICIAL PERFEITAMENTE ACADEMICO,E VOLTA PARA BARCELONA ONDE AGORA VIVIA.AQUI A CIDADE OFERECE-LHE O AMBIENTE QUE A SUA ARDOROSA JUVENTUDE NECESSITA.

ASSIM LIBERTO, JÁ DE QUALQUER INFLUENCIA ACADEMICA,DÁ LIVRE CURSO A SUA INSPIRAÇÃO. É TAMBEM NESTA ALTURA QUE RESOLVE IR A PARIS.AÍ BEBE DE TODAS AS MONTRES MODERNAS DO PENSAMENTO,REVOLTANDO-SE PROFUNDAMENTE CONTRA TODO O ACADEMISMO.REGRESSA A BARCELONA,MAS DEPRESSA SE ABORRECE DA VELHA E GASTA ESPANHA,E VOLTA A PARIS PARA VIVER,NUM AMBIENTE DE LOUCO,A "BELLE EPOQUE" PARISIENSE.FIXA RESIDENCIA EM MONTMARTRE,VIVE FECHADO EM SI PROPRIO,TRABALHANDO,SEM PAUSAS,NA PREPARAÇÃO DE UMA EXPOSIÇÃO,QUE LHE VAI MERECER POR PARTE DE FAGUS (MAIOR CRITICO NA ALTURA) ELOGIO

SA CRITICA "CENSURARAM-NO DE IMITAR STEINLEN, LAUTREC, GAUGUIN, VAN GOGH, MAS NINGUEM PODE NEGAR, NAQUELE CORPO FRANZINO, A PRESENÇA PODOSA DE UM PINTOR DOTADO DE TEMPERAMENTO E TALENTO EXCEPCIONAL".
APENAS COM VINTE ANOS, O "PROVINCIANO" PABLO PICASSO, FAZ ESTREMECER AS ESTRUTURAS BASILARES DA ARTE NAQUELE TEMPO.

NESTA ALTURA, A SUA PINTURA VAI SOFRER UMA TRANSFORMAÇÃO, QUER PICTORICA QUER DE TEMA. AS CENAS DA RUA COM CORES VISTOSAS, OS RETRATOS BRILHANTES, OS NUS QUASE ERÓTICOS, SEUS TEMAS PREFERIDOS, VÃO DAR LUGAR A ESTRANHAS PERSONAGENS, MINADAS PELA TRISTEZA, PELA ANGUSTIA E PELA FOME, DESTACANDO-SE SOBRE UM FUNDO AZUL. ESTAMOS ASSIM EM PLENO PERIODO AZUL, COMO FOI DESIGNADA ESTA EPOCA DE CINCO ANOS NA OBRA DE PICASSO.

CERCA DE 1906 OS MENDIGOS E AS MULHERES DOLOROSAS VÃO DESAPARECENDO. APAGA-SE DIANTE O MUNDO DOS ARLEQUINS E DOS SALTIMBANCOS, DOS ACROBATAS E DOS ACTORES AMBULANTES. O CIRCO SUGERIU-LHE OS MODELOS QUE POVOAM AGORA AS SUAS TELAS. O AZUL DA LUGAR AO ROSA, RESULTANDO DESTA METAMORFOSE DE COR E TEMA, NOVO PERIODO, O PERIODO ROSA.

MAS ESTE PERIODO VAI SER CURTO. IMPRESSIONADO COM A AFIRMAÇÃO DE RIMBAUD "ARRANCA A PINTURA AOS HABITOS DE COPIA, PARA LHE DAR A SOBERANIA. O MUNDO MATERIAL NÃO SERA MAIS DO QUE UM MEIO PARA EVOCAR AS EXPRESSÕES ESTETICAS". PICASSO, SEMPRE INSATISFEITO, TRANSFERE PARA OUTROS RUMOS A SUA INQUIETAÇÃO E O SEU ESTUDO METODICO, MAS SOBRETUDO A SUA TERRIVEL IMAGINAÇÃO CRIADORA. ESTAMOS NAS VESPERAS DA GRANDE AVENTURA, O CUBISMO.

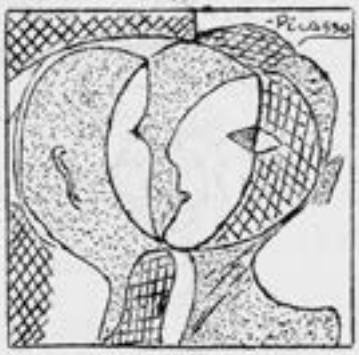
PICASSO TEM APENAS VINTE E CINCO ANOS, MAS JA TEM ATRAS DE SI UMA OBRA CONSIDERAVEL. DESENHADOR INFATIGAVEL, GRAVADOR EXIMIO, ESCULTOR HABIL E PINTOR TALENTOSO. OBRA IMENSA, MAS TAMBEM VARIADA POIS ABORDA TODOS OS GENEROS COM A MESMA FACILIDADE E A MESMA VIVACIDADE DE ESPIRITO.

O SUCESSO ESTA NA SUA MÃO, PICASSO NISSO NÃO SE ENGANA. CHEGOU POIS A HORA DE ESCUTAR O DEMONIO INTERIOR QUE, DE CONQUISTA EM CONQUISTA, O TROUXE ATE AQUI. CEDENDO A NECESSIDADE TIRANICA DE UMA CRIAÇÃO ABSOLUTA, ELE OBRIGA-SE A ROMPER O ENCANTAMENTO QUE O AMEAÇAVA CERCAR E, SO, AVENTURA-SE POR CAMINHOS DESCONHECIDOS. PARA ISSO ADOPTA A SOLUÇÃO REVOLUCIONARIA. CRIA, NO CUMULO DA ABSTRACÇÃO, DEPOIS DE UM TRABALHO ATURADO, "AS MENINAS DE AVINHÃO".

ESTAMOS EM 1908. PICASSO REVOLUCIONARA, TINHA ATINGIDO A META QUE SE PROPUSERA. A PALAVRA CUBISMO COMEÇAVA A FAZER CARREIRA E PROMETIA DAR FRUTOS FECUNDOS. MAS O QUE E O CUBISMO? CUBISMO ERA UMA NOVA FORMA DE PINTURA QUE SE CARACTERIZAVA POR CONSTRUÇÕES NO ESPAÇO, DE FORMA MAIS OU MENOS ANGULOSAS COM ARESTAS FINAS E CORTANTES, COM O INTUITO APENAS DE NEGAR AS FORMAS DA REALIDA-

DE TRADICIONAL.

EMBORA JÁ COM NUMEROSOS DISCÍPULOS, PICASSO COM O SEU ESPÍRITO INQUIETO, NÃO PODE FICAR POR ALI. O QUE INTERESSA AGORA É A EXPRESSÃO, POR MEIOS EXCLUSIVAMENTE PLÁSTICOS DA FIGURA HUMANA. COM EFEITO DE 1909 A 1913, NÃO É UM SALTO HABITUAL PARA O DESCONHECIDO, MAS UMA CAMINHADA PRUDENTE, UMA PROGRESSÃO CONSTANTE DE ABSTRACÇÃO EM ABSTRACÇÃO.



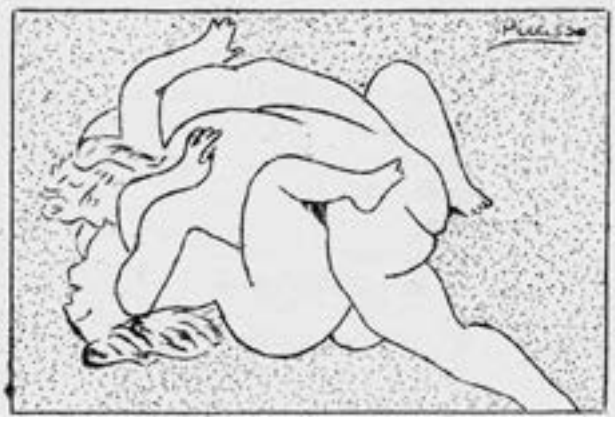
MAIS UMA VEZ, PICASSO ROMPE O CÍRCULO EM QUE O QUISERAM FECHAR, MOSTRANDO QUE NÃO SE PRENDE DO QUE FICAR PRISIONEIRO DUMA FÓRMULA MESMO QUE SEJA A DE VANGUARDA. ASSIM CONTINUA SEMPRE NOVO, SEMPRE ARREBATADO, ATÉ 1925 QUANDO A SUA OBRA APARECE PERFEITAMENTE IDENTIFICADA COM A DUALIDADE: CUBISMO, QUER NA NATUREZA MORTA QUER NA FIGURA HUMANA.

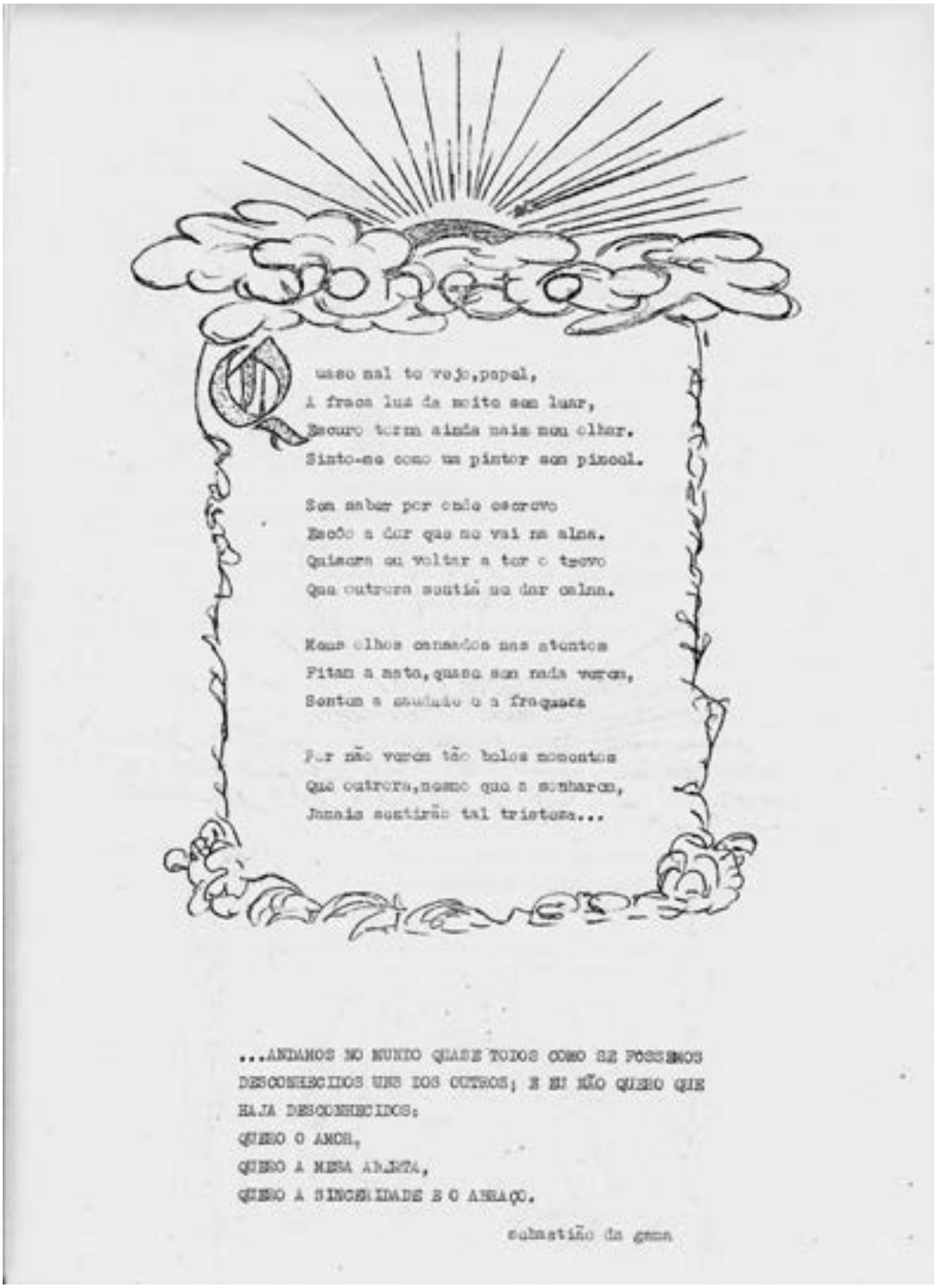
MAS TAMBÉM NÃO VAI FICAR POR AQUI. TERRIVELMENTE IMPRESSIONADO COM A GUERRA CIVIL ESPANHOLA E, MAIS TARDE, COM A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, PICASSO VAI FAZER DA SUA PINTURA, UMA MENSAGEM DE JUSTIÇA SOCIAL, AFIRMANDO QUE "A PINTURA NÃO FOI FEITA PARA DECORAR SALAS. É UM INSTRUMENTO DE GUERRA OFENSIVA E DEFENSIVA CONTRA O INIMIGO". A GUERRA E A PAZ SÃO AGORA OS SEUS TEMAS PREFERIDOS, DANDO ASSIM À SUA VASTÍSSIMA E VARIADÍSSIMA OBRA, NOVO CUNHO CADA VEZ MAIS VERDADEIRO, CADA VEZ MAIS GENIAL.

É COM ESTE CUNHO SIGNIFICATIVO DE PINTURA, INSTRUMENTO DE PAZ E DE GUERRA, QUE PICASSO E A SUA OBRA CHEGAM AOS ANOS SETENTA.

E QUANDO O MUNDO INTEIRO FESTEJOU EM 1971 OS NOVENTA ANOS DE PICASSO, ELE AFIRMAVA: " NUNCA HÁ UM MOMENTO EM QUE DIGAS: TRABALHEI BEM E AMANHÃ É DOMINGO. PODES DEIXAR UMA TELA DE LADO, DIZENDO QUE NÃO MAIS LHE TOCAS, MAS JAMAIS PODES ESCREVER A PALAVRA FIM".

E POR ISTO TUDO, EM HOMENAGEM AO HOMEM E À SUA OBRA, QUE ALGUÉM AFIRMOU: "SÉCULO VINTE, O SÉCULO DE PICASSO".





Soneto

Caso mal te vejo, papel,
À fraca luz da noite sem luar,
Escuro torna ainda mais meu olhar.
Sinto-me como um pintor sem pincel.

Sem saber por onde escrevo
Escôo a dor que no vai na alma.
Quimera ou voltar a ter o treino
Que outrora sentiá na dor calma.

Meus olhos cansados nos atentos
Fitam a nada, quase sem nada verem,
Sentem a saudade e a fraqueza

Por não verem tão belos momentos
Que outrora, mesmo que a sonharem,
Jamais sentirão tal tristeza...

...ANDAMOS NO MUNDO QUASE TODOS COMO SE FOSSEMOS
DESCONHECIDOS UNS DOS OUTROS; E EU NÃO QUERO QUE
HAJA DESCONHECIDOS:
QUERO O AMOR,
QUERO A MESA ABERTA,
QUERO A SINCERIDADE E O ABRAÇO.

sebastião da gama

BOCAGE

(1765 – 1805)

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE nasceu em Setúbal no ano de 1765.

Com 16 anos apenas já era soldado, e pouco tempo depois passou para a marinha. Aos 21 anos, como guarda-marinha, embarcou para a Índia. Em Goa permaneceu cerca de dois anos que lhe pareceram uma eternidade. No fim desse tempo é transferido para Damão donde foge para Macau.

Saudoso, enfraquecido pelo clima, pelas privações e pela vida indisciplinada que levou em Goa, regressa a Portugal nesta altura já com 25 anos.

Em Lisboa poderia ter uma vida sossegada e laboriosa, mas pelo contrário, as loucuras não diminuiram e acaba por ser conduzido à prisão. Ao cabo de seis meses é transferido para um convento devido à ajuda de amigos poderosos que intercedem por ele. Mesmo assim pouco tempo lá permanece e é levado para outro convento dos padres Oratorianos a que pertencem homens de grande saber e virtude que o recebem com carinho e simpatia.

Na verdade Bocage tinha grandes qualidades, e um coração extremamente sensível mas infelizmente deixava-se dominar por um mau génio. A amizade e os conselhos dos bons padres produzem o seu efeito, despertam finalmente em Bocage o desejo de se emendar e de mudar de vida.

Quando sai do Oratório tem 30 anos, mas os desgostos e, sobretudo, a libertinagem da sua vida anterior, gasta nos botequins e tabernas, fizeram dele um velho.

Começa a trabalhar prometendo a si próprio voltar à vida de outrora, e ajuda uma irmã pobre, Maria Francisca, com quem passa a viver.

Com 40 anos, Bocage morre. Desde o dia da sua morte, jamais foi esquecido, mas infelizmente a maior parte dos que o relembram, é pelas suas loucuras, não vendo nele um dos grandes poetas de Portugal e o maior do século em que viveu.

Bocage assemelha-se bastante a Camões, até nas peregrinações pelo Oriente e ainda na infelicidade. Na hora da morte arrependeu-se das ofensas a Deus e aos homens e, mesmo em agonia, produziu este belíssimo soneto:

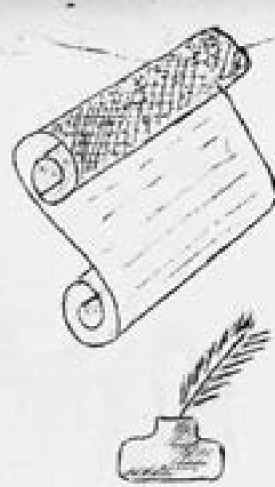
pág. seguinte

JÁ BOCAGE NÃO SOU!...À COVA ESCURA
MEU ESTRO VAI PARAR DESFEITO EM VENTO...
EU AOS CÉUS ULTRAJEI!O MEU TORMENTO
LEVE ME TORNE SEMPRE A TERRA DURA.

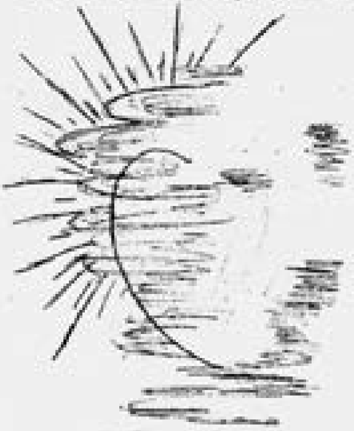
CONHEÇO AGORA JÁ QUÃO VÃ FIGURA
EM PROSA E VERSO FEZ MEU LOUCO INTENTO.
MUSA,TIVERA ALGUM MERECIMENTO,
SE UM RAIO DE RAZÃO SEGUISSE,PURA;

EU ME ARREPENDO;A LINGUA QUASE FRIA
BRADE EM ALTO PREGÃO À MOCIDADE,
QUE ATRÁS DO SOM FANTÁSTICO CORRIA.

"OUTRO ARETINO FUI...A SANTIDADE
MANCHEI...OH!SE ME CRESTE,GENTE ÍMPIA
RASGA MEUS VERSOS,CRÊ NA ETERNIDADE!"



A sua musa,a sua inspiração poética,a sua poesia teria tido algum merecimento,se tivesse seguido os ditames da razão.
Um alto merecimento tem mesmo assim,sobretudo quando o poeta,nos seus versos celebra a Gertrúria ou a Márcia,as duas mulheres que mais amou,a quem dedicou um amor puro mas infeliz e sem recompensa.É à primeira,quando na Índia sentia saudades da sua presença,que o poeta dedica este belo soneto:



OLHOS SUAVES QUE EM SUAVES DIAS
VI NOS MEUS TANTAS VEZES EMPREGADOS;
VISTA QUE SOBRE ESTA ALMA DESPEDIAS
DELEITOSOS FARPÕES,NO CÉU FORJADOS;

SANTUÁRIOS DE AMOR,LUZES SOMBRIAS,
OLHOS,OLHOS DA COR DE MEUS CUIDADOS,
QUE PODEIS INFLAMAR AS PEDRAS FRIAS,
ANIMAR OS CADÁVERES MIRRADOS.

TROQUEI-VOS PELOS VENTOS,PELOS MARES,
CUJA VERDE ARROGÂNCIA AS NUVENS TOCA,
CUJA HORRÍSSONA VOZ PERTURBA OS ARES,

TROQUEI-VOS PELO MAL QUE ME SUFOCA,
TROQUEI-VOS PELOS AIS,PELOS PESARES.
OH! CÂMBIO TRISTE! OH! DEPLORÁVEL TROCA!

Antes de sonhar com a reforma do mundo,antes de fazer revoluções,
antes de pensar em novas constituições,antes de estabelecer um mundo novo,
entrai primeiramente no íntimo do vosso coração.
Criai aí ordem,harmonia,paz.
E somente depois procurai em redor outros homens e agi.
PLATÃO - A REPÚBLICA.

O CRISTÃO e a POLÍTICA

Alguns dias depois dos "ACONTECIMENTOS NA IGREJA DO BATO" o Patriarcado de Lisboa pulbicou uma nota na qual, entre outras coisas, se escrevia:
"OS NOBRES OBJECTIVOS PROPOSTOS PELO PAPA PAULO VI PARA O DIA DA PAZ, QUE HÁ SEIS ANOS SE VEM CELEBRANDO NO DIA 1 DE JANEIRO, SÃO OBVIAMENTE DE CONCRETIZAÇÃO MELINDROSA NUM PAIS EM GUERRA, COMO A QUE SE PROCESSA NO ULTRAMAR, COM OS SACRIFICIOS, RESTRIÇÕES E PERPLEXIDADES QUE LHE SÃO INERENTES. TAL CONTEXTO TENDE A AMPLIAR A REPERCUSSÃO DE INCIDENTES COMO O REFERIDO E FAVORECE A SUA INDEVIDA EXPLORAÇÃO, COMO OFENSA À ISENÇÃO QUE A IGREJA DEVE E QUER MANTER RELATIVAMENTE ÀS LEGITIMAS OPÇÕES DE CATÓLICOS E NÃO CATÓLICOS EM MATÉRIA POLITICA, E COM PREJUIZO PARA O CORRECTO EXERCICIO DOS DIREITOS CIVICOS"(1).

D. Francisco da Mata Mourisca, bispo de Cermona, em Angola, numa homilia a propósito da "CARTA PASTORAL DOS BISPOS DE ANGOLA SOBRE A JUSTIÇA" a respondendo a critícas, a certa altura disse:
"ACUSAM-NOS DE NOS METERMOS ONDE NÃO SOMOS CHAMADOS, NA POLITICA (COM LETRA GRANDE, POIS CLARO).
SABERÃO OS AUTORES DESTA ACUSAÇÃO O QUE SE ENTENDE POR POLITICA? ELA NÃO SIGNIFICA JUSTIÇA, NEM QUESTÃO SOCIAL, NEM ECONOMIA, NEM ADMINISTRAÇÃO, NEM SEQUER DEFESA MILITAR. É A ACÇÃO QUE LEVA O PODER POLITICO A COORDENAR E ESTRUTURAR AS RELAÇÕES ENTRE OS VALORES SOCIAIS EM ORDEM AO BEM COMUM DA COMUNIDADE. NESTE SENTIDO, É A POLITICA UM NOBRE SERVIÇO PRESTADO AO SEMELHANTE. POR TAL MOTIVO, NÃO PARA NÓS CRISTÃOS DA MAIS ELEVADA ESTIRA, TODOS OS HOMENS QUE SE DEDICAM DESINTERESSADA E HONESTAMENTE À CAUSA POLITICA, COMO VERDADEIROS PROMOTORES DA FELICIDADE DOS OUTROS. DESTA ARTE, AINDA RECENTEMENTE, O PAPA PAULO VI RECORDOU A TODOS OS LEIGOS O DEVER DE SE EMPENHAREM DIGNAMENTE NESTA CAUSA, EM ORDEM A PROPORCIONAR AOS RESPONSÁVEIS MAIS AUSENTE LUZ PARA DECISÕES DE INTERESSE COMUM"(2).

No dia 6 de Fevereiro, o Dr. Veiga de Macedo, na Assembleia Nacional disse o seguinte:
"A IGREJA NÃO PODE CONFINAR-SE A VAGAS E AMBIGUAS DECLARAÇÕES SUSCEPTIVEIS DE GERAR MAIOR CONFUSÃO NOS ESPIRITOS E PERMITIR INTERPRETAÇÕES CONTRADITORIAS.
NEM PODEM PAIRES OU BISPOS ALHEAR-SE COM AS SUAS PALAVRAS E ATITUDES A REBELIÃO DOS FIEIS OU INFIEIS CONTRA A AUTORIDADE LEGITIMA, OU ENVOLVER, COMO ESTÁ A ACONTECER COM FUNESTAS CONSEQUENCIAS PARA A PROPRIA IGREJA, O TERRENO DA POLITICA COM MANIFESTO DESRESPEITO PELAS LEIS DO PAIS E PELAS DIRECTIVAS E APELOS DAS MAIS ELEVADAS MAGISTRATURAS NACIONAIS"(3).

Sem julgar os factos que motivaram estas intervenções, vamos expôr a doutrina da Igreja no que se refere à participação do cristão na política, seguindo os textos de alguns documentos do Concílio Vaticano II, e das Conferências Episcopais da França e de Espanha.

pág. seguinte

É normal que os cristãos
Sediquem a sua atenção aos
problemas políticos

"Para os que têm fé uma coisa é certa: a actividade humana, individual e colectiva, ou aquele esforço gigantesco, com que os homens se atarefam ao longo dos séculos para melhorar as condições de vida, considerado em si mesmo, corresponde à vontade de Deus"(4).

Todos os elementos que constituem a ordem temporal, isto é, os bens da vida e da família, a cultura, os bens económicos, as artes e profissões, as instituições da comunidade política, as relações internacionais, e outras coisas semelhantes, assim como a sua evolução e progresso, ajudam não só a alcançar o fim último do homem, mas têm um valor próprio, que lhes é dado por Deus, quer considerados em si mesmos, quer como partes da ordem temporal: E Deus viu que tudo era bom(Gn.1,31)(5).

"Na estreita ligação com o progresso cultural, económico e social, consolida-se em muitos o desejo de participar mais plenamente na organização da comunidade política. Na consciência de muitos, intensifica-se a preocupação de defender os direitos das minorias de qualquer nação, sem descurar os deveres destas para com a comunidade política; além disso, aumenta dia a dia o respeito para com os homens que professam opiniões ou religiões distintas; ao mesmo tempo, estabelece-se uma mais vasta colaboração para que todos os cidadãos, e não unicamente alguns privilegiados, possam gozar efectivamente dos direitos próprios da pessoa"(6).

"Mas são muitos e diferentes os homens que se encontram reunidos na comunidade política e podem legitimamente seguir opiniões diversas. Por isso, a fim de que a comunidade política não se desagregue, se cada um seguir a sua opinião, requere-se uma autoridade que coordene as forças de todos os cidadãos para o bem comum, não mecânica nem despoticamente, mas principalmente pela força moral que se apoia na liberdade e no sentido da responsabilidade pessoal"(7).

"Mas, se a autoridade pública, abusando do seu poder, oprime os cidadãos, que estes não se furtem às exigências objectivas do bem comum; mas que lhes seja permitido defender os seus direitos e os dos seus concidadãos, contra os abusos do poder, respeitando, todavia, os limites marcados pela lei natural e evangélica"(8).

"É plenamente conforme à natureza humana a constituição de estruturas jurídico-políticas que ofereçam a todos os cidadãos, sem discriminação alguma, e cada vez mais, a possibilidade efectiva de participar livre e activamente tanto no estabelecimento dos fundamentos jurídicos da comunidade política, como na gesta da vida pública e na determinação dos limites do campo de acção das várias instituições e na eleição dos governantes"(9).

Em Outubro do ano passado, os bispos franceses, reunidos em Lourdes, seguindo a doutrina do Concílio Vaticano II, publicaram um documento intitulado: "POR UMA PRÁTICA CRISTÃ DA POLÍTICA". Embora destinado a uma comunidade cristã situada num contexto social e político diferente do nosso, transcrevemos aqui a síntese da parte quinta feita pela revista espanhola "VIDA NUEVA", no seu número de 11 de Novembro de 1972.

A COMUNIDADE ECLESIAL E A SOCIEDADE POLITICA

As relações entre a Igreja católica e a sociedade francesa, caracterizadas hoje por um distanciamento crescente da Igreja no que diz respeito aos poderes pú-

blicos e por uma intervenção cada vez maior na política, são aqui analisadas pelos bispos que expõem, em três pontos, as razões e o sentido desta evolução.

1º A actual evolução é determinada pelo desejo de manifestar com factos a legítima autonomia da comunidade eclesial em relação à sociedade política e vice-versa.

A reserva e discreção que observam os pastores no que se refere aos poderes públicos é consciente. Deliberadamente renunciou a "aparecer como interlocutores privilegiados que se aproveitem da sua influência para exercer qualquer tipo de pressão". "Esta atitude prescinde da filiação política das autoridades públicas". "Esta atitude permite - por outro lado - à comunidade, observar em todos os níveis a liberdade de que precisa para anunciar, a tempo e fora da tempo, a boa nova do evangelho e para recordar as suas exigências mesmo em matéria política". A Igreja precisa desta liberdade "para poder aconselhar e orientar qualquer tipo de homem que a ela recorra".

2º A Igreja, povo de Deus, participa, à sua maneira, no dinamismo da sociedade.

A Igreja contribui, de diversos modos, para a formação dos seus membros que são, ao mesmo tempo, cidadãos da sociedade política: "incumbindo-lhes a importância da política e o respeito pelo Estado" e "convidando-os a agir em política seguindo a luz e as energias do evangelho".

Em país de catolicismo maioritário, como é a França, a Igreja não pode deixar de pesar na vida pública. Os bispos têm consciência deste "peso inevitável" da Igreja e sentem-se responsáveis em que "a influência exercida pela comunidade eclesial não se converta em busca do próprio interesse ou do poder, mas em serviço dos homens das pessoas, e, sobretudo, dos pobres..."

Os bispos franceses reconhecem, por outro lado, "que a comunidade eclesial não ofereceu sempre a imagem de uma Igreja pobre e servidora", por isso dizem: "Estamos conscientes desta caminho até ao despojamento indispensável e sempre renovado. É-nos imprescindível a todos os níveis para podermos encontrar a atitude correcta que será a única a dar credibilidade às nossas palavras".

3º O lugar da Igreja na sociedade política: um tema que exige uma análise lúcida e realista.

Muitos dos argumentos aduzidos para justificar a ruptura da Igreja no que se refere aos poderes públicos, evidenciam uma concepção espiritualista da Igreja. "Queira-se ou não, a Igreja, os seus pastores e as suas instituições jogam um papel social. Quem não colocaria, em França, os responsáveis da comunidade eclesial, pastores e leigos, entre os que contam na nação? A comunidade católica constitui um grupo social, assim como as outras confissões religiosas".

"A Igreja tem direito a um "estatuto evangélico" de facto e de direito, que lhe permita cumprir a sua missão. Não se trata de usufruir de privilégios ou de beneficiar de vantagens concedidas pelo Estado visto que também outras instituições ou organizações gozam de um estatuto próprio".

Conclui este capítulo confessando a dificuldade que existe em evitar as ambiguidades e em encontrar o lugar certo. Como viver em comunidade respeitando a autonomia alheia? Como tratar com os poderes sem dar a impressão de enfeudamento? Como estabelecer vinculações, permanecendo livres? A resposta do episcopado consiste numa nova pergunta: "Não será mais indicado que os responsáveis da Igreja multipliquem os contactos com homens de todos os horizontes e de todas as opiniões para dar provas duma vontade de se não ligar a ninguém, mas permanecer livres aos olhos de todos?" E isto não por indiferentismo ou falta de seriedade, mas para **proclamar**, em toda a verdade, Jesus Cristo.

A Igreja: uma casa aberta para acolher todo o Homem que a ela recorra

Também os bispos angolanos publicaram, com a data do dia 20 de Janeiro passado, uma Declaração intitulada: "A IGREJA E A COMUNIDADE POLITICA". salientamos

18 - A Igreja actua como fermento da sociedade principalmente através dos leigos cristãos que procuram transformar as realidades terrenas em conformidade com a mensagem evangélica. Para isso "não basta recordar princípios gerais, manifestar propósitos, condenar as injustiças graves, proferir denúncias com certa audácia profética; tudo isso não terá peso real se não é acompanhado, em cada homem, por uma tomada de consciência mais viva da sua própria responsabilidade e de uma acção efectiva" (Paulo VI, Octogésima Adveniens, nº 48).

A realização concreta dos ensinamentos sociais da Igreja requer, com frequência, uma análise objectiva da situação concreta com recurso a ciências e técnicas do nosso tempo e uma programação adequada às necessidades da sociedade, admite porém, diferentes formulações desta programação política e social.

Ora bem, a Igreja não impõe um determinado modelo de sociedade. A fé cristã não deve ser confundida com nenhuma ideologia. Porém o cristão "que quer viver a sua fé numa acção política concebida como serviço, não pode aderir, sem se contradizer, a sistemas ideológicos que se oponham radicalmente ou em pontos essenciais à sua fé e à sua concepção do homem" (Paulo VI, Octogesima Adveniens, nº 26) (10)

19 - O cristão não seria plenamente fiel às exigências do Evangelho, se permanecesse numa simples adesão intelectual aos ensinamentos da Igreja, sem se decidir a uma acção concreta. Ao assumir a sua própria responsabilidade com o desejo de prestar um serviço eficaz aos homens, vê-se na necessidade de optar, entre diversas possibilidades, à luz da sua própria consciência, dentro do âmbito da sua legítima liberdade. "Uma mesma fé cristã pode conduzir a compromissos diferentes" (Paulo VI, Octogesima Adveniens, nº 51). Esta pluralidade de opções, que brota do dinamismo da fé, não se realiza apenas através de compromissos individuais, mas pode e deve dar-se nos diversos sistemas associativos e institucionais. (10)

20 - Dado que nenhum sistema social ou político pode esgotar a riqueza do espírito evangélico, é necessário que exista na comunidade política espaço suficiente para que os seus membros possam assumir de maneira eficaz esta pluralidade de compromissos individuais e colectivos.

Uma efectiva pluralidade de opções é parte integrante do bem comum, o qual é norma da acção dos homens no serviço para com a sociedade, e a razão de ser e o critério de delimitação do exercício da autoridade política (cf. GS, 74) (10).

21 - O cristão, no pensar em realizar a sua opção no temporal, de maneira ocorrente com a sua fé, terá de evitar conceber tal opção como a expressão única dos ensinamentos da Igreja. "Muitas vezes - afirma o Concílio - a mesma visão cristã das coisas, inclinã-los-á para uma determinada solução. Sucede porém, com frequência, que outros fiéis, guiados por uma sinceridade não menor, julgarão sobre o mesmo assunto de maneira diferente". Em tais circunstâncias "a ninguém é lícito reivindicar em exclusivo, a favor do seu parecer, a autoridade da Igreja" (GS, 43).
Por conseguinte, enquanto a jerarquia não se pronuncia com o seu magistério autêntico, é claro que, em virtude da liberdade do cristão e da consequente pluralidade de opções legítimas, a Igreja não fica comprometida, como tal, na actuação individual e associada dos cristãos. (10)

22 - Esclarecida a justa liberdade que os membros da Igreja têm nas tarefas seculares, como membros responsáveis da sociedade civil, fica por assinalar um compromisso que a Igreja assume, a nível universal, o que não pode confundir-se de maneira nenhuma, com uma opção política ou social, livre. Referimo-nos ao compromisso, conscientemente aceite pela Igreja, de trabalhar pela justiça.
O último sínodo dos bispos, no seu documento sobre a justiça no mundo explica o sentido deste compromisso colonial com as seguintes palavras:
"NÃO PERTENCE DE PER SI A IGREJA, ENQUANTO COMUNIDADE RELIGIOSA E JERÁRQUICA, OFERECER SOLUÇÕES CONCRETAS NO CAMPO SOCIAL, ECONÓMICO E POLÍTICO PARA A JUSTIÇA NO MUNDO. PORÉM A SUA MISSÃO IMPLICA A DEFESA E A PROMOÇÃO DA DIGNIDADE E DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DA PESSOA HUMANA". Nesta tarefa todos os católicos devem concordar em qualquer acção concreta que livremente assumam. Não é um compromisso de partido ou de facção política, mas um dever comum a todos, que entra dentro da missão pastoral da Igreja, como parte integrante da missão "libertadora" que Cristo lhe confiou". (10)

---

(1) VOZ PORTUCALENSE, 13/1/73, pag. 4.
(2) NOTÍCIA, 17/2/73, pag. 24
(3) JORNAL DO FUNDÃO, 11/2/74, pag. 2
(4) CONSTITUIÇÃO PASTORAL SOBRE A IGREJA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, nº 34 Documentos Conciliares, Edição União Gráfica, Lisboa
(5) DECRETO SOBRE O APOSTOLADO DOS LEIGOS, nº 7
(6) CONSTITUIÇÃO PASTORAL SOBRE A IGREJA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO, nº 73
(7) " " " " " " nº 74
(8) " " " " " " nº 74
(9) " " " " " " nº 75
(10) VIDA NUEVA, Semanario de información general y religiosa, número duplo, 27/1/73 - 3/2/73.

UM CRISTÃO QUE SE CONTENTASSE COM IR À IGREJA CANTAR LOUVORES, RECEBER OS SACRAMENTOS, PURIFICAR A SUA ALMA, NÃO SERIA FIEL A CRISTO; ESTARIA A TRAIR A MISSÃO DE CRISTO.

António Fragoso, bispo de Cratéus

EFEMÉRIDE

DIA 12 DE JANEIRO DE 1973, JORNADA DE EXALTAÇÃO DE VALORES INTRINSECOS DOS HOMENS QUE SERVEM A PATRIA.

CERCA DAS 10,00 HORAS DA MANHÃ, CHEGAVAM AO AQUARTELAMENTO OS EXCELENTISSIMOS SENHORES, COMANDANTE E SEGUNDO COMANDANTE DESTE B. CAV.

NUMA FORMATURA GERAL, O EXCELENTISSIMO COMANDANTE, TEN. COR. de CAV. CESAR AUGUSTO RODRIGUES NAMO, EM POUCAS MAS EXPRESSIVAS PALAVRAS, EXALTECEU O GE-352, QUE NUMA CORAJOSA ACÇÃO TEM ANIQUILADO UM NUMEROSO GRUPO INIMIGO. SEGUIDAMENTE O EXCELENTISSIMO SEGUNDO COMANDANTE, TEN. COR. DE CAV.º. JOSE NESTOR RODRIGUES LEU OS LOUVORES COM QUE O GE-352 FOI GALARDOADO: FOI ENTREGUE O DIPLOMA DE CRUZ DE GUERRA DE 3ª CLASSE AO GE Nº1, ALFERES CALATA, CHEFE DO GRUPO, TAMBEM GALARDOADO COM O PREMIO GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA, O DIPLOMA DE CRUZ DE GUERRA DE 4ª CLASSE A TITULO POSTUMO AO GE Nº 13 MANUEL CHUIANO E O LOUVOR DO COMANDO CHEFE DAS FORÇAS ARMADAS, EXTENSIVO A TODO O GE-352.

FOI SERVIDO AOS GE-322 E GE-352 UM REFRESCO, SEGUIDO DE ANIMADO ALMOÇO.

ESTA CERIMONIA PERDURARA NA MEMORIA DE TODOS E FIGURA NO VALIOSO HISTORIAL DO B.CAV. 3862.

No sitio em que acaba o arco-iris
Vai ter um lugar, nano,
Aí todos podem cantar todas as cantigas
Tu e eu, tu branco e eu não.
Vai ser uma cantiga triste, nano,
Ainda não sabemos a afinação
E afinação custa aprender
Mas tu e eu, nano, podemos aprender.
Afinação negra não tem.
Afinação branca não tem
Só tem música, nano,
E a música vamos cantar
No sitio em que acaba o arco-iris.

RICHARD RIVE
(África do Sul)
Trad. do L. Vieira

VI-OS PARTIR

A picada estendia-se pela tarde além. Oito viaturas militares rangiam, patinando frequentemente na areia, enquanto toda a atenção era para a floresta. Que a guerra é traiçoeira. De vez em quando, uma árvore, atravessada, obrigava a corta-mato. Outras vezes era o receio da mina enterrada na areia. O avanço lento das viaturas permitia-me demorar o olhar neste mar de verdura. Floresta e chana alternavam-se ao longo dos 80 quilómetros que separam a sede do Batalhão do destacamento a que nos dirigíamos. Riqueza incalculável que a guerrilha mantém estagnada.

Chegámos já noite. Do longe avistámos as luzes trémulas que rodeiam o arame farpado, por entre o negrume da folhagem de gigantescos eucaliptos. A chegada da coluna militar suscitou nos rapazes do destacamento grande regosijo. E que voltou a haver cerveja para refrescar as horas de calor e carne fresca para melhorar o rancho; e sobretudo, cartas, muitas cartas, cartas de longe, cartas escritas por alguém que pensa meles, compreende o isolamento em que vivem e os acompanha no sacrifício diário de velar pela integridade desta Angola que anseia, por mais justiça, mais paz.

22 horas. Celebração da Eucaristia. Nem as notícias "frescas" da família, nem a hora tardia fez diminuir o grupo ao redor da mesa a servir de altar. Silêncio. Apenas, lá em baixo, em surdina, o bater cadenciado do gerador de electricidade. Cânticos, momentos de silêncio e a oferta sobre o altar do "dia a dia".

No dia seguinte, muito cedo, trinta rapazes, saco às costas, rações de combate

para cinco dias. Perfilados diante do alferes, comandante do pelotão. Companheiro inseparável e terrivelmente indispensável, a arma. Conscientes da missão a cumprir, ouvem, atentos, as recomendações. Sabem que vão precisar uns dos outros. E nasce neles uma profunda camaradagem. Depois, um atrás do outro, afundando os pés na areia movediça do aquartelamento, tomam a direcção da floresta. A sentinela desejou-lhes "bom passeio".

V/I - O S P A R T I R na frescura matinal, a caminho da floresta. Cinco dias, afastando para longe o inimigo ardiloso. No destacamento, a horas certas, ouvidos atentos, entram em comunicação com a floresta. Tudo pronto para, ao menor perigo, lhes prestar o auxílio necessário.

V/I - O S P A R T I R na frescura matinal deste leste angolano. Mas o calor não tardará. Sem a sede teimosa. Sem o cansaço. Sem a presença gigantesca e dominadora da floresta.

V/I - O S P A R T I R... altivos. Que o cumprimento do dever confere uma personalidade inconfundível.

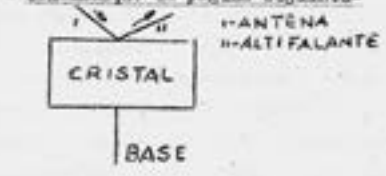
V I - O S P A R T I R... sem discutir as causas da luta e da guerra, uns atrás dos outros, escutando permanentemente os silêncios mortíferos da floresta.

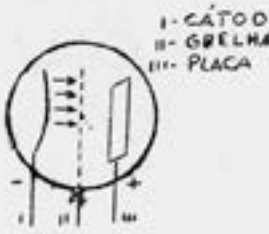
Aí vão os soldados de Portugal. Firmes no cumprimento do dever. Conscientes da grandeza que os rodeia.

ELES MERECEM O OLHAR FIRME DE TODOS OS PORTUGUESES; NÃO OLHAR LACRIMEJANTE; NÃO SENTIMENTALISMO POBRE.

ELES MERECEM O OLHAR, A PRESENÇA FIRME DE QUEM, EMBORA LONGE, VIVE NA ESPERANÇA DE VOLTAR A CONSTRUIR DE MÃOS DADAS, LADO A LADO, A ESTRADA DA VIDA, OS SONHOS DA JUVENTUDE.

- continuação da página seguinte -





Quanto à duração, enquanto os tubos de vácuo morrem ao fim de algumas milhares de horas de funcionamento, os transitores têm uma maravilhosa longevidade. Num rádio de transistores o que geralmente envelhece é o modelo de aparelho que, ao fim de algumas horas de funcionamento causa saturação ao seu possuidor.

- O cristal corresponde ao cátodo
- A base corresponde à grelha.

O RAIO LASER

Em 1958 dois cientistas americanos, o Dr. Townes e o Dr. Schawlow, dos laboratórios Bell expuseram a teoria da realização de um emissor de raios Laser. (1)

Só em 1960 foram construídos os primeiros que, na altura, deram um rendimento mínimo. Disparavam, no tempo de um milisegundo, uma energia de cerca de 10 milijoules. Desde então para cá, tem-se reduzido o tempo de disparo, aumentando a energia até valores extraordinariamente grandes.

A frequência da radiação Laser encontra-se na banda de frequência da luz vermelha ou na sua proximidade. A radiação é uma luz coerente, de comprimento de onda único.

O funcionamento de um emissor de raios Laser é bastante simples. É constituído por uma vareta de rubi sintético, sendo iluminada fortemente com impulsos de luz branca. Esta luz excita os átomos de crómio do rubi fazendo que cada um, solte um fotom, unidade básica de luz, até atingir a saturação. Nesse instante sai um feixe de luz extremamente fino de um topo da vareta. Este feixe tem centenas de aplicações: na medicina, na electrónica, na engenharia, em todos os sectores.

Uma das propriedades mais importantes é a alta temperatura que se pode obter. Até há uns anos atrás, só se conseguia provocar a fusão termo-nuclear na explosão de uma bomba atómica, razão pela qual as bombas de hidrogénio possuem uma pequena bomba atómica como detonador. Presentemente conseguiu-se isso através da radiação Laser.

Ainda se esperam muitas mais utilizações do Laser.

---

(1) Light Amplification by stimulated emission of radiation.
Amplificação de luz por emissão estimulada de radiação

TRANSISTOR

Nas tuas horas vagas ou no combate ao "cacimbo" do leste, tens sempre ao teu dispôr um fiel amigo, o rádio, ou, como vulgarmente se diz, o transistor.

Já pensaste ou analisaste bem a maravilha de técnica que te ajuda a vencer essas horas?

Pois bem, essas minúsculos aparelhos só foram possíveis de construir graças a grandes descobertas no campo da física, como dos semi-condutores, como é o caso dos transistores.

Há algumas dezenas de anos, no início da era do rádio, os aparelhos eram de grande tamanho, autênticos caixotes, e o sistema de amplificação dos sinais recebidos através das ondas hertzianas, era feita por tubos de vácuo que apresentam grandes inconvenientes, como, curta duração de vida, elevado consumo de energia e grande libertação de calor.

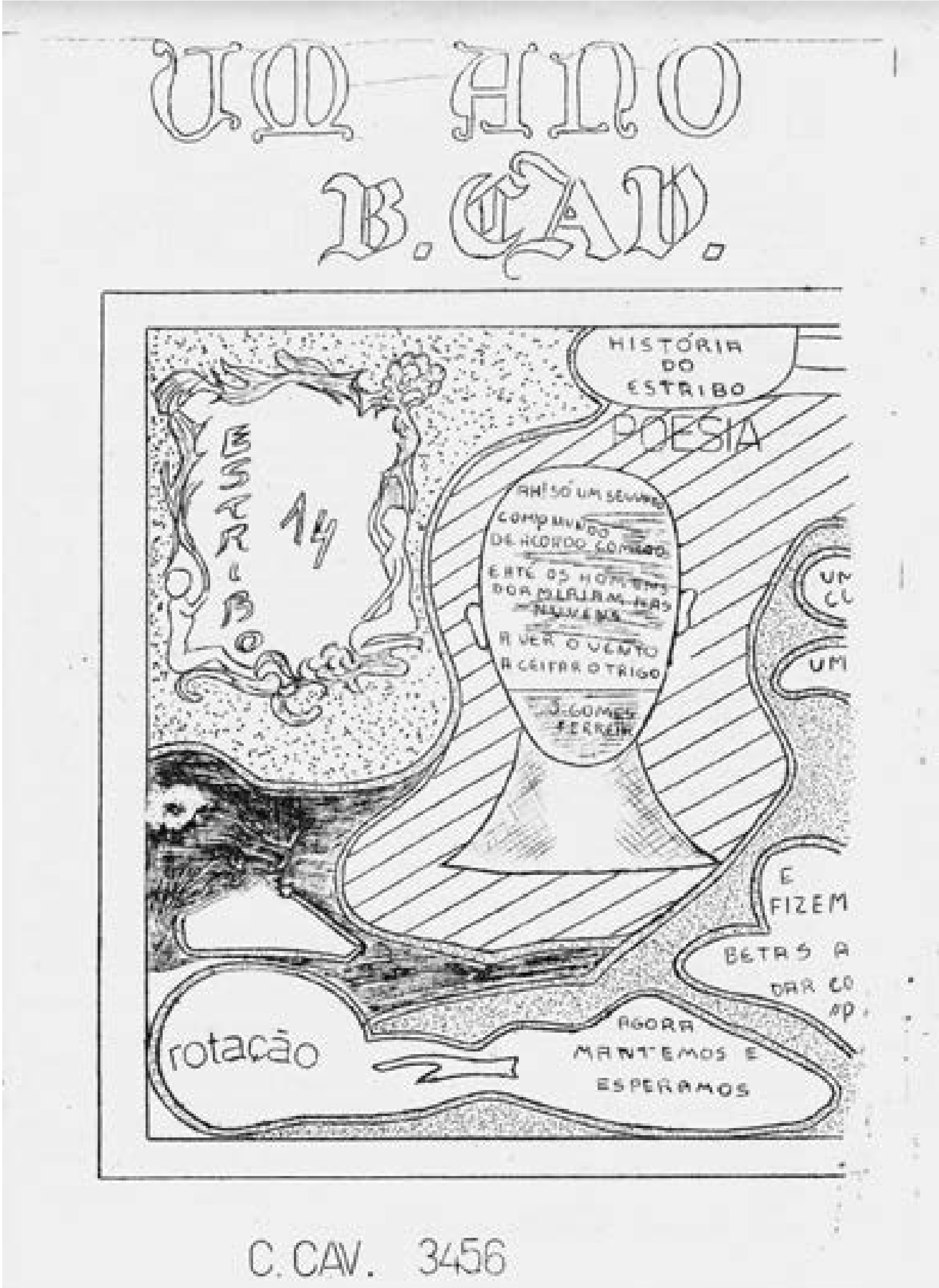
Foi em Julho de 1948 que apareceu, nos Estados Unidos a palavra "TRANSISTOR", designação dada a um dispositivo electrónico que foi considerado a maior invenção realizada na rádio, nos últimos quarenta anos. Como resultado desta espectacular invenção efectuada nos laboratórios Bell Telephone, nos Estados Unidos, afirmou-se então: "trata-se de um minúsculo dispositivo, chamado transistor, que pode assumir a maior parte das funções dos tubos de vácuo. Não necessita de tubos de vidro ou metal, nem de vácuo, nem de cátodo aquecido. Uma boa centena de transistores cabe facilmente na palma da mão".

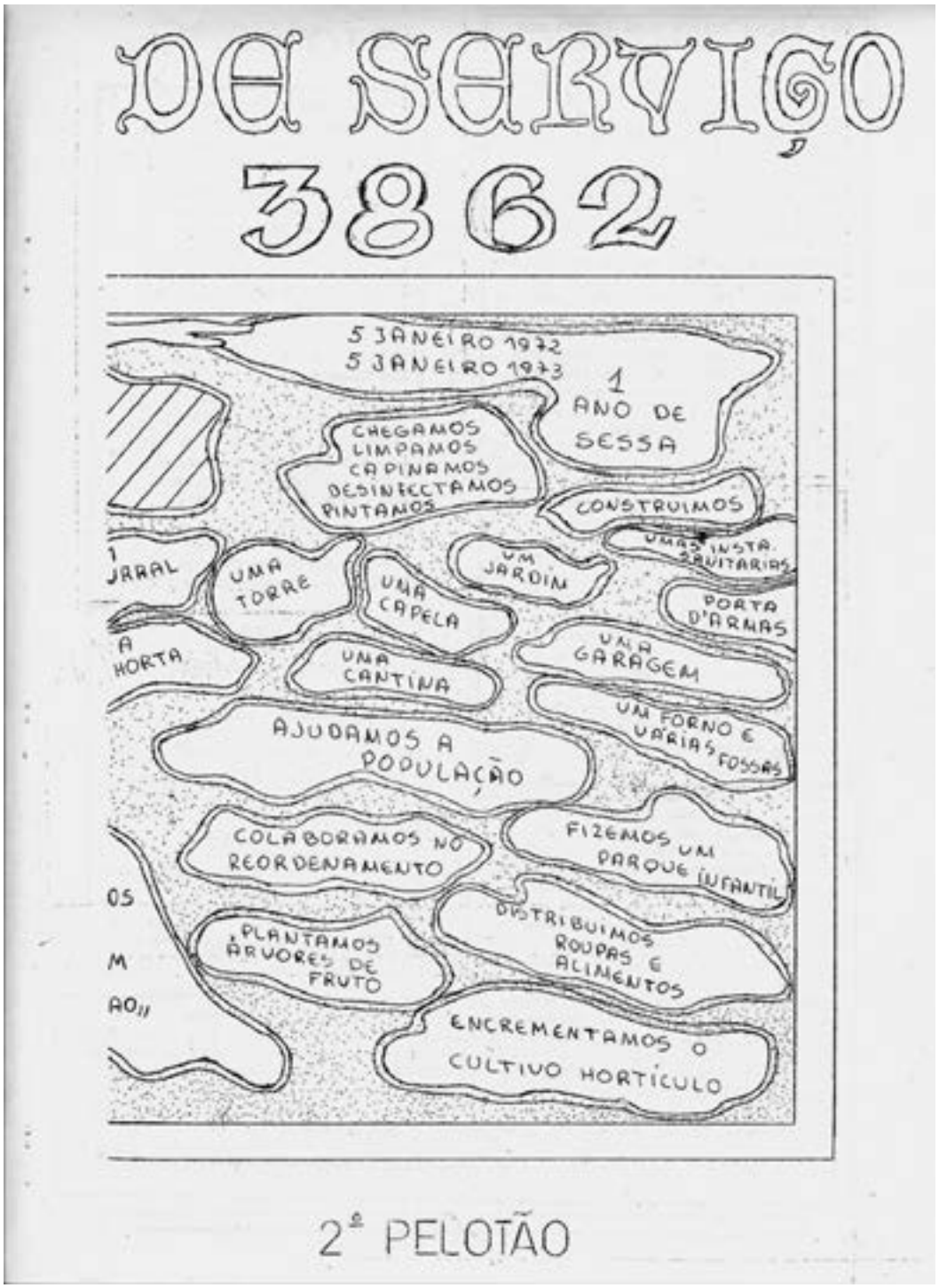
São considerados como pais dos transistores o Dr. William Shokley, o Dr. John Bardeen e o Dr. Walter Brattain.

Devido ao pequeno formato dos transistores e ao baixo consumo de electricidade foi possível reduzir esses maciços caixotes a pequenos aparelhos de rádio que invadiram todo o mundo, pelo seu fácil transporte e uso. Numa pequena comparação, para curiosidade dos mais interessados, entre um transistor, o transistor de ponta e um tubo de vácuo, o clássico tríodo amplificador de rádio, podemos verificar grande semelhança nas suas partes essenciais.

Pelo seu aspecto e devido ao imenso benefício que nos oferece, o transistor também é conhecido pelo nome de três patas.

-continua na página anterior-


UM ANO
B. CAV.
HISTÓRIA
DO
ESTRIBO
POESIA
ESTRIBO
14
A VER O VENTO
A CEIFAR O TRIGO
UM
E
FIZEM
rotação
AGORA
MANTEMOS E
ESPERAMOS
C. CAV. 3456


DA SERVIÇO
3862
5 JANEIRO 1972
5 JANEIRO 1973
1 ANO DE SESSA
CHEGAMOS
LIMPAMOS
CAPINAMOS
DESINFECTAMOS
PINTAMOS
CONSTRUIMOS
UMAS INSTA. SANITARIAS
UM JARDIM
UMA TORRE
UMA CAPELA
PORTA D'ARMAS
UMA GARAGEM
UMA CANTINA
UM FORNO E UMAS FOSSAS
AJUDAMOS A POPULAÇÃO
COLABORAMOS NO REORDENAMENTO
FIZEMOS UM PARQUE INFANTIL
DISTRIBUIMOS ROUPAS E ALIMENTOS
PLANTAMOS ÁRVORES DE FRUTO
ENCREMENTAMOS O CULTIVO HORTÍCULO
2º PELOTÃO

"Nos Estados Unidos e na Inglaterra uma das profissões lucrativas é a de alfaiate de cães.
Um cão londrino, que se respeite, deve ter um enxoval completo: palotós de inverno, capote de peles, camisas finas, colarinhos engomados e braceletes.
A cinofilia extravagante chega ainda mais longe: os cães acompanham as suas donas por toda a parte e têm cartões de visita"

Lemos esta notícia e, forçosamente, temos de reflectir sobre ela. Lá que se construam retretes e urinóis para os nídeos, ainda se compreende, com vista a evitar o emporcalhamento da rua e como medida higiénica. Mas usar rendas, cartões de visita, camisinhas e outras roupinhas caras para enfarpelar os animais, parece ser demais. Dá a impressão de que se pretende humanizar os bichos, quando os homens ainda se não encontram devidamente humanizados.
Nem a América nem a Inglaterra estão isentos de problemas sociais, alguns mesmos com gravidades tais que, para os solucionar, é preciso descer à greve demorada.
As drogas revelam bem, como, por lá, se busca o embrutecimento, caindo no desvario, na prática do roubo e de outros crimes.
Os seres humanos a animalizarem-se e os animais a serem havidos como criaturas racionais, prodigalizando-se-lhes exagerados carinhos e dinheiros que fariam felizes muitos dos nossos desafortunados irmãos.

ISTO...

P'ra mentira ser segura
E atingir profundidade
Tem que trazer à mistura
Qualquer coisa da verdade

Que importa perder a vida
Em luta contra a traição
Se a Razão, mesmo vencida,
Não deixa de ser Razão.

Quantas sedas aí vão,
Quantos brancos colarinhos,
São pedacinhos de pão
Roubados aos pobrezinhos!

Julgando um dever cumprir,
Sem descer no meu critério,
- Digo verdades a rir
Aos que me mentem a sério!

Quando os homens se convençam
Que à força nada se faz,
Serão felizes os que pensam
Num mundo de amor e paz.

Entre leigos ou letrados
Fala só de vez em quando;
Que nós, às vezes calados
Dizemos mais que falando.

Que o mundo 'stá mal, dizemos;
E vai de mal a pior.
E, afinal, nada fazemos
P'ra que ele seja melhor.

Só quando a hipocrisia
Cair do seu pedestal,
Nascerá, dia após dia,
Um sól p'ra todos igual.

Da guerra os grandes culpados
Que espalham a dor na terra
São os nossos acusados
Como culpados da guerra

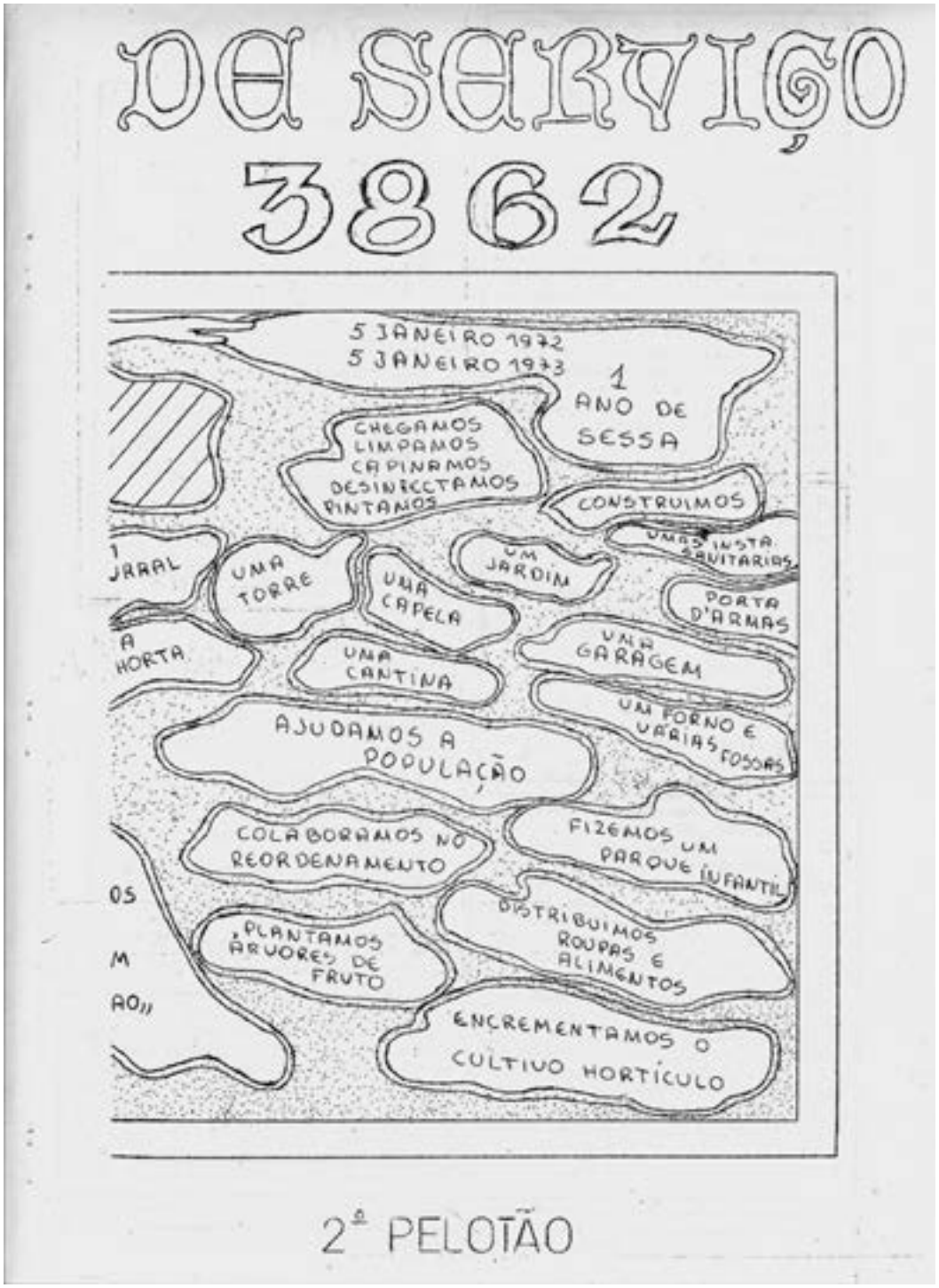
- António Aleixo -

AQUILO e...

Encaro a História como uma corrida de revezamento em que cada um de nós, antes de cair na pista, tem de levar um passo adiante o desafio que representa ser homem. Recuso-me a considerar qualquer coisa como final em nossas limitações biológicas, intelectuais ou físicas; minha esperança não conhece limites; confio tanto no resultado da luta que, por vezes, sinto uma alegria, uma embriaguez de esperança, uma certeza tão intensa de vencer, que, no nosso velho campo de batalha coberto de escudos enferrujados e espadas quebradas, sinto-me ainda como se estivéssemos na véspera do nosso primeiro combate. Uma centelha de confiança, de alegria atávica, se conserva acesa dentro de mim, e basta se acentuarem as sombras em volta de mim para que ela se avive numa chama triunfante. A estupidez humana pode fazer os anjos chorarem, mas sempre que parece que os homens nunca são mais evidentemente suas vítimas do que quando são eles próprios seu instrumento.

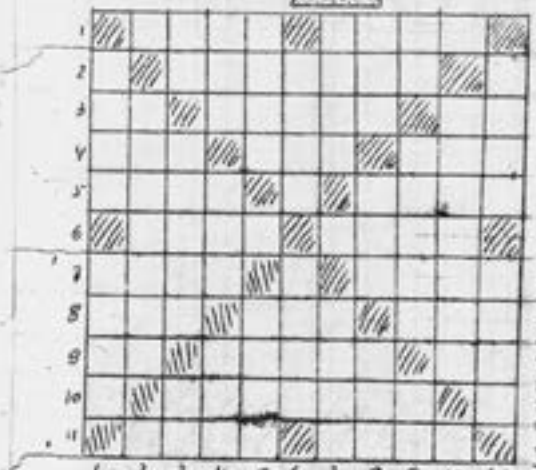
-Romain Gary, em La promesse de L'Aube -

MAIS ALGUMA COISA.


DA SERVIÇO
3862
5 JANEIRO 1972
5 JANEIRO 1973
1 ANO DE SESSA
CHEGAMOS
LIMPAMOS
CAPINAMOS
DESINFECTAMOS
PINTAMOS
CONSTRUIMOS
UMAS INSTA. SANITARIAS
UM JARDIM
UMA TORRE
UMA CAPELA
PORTA D'ARMAS
UMA GARAGEM
UMA CANTINA
UM FORNO E VÁRIAS FOSSAS
AJUDAMOS A POPULAÇÃO
COLABORAMOS NO REORDENAMENTO
FIZEMOS UM PARQUE INFANTIL
DISTRIBUIMOS ROUPAS E ALIMENTOS
PLANTAMOS ÁRVORES DE FRUTO
ENCREMENTAMOS O CULTIVO HORTÍCULO
2º PELOTÃO

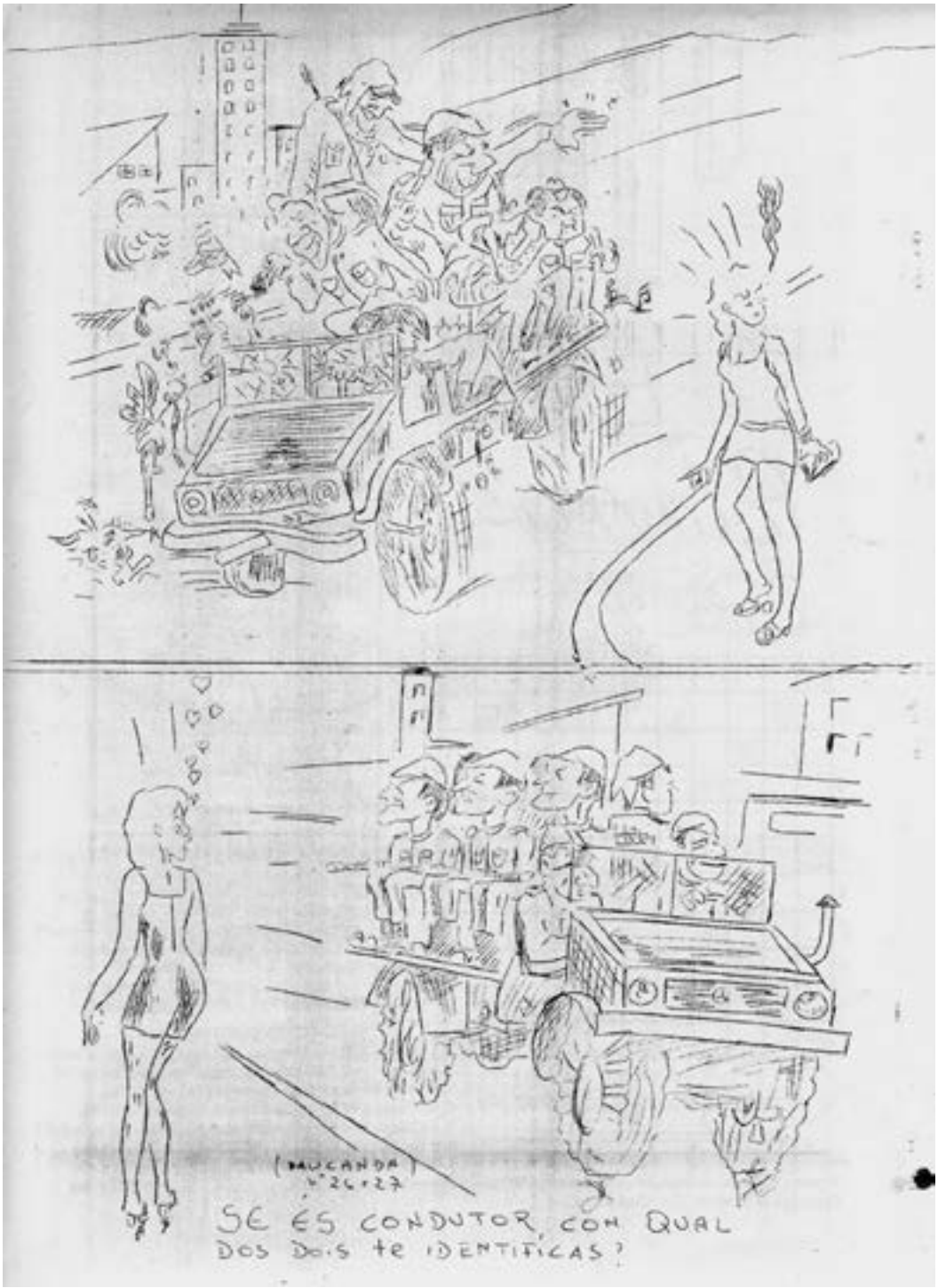
HUMR "E"

Palavras CRUZADAS



HORIZONTAIS - 1, reside; irmão da mãe (pl.); grosseiro; 3, amar; parte do mundo (pl); respire; 4, letras do bem; letras do ovos; círculo; 5, filoiras; pronome pessoal; 6, esse ouvem; alcovas; 7, o mesmo que arco-íris; habilidade; 8, sorrir; adorar; três vogais iguais; 9, palavra composta de prep. e antigo; indivisível; pronome reflexo; 10, parte do rosto; 11, nome de ave; trabalho.

VERTICAIS - invadir; irritar; 2, letras sal; letras; 3, letras do ama; espaços que no mar se dissemina apresentam vegetação; agulas; 4, ouvinho; três consonantes iguais; adora; 5, antiga moeda persana; unhas; 6, irmã da mãe (pl) adições; 7, irmã da mãe, letras do amigo; 8. três cons. dif.; nome de homem; letras do barco; 9, duas consonantes iguais; alma alas; atmosfera; 10, examinas; 11, corrente de água (pl); letras da testemunha.


(MUCANDA)
Nº 26 e 27
SE ÉS CONDUTOR, COM QUAL
DOS DOIS TE IDENTIFICAS?

9 789723 616316
www.edicoesafrontamento.pt

DE LEIRIA À GABELA. MEMÓRIAS DE UM SOLDADO DA GUERRA COLONIAL (1971-1974)

JOÃO TORRES LIMA

CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

U.PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

COMPETE 2020

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional